



BIBLIOTECA ÁUREA

TODOS OS HOMENS SÃO MORTAIS

SIMONE DE BEAUVOIR



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**



**TODOS OS HOMENS
SÃO MORTAIS**

BIBLIOTECA ÁUREA

**TODOS
OS HOMENS
SÃO MORTAIS**
SIMONE DE BEAUVOIR

2ª EDIÇÃO
TRADUÇÃO: SÉRGIO MILLIET
PREFÁCIO: ADRIANA LISBOA



© Éditions Gallimard 1946

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B352t

2. ed.

Beauvoir, Simone de, 1908-1986

Todos os homens são mortais/Simone de Beauvoir; tradução Sérgio Milliet. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

(Biblioteca Áurea)

Tradução de: Tous les hommes sont mortels

ISBN 9788520943816

1. Ficção francesa. I. Milliet, Sérgio. II. Título. III. Série.

19-54744

CDD: 843

CDU: 82-3(44)

A Jean-Paul Sartre

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Ficha catalográfica](#)

[Dedicatória](#)

[O enigma do Outro](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Primeira parte](#)

[Segunda parte](#)

[Terceira parte](#)

[Quarta parte](#)

[Quinta parte](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)

[Colofão](#)

O enigma do Outro

Adriana Lisboa

“Só há um bem. Agir de acordo com a própria consciência”, diz um monge agostiniano a Fosca, o protagonista de *Todos os homens são mortais*, antes de perecer como herege nas fogueiras da Inquisição. A afirmativa há de perseguir e atormentar Fosca pelos séculos: a esse fascinante personagem, Simone de Beauvoir destinou a sina da imortalidade — tão almejada quando, na Itália do século XIV, um velho mendigo oferece a ele uma garrafa com um elixir mágico; tão odiosa quando, seiscentos anos depois, Fosca já teve incontáveis oportunidades de constatar que viver para sempre equivale a estar “enjaulado na eternidade”.

Quando governava a cidade italiana de Carmona e o atormentava a ideia de morrer sem ter realizado o suficiente, ele se queixava: “Ah! Como a mais longa vida é curta! De que servem os contravenenos, os espiões, a cota de malhas?” No futuro, um revolucionário francês dará a resposta a um Fosca exausto e desesperançoso, que já sabe que toda vitória vai, mais adiante, transformar-se em derrota: “Tudo o que se faz acaba se desfazendo, eu sei. E, a partir da hora em que nasce, começa-se a morrer. Mas entre o nascimento e a morte há a vida.”

A narrativa de sua extraordinária aventura nos chega através do relato que Fosca faz, já em meados do século XX, a Régine, atriz de teatro francesa. Ambiciosa, narcisista, apavorada ante a perspectiva de que um dia será esquecida, Régine vê no amor de um homem imortal a possibilidade de existir até o fim dos séculos. Se ela deixou de acreditar em Deus por não suportar a ideia de uma entidade que ama a todos os homens, em Fosca

encontra uma espécie de divindade particular, que amará somente a ela. Fosca, por sua vez, pede-lhe: “Salve-me da noite e da indiferença” — pois já entendeu que somente através do Outro tem como se sentir vivo no pântano de sua eternidade.

Simone de Beauvoir escreveu, em *O existencialismo e a sabedoria das nações*, que “o homem é o único e soberano mestre de seu destino, se desejar sê-lo”. Ela afirma o existencialismo como um otimismo. No centro de sua vida e de sua obra estão o amor, a amizade, o companheirismo e a dedicação ao Outro, demonstrada por sua longa luta contra o colonialismo, a guerra, a opressão, o fascismo, a injustiça social, o antissemitismo, a misoginia, a intolerância religiosa. Seu companheiro de vida, Jean-Paul Sartre, afirmou que a existência precede a essência, e que portanto somos as autoras e os autores de nossas próprias vidas. Simone de Beauvoir insistiu no fato de que essa essência não poderia encontrar sentido sem a ação: “Não existimos sem fazer”, ela afirma em *Por uma moral da ambiguidade*. A inércia, naturalmente, não é inação: constitui também ela uma escolha. Dito de outro modo: lavar as mãos diante da História é uma opção que não existe.

Eu me pergunto onde estará Fosca nos nossos dias. Vivemos tempos em que, como observou o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, “o Outro como segredo, o Outro como tentação, o Outro como eros, o Outro como desejo, o Outro como inferno e o Outro como dor desaparecem”. O inferno já não são eles: somos nós, perdidos na proliferação do Mesmo (para falar ainda com Byung-Chul Han, segundo quem os *amigos* e *seguidores* que acumulamos online seriam o “zero absoluto do social”).

Na França revolucionária, após buscas e equívocos que o levam da Itália ao império de Carlos V, dali às Américas e depois de volta à Europa, Fosca se apaixona por Marianne, espécie de personificação dos ideais da liberdade e da razão. Mais adiante, ele reconhecerá que a verdade que a norteava é a verdade de cada um de nós, como lhe havia afirmado o monge agostiniano a

caminho da fogueira, séculos antes: a liberdade de escolha e a apreciação de cada momento são, precisamente, o que justifica a vida. Para um imortal, contudo, o momento já não importa — grande paradoxo da existência de Fosca. Irremediavelmente só, ele vê os ciclos se cumprirem ao seu redor, aterrorizado pela contingência de todas as coisas, mas ele próprio imune.

“Avançavam camponeses e operários, burgueses, vagabundos, com esperança, ódio, alegria, olhos fixos no futuro; avançavam, deixando um rasto de suor e sangue (...); amanhã, dentro de cem anos, dentro de vinte séculos, marchariam ainda”, ele reflete. Como escapar, então, à crescente indiferença que sente? Como devolver-se à preciosa fragilidade e finitude de cada instante? Como devolver-se o Outro, como devolver-se *ao Outro* — esse enigma que faz perder o sono, nas palavras de Levinas?

Jorge Luis Borges, autor de “O imortal”, conto lapidar em que um imortal redescobre a plenitude da vida ao encontrar o antídoto à eternidade, sugeriu: “seguiremos sendo imortais”, já que “para lá de nossa morte corporal fica nossa memória, e para lá de nossa memória ficam nossos atos, nossos feitos, nossas atitudes”. Nisso reside a tragédia de Fosca: ser imortal é estar excluído do tempo, da História e do mundo dos homens, esse em que ele supunha justamente mergulhar de cabeça quando escolheu viver para sempre.

Prólogo

Capítulo I

O pano ergueu-se, Régine inclinou-se e sorriu; sob as luzes do grande lustre, manchas rosadas borboleteavam por cima dos vestidos multicores e paletós escuros; em cada rosto havia olhos e, no fundo de todos esses olhos, Régine inclinava-se e sorria; o fragor das cataratas, o troar dos aludes enchiam o velho teatro; uma força impetuosa arrancava-a da terra e lançava-a ao céu. Inclinou-se novamente. O pano desceu e ela sentiu em sua mão a mão de Florence; largou-a com vivacidade e encaminhou-se para a saída.

— Cinco chamadas ao palco, muito bem — disse o diretor.

— Para um teatro de província é bom.

Ela desceu os degraus que conduziam ao *foyer*. Esperavam-na com flores; de chofre, ela voltou à terra. Quando estavam sentados no escuro, invisíveis, anônimos, não se sabia quem eram; era possível imaginar-se diante de uma assembleia de deuses; mas, logo que a gente os via um por um, achava-se em frente de pobres-diabos sem importância. Diziam as palavras que deviam dizer, “Genial! Maravilhoso!”, com olhos brilhando de entusiasmo: uma chamazinha que acendiam exatamente no momento certo e apagavam com economia quando não precisavam mais dela. Cercavam igualmente Florence, tinham-lhe trazido flores e, para falar-lhe, acendiam a chama no fundo dos olhos. “Como se pudessem amar-nos as duas juntas”, pensou Régine com raiva, “a morena e a loira, cada qual fechada na sua diferença!” Florence sorria. Nada a impedia de crer que tivesse tanto talento quanto Régine e que fosse tão bela.

Roger esperava Régine no camarim; tomou-a nos braços:

— Nunca representaste tão bem como esta noite — disse.

— Bem demais para semelhante plateia — respondeu Régine.

— Aplaudiram muito — afirmou Annie.

— Ora, aplaudiram Florence tanto quanto a mim.

Sentou-se diante da penteadeira e pôs-se a pentear os cabelos enquanto Annie desabotoava-lhe o vestido. Pensava: “Florence não se preocupa comigo, eu não deveria incomodar-me com ela”, mas preocupava-se e sentia um gosto acre na garganta.

— É verdade que Sanier está aqui? — perguntou.

— É. Chegou de Paris pelo trem das oito horas. Veio passar o fim de semana com Florence.

— É paixonite de verdade.

— Parece.

Ela levantou-se, deixou que o vestido caísse a seus pés. Não se interessava por Sanier, achava-o mesmo um pouco ridículo; no entanto, as palavras de Roger tinham-na magoado.

— Gostaria de saber o que Mauscot diz disso.

— Ele perdoa muita coisa a Florence — disse Roger.

— E Sanier admite Mauscot?

— Suponho que não está a par.

— É o que suponho também.

— Eles nos esperam no Royal, para tomar qualquer coisa. Vamos?

— Naturalmente. Vamos.

Um vento fresco subia do rio em direção à catedral, cujas torres rendadas se percebiam. Régine teve um arrepio.

— Se *Rosalinde* lograr êxito, nunca mais farei essas turnês pela província.

— Será um sucesso — disse Roger. Apertou o braço de Régine. — Serás uma grande atriz.

— Ela é uma grande atriz — disse Annie.

— Vocês são muito gentis.

— E tu não pensas assim? — indagou Roger.

— Que prova isso? — disse ela, achegando mais o lenço ao pescoço. — Seria preciso que houvesse um sinal. Por exemplo,

uma auréola que se pousasse sobre a cabeça, então a gente ficaria sabendo que é Rachel ou a Duse.

— Haverá sinais — assegurou Roger jovialmente.

— Nenhum será realmente seguro. Tens sorte de não seres ambicioso.

Ele riu:

— Que te impede de imitar-me?

Ela riu também, mas não se sentia alegre.

— Eu mesma — retorquiu.

Um antro vermelho abria-se no fundo da rua escura. Era o Royal. Entraram. Viu-os de imediato, sentados a uma das mesas com o resto do elenco. Sanier pousara o braço sobre os ombros de Florence, mantinha-se rígido em seu elegante terno inglês e olhava-a com aquele olhar que Régine conhecia muito bem, por tê-lo encontrado amiúde nos olhos de Roger; Florence sorria mostrando seus belos dentes infantis; ouvia dentro de si as palavras que ele acabava de lhe dizer, as palavras que ele lhe diria: “Serás uma grande atriz. Não te assemelhas às outras mulheres.” Régine sentou-se ao lado de Roger. “Sanier engana-se”, pensou, “Florence engana-se; ela não passa de uma menina sem gênio; nenhuma mulher pode comparar-se a mim. Mas como prová-lo? Nela, como em mim, a mesma certeza. Ela não se incomoda comigo, mas para mim ela é essa ferida ácida dentro do coração. Eu o provarei”, prosseguiu, exaltada.

Tirou da bolsa um espelhinho e fingiu retocar a linha dos lábios; tinha necessidade de ver-se; adorava o seu rosto; amava o matiz vivo de seus cabelos loiros, a dureza altiva da fronte ampla e do nariz, o ardor da boca, a ousadia dos olhos azuis; era bela, de uma beleza tão áspera e solitária que espantava a princípio. “Ah! Se eu pudesse ser duas, uma que fala e outra que ouve, uma que vive e outra que contempla, como saberia amar-me! Não teria inveja de ninguém.” Fechou a bolsa. Nesse mesmo minuto havia milhares de mulheres sorrindo com prazer para sua própria imagem.

— Vamos dançar — convidou Roger.

— Não, não estou com vontade.

Eles tinham-se levantado, dançavam. Dançavam mal, mas não o sabiam e eram felizes. Tinham o amor nos olhos, todo o amor; entre eles, o grande drama humano desenvolvia-se como se ninguém na terra nunca houvesse amado, como se jamais Régine tivesse amado. Pela primeira vez, com angústia e ternura, um homem desejava uma mulher, pela primeira vez uma mulher sentia tornar-se um ídolo de carne nos braços de um homem. Uma nova primavera floria, única como todas as primaveras, e Régine não mais existia. Ela cravou as unhas pontudas na palma das mãos. Nenhum desmentido era possível, nenhum êxito, nenhum triunfo poderiam impedir que naquele instante Florence irradiasse uma glória soberana dentro do coração de Sanier. “Não suportarei isso, não posso suportá-lo.”

— Quer ir para casa? — perguntou Roger.

— Não.

Queria ficar; queria vê-los. Olhava-os e pensava: “Florence mente a Sanier, Sanier engana-se a respeito de Florence. O amor deles é um mal-entendido.” Mas logo que ela os deixasse juntos, sozinhos, ignorando Sanier a duplicidade de Florence e Florence evitando pensar nisso, nada distinguiria o amor deles de um grande amor. “Por que sou assim?”, pensou Régine. “Quando vejo em torno de mim pessoas que vivem e são felizes, parece-me que me assassinam.”

— Estás com um ar triste esta noite — disse Sanier.

Régine fremiu. Tinham rido, dançado, esvaziado várias garrafas. Agora o *dancing* estava quase vazio; ela não percebera o tempo passar.

— Quando acabo de representar, sinto-me triste — disse.

Fez um esforço e sorriu.

— Tem sorte de ser escritor: os livros ficam. A nós, não nos ouvem durante muito tempo.

— Que importa? — disse Sanier. — O importante é ter êxito no que se faz.

— Para quê? — disse ela. — Para quem?

Estava ligeiramente embriagado; seu rosto permanecia impassível, dir-se-ia talhado na madeira, mas as veias da fronte desenhavam-se salientes. Disse com calor:

— Estou convencido de que ambas farão carreiras excepcionais.

— Há tantas carreiras excepcionais! — disse Régine.

Ele riu:

— É muito exigente!

— Sou. É meu vício!

— É a primeira das virtudes.

Ele olhava-a com um ar amistoso e era pior do que se a tivesse desprezado completamente. Ele via-a, apreciava-a e, no entanto, era de Florence que gostava. É verdade que era amigo de Roger, é verdade que Régine nunca tentara seduzi-lo. Mas conhecia-a e, apesar disso, amava Florence.

— Estou com sono — afirmou Florence.

Os músicos já estavam guardando seus instrumentos nas respectivas capas quando eles saíram. Florence afastou-se de braços com Sanier; Régine pegou o braço de Roger; seguiram por uma ruazinha de fachadas recém-caiadas e decoradas com tabuletas coloridas como vitrais: *Le Moulin Vert*, *Le Singe Bleu*, *Le Chat Noir*; velhas mulheres sentadas às portas chamaram-nos ao passarem por elas. Eles continuaram através de ruas burguesas de janelas inteiriças com aberturas em forma de coração. Já estava claro, mas toda a cidade dormia. O hotel dormia. Roger espreguiçou-se e bocejou: “Que sono!”

Régine aproximou-se da janela que dava para o jardimzinho do hotel: puxou uma das persianas.

— Esse homem! — disse ela. — Já se levantou. Por que se levanta tão cedo?

O homem estava ali, deitado numa espreguiçadeira, imóvel como um faquir. Todas as manhãs estava ali.

Não lia, não dormia, não falava com ninguém; fixava no céu um olhar esbugalhado; do amanhecer ao anoitecer jazia sem se mexer no meio do gramado.

— Não vens dormir? — perguntou Roger.

Ela puxou a segunda persiana e fechou a janela. Roger sorria-lhe. Ela se enfiaria entre os lençóis, pousaria a cabeça no travesseiro estufado e ele a tomaria nos braços; não haveria ninguém mais no mundo senão ele e ela. E num outro leito, Florence com Sanier... Dirigiu-se para a porta.

— Não. Vou tomar um pouco de ar.

Atravessou o patamar e desceu pela escada silenciosa onde brilhavam os aquecedores de cobre; tinha horror de dormir; enquanto se dorme há sempre alguém acordado e não se tem mais nenhuma ascendência sobre essa pessoa. Empurrou a porta do jardim: um gramado verde cercado de alamedas empedregulhadas e fechado por quatro muros, onde se agarrava uma mirrada vinha virgem. Estendeu-se numa espreguiçadeira. O homem não piscara sequer. Dir-se-ia que nunca via nem ouvia nada. “Tenho inveja dele. Não sabe que a terra é tão grande e a vida tão curta; não sabe que existem outras pessoas. Contenta-se com esse pedaço de céu acima de sua cabeça. Eu gostaria que cada coisa me pertencesse como se só a ela amasse no mundo; mas quero todas as coisas e minhas mãos estão vazias. Invejo-o. Ele ignora seguramente o tédio.”

Inclinou a cabeça para trás e olhou o céu. Tentou pensar: “Estou aqui e há esse céu acima de minha cabeça, eis tudo; e é o bastante.” Mas era um disfarce. Não podia deixar de pensar em Florence nos braços de Sanier, que não pensava nela. Régine olhou o gramado. Era um sofrimento muito antigo. Deitara-se num gramado parecido com aquele, o rosto voltado para o chão; insetos corriam à sombra da relva e o gramado era uma floresta imensa e monótona em que milhares de lâminas verdes se

erguiam, todas iguais, escondendo o mundo umas das outras. Pensara com angústia: “Não quero ser um fiapo de capim.” Virou a cabeça. O homem não pensava nela tampouco; mal a distinguia das árvores e das poltronas espalhadas pelo jardim: um pedaço de cenário, mais nada. Ele a perturbava; subitamente ela teve vontade de perturbar-lhe o repouso e existir para ele. Bastava falar: é sempre tão fácil; eles respondiam e o mistério dissipava-se, tornavam-se transparentes e ociosos e ela os afastava para longe de si com indiferença; era mesmo tão fácil que não se divertia mais com o jogo, convencida de antemão de ganhar. Entretanto, esse homem tranquilo intrigava-a: examinou-o. Era bastante belo, com um nariz grande e adunco, parecia muito alto e de compleição atlética; era um homem jovem; a pele e a tez eram de um homem jovem. E não parecia perceber nenhuma presença a seu lado; o rosto era calmo como um rosto de morto, seus olhos vazios. Enquanto o contemplava, foi presa de uma espécie de medo. Levantou-se sem dizer palavra.

Ele devia ter ouvido alguma coisa. Olhou-a. Pelo menos seu olhar pousou nela e ela esboçou um sorriso. Os olhos do homem fixavam-na com uma insistência que se diria insolente; mas ele não a via. Ela não sabia o que ele via e durante um momento pensou: “Será que não existo? Não serei eu?” Vira uma vez aqueles olhos, quando seu pai lhe segurara a mão, deitado na cama, estertorando; segurava-lhe a mão e ela não tinha mais mão. Ficou imóvel, petrificada, sem voz, sem expressão, sem vida, uma impostura. Depois retomou a consciência; deu um passo. O homem fechou os olhos. Pareceu a Régine que, se ela não se houvesse mexido, teriam permanecido eternamente um diante do outro.

* * *

— Que sujeito estranho! — disse Annie. — Nem sequer entrou para almoçar.

— É. É mesmo um homem estranho — disse Régine, passando uma xícara de café a Sanier. Através das vidraças da varanda, via-se o jardim, o céu borrascoso, o homem deitado na espreguiçadeira, com seus cabelos pretos, sua camisa branca, sua calça de flanela. Olhava sempre para o mesmo pedaço de céu com seus olhos que nada viam. Régine não esquecera esse olhar; quisera saber como se revelava o mundo quando se olhava com aqueles olhos.

— É um neurastênico — disse Roger.

— Isso não explica nada — respondeu Régine.

— Para mim é um homem que teve desgostos amorosos — disse Annie. — Não acha, minha rainha?

— Talvez — disse Régine.

Talvez uma imagem se houvesse fixado naqueles olhos, cobrindo-os como um véu. Que rosto tinha ela então? Por que tivera ela aquela sorte? Régine passou a mão na fronte. O ar estava pesado, sentia-lhe o peso nas têmporas.

— Mais um pouco de café?

— Não — disse Sanier. — Prometi a Florence encontrá-la às 15 horas.

Levantou-se e Régine pensou: “Agora ou nunca.”

— Procure persuadir Florence de que esse papel não foi feito para ela. Vai estragar sua carreira.

— Eu tentarei. Mas ela é cabeçuda.

Régine tossiu. Tinha um nó na garganta. Agora ou nunca. Não devia olhar para Roger, não devia pensar no futuro, não devia pensar em nada e atirar-se. Pousou a xícara de café no pires.

— Seria preciso libertá-la da influência de Mauscot. Ele lhe dá maus conselhos. Se continuar muito tempo com ela, vai estragar-lhe a carreira.

— Mauscot? — disse Sanier.

Seu lábio superior descobria os dentes, era seu modo de sorrir: mas tornara-se muito vermelho e as veias de sua fronte saltaram.

— Como? Não sabia? — perguntou Régine.

— Não — disse Sanier.

— Todo mundo sabia. Há dois anos que estão juntos. — E acrescentou: — Ele foi muito útil a Florence.

Sanier puxou a aba do paletó.

— Não sabia — disse com ar vago.

Estendeu a mão a Régine:

— Até logo.

Sua mão estava quente. Dirigiu-se para a porta no seu andar tranquilo e guindado, parecia inteiramente embaraçado com sua cólera. Houve um silêncio prolongado. O que estava feito estava feito; era impossível desfazê-lo. Régine compreendeu que nunca mais esqueceria o tinido da xícara no pires, o círculo escuro do café na porcelana amarela.

— Régine! Como pudeste! — exclamou Roger.

Tremia-lhe a voz; a ternura e a alegria familiares de seu olhar tinham-se apagado; era um estranho, um juiz, e Régine estava sozinha no mundo. Ela corou e detestou-se por ter corado.

— Sabes muito que não sou uma boa alma — disse ela lentamente.

— Mas o que fizeste é baixo.

— Chamam a isso baixo — disse ela.

— Por que queres mal a Florence? Que aconteceu entre vocês?

— Não aconteceu nada.

Roger encarou-a com ar triste:

— Não compreendo — disse.

— Não há nada a compreender.

— Procura ao menos explicar-me. Não me deixes pensar que agiste por maldade gratuita.

— Pensa o que quiseres — disse ela com violência.

Depois pegou os pulsos de Annie, que a olhava consternada, e disse:

— A ti, proíbo que me julgues.

Atravessou a porta. Fora, um sol opaco esmagava a cidade, nem um sopro de ar. Lágrimas molharam os olhos de Régine. Como se a maldade pudesse ser gratuita! Como se a gente fosse má por prazer! Não compreenderiam nunca; nem mesmo Roger podia compreender. Eram indiferentes e frívolos, em seus peitos não havia aquela acre queimadura. “Não sou da mesma espécie.” Apertou o passo; ia por uma rua estreita junto à qual corria um riacho; dois meninos brincavam de pegador dentro de um mictório público, uma menina de cabelos crespos jogava bola contra um muro. Ninguém se preocupava com ela: uma transeunte. “Como podem resignar-se?”, pensou. “Eu não me resignarei.” O sangue subiu-lhe ao rosto. Agora, Florence sabia, e esta noite no teatro todos saberiam. No fundo dos olhos deles ela perceberia a sua imagem: invejosa, pérfida, mesquinha. “Dei-lhes motivos para que me censurem, sentir-se-ão felicíssimos por me detestar.” Mesmo em Roger não podia ter apoio. Ele a fixava com um olhar desolado: pérfida, invejosa, mesquinha.

Sentou-se no parapeito de pedra à beira do riacho: em uma das casas miseráveis gemia um violino; teria gostado de adormecer e despertar muito mais tarde, longe dali; ficou longo tempo imóvel; subitamente sentiu gotas de água na frente e o riacho encrespou, chovia. Reiniciou a caminhada. Não queria entrar em um café com olhos vermelhos, não queria voltar para o hotel.

A rua desembocava numa praça onde se erguia uma igreja gótica e fria. Em sua infância, ela amara as igrejas, e ela adorava sua infância. Entrou. Ajoelhou-se diante do altar-mor e pousou a cabeça nas mãos: “Meu Deus, vós que vedes o fundo do meu coração...” Muitas vezes outrora rezara assim nos dias de desespero; e Deus lia nela, dava-lhe sempre razão; naquele tempo ela sonhava tornar-se santa, flagelava-se, dormia à noite em cima do soalho. Mas havia eleitos demais no céu, santos demais. Deus amava todos os homens, ela não podia contentar-se com essa benevolência indiscriminada, deixara de acreditar. “Não preciso dele”, pensava, erguendo a cabeça. “Repreendida,

renegada, reprovada, que lhe importa a minha fidelidade? Serei fiel a mim; não falharei comigo mesma. Hei de obrigá-los a admirar-me tão apaixonadamente, que cada gesto meu se tornará sagrado para eles. Um dia sentirei a auréola sobre minha cabeça.”

Saiu da igreja e chamou um táxi. Continuava a chover e havia um grande frescor sereno em seu coração. Vencera a vergonha, pensara: “Sou só, sou forte, fiz o que queria fazer. Provei que o amor deles não passava de uma mentira, provei a Florence que eu existia. Que me detestem, que me desprezem: ganhei.”

Quando atravessou o saguão do hotel era quase noite. Esfregou os pés molhados no capacho e deitou um olhar pela vidraça. Uma chuva oblíqua chicoteava o gramado e as alamedas empedregulhadas; o homem continuava deitado ali na sua espreguiçadeira, não se mexera. Régine voltou-se para a criada que carregava uma pilha de pratos para a sala de jantar.

— Viu, Blanche?

— O quê? — indagou a criada.

— Um de seus hóspedes que adormeceu na chuva. Vai pegar uma pneumonia. Seria preciso fazê-lo entrar.

— Bem! Experimente falar com ele — disse Blanche. — É de crer que é surdo. Quis sacudi-lo por causa da cadeira que vai ficar estragada com essa água toda. Nem me olhou.

Meneou a cabeça ruiva e acrescentou:

— É um fenômeno...

Estava com vontade de falar, mas Régine não queria escutar; empurrou a porta do jardim e acercou-se do homem.

— Deveria entrar — disse docemente. — Não está sentindo a chuva?

Ele virou a cabeça, olhou-a e desta vez ela percebeu que ele a via.

Ela repetiu:

— Deveria entrar.

Ele olhou para o céu escuro e em seguida para Régine; suas pálpebras abriram-se e fecharam-se como se aquele resto de luz que ainda se arrastava sobre a terra o tivesse ofuscado. Parecia sofrer. Ela disse:

— Entre. Vai ficar doente.

Ele permaneceu imóvel. Ela não falava mais e ele ainda a ouvia, como se as palavras tivessem vindo de muito longe e lhe tivesse sido necessário um grande esforço para apreendê-las. Seus lábios mexeram:

— Não tem perigo — disse.

* * *

Régine virou de lado na cama, não tinha mais sono, mas não resolvia levantar-se; eram somente onze horas e ela não sabia como encher o longo dia que a separava da noite. Divisava pela janela um pedaço de céu bem lavado e brilhante: depois da tempestade a bonança. Florence não lhe fizera censuras, era uma mulher que não gostava de histórias; e Roger recomeçara a sorrir. Podia acreditar que nada ocorrera. Na realidade nunca acontecia nada. Sobressaltou-se:

— Quem é?

— É a criada que vem buscar a bandeja — disse Annie.

A criada entrou; pegou a bandeja na mesinha e disse com sua voz áspera:

— Bom tempo hoje.

— Parece — disse Régine.

— A senhora sabe que o maluco do 52 não saiu do jardim antes da noite? E esta manhã apareceu com a roupa toda molhada, não a trocou sequer.

Annie chegou-se à janela e olhou:

— Há quanto tempo ele se acha neste hotel?

— Um mês. Logo que sai o sol, ele desce para o jardim e só volta à noite. Nem mesmo desfaz a cama para dormir.

— Como é que ele come? — disse Annie. — Levam-lhe as refeições no quarto?

— Nunca — disse a criada. — Durante o mês inteiro não pôs os pés fora do hotel e ninguém veio visitá-lo. Parece que não come.

— Talvez seja um faquir — disse Annie.

— Sem dúvida tem provisões no quarto — disse Régine.

— Nunca vi nada — redarguiu a criada.

— Esconde-as...

— Talvez.

A criada sorriu e dirigiu-se para a porta. Annie ficou um momento à janela, depois voltou-se:

— Gostaria de saber se tem provisões no quarto — disse.

— É provável.

— Gostaria realmente de saber.

Saiu rapidamente do quarto e Régine espreguiçou-se, bocejando; olhou com nojo o mobiliário rústico, o cretone claro das paredes. Detestava estes quartos de hotel anônimos onde tanta gente havia passado sem deixar vestígios, onde ela não deixaria traço algum. “Tudo será exatamente igual e eu não estarei aqui. É isso a morte”, pensou. “Se, ao menos, a gente deixasse uma marca no ar, pela qual o vento se engolfaria gemendo; mas não, nem uma ruga, nem uma falha. Outra mulher dormirá nesta cama...” Afastou as cobertas. Seus dias eram avaramente medidos, não devia perder um minuto, e eis que se encontrava enclausurada naquela triste província onde só lhe restava matar o tempo, o tempo que morre tão depressa. “Esses dias não deveriam contar”, pensou. “Devia-se considerá-los como não vividos. Isso me daria 24 multiplicado por 8, uma reserva de 192 horas a acrescentar aos períodos em que os dias são curtos demais...”

— Régine — gritou Annie.

Estava na soleira da porta com um ar misterioso.

— Que é que há?

— Disse que tinha deixado minha chave no quarto e pedi uma chave mestra na portaria. Venha comigo ao apartamento do faquir. Veremos se tem mantimentos.

— Como és curiosa — disse Régine.

— E a senhora não o é mais?

Régine aproximou-se da janela e inclinou-se em direção ao homem imóvel. Não lhe interessava saber se ele comia ou não. O que desejava adivinhar era o segredo do olhar dele.

— Venha — disse Annie. — Não se lembra de como foi divertido quando assaltamos a casinha de Rosay?

— Vou — disse Régine.

— É no 52.

Ela seguiu Annie ao longo do corredor deserto.

Annie introduziu a chave na fechadura e a porta abriu-se. Entraram num quarto de móveis rústicos e cretone claro nas paredes. As persianas estavam fechadas e as cortinas abaixadas.

— Tens certeza de que é o quarto dele? Não parece habitado.

— É o 52, tenho certeza.

Régine olhou lentamente em torno de si mesma. Não se percebia nenhum traço de presença humana: nem um livro, nem um papel, nem uma ponta de cigarro. Annie abriu o armário normando: estava vazio.

— Onde guarda ele suas provisões? — disse Annie.

— Talvez no banheiro — respondeu Régine.

Era mesmo o quarto dele. Em cima da pia havia uma navalha, um pincel, uma escova de dentes, um sabonete; a navalha era como todas as navalhas, o sabão era sabão de verdade e esses bons objetos inspiravam confiança. Régine puxou a porta do armário embutido. Viu alguma roupa branca numa prateleira e, pendurado a um cabide, um paletó de flanela. Enfiou a mão no bolso.

— Começa a ficar interessante — disse.

E retirou a mão cheia de moedas de ouro.

— Deus meu! — exclamou Annie.

Noutro bolso havia um pedaço de papel. Era um certificado dado pelo Hospício do Sena Inferior. O homem era um amnésico. Dizia chamar-se Raymond Fosca. Não se conhecia seu lugar de nascimento, nem sua idade. E após uma estada no hospício, cuja duração não se precisava, tinham-no soltado um mês antes.

— Ah! — disse Annie, algo desiludida. — Roger tinha razão. É um louco.

— Naturalmente que é um louco — confirmou Régine.

Repôs o papel no bolso e disse:

— Gostaria de saber por que o internaram.

— Em todo caso não existem mantimentos em lugar nenhum — disse Annie. — Ele não come.

Ela olhou em torno de si, um tanto perplexa.

— Talvez seja realmente um faquir. Um faquir pode também ser louco.

* * *

Régine sentou-se numa poltrona de vime ao lado do homem imóvel e chamou-o.

— Raymond Fosca!

Ele soergueu-se e encarou Régine.

— Como sabe o meu nome? — perguntou.

— Ah! Sou um pouco feiticeira — disse Régine. — Isso não deve espantá-lo, pois é também feiticeiro: vive sem comer.

— Sabe isso também?

— Sei muitas coisas.

Ele tornou a recostar-se:

— Deixe-me — disse — e vá embora. Ninguém tem o direito de perseguir-me até aqui.

— Ninguém o persegue — disse ela. — Moro neste hotel e observo-o há alguns dias. Gostaria que me ensinasse o seu segredo.

— Que segredo? Não tenho segredo.

— Desejaria que me ensinasse como faz para não se aborrecer nunca.

Ele não respondeu. Fechara os olhos. Ela chamou-o de novo, docemente:

— Raymond Fosca! Está me ouvindo?

— Estou.

— Eu me aborreço tanto — contou ela.

— Que idade tem? — disse Fosca.

— Vinte e oito anos.

— Restam-lhe quando muito cinquenta de vida. Passarão depressa.

Ela pousou a mão no ombro dele e sacudiu-o com violência.

— Como — disse — é jovem e forte, e resolve viver como um morto!

— Não achei coisa melhor para fazer.

— Procure — disse ela. — Quer que procuremos juntos?

— Não.

— Diz não sem me olhar sequer. Olhe para mim.

— Não vale a pena, já a vi cem vezes.

— De tão longe...

— De longe e de perto!

— Quando isto?

— Sempre — disse ele —, em todo lugar.

— Mas não era eu.

Inclinou-se sobre ele:

— É preciso que me olhe. Diga, viu-me alguma vez?

— Talvez não — disse ele.

— Eu sabia.

— Pelo amor de Deus, vá embora. Vá embora senão tudo recomeçará.

— E ainda que tudo recomeçasse?

— Queres realmente levar esse louco para Paris? — indagou Roger.

— Sim. Quero curá-lo — disse Régine.

Ela arranjava com cuidado seu vestido de veludo preto na maleta.

— Por quê?

— É divertido — respondeu ela. — Tu não imaginas os progressos que ele fez em quatro dias. Agora, quando eu lhe falo sei que me ouve, mesmo se não responde. E muitas vezes ele responde.

— E quando o tiveres curado?

— Então eu me desinteressarei — disse ela jovialmente.

Roger pousou o lápis e encarou Régine.

— Tu me dás medo. És um verdadeiro vampiro.

Ela inclinou-se sobre ele e abraçou-o pelo pescoço:

— Um vampiro que nunca te fez grande mal.

— Oh! Mas não disseste ainda a última palavra — disse ele com ar de desconfiança.

— Bem sabes que nada tens a temer de mim — disse ela, apoiando o rosto no rosto dele.

Ela amava sua ternura refletida, a dedicação inteligente; ele pertencia-lhe de corpo e alma e queria-lhe tanto quanto poderia querer alguém que não fosse ela mesma.

— Estás trabalhando bem?

— Acho que tenho uma boa ideia para o cenário da floresta.

— Deixo-te então. Vou ver o meu doente.

Seguiu pelo corredor e bateu à porta do 52.

— Entre.

Ela empurrou a porta e ele veio em sua direção, do fundo do quarto.

— Posso acender a luz?

— Acenda.

Ela girou o comutador. Percebeu sobre a mesa, junto ao leito, um cinzeiro cheio de tocos e um maço de cigarros.

— Interessante, está fumando?

— Comprei cigarros hoje de manhã — disse ele, oferecendo-lhe o maço. — Deve estar satisfeita.

— Eu? Por quê?

— O tempo recomeça a correr.

Ela sentou-se numa cadeira e acendeu um cigarro.

— Sabe que partimos amanhã cedo? — perguntou ela.

Ele ficou em pé junto à janela e olhava o céu estrelado.

— Sempre as mesmas estrelas — disse.

— Partimos amanhã cedo — repetiu ela. — Está pronto?

Ele veio sentar-se na frente de Régine.

— Por que se ocupa de mim?

— Resolvi curá-lo.

— Não estou doente.

— Recusa-se a viver.

Ele examinou-a com um ar preocupado e frio:

— Diga-me: gosta de mim?

Ela pôs-se a rir:

— Isso é comigo — disse em tom ambíguo.

— Porque não deve — disse ele.

— Não preciso de conselhos.

— É que se trata de um caso especial.

Ela disse com altivez:

— Sei.

— Que é que sabe? — observou ele lentamente.

Ela sustentou o seu olhar:

— Sei que saiu de um hospício e que é um amnésico.

Ele sorriu:

— Ai de mim!

— Por que ai de mim?

— Se tivesse a sorte de ser amnésico!

— A sorte! Não se deve nunca renegar o passado.

— Se fosse amnésico, seria quase um homem como os outros. Poderia talvez amá-la.

— Dispensó — disse ela. — Sossegue, não o amo.

— Você é linda — disse ele. — Vê como seus progressos são rápidos. Agora eu sei que é linda.

Ela inclinou-se para ele e pousou-lhe a mão no pulso:

— Venha comigo para Paris.

Ele hesitou:

— Por que não? — disse tristemente. — Seja como for, a vida recomeçou agora.

— Lamenta-o realmente?

— Oh! Não lhe quero mal. Mesmo sem você, isso teria acontecido um dia ou outro. De uma feita, consegui sustar a respiração durante sessenta anos. Mas logo que me buliram no ombro...

— Sessenta anos!

Ele sorriu:

— Sessenta segundos se quiser. Que importa? Há momentos em que o tempo para. — Olhou longamente as mãos. — Momentos em que se está além da vida e se vê. Depois o tempo recomeça a correr, o coração bate, estende-se a mão, estica-se o pé; sabe-se ainda, mas não se vê mais.

— É — disse ela — e a gente volta a se encontrar no quarto, penteando os cabelos.

— É-se obrigado a pentear-se — disse ele. — Todos os dias.

Baixou a cabeça e todo o seu rosto se abateu. Durante um longo momento quedou silencioso.

— Diga-me, ficou muito tempo no hospício?

— Trinta anos.

— Trinta anos? Mas então que idade tem?

Ele não respondeu.

Capítulo II

— E que fim levou o seu faquir? — disse Laforêt.

Régine encheu, sorrindo, os copos de Porto.

— Ele vai ao restaurante duas vezes por dia, usa ternos comprados feitos e é tão enfadonho quanto um empregado de escritório. Curei-o demasiado bem;

Roger virou-se para Dulac:

— Em Ruão encontramos um pobre iluminado que se acreditava faquir. Régine resolveu curá-lo.

— E conseguiu? — perguntou Dulac.

— Ela consegue sempre o que empreende — disse Roger. — É uma mulher perigosa.

Régine sorriu.

— Desculpem-me um instante, vou ver em que ponto está o jantar.

Atravessou o estúdio; sentia o olhar de Dulac na nuca; ele apreciava, como conhecedor, o contorno das pernas, a linha da cintura, a ligeireza elástica do andar. Um comprador de gado...

Ela abriu a porta da cozinha:

— Tudo bem?

— Tudo bem — disse Annie. — Mas que vou fazer com o suflê?

— Põe no forno quando a Sra. Laforêt chegar. Não deve demorar.

Mergulhou o dedo no molho do pato com laranja; nunca o fizera tão bom.

— Estou bela hoje?

Annie examinou-a com olho crítico:

— Prefiro-a com tranças.

— Sei — disse Régine. — Mas Roger recomendou-me que atenuasse todas as minhas singularidades. Eles só gostam de belezas vulgares.

— É pena — disse Annie.

— Não tenhas medo. Logo que tiver feito dois ou três filmes, eu os obrigarei a aceitar meu verdadeiro rosto.

— Dulac parece seduzido?

— Não são assim tão facilmente seduzíveis.

Ela disse em surdina:

— Detesto esses compradores de gado...

— Principalmente não se exalte — pediu Annie inquieta. — Não beba demais e não se impaciente.

— Serei paciente como um anjo. Rirei de todas as piadas de Dulac. E, se for preciso dormir com ele, dormirei.

Annie pôs-se a rir:

— Ele não exigirá tanto assim.

— Pouco importa. Tanto posso vender-me por atacado como a varejo.

Deitou um olhar no pedaço de espelho pendurado em cima da pia e disse:

— Não posso esperar mais.

A campainha da porta de entrada tocou. Annie precipitou-se para abrir e Régine continuou a contemplar o rosto; detestava aquele penteado e aquela maquilagem de estrela; detestava aqueles sorrisos que já sentia nos lábios, bem como as inflexões mundanas de sua voz. “É degradante”, pensou com raiva. “Mais tarde eu me vingarei.”

— Não é a Sra. Laforêt — disse Annie.

Permanecia ali à entrada da cozinha, com ar de consternação.

— Quem é? — perguntou Régine.

— É o faquir.

— Fosca? Que vem ele fazer aqui? Não o mandaste entrar, ao menos?

— Não. Ele está esperando no vestíbulo.

Régine fechou novamente a porta da cozinha atrás de si.

— Meu caro Fosca, lamento muito — disse com frieza. — Não posso absolutamente recebê-lo agora. Eu lhe pedi que não viesse a minha casa.

— Queria saber se estava doente. Há três dias que não a vejo.

Ela olhou-o agastada. Ele segurava o chapéu na mão e vestia uma capa de gabardina, parecia fantasiado.

— Poderia ter telefonado — disse ela secamente.

— Eu queria *saber* — respondeu ele.

— Pois bem, agora sabe. Desculpe-me, mas estou dando um jantar esta noite e é muito importante. Passarei na sua casa logo que tiver um minuto.

Ele sorriu:

— Um jantar não é coisa muito importante — disse.

— Trata-se de minha carreira. Tenho uma possibilidade de realizar uma estreia sensacional no cinema.

— Também o cinema não é importante.

— E o que tem a dizer-me é da mais alta importância? — perguntou ela com irritação.

— Foi você quem o quis — disse ele. — Antes, nada me parecia importante.

A campainha tocou novamente.

— Entre aí — disse Régine.

Empurrou-o para a cozinha:

— Dize que já vou, Annie.

Fosca sorriu:

— Que cheiro gostoso!

Pegou na compoteira um biscoito escuro e colocou-o na boca.

— Se quer falar-me, fale, mas apresse-se — disse ela.

Ele olhou-a gentilmente:

— Você me fez vir para Paris — disse. — Instigou-me para que recomeçasse a viver. Pois bem, agora é preciso tornar minha vida suportável. Não deve ficar três dias sem me ver.

— Três dias não é tanto assim.

— Para mim é. Pense que nada mais tenho a fazer, senão esperá-la.

— É um erro — explicou ela. — Eu tenho mil coisas a fazer... Não posso ocupar-me de você dia e noite.

— Você quis — disse ele. — Você quis que eu a visse. O resto ficou na sombra. Mas você existe e há um vazio em mim.

— Apronto o suflê? — perguntou Annie.

— Jantamos imediatamente. Escute — disse. — Discutiremos isso tudo mais tarde. Irei vê-lo logo.

— Amanhã? — disse ele.

— Isso mesmo, amanhã.

— A que horas?

— Lá pelas três.

Ela empurrou-o docemente para a porta.

— Gostaria de vê-la agora — disse ele. — Vou-me embora, mas é preciso que venha — acrescentou sorrindo.

— Irei.

Fechou a porta com violência atrás dela:

— Que topete! Vá esperando! Se voltar não o deixes entrar, Annie.

— Coitado, é louco — disse Annie.

— Não tem mais cara de louco.

— Os olhos são estranhos.

— Não sou irmã de caridade — disse Régine.

Ela entrou no salão e dirigiu-se sorrindo para a Sra. Laforêt.

— Desculpem. Imaginem que eu estava às voltas com meu faquir — disse.

— Devia tê-lo convidado — disse Dulac.

Todos riram.

* * *

— Mais um pouco de bagaceira? — perguntou Annie.

— Pode ser.

Régine bebeu um gole e encolheu-se toda, junto à lareira. Estava quente e ela se sentia bem. O rádio tocava docemente um *jazz*, Annie acendera uma pequena lâmpada e jogava paciência. Régine não fazia nada, contemplava as chamas, olhava as paredes do estúdio onde dançavam sombras desconjuntadas, e sentia-se feliz. O ensaio correra muito bem. Laforêt, tão avaro em elogios, tinha-a felicitado calorosamente: *Rosalinde* seria um êxito e, depois de *Rosalinde*, todas as esperanças seriam permitidas. “Estou atingindo o alvo”, pensou. Sorriu. Tantas vezes, deitada diante da lareira na sua casa de Rosay, ela jurara a si mesma: “Serei amada, serei célebre”; teria gostado de pegar pela mão aquela menina ardente, trazê-la àquele quarto e dizer-lhe: “Eu cumpri as tuas promessas. Eis o que te tornaste.”

— Estão tocando — disse Annie.

— Vai ver quem é.

Annie correu à cozinha. Trepando numa cadeira, podia-se ver o patamar através do postigo.

— É o faquir.

— É o que eu pensava. Não abras.

A campainha tocou outra vez.

— Ele vai tocar a noite inteira — disse Annie.

— Acabará cansando.

Houve um silêncio; a seguir uma série de toques insistentes e prolongados e novamente o silêncio.

— Estás vendo, foi embora — disse Régine.

Cobriu as pernas com o roupão e encolheu-se novamente sobre o tapete. Mas bastara aquele toque de campainha para embaraçar a perfeição do momento. Agora o resto do mundo existia do outro lado da porta, Régine não mais estava só consigo mesma. Contemplou os abajures de pergaminho, as máscaras japonesas, todos os bibelôs que escolhera um por um e lhe lembravam instantes preciosos; nada diziam, os minutos tinham murchado; este ia fanar como os outros. A menina

ardente morrera, a mulher jovem e ávida de vida ia morrer, e a grande atriz que ela aspirava apaixonadamente a ser morreria também. Talvez os homens lhe recordassem o nome durante algum tempo. Mas daquele gosto singular de sua vida nos lábios, daquela paixão que queimava o coração, da beleza das chamas vermelhas e suas secretas fantasmagorias, ninguém poderia lembrar-se.

— Ouça — disse Annie.

Erguera a cabeça com um ar de susto.

— Barulhos no seu quarto — acrescentou.

Régine olhou para a porta. O trinco virava.

— Não tenha medo — disse Fosca. — Peço perdão, mas não parecia ouvir a campainha.

— É o diabo! — disse Annie.

— Não — disse Fosca. — Entrei muito simplesmente pela janela.

Régine levantou-se.

— Lamento que a janela não estivesse fechada — disse.

— Teria quebrado a vidraça — atalhou Fosca.

Ele sorriu. Ela também sorriu.

— Você não tem medo — disse ela.

— Não. Nunca tenho medo. Aliás, não tenho mérito nenhum nisso.

Ela apontou-lhe uma poltrona e encheu dois copos.

— Sente-se.

Ele sentou-se. Escalara três andares, arriscando-se a quebrar a cabeça, e surpreendia-a com os cabelos desfeitos, o rosto brilhante, envolta num roupão cor-de-rosa pálido. Levava nítida vantagem.

— Podes ir dormir, Annie — disse ela. Annie inclinou-se sobre Régine e beijou-a na face.

— Se precisar de mim, chame — disse.

— Sei. Não tenhas pesadelos — acalmou-a Régine.

A porta fechou-se e ela encarou Fosca.

— Então?

— Está vendo — disse ele. — Não escapará tão facilmente de mim. Se você não for mais me ver, eu virei. Se me fechar a porta, passarei pela janela.

— Você vai obrigar-me a trancar as janelas — respondeu ela com frieza.

— Eu a esperarei à porta, eu a seguirei na rua...

— E que ganhará com isso?

— Eu a verei. Ouvirei a sua voz.

Ele levantou-se e aproximou-se de sua poltrona.

— Tê-la-ei em minhas mãos — disse-lhe pegando seus ombros.

— Não precisa apertar assim — disse ela. — É-lhe indiferente pensar que se está tornando odioso?

— Por que isso me atingiria?

Encarou-a com piedade.

— Muito brevemente estará morta e com você todos os seus pensamentos — afirmou ele.

Ela levantou-se e recuou um pouco.

— Neste momento estou viva.

— Sim — disse ele — e eu a vejo.

— E não vê que me importuna?

— Vejo. A cólera põe beleza em seus olhos.

— Então meus sentimentos não contam para você?

— Você será a primeira a esquecê-los.

— Ah! — exclamou ela com impaciência. — Você me fala sempre do dia em que estarei morta. Mas ainda que você devesse matar-me dentro de um minuto nada mudará: sua presença me é desagradável agora.

Ele riu:

— Não quero matá-la.

— Espero que não.

Ela tornou a sentar-se, não estava muito tranquila.

— Por que me abandona? — disse ele. — Por que se ocupa desses mosquitos e não de mim?

— Que mosquitos?

— Esses homenzinhos de um dia. Você ri com eles.

— E posso rir com você? — perguntou ela irritada. — Você só sabe olhar-me sem dizer nada. Recusa-se a viver. Eu amo a vida, compreende?

— Que pena — disse ele.

— Por quê?

— Acabará tão depressa!

— De novo?

— De novo e sempre.

— Não pode falar de outra coisa?

— Mas como pode pensar em outra coisa? Como faz para acreditar-se instalada no mundo, quando o irá deixar dentro de tão poucos anos e que mal acaba de chegar?

— Pelo menos eu, quando morrer, terei vivido. E você, você é um morto.

Ele baixou a cabeça e olhou as mãos:

— Beatriz também dizia isso. Um morto.

Reergueu a cabeça:

— Afinal, você é que tem razão. Por que pensaria na morte se tem de morrer? Será tão simples, acontecerá sem que você intervenha. Não precisará preocupar-se com isso.

— E você?

— Eu?

Ele a olhou. Seu olhar era tão desesperado que ela teve medo do que ele ia dizer. Mas ele disse apenas:

— É diferente.

— Por quê?

— Não posso explicar-lhe.

— Pode se quiser.

— Não quero.

— Isso me interessaria.

— Não — disse ele. — Tudo mudaria entre nós.

— Exatamente. Você talvez me parecesse menos aborrecido.

Ele olhou para o fogo, seus olhos brilharam por cima do grande nariz recurvo; depois o olhar apagou-se.

— Não.

Ela levantou-se.

— Bem. Volte para sua casa se não tem nada de mais divertido para dizer-me.

Ele levantou-se também.

— Quando virá ver-me?

— Quando tiver resolvido dizer seu segredo.

A fisionomia de Fosca tornou-se rígida:

— Bom. Venha amanhã — disse.

* * *

Ela estava deitada na cama de ferro, a horrível cama de ferro de grades escamadas, via um pedaço da coberta amarela, o criado-mudo de falso mármore, o ladrilho empoeirado; mas nada lhe importava, nem o cheiro de amoníaco, nem os gritos das crianças do outro lado da parede. Tudo isso existia com indiferença, nem perto nem longe dela: alhures. Nove horas soaram dentro da noite. Ele não se mexeu. Não havia mais hora, nem dia, não havia tempo nem lugar. Lá na sua casa o molho do pernil esfriara, lá no palco ensaiavam *Rosalinde*, e ninguém sabia onde se escondera Rosalinde. Lá, um homem erguia-se sobre as muralhas e estendia suas mãos triunfantes para um grande sol vermelho.

— Acredita realmente em tudo isso? — indagou ela.

— É a verdade — disse ele.

Deu de ombros.

— Outrora isso não parecia tão extraordinário.

— Deveriam lembrar-se de você.

— Há lugares onde ainda falam disso. Mas como de uma velha lenda.

— Poderia jogar-se dessa janela?

Ele virou a cabeça e fixou o olhar na janela:

— Arriscaria a ferir-me gravemente e por muito tempo. Não sou invulnerável. Mas meu corpo acaba sempre juntando-se de novo.

Ela ergueu-se e olhou-o fixamente.

— Pensa realmente que não morrerá nunca?

— Mesmo quando quero morrer não posso — disse ele.

— Ah! Se eu acreditasse ser imortal!

— Então?

— O mundo seria meu.

— Também pensei nisso. Há muito tempo.

— Por que não pensa mais?

— Você não pode imaginar isto: estarei aqui ainda, estarei aqui sempre!

Apertou a cabeça entre as mãos. Ela fixou o teto e repetiu para si mesma: “Estarei aqui ainda, estarei aqui sempre.” Havia um homem que ousava pensar isso, um homem suficientemente orgulhoso e solitário para se acreditar imortal. “Eu dizia: sou só. Eu dizia: nunca encontrei um homem ou uma mulher que me valesse. Mas nunca ousei dizer: sou imortal.”

— Ah! — exclamou ela. — Gostaria de acreditar que nunca apodrecerei embaixo da terra.

— É uma grande maldição — disse ele.

Ele olhou-a:

— Vivo e não tenho vida. Não morrerei nunca e não tenho futuro. Não sou ninguém. Não tenho história nem fisionomia.

— Tem — consolou ela docemente. — Eu o vejo.

— Você me vê.

Passou a mão na fronte.

— Se ao menos a gente pudesse não ser absolutamente nada. Mas há sempre outras pessoas na terra e elas nos veem. Falam

e não podemos deixar de ouvi-las, e respondemos, e recomeçamos a viver sabendo que não existimos. Não tem fim.

— Mas você existe — disse ela.

— Existo para você neste instante. E você, você existe?

— Naturalmente. Como você.

Ela pegou-lhe o braço:

— Não sente minha mão sobre o seu braço?

Ele olhou a mão:

— A mão sim, mas que significa isso?

— É minha mão.

— Sua mão.

Hesitou:

— Seria preciso que me amasse — afirmou. — E que eu a amasse. Então você estaria onde você está.

— Meu pobre Fosca — disse ela.

E acrescentou:

— Não o amo.

Ele olhou-a e disse devagar como que se aplicando:

— Você não me ama.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não — continuou. — Isso não adianta. Seria preciso que você me dissesse: eu o amo.

— Mas você não me ama — disse ela.

— Não sei.

Ele inclinou-se sobre ela.

— Sei que sua boca existe — disse subitamente. Seus lábios esmagaram-se contra os de Régine; ela fechou os olhos. A noite eclodira; já tinha começado há séculos e não acabaria mais. Do fundo do tempo, um desejo ardente, selvagem, viera pousar-se na sua boca e ela entregara-se a esse beijo. O beijo de um louco, num quarto com cheiro de amoníaco.

— Deixe-me — disse ela levantando-se. — Tenho que ir!

Ele não fez um gesto para retê-la.

Logo que transpôs a porta da entrada, Roger e Annie surgiram do estúdio.

— De onde vens? — perguntou Roger. — Por que não vieste jantar? Por que não foste ao ensaio?

— Esqueci-me da hora — explicou Régine.

— Esqueceste a hora? Com quem?

— Não se pode andar sempre de olho no relógio — disse ela com impaciência. — Como se todas as horas fossem exatamente iguais! Como se tivesse sentido querer medir o tempo!

— Que é que aconteceu? — insistiu Roger. — De onde vens?

— Fiz um jantar tão bom — disse Annie. — Tinha panquecas de queijo.

— Panquecas...

Régine pôs-se a rir. Às sete horas, panquecas; às oito, Shakespeare. Cada coisa em seu lugar, cada minuto em seu lugar: não os esbanjemos, depressa se esgotarão.

Sentou-se e tirou lentamente as luvas. Em um quarto de ladrilhos empoeirados há um homem que acredita ser imortal.

— Com quem estavas? — disse Roger.

— Com Fosca.

— E foi por Fosca que faltaste ao ensaio? — disse Roger com incredulidade.

— Não é tão importante assim um ensaio.

— Régine, dize-me a verdade.

Olhou-a nos olhos e disse com voz direta:

— Que aconteceu?

— Estava com Fosca e esqueci a hora.

— Então, estás ficando louca, tu também.

— Bem que eu queria.

Ela olhou em volta. Meu salão. Meus bibelôs. Ele está deitado sobre a coberta amarela, no mesmo lugar em que não estou mais, e ele acredita que viu o sorriso de Dürer, os olhos de Carlos V. Ele ousa crer...

— É um homem extraordinário — disse ela.

— É um louco — afirmou Roger.

— Não. É mais curioso. Acaba de me informar que é imortal.

Ela examinou-os com desprezo, pareciam estúpidos.

— Imortal? — exclamou Annie.

— Nasceu no século XIII — explicou Régine com voz impassível. — Em 1848 adormeceu em um bosque e aí ficou durante sessenta anos, depois passou trinta num hospício.

— Para com isso — disse Roger.

— Por que não seria ele imortal? — indagou em desafio. — Não me parece maior milagre do que nascer e morrer.

— Por favor! — disse Roger.

— E, mesmo que não seja imortal, acredita sê-lo.

— Trata-se de um clássico delírio de grandeza — disse Roger.

— Não é mais interessante do que um homem que acredita ser Carlos Magno.

— Quem te disse que um homem que acredita ser Carlos Magno não é interessante?

Subitamente a cólera subiu-lhe à cabeça.

— Pensam que são muito interessantes, vocês dois?

— Não está sendo nada delicada — disse Annie humilhada.

— E querem que eu me pareça com vocês! E comecei a parecer-me! — disse Régine.

Levantou-se e encaminhou-se para o quarto, batendo a porta atrás de si. “Pareço-me com eles”, disse furiosa. Homenzinhos. Vidinhas. Por que não fiquei na cama? Por que tive medo? Serei tão covarde? Ele anda pelas ruas, tão modesto, com seu chapéu de feltro e sua capa de gabardina e pensa: “Sou imortal.” O mundo pertence-lhe e eu não passo de um mosquito. Tocou com a ponta dos dedos os narcisos pousados em cima da mesa. E se eu também acreditasse: sou imortal. O perfume dos narcisos é imortal, e também essa febre que incha meus lábios. Sou imortal. Amarfanhou os narcisos entre as mãos. Era inútil. A morte estava nela, e ela o sabia e já a acolhia. Ser bela dez anos ainda, representar Fedra e Cleópatra, deixar no coração dos homens

mortais uma pálida lembrança que se faria poeira aos poucos, pudera contentar-se com essas modestas ambições. Tirou os grampos que lhe seguravam os cabelos e as pesadas mechas caíram-lhe sobre os ombros. Um dia serei velha, um dia morrerei, um dia serei esquecida. E, enquanto penso isso, há um homem que pensa: “Estarei sempre aqui.”

* * *

— É um triunfo — disse Dulac.

— Agrada-me que sua Rosalinde conserve, sob as roupas de homem, tanto coquetismo e graça equívoca — disse Frénaud.

— Não falemos de Rosalinde — disse Régine. — Ela morreu.

Caíra o pano. Rosalinde morrera, ela morria todas as noites e um dia renasceria mais. Régine pegou a taça de champanha e esvaziou-a; sua mão tremia; desde que saíra do palco, não cessara de tremer.

— Gostaria de me divertir — disse em tom queixoso.

— Dancemos as duas — disse Annie.

— Não. Vou dançar com Sylvie.

Sylvie deitou um olhar no público decente sentado em torno das mesas:

— Não receia que nos estejamos exibindo demasiado?

— E, quando a gente representa, não se exhibe igualmente?

Enlaçou-a; não se sustinha muito bem em pé, mas era capaz de dançar mesmo quando não podia mais andar. A orquestra tocou uma rumba, e ela pôs-se a dançar à maneira dos negros, com mímicas obscenas. Sylvie parecia muito incomodada, sapateava diante de Régine sem saber o que fazer do corpo e sorria com um ar de boa vontade polida. Tinham todos aquele mesmo sorriso em seus rostos. Nessa noite podia fazer o que lhe apetecesse, todos aplaudiriam. Parou bruscamente.

— Nunca saberás dançar — disse. — És sensata demais.

Deixou-se cair de novo na sua poltrona.

— Dá-me um charuto — disse a Roger.

— Vais enjoar.

— Pois bem, vomitarei. Isso me distrairá.

Roger estendeu-lhe um charuto, ela acendeu-o com cuidado e tirou uma primeira baforada; um gosto acre encheu-lhe a boca; isso, pelo menos, tinha presença, era espesso, tangível. Tudo o mais parecia tão longínquo: a música, as vozes, os risos, os rostos conhecidos e desconhecidos, cujas imagens borboleteantes os espelhos do cabaré refletiam.

— Deve estar esgotada — disse Merlin.

— Tenho principalmente sede.

Esvaziou mais uma taça. Beber, beber sempre. E apesar disso tinha frio no coração. Há pouco ela ardia: eles estavam de pé, gritavam batendo palmas. Agora eles dormiam ou conversavam e ela tinha frio. Dormirá ele também? Ele não aplaudira; estava sentado e olhava. Do fundo da eternidade ele me olhava e Rosalinde tornava-se imortal: “Se eu acreditasse nele, se eu pudesse acreditar!” Teve um soluço e sentiu a boca pastosa.

— Por que é que ninguém canta? — indagou. — Canta-se quando se está alegre. Vocês estão alegres, não estão?

— Sentimo-nos felizes com seu triunfo — disse Sanier, com seu ar íntimo e grave.

— Então cantem.

Sanier sorriu e entoou a meia voz uma canção norte-americana.

— Mais alto — disse ela.

Ele não elevou a voz. Ela pôs-lhe a mão na boca e disse colérica:

— Cala-te. Eu é que vou cantar.

— Não dê escândalo — pediu Roger.

— Não é escandaloso cantar.

E ela começou ruidosamente:

— *Les filles de Camaret disent qu’elles sont vierges...* — A voz não obedecia como quisera; tossiu e recomeçou:

*Les filles de Camaret disent qu'elles son vierges
Mais quand elles sont au lit...*

Teve um soluço e sentiu-se empalidecer.

— Desculpem — disse num tom mundano. — Vou primeiro vomitar.

Caminhou para o fundo da sala titubeando ligeiramente. Olhavam-na todos, os amigos, os desconhecidos, os garçons, o *maître d'hôtel*, mas ela passava através dos olhares tão facilmente como um fantasma através dos muros. No espelho do lavatório percebeu seu rosto; estava pálida, com as narinas afiladas e manchas de pó de arroz nas faces.

— Eis tudo o que sobra de Rosalinde.

Debruçou-se sobre a privada e vomitou:

— E agora? — disse para si mesma.

Puxou o cordão da descarga, limpou a boca, sentou-se na beirada do assento. O chão era ladrilhado, as paredes nuas; dir-se-ia uma sala de operação, ou uma cela de monge ou de louco. Não queria voltar para junto deles; nada podiam por ela, nem mesmo distraí-la uma noite; antes ficaria ali a noite inteira, a vida toda, murada na brancura e na solidão, murada, enterrada, esquecida. Levantou-se. Nem um instante deixara de pensar nele, nele que não a aplaudia e que a devorava com seu olhar sem idade. “É a minha oportunidade, minha única oportunidade.”

Pegou a capa no vestiário e gritou-lhes ao passar por eles:

— Vou tomar ar.

Saiu e chamou um táxi.

— Hotel de la Havane, Rua Saint-André-des-Arts.

Fechou os olhos e durante alguns instantes conseguiu estabelecer o silêncio dentro de si; depois, pensou com lassidão: “É uma comédia, não acredito.” Hesitou. Podia bater no vidro e mandar voltar ao Mille et Une Nuits. E depois? Crer ou não crer? Que sentido tinham as palavras? Precisava dele.

Atravessou o pátio imundo e subiu a escada. Bateu. Ninguém respondeu. Sentou-se no degrau frio. Onde estaria ele naquele

instante? Que visões pousavam nele para nunca se apagar? Apoiou a cabeça nas mãos. Acreditar nele. Acreditar que essa Rosalinde que eu criei é imortal e tornar-se-á imortal no coração dele.

— Régine! — disse ele.

— Estava esperando-o — disse ela. — Esperei-o muito tempo. Levantou-se.

— Leve-me com você.

— Para onde?

— Para onde quiser; quero passar a noite com você.

Ele abriu a porta do quarto.

— Entre.

Ela entrou. Sim. Por que não ali entre aquelas paredes gretadas? Sob o olhar dele, estava fora do espaço, fora do tempo; o cenário não tinha importância.

— De onde vem? — perguntou ela.

— Andei por aí, dentro da noite.

Tocou o ombro de Régine.

— E você me esperava! Está aqui.

Ela riu de leve.

— Você não me aplaudiu — disse.

— Quisera chorar. Talvez de outra feita possa chorar.

— Fosca, responda-me. Esta noite você não deve mentir-me. É tudo verdadeiro?

— Nunca lhe menti.

— Não são sonhos, tem certeza?

— Tenho cara de louco?

Pôs as mãos nos ombros de Régine.

— Ouse crer em mim. Ouse.

— Não pode dar-me uma prova?

— Posso.

Aproximou-se da pia e voltou com uma navalha na mão.

— Não tenha medo — disse.

Antes que ela pudesse fazer um gesto, o sangue jorrou-lhe do pescoço aos borbotões.

— Fosca! — gritou ela.

Ele vacilara; jazia sobre a cama, de olhos fechados, pálido como um morto, e o sangue corria do pescoço aberto, sujava a camisa, os lençóis, escorria pelos ladrilhos, todo o sangue de seu corpo fugia pelo corte profundo, escancarado. Régine pegou uma toalha, enfiou-a na água e aplicou-a sobre o ferimento. Todo seu corpo tremia. Fixava com pavor aquele rosto sem ruga, sem mocidade, que podia talvez ser o de um cadáver: um pouco de espuma surgia dos seus lábios e ele parecia não mais respirar. Ela chamou:

— Fosca! Fosca!

Ele entreabriu os olhos. Respirou profundamente.

— Não tenha medo.

Docemente ele afastou a sua mão, empurrou a toalha ensanguentada. O sangue parara de correr, as bordas do corte tinham-se aproximado. Acima da camisa carmesim sobrava apenas uma larga cicatriz rosada no pescoço.

— Não é possível! — exclamou ela.

Escondeu o rosto nas mãos e pôs-se a chorar.

— Régine! Régine! Acredita em mim?

Ele levantara-se, tomara-a nos braços; ela sentia no colo a umidade pegajosa da camisa.

— Acredito.

Durante muito tempo ficou imóvel, grudada àquele corpo próximo e misterioso, àquele corpo vivo em que o tempo não se inscrevia. Depois ergueu os olhos, fixou-o com horror e esperança:

— Salve-me — pediu. — Salve-me da morte.

— Ah! — disse ele com paixão. — Cabe a você salvar-me!

Tomou o rosto de Régine entre as mãos; olhava-a tão intensamente que se diria que buscava arrancar-lhe a alma:

— Salve-me da noite e da indiferença — disse ele. — Faça com que a ame e que você exista em meio a todas as mulheres. Então o mundo reencontrará sua forma. Haverá lágrimas, sorrisos, esperas, temores. Serei um homem vivo.

— Você é um homem vivo — disse ela oferecendo-lhe a boca.

* * *

A mão de Fosca repousava sobre a mesa envernizada e Régine fixava-a. “Essa mão que me acariciou, que idade terá? Talvez dentro de um instante caia subitamente em decomposição, desnudando os ossos brancos...” Ergueu a cabeça: “Terá razão Roger? Estarei ficando louca?” A luz do meio-dia iluminava o bar sossegado onde homens sem mistérios bebiam aperitivos, afundados em poltronas de couro... Era Paris, era o século XX. Novamente Régine fixou a mão. Os dedos eram robustos e finos, com unhas um pouco compridas demais. “Suas unhas crescem, seus cabelos também.” O olhar de Régine subiu ao pescoço, um pescoço liso, sem vestígio algum de cicatriz: “Deve haver uma explicação”, pensou. “Talvez seja um verdadeiro faquir; conhece segredos...” Levou o copo de água Perrier aos lábios. Sentia uma barra de ferro na cabeça e a boca pastosa: “Estou precisando de uma ducha fria, de uma sesta. Então verei com clareza.”

Disse:

— Vou voltar para casa.

— Ah! — disse ele. — Naturalmente.

E acrescentou com raiva.

— Depois do dia a noite; depois da noite o dia. Nunca haverá exceção.

Houve um silêncio. Ela pegou a bolsa e não disse nada; pegou também as luvas, sempre sem dizer nada. Afinal perguntou:

— Quando nos tornaremos a ver?

— Nós nos tornaremos a ver?

Ele olhava, como que ausente, os cabelos platinados de uma jovem mulher. Ela pensou de repente: “De um minuto para outro, ele pode esvair-se”, e pareceu-lhe que caía vertiginosamente num abismo através de camadas espessas de bruma; ao tocar o fundo do abismo tornar-se-ia de novo um fiapo de capim que o inverno queimaria para sempre.

— Não vai abandonar-me — disse ela, angustiada.

— Eu? Mas é você que vai embora...

— Voltarei. Não se zangue. É preciso que eu tranquilize Roger e Annie; devem estar inquietos.

Passou a mão na mão de Fosca:

— Gostaria de ficar.

— Fique.

Ela jogou as luvas na mesa e largou a bolsa. Tinha necessidade de sentir aquele olhar sobre ela. “Ouse acreditar em mim. Ouse.” Em que acreditava ela? Ele não parecia nem um charlatão nem um louco.

— Por que me olha assim? — perguntou ele. — Eu a amedronto?

— Não.

— Pareço diferente dos outros?

Ela hesitou:

— Não neste momento.

— Régine — disse ele. Sua voz tinha um tom de prece. — Pensa que poderá amar-me?

— Dê-me um pouco de tempo — disse e encarou-o silenciosamente:

— Não conheço quase nada de você. Deve falar-me de você.

— Não é interessante.

— É, sim — disse ela e perguntou:

— Amou muitas mulheres?

— Algumas.

— Como eram elas?

— Deixemos o passado, Régine — disse ele bruscamente. — Se eu quiser tornar a ser um homem entre os homens, terei de esquecer o passado. Minha vida começa aqui, hoje, a seu lado.

— Sim, tem razão.

A jovem mulher de cabelos platinados encaminhava-se para a porta do bar; um senhor maduro acompanhava-a; iam almoçar. A vida quotidiana continuava em um mundo sujeito docilmente às leis naturais. “Que estou fazendo aqui?”, pensou Régine. Não tinha mais nada a dizer a Fosca. Ele apoiara o queixo no punho e refletia com um ar obstinado.

— É preciso que você me dê alguma coisa para fazer — disse ele.

— Alguma coisa para fazer?

— Sim. Todos os homens normais fazem alguma coisa.

— Que é que lhe interessaria?

— Você não está compreendendo. É preciso que você me diga o que lhe interessa, em que a posso ajudar.

— Você não pode ajudar-me. Você não pode desempenhar meus papéis por mim.

— Com efeito.

Ele refletiu novamente:

— Então vou arranjar um ofício.

— É uma ideia — disse Régine. — Que é que sabe fazer?

— Poucas coisas úteis — disse ele com um sorriso.

— Tem dinheiro?

— Já não tenho quase.

— E nunca trabalhou?

— Fui operário colorista.

— Isso não leva muito longe.

— Oh! Não preciso ir muito longe.

Acrescentou decepcionado:

— Gostaria de fazer alguma coisa por você.

Ela tocou-lhe a mão:

— Fique perto de mim, Fosca, olhe para mim e não esqueça nada.

Ele sorriu:

— É fácil. Tenho boa memória.

Seu rosto tornou-se sombrio:

— Memória demais.

Ela apertou-lhe nervosamente a mão. Ele falava, ela respondia como se tudo tivesse sido verdade: “Se é verdade, ele se lembrará de mim, sempre. Se é verdade, estou sendo amada por um imortal.” Deitou um olhar pelo bar. Um mundo cotidiano; homens sem mistério. Mas não soubera desde sempre que ela era diferente? Não se sentira sempre estranha entre eles, reservada para um destino que não era o deles? Desde a infância houvera um sinal sobre sua cabeça. Fixou o olhar em Fosca: “É ele. É meu destino. Do fundo dos séculos veio a mim e há de levar-me em sua memória até o fim dos séculos.” Seu coração batia com força. “Se tudo for falso?” Examinou a mão de Fosca, seu pescoço, seu rosto. E tornou a pensar com raiva: “Serei igual a eles? Precisarei de provas indiscutíveis?” Ele dissera: “Ouse, ouse.” Ela queria ousar. Ilusão ou delírio, havia mais grandeza nessa loucura do que em toda a sensatez deles. Sorriu para Fosca.

— Sabe o que deveria fazer — disse-lhe. — Deveria escrever suas memórias. Seria um livro extraordinário.

— Já há livros demais.

— Mas esse seria diferente dos outros.

— São todos diferentes.

Inclinou-se para ele:

— Nunca tentou escrever?

Ele sorriu:

— Escrevi no hospício. Escrevi durante vinte anos.

— Precisa mostrar-me.

— Rasguei tudo.

— Por quê? Talvez fosse excelente.

Ele pôs-se a rir:

— Escrevi durante vinte anos. Um dia percebi que era sempre o mesmo livro.

— Mas agora você é outro homem. É preciso empreender uma nova obra.

— Outro homem?

— Um homem que me ama e vive neste século. Tente recomeçar a escrever.

Ele olhou-a e seu rosto iluminou-se:

— Já que o deseja, farei — disse com ardor.

Ele a contemplava e ela pensou: “Ele me ama. Sou amada por um imortal.” Sorriu, mas não tinha vontade de sorrir. Tinha medo. Percorreu as paredes com o olhar. Não devia esperar mais nenhum socorro daquele mundo que a cercava; entrava num estranho universo em que estaria só com aquele homem desconhecido. Pensou: “Que vai acontecer agora?”

* * *

— Está na hora — disse Régine.

— Que hora?

— A hora de partir.

Através da janela do camarim viam-se cair flocos de neve em torno da lanterna de um lampião. Adivinhava-se que as calçadas estavam acolchoadas de branco, o silêncio. O vestido de Rosalinde jazia numa poltrona.

— Suponhamos que o tempo tenha parado — comentou Fosca.

— Lá fora ele corre.

Ele levantou-se. Ela sempre se espantava com seu alto porte: um homem de outra era.

— Por que precisa ir lá? — perguntou ele.

— É útil.

— Útil a quem?

— Útil à minha carreira. Uma atriz deve ver muita gente e mostrar-se bastante; senão, logo a enterram.

Sorriu:

— Quero ficar célebre. Não terá orgulho de mim quando eu for célebre?

Ele disse com sua voz ligeiramente surda:

— Gosto de você assim.

Puxou-a para si e beijou-a longamente na boca:

— Como está bela esta noite!

Ele a olhava e ela se sentia bem sob seu olhar; era-lhe insuportável pensar que aqueles olhos iam desviar-se dela e que um grande momento de sua vida soçobraria na indiferença e no esquecimento. Hesitou:

— Pode acompanhar-me se quiser — disse.

— Você sabe perfeitamente que quero.

O salão de Florence estava repleto. Régine parou um instante à entrada: todas as vezes sentia aquela mordida no coração. Cada uma daquelas mulheres se preferia às outras e para cada uma delas havia um homem, pelo menos, que a preferia às demais. Como ter a ousadia de afirmar: Só eu tenho direito de me preferir às outras? Voltou-se para Fosca:

— Há muitas mulheres bonitas aqui.

— É — disse ele.

— Ah! Você vê isso?

— À força de olhar para você, aprendi a ver.

— Diga-me, qual a mais bela?

— De que ponto de vista?

— Estranha pergunta!

— Para preferir é preciso um ponto de vista.

— E você não o tem?

Ele hesitou, depois um sorriso iluminou o seu rosto:

— Sim. Sou um homem que a ama.

— Então?

— Então você é a mais bela. Quem mais poderia parecer-se com você senão você mesma?

Ela olhou-o com ligeira desconfiança:

— Acredita realmente que eu seja a mais bela?

— Só você existe — confirmou ele com fervor.

Ela avançou ao encontro de Florence; de costume suportava mal ser recebida como convidada na casa de outra mulher, na vida de outra; mas sentia Fosca, que caminhava atrás de si, com seu ar embaraçado e tímido, e para seu coração imortal só ela existia. Sorriu para Florence:

— Tomei a liberdade de trazer um amigo.

— É bem-vindo aqui.

Ela deu a volta ao salão apertando mãos. Os amigos de Florence não gostavam dela, ela adivinhava a hostilidade dissimulada por trás dos sorrisos. Mas nessa noite a opinião deles não a feria. “Dentro em breve estarão mortos e com eles seus pensamentos. Mosquitos.” Sentia-se invulnerável.

— Vais andar sempre com esse homem atrás de ti? — indagou Roger.

Parecia muito descontente.

— Ele não queria deixar-me — disse ela com indiferença.

Pegou uma taça de frutas das mãos de Sanier.

— Florence está encantadora esta noite.

— É — disse ele.

Tinham acabado por se reconciliar e Sanier parecia mais apaixonado do que nunca. Régine acompanhou-os com o olhar enquanto dançavam de rostos colados. Todo o amor espelhava-se no sorriso deles: mas não passava de um pobre amor mortal.

— Precisamos conversar seriamente — disse Roger.

— Quando quiseres.

Sentia-se leve, era livre; não mais havia azedume em sua garganta. Era um carvalho frondoso cuja copa tocava o céu e as ervas do prado agitavam-se embaixo dela.

— Vou pedir-lhe um favor — disse Sanier.

— Peça.

— Consentiria em nos dizer alguns poemas?

— Bem sabe que ela nunca quer fazê-lo — disse Florence.

O olhar de Régine deu a volta ao salão. Fosca estava encostado à parede, braços caídos, e não a perdia de vista. Ela levantou-se.

— Se quiserem — disse. — Vou recitar: *Les regrets de la belle heaulmière*.

Avançou para o meio do salão enquanto se fazia silêncio.

— Fosca — murmurou ela —, escute com atenção. É para você que vou dizer estes versos.

Ele inclinou a cabeça. Contemplava-a avidamente com aqueles olhos que tinham encarado tantas mulheres célebres por sua beleza e seu talento. Para ele todos aqueles destinos esparsos compunham uma só história, e Régine entrava nessa história; ela podia medir-se com suas rivais mortas, com as que não tinham ainda nascido. “Triunfarei sobre elas, e terei ganhado a partida no passado e no futuro.” Seus lábios moveram-se e cada inflexão de sua voz repercutia através dos séculos dos séculos.

— Régine, gostaria que fôssemos embora — disse Roger quando ela tornou a sentar-se após os aplausos.

— Não estou cansada — respondeu ela.

— Eu estou. Por favor.

O tom suplicante e imperativo irritou Régine.

— Bem — disse ela secamente. — Vamos.

Na rua, caminharam em silêncio. Ela pensava em Fosca, que ficara plantado no meio do salão e olhava para outras mulheres. Ela deixara de existir para ele e na eternidade; o mundo em volta era oco como um guizo. Pensou: “É preciso que ele esteja sempre perto de mim.”

— Desculpe — disse Roger ao entrar no estúdio. — Precisava falar-te.

Um fogo de carvão brilhava na lareira. As cortinas estavam fechadas, as lâmpadas abrigadas por abajures de pergaminho espalhavam uma luz cor de âmbar sobre as máscaras negras e os bibelôs. E todas essas coisas pareciam aguardar um olhar para se tornarem completamente reais.

— Fala — disse ela.

— Quando vai acabar isso?

— Isso o quê?

— Essa história de louco.

— Isso não acabará — respondeu ela.

— Que queres dizer?

Ela fixou-o e lembrou: “É Roger, nós nos amamos, não quero fazê-lo sofrer.” Mas esses pensamentos pareciam recordações de outro mundo.

— Preciso dele.

Roger sentou-se ao lado dela e disse em tom persuasivo:

— Estás enganando a ti própria. Bem sabes que é um louco.

— Tu não viste o corte no pescoço — disse Régine.

Roger deu de ombros.

— E mesmo que fosse imortal?

— Daqui a dez mil anos alguém ainda se lembraria de mim.

— Ele te esqueceria.

— Ele diz que tem uma memória implacável.

— Então estarias espetada nas recordações dele como uma borboleta num mostruário.

— Quero que ele me ame como nunca amou, como não amará nunca.

— Acredita-me, mais vale ser amada por um mortal que te ame somente a ti.

Sua voz tremia. Acrescentou:

— És a única dentro de meu coração. Por que meu amor não te basta?

Ela contemplou no fundo dos olhos de Roger sua pequenina imagem com o gorro de pele sobre os cabelos loiros: “Apenas

meu reflexo num espelho.”

— Nada me basta — disse.

— Mas, enfim, tu não amas esse homem? — indagou Roger.

Ele a olhava ansiosamente. Tremia-lhe o canto da boca e falava com dificuldade: sofria. Um pequeno sofrimento triste que palpitava muito longe, no fundo de uma bruma. “Ele me terá amado, terá sofrido, estará morto: uma vida entre outras vidas.” Sentiu que a partir do instante em que deixara o camarim sua decisão estava tomada.

— Quero viver com ele — disse.

Capítulo III

Durante um instante, Régine permaneceu imóvel à entrada do quarto; abarcou num olhar o cortinado vermelho, as vigas do teto, a cama estreita, os móveis de madeira escura, os livros arranjados nas prateleiras; depois fechou a porta e avançou até o meio do estúdio.

— Eu me pergunto se Fosca vai gostar desse quarto — disse ela.

Annie ergueu os ombros.

— Para que tanto trabalho com um homem que olha as pessoas como se fossem nuvens. Não verá nada.

— Exatamente, é preciso ensiná-lo a ver — explicou Régine.

Annie esfregava com a ponta do avental um cálice para vinho do Porto, que pousou a seguir no aparador.

— Veria menos bem se a senhora lhe tivesse comprado móveis de pinho?

— Não entendes disso — disse Régine.

— Entendo muito bem — replicou Annie. — Quando tiver pagado ao marceneiro e aos pintores não lhe sobrar um vintém. E depois, não será com as quatro moedas de ouro que ele tem no bolso que o fará viver.

— Ah! Não recomeces!

— A senhora não supõe que ele será capaz de ganhar dinheiro, não é?

— Se tens medo de morrer de fome, podes procurar outro trabalho e deixar-me.

— Como a senhora é má!

Régine ergueu os ombros sem responder; fizera seus cálculos; restringindo-se um pouco poderiam viver os três. Mas sentia-se

também um pouco angustiada. Dia e noite ele estaria ali.

— Põe o Porto na jarra — disse ela. — O Porto velho.

— Só resta uma garrafa — disse Annie.

— Então?

— Então? Que é que irá oferecer ao Sr. Dulac e ao Sr. Laforêt?

— Põe o Porto velho na jarra — disse Régine com impaciência.

Teve um calafrio. Antes que ele tocasse, ela lhe reconheceu os passos na escada. Foi até a porta. Ele estava ali com seu chapéu mole e sua capa de gabardina e trazia uma maleta, e, como cada vez que encontrava seu olhar, ela pensou: “Quem é que ele vê?”

— Entre — disse ela.

Tomou-lhe a mão e conduziu-o até o meio do cômodo.

— Gostaria de viver aqui?

— Com você eu me sentirei bem em qualquer lugar.

Sorriu beatamente, com um ar ligeiramente estúpido. Ela tomou-lhe a maleta das mãos.

— Mas aqui não é qualquer lugar — disse ela.

Houve um pequeno silêncio e ela acrescentou:

— Tire a capa, sente-se, não está de visita.

Ele tirou a capa mas continuou de pé. Olhou em volta com uma boa vontade aplicada:

— Foi você que mobiliou este quarto?

— Naturalmente.

— Você que escolheu essas poltronas, esses bibelôs?

— Certamente.

Ele girou lentamente sobre si mesmo:

— Cada uma dessas coisas a impressionou — disse. — E você as juntou todas para que contem sua história.

— E fui eu que comprei essas azeitonas e esses camarões — disse Régine com certa impaciência. — Fiz esses canapés com minhas próprias mãos; venha prová-los.

— Tem fome às vezes? — perguntou Annie.

— Tenho, sim. Desde que recomecei a comer, tenho fome.

Sorriu:

— Tenho fome em horas certas, três vezes por dia.

Sentou-se e apanhou uma azeitona. Régine deitou um pouco de vinho do Porto num cálice.

— Não é o Porto velho — disse ela.

— Não — disse Annie.

Régine pegou o cálice e esvaziou-o na lareira; foi ao armário e tirou a garrafa empoeirada.

— O senhor sabe distinguir um Porto velho de um Porto da venda da esquina? — indagou Annie.

— Não sei — disse Fosca, desculpando-se.

— Está vendo! — disse Annie.

Régine inclinou ligeiramente a velha garrafa e encheu o cálice de Fosca.

— Beba — disse.

Olhou depois com desprezo para Annie.

— Como és avarenta! Detesto a avareza.

— Sim? Por quê? — perguntou Fosca.

— Por quê?

Régine deu uma risadinha.

— Seria você avarento?

— Fui.

— Não sou avarenta — disse Annie com um ar de ressentimento. — Mas acho que é bobagem desperdiçar as coisas.

Fosca sorriu para Annie:

— Lembro-me — disse. — A alegria de sentir cada coisa em seu lugar, cada segundo, cada gesto em seu lugar. Os sacos de trigo eram arrumados nos celeiros; como pesava cada grão, por menor que fosse!

Annie escutava com um ar tolo e lisonjeado e o sangue subiu às faces de Régine.

— Compreendo a rudeza, mas não a avareza. Pode-se desejar apaixonadamente uma coisa, mas desde que a gente a possui deve tornar-se desprezada.

— Oh! Mas a senhora absolutamente não tem nada de desprendida! — disse Annie.

— Eu? Olha, então.

Pegou a velha garrafa de Porto e virou-a na lareira.

Annie escarneceu:

— Naturalmente! Um vinho do Porto! Mas no dia em que quebrei uma de suas horríveis máscaras, que sabão me passou!

Fosca olhava-as com interesse.

— Porque foste tu que a quebraste — disse Régine.

Sua voz tremia de cólera.

— Mas eu posso quebrá-las todas, já, já.

Pegou uma das máscaras penduradas à parede. Fosca levantara-se; aproximou-se e tomou seu punho com doçura:

— Para quê?

Sorriu. E acrescentou:

— Também conheci isso: a paixão de destruir.

Régine respirou profundamente e recompôs a fisionomia.

— De modo que, na sua opinião, o fato de ser isto ou aquilo não nos faz nem melhores nem piores?

— Por que seria pior ou melhor?

— Se eu fosse avarenta ou covarde, eu lhe agradaria igualmente?

— Você me agrada tal qual é.

Sorriu gentilmente, mas Régine sentia um nó na garganta. Não dava ele valor às virtudes das quais se orgulhava tanto?

Levantou-se bruscamente.

— Venha ver o seu quarto.

Fosca seguiu-a. Examinou o quarto em silêncio; seu rosto não exprimia coisa alguma. Régine designou-lhe a mesa sobre a qual se encontrava uma resma de papel branco:

— Eis onde você trabalhará — disse-lhe.

— No que é que vou trabalhar?

— Não combinamos que você ia recomeçar a escrever?

— Combinamos isso? — indagou ele alegremente.

Acariciou o mata-borrão vermelho, o papel virgem.

— Gostei de escrever. Isso me ajudará a matar o tempo enquanto a estiver esperando.

— Não deve escrever somente para matar o tempo.

— Não?

— Você pediu-me um dia que lhe desse qualquer coisa para fazer, para fazer para mim.

Olhou-o com ardor:

— Tente escrever uma bela peça, que eu representarei.

Ele tocou no papel com perplexidade:

— Uma peça que você representará?

— Quem sabe! Você talvez escreva uma obra-prima. E será então a glória, para você e para mim.

— É tão importante para você a glória?

— Nada mais conta — disse ela.

Ele olhou-a e bruscamente tomou-a nos braços:

— Por que não seria eu capaz de fazer o que fizeram homens mortais — disse com raiva. — Eu a ajudarei. Quero ajudá-la.

Apertava-a contra seu corpo com fervor. Havia amor em seus olhos e também algo que se assemelhava à piedade.

* * *

Régine deslizou através da multidão que tagarelava no saguão do teatro.

— Estamos convidados a beber champanha com Florence, mas você não faz questão, não é?

— Não faço.

— Nem eu.

Vestia um *tailleur* novo, sentia-se bela, mas não tinha vontade de se exhibir diante de homens de um dia.

— Que pensou de Florence? — disse ela ansiosamente.

— Não senti nada — disse Fosca.

Ela sorriu:

— Não é? Não comove.

Saindo da sala calafetada, ela respirava com delícia o ar morno da rua; era um lindo dia de fevereiro que cheirava a primavera.

— Estou com sede.

— Eu também — concordou Fosca. — Aonde vamos?

Ela refletiu; mostrara-lhe o barzinho de Montmartre onde conhecera Annie, e o café dos bulevares onde devorava um sanduíche antes do curso de Berthier, e aquele recanto de Montparnasse onde ela vivia no tempo em que obtivera seu primeiro papel. Pensou no restaurante do cais que descobrira poucos dias depois de chegar a Paris.

— Conheço um lugar encantador do lado de Bercy.

— Vamos lá — disse ele.

Ele era sempre dócil. Ela chamou um táxi e ele passou o braço por cima dos ombros dela. Parecia jovem no terno bem-feito que ela lhe escolhera; não parecia fantasiado, um homem igual aos outros. Agora ele comia, bebia, dormia, amava, olhava e ouvia como um homem. Havia somente, por momentos, um brilhozinho inquietante no fundo dos olhos. O táxi parou e ela perguntou:

— Já tinha vindo aqui?

— Talvez. Tudo mudou tanto. Aqui outrora não era ainda Paris.

Entraram numa espécie de chalé e sentaram-se num estreito terraço de madeira que dominava a margem. Uma barcaça achava-se parada no rio, uma mulher lavava roupa e um cão latia. Viam-se do outro lado do rio umas casas baixas de fachadas verdes, amarelas e vermelhas; ao longe, pontes e altas chaminés.

— É um bom lugar, não acha? — disse Régine.

— É — disse Fosca. — Gosto dos rios.

— Vim muitas vezes aqui — disse ela. — Sentava-me a esta mesa; estudava papéis sonhando desempenhá-los um dia. Tomava limonada, o vinho custava caro e eu era pobre.

Interrompeu-se:

— Fosca, está me ouvindo?

Nunca tinha certeza de que ele estivesse escutando.

— Certamente — disse. — Você era pobre, tomava limonada.

Ele permaneceu um instante, a boca entreaberta, como que dominado por uma ideia imperiosa.

— Você é rica agora?

— Serei.

— Você não é rica e eu lhe trago despesas. É preciso que ache depressa um emprego para mim.

— Não há pressa.

Ela sorriu-lhe. Não queria mandá-lo passar horas num escritório ou numa fábrica, precisava guardá-lo a seu lado e partilhar com ele todos os minutos de sua vida. Ele estava ali, contemplava a água, a barcaça, as casas baixas; e todas essas coisas que Régine tanto amara entravam com ela na eternidade.

— Mas gostaria de ter um emprego — disse ele com insistência.

— Tente escrever essa peça que me prometeu. Pensou nela?

— Pensei.

— Tem alguma ideia?

— Tenho muitas ideias.

— Tinha certeza disso — disse ela alegremente.

Fez sinal ao patrão que se plantara na soleira da porta.

— Uma garrafa de champanha.

Voltou-se para Fosca:

— Você verá, juntos faremos grandes coisas.

A fisionomia de Fosca ficou sombria; parecia lembrar algo desagradável.

— Muita gente me disse isso.

— Mas eu não sou como os outros — disse ela com ardor.

— É verdade — concordou ele rapidamente. — Você não é como os outros.

Régine encheu os copos:

— A nossos projetos — disse.

— A nossos projetos.

Ela bebeu, encarando-o com certa inquietação. Nunca era possível saber exatamente o que ele pensava.

— Fosca, se você não me tivesse encontrado, que faria de você?

— Talvez tivesse conseguido tornar a dormir. Mas é pouco provável. É preciso uma sorte excepcional.

— Uma sorte? — disse ela em tom de censura. — Lamenta ter voltado a viver?

— Não.

— É bonito viver.

— É bonito.

Sorriam. Gritos de crianças subiam da barcaça; em outra barcaça ou nas casinhas coloridas alguém tocava violão. A noite caía, mas um pouco de sol se agarrava ainda aos copos cheios de vinho claro. Fosca pegou a mão que Régine pousara sobre a mesa:

— Régine — disse —, sinto-me feliz esta tarde.

— Somente esta tarde?

— Ah! Você não pode saber a que ponto isso é novo para mim. Eu reencontrara a espera, o tédio, o desejo. Mas nunca, ainda, essa ilusão de plenitude.

— Será apenas uma ilusão?

— Pouco importa. Quero acreditar nisso.

Ele debruçou-se sobre ela; e sob os lábios imortais, ela sentiu seus lábios incharem: seus lábios de menina orgulhosa, de jovem solitária, de mulher satisfeita; e esse beijo gravava-se no coração de Fosca com a imagem de todas as coisas que ela amava. “É um homem, com mãos e olhos, meu companheiro, meu amante: e no entanto é imortal como um deus.” O sol baixava; “o mesmo sol para ele e para mim”. Um cheiro de água subia do rio, ao longe o violão cantava e subitamente nem a glória, nem a morte, nada tinha importância, salvo a violência daquele instante.

— Fosca — disse ela. — Você me ama?

— Amo.

— Você recordará este instante?

— Sim, Régine, recordarei.

— Sempre?

Ele apertou-lhe a mão com força.

— Diga: sempre.

— Este instante existe — disse ele. — É nosso. Não pensemos noutra coisa.

* * *

Régine dobrou à direita. Não era bem seu caminho, mas gostava daquela viela de negras valetas e cujas vigas de madeira sustinham os muros; gostava daquela morna e úmida noite de primavera, e da grande lua que ria no céu. Annie estava deitada, ela aguardava o beijo de Régine para adormecer; Fosca escrevia; de vez em quando eles consultavam o relógio; pensavam em Régine, que deveria ter voltado do teatro; mas ela queria passear mais um pouco naquelas ruas que amava e pelas quais um dia não passaria mais.

Tornou a dobrar à direita. Havia tantos homens e tantas mulheres que tinham respirado com esse mesmo fervor a doçura das noites primaveris e para os quais o mundo se apagara! Não haveria realmente nenhum recurso contra a sua morte? Não se poderia ressuscitá-los por uma hora? “Esqueci meu nome, meu passado, minha fisionomia; há apenas o céu, o vento úmido e essa amargura incerta na ternura da noite; não sou eu, nem são eles; são eles tanto quanto eu.”

Régine dobrou à esquerda. “Sou eu. A mesma lua no céu; mas singular dentro de cada coração, sem partilha. Fosca andarà pelas ruas pensando em mim: não será eu. Ah! Por que não se pode quebrar essa casca transparente e dura que nos encerra cada qual só consigo mesmo? Uma só lua num só coração: qual? O de Fosca ou o meu? Não serei mais eu. Para ganhar tudo, seria preciso perder tudo. Quem fez essa lei?”

Transpôs o portão e atravessou o pátio do velho edifício. A janela de Annie brilhava, todas as outras estavam apagadas. Será que Fosca já estaria dormindo? Subiu depressa a escada e virou sem ruído a chave na fechadura. Atrás da porta de Annie ouviam-se risos: o riso dela e o de Fosca. O sangue subiu às faces de Régine e garras plantaram-se na sua garganta: há muito não sentia aquela chaga. Aproximou-se a passos surdos.

— E todas as noites — dizia Annie — ia sentar-me no galinheiro. Não podia suportar a ideia de que ela representava para outros e eu não a via.

Régine deu de ombros: “De novo com suas histórias”, pensou irritada. Bateu e empurrou a porta. Annie e Fosca estavam sentados diante de um prato de panquecas e copos de vinho branco; Annie vestira seu vestido roxo caseiro, pusera brincos, seu rosto estava corado de animação. “É uma paródia”, pensou Régine num sobressalto de cólera. Disse com voz gelada:

— Estão muito alegres.

— Veja como fizemos belas panquecas, rainhazinha — disse Annie. — Ele é hábil, sabe; virou-as sem errar uma só.

Estendeu o prato a Régine, sorrindo:

— Estão quentinhas.

— Obrigada, não estou com fome.

Olhava-os com ódio. Não há então nenhum meio de impedi-los de existir sem mim? Como podem ousar? “É uma insolência”, pensou. Havia momentos em que a gente se mantinha orgulhosamente no pico de uma montanha solitária, abarcando num golpe de vista uma terra unida, sem relevo, cujas linhas e cores compunham uma única paisagem. E noutros momentos estava-se embaixo e percebia-se que cada pedaço do solo existia por sua própria conta com suas fendas, suas bossas, seus belvederes. Annie contando suas recordações a Fosca e ele escutando!

— De que estavam falando?

— Eu contava a Fosca como a tinha conhecido.

— Ainda? — disse Régine.

Bebeu um gole de vinho. As panquecas pareciam quentes e apetitosas, tinha vontade de comer, e isso aumentava-lhe a cólera:

— É sua narrativa de Théràmène. É preciso que a faça a todos os meus amigos. Fora disso é uma história que nada tem de maravilhoso. Annie é romanesca; não deve acreditar em tudo o que ela inventa.

Os olhos de Annie encheram-se de lágrimas. Mas Régine fingiu não perceber e pensou com satisfação: “Vou fazer-te chorar de verdade.”

— Voltei a pé — disse com desenvoltura. — O tempo estava tão lindo! Sabe o que resolvi, Fosca? Entre duas representações de Rosalinde, daremos um passeio no campo.

— É uma boa ideia — disse Fosca.

Comia panquecas uma após a outra placidamente.

— Levam-me também? — disse Annie.

Era a pergunta que Régine aguardava.

— Não — disse. — Quero passar alguns dias sozinha com Fosca. Também tenho histórias para contar.

— Por quê? — indagou Annie. — Não os incomodaria. Antes eu a acompanhava por toda parte e a senhora dizia que eu não a incomodava.

— Antes talvez — disse Régine.

— Mas que foi que eu fiz — disse Annie irrompendo em soluços. — Por que é tão dura comigo? Por que me castiga?

— Não fales como uma criança. És velha demais e não tem graça. Não te estou castigando. Não tenho vontade de levar-te, eis tudo.

— Má! — disse Annie. — Má!

— Não é chorando que me farás mudar de ideia. Ficas horrivelmente feia quando choras.

Régine deitou um olhar melancólico nas panquecas e bocejou:

— Vou dormir!

— Má! Má!

Annie desabara em cima da mesa e soluçava.

Régine entrou no quarto, tirou o casaco e começou a desfazer os cabelos: “Ele fica com ela. Está consolando-a”, pensou. Desejava poder esmagar Annie com os saltos dos sapatos.

Já estava instalada na cama quando ele bateu:

— Entre.

Fosca adiantou-se sorrindo.

— Não precisava apressar-se tanto — disse ela. — Teve tempo ao menos de comer todas as panquecas?

— Desculpe — disse Fosca. — Não podia abandonar Annie, estava tão desesperada.

— Ela chora facilmente.

Régine riu:

— Naturalmente contou-lhe tudo: como tomava conta da caixa no barzinho do teatro, meu aparecimento fantasiada de cigana e com um emplastro no olho?

Fosca sentou-se ao pé da cama:

— Não lhe deve querer mal — disse. — Ela também tenta existir.

— Ela também?

— Todos nós tentamos.

E durante um momento ela tornou a encontrar nos seus olhos aquele olhar que tanto a amedrontara no jardim do hotel.

— Está me censurando? — disse ela.

— Não a censuro nunca.

— Acha que sou má?

Encarou-o em desafio:

— É verdade. Não gosto da felicidade dos outros e agrada-me fazer com que sintam a minha força. Annie não me incomodaria; é por maldade que não a levarei.

— Compreendo — disse ele gentilmente.

Ela teria preferido que ele a olhasse com horror, como Roger.

— Contudo, você é bom — disse ela.

Ele deu de ombros com um ar indeciso e ela deitou-lhe um rápido olhar. Que se podia dizer dele? Nem avarento nem generoso, nem corajoso nem medroso, nem bom nem mau; diante dele todas essas palavras perdiam seu sentido. Parecia mesmo extraordinário que seus cabelos e seus olhos tivessem cor.

— Passar uma noite a fazer panquecas com Annie é indigno de você.

Ele sorriu:

— Estavam boas as panquecas.

— Você tem mais que fazer.

— O quê?

— Não escreveu ainda a primeira cena de minha peça.

— Ah! Eu não estava inspirado hoje.

— Poderia ler todos esses livros que escolhi para você...

— Contam sempre a mesma história.

Ela olhou-o inquieta:

— Fosca! Você não vai adormecer novamente!

— Não — disse ele —, não.

— Você prometeu ajudar-me. Você disse: o que um homem mortal pode fazer, eu posso também.

— Toda a questão está aí! — disse ele.

* * *

Régine pulou do táxi e subiu correndo a escada; era a primeira vez que Fosca faltava a um encontro. Ela abriu a porta e ficou pregada à entrada do estúdio. Empoleirado em cima de uma escada, Fosca lavava as vidraças cantando.

— Fosca!

Ele sorriu:

— Lavei todas as vidraças — disse.

— Que história é essa?

— Você disse hoje de manhã a Annie que era preciso lavar as vidraças.

Descia a escada com um trapo na mão.

— Não está bem-feito?

— Você devia encontrar-me às quatro horas no saguão da Sala Pleyel. Esqueceu?

— Esqueci — disse ele todo confuso.

Torceu o pano no balde.

— Estava trabalhando tão bem; esqueci tudo.

— Agora perdemos o concerto — disse Régine irritada.

— Haverá outros.

Ela deu de ombros.

— Era esse que eu queria ouvir.

— Justamente esse?

— Justamente.

Ela acrescentou:

— Vá vestir-se. Não pode ficar desse jeito.

— Queria limpar o teto também, que não está muito limpo.

— Que extravagância é essa?

— É para lhe prestar serviço.

— Não preciso desses serviços.

Fosca dirigiu-se docilmente para seu quarto e Régine acendeu um cigarro: “Ele me esqueceu”, pensou; “só existia para ele e eis que me esquece; terá mudado tão depressa? Que terá ele na cabeça?” Andava de um lado para outro e sentia-se inquieta. Quando Fosca voltou ao estúdio, ela perguntou, rindo:

— Diverte-o arrumar a casa?

— Sim. No hospício quando me mandavam varrer os dormitórios eu me sentia feliz.

— Mas por quê?

— É uma ocupação.

— Há outras ocupações.

Ele olhava o teto como que lamentando:

— O que seria preciso é que você me arranjasse um emprego — disse.

Régine tremeu:

— Aborrece-se tanto assim?

— É preciso que me mandem fazer qualquer coisa.

— Já lhe propus...

— Eu queria um trabalho que não obrigasse a pensar.

Seu olhar acariciou as vidraças transparentes.

— Não vai querer virar limpador de vidraças!

— Por que não?

Ela deu alguns passos em silêncio. Por que não, com efeito? Que tinha ele que fazer de si mesmo?

— Se você tiver um emprego, ficaremos separados o dia inteiro.

— É assim que as pessoas vivem. Separam-se e tornam a encontrar-se.

— Mas nós não somos como os outros.

O rosto de Fosca fez-se sombrio.

— Tem razão — concordou ele. — Por mais que faça não serei como os outros.

Régine fixou-o com mal-estar. Ela amava-o porque ele era imortal; e ele amava-a na esperança de tornar a ser semelhante a um mortal. “Nunca seremos um casal.”

— Você não tenta interessar-se pelo seu tempo — disse ela. — Leia, vá ver quadros, acompanhe-me ao concerto.

— Não adianta nada — disse ele.

Ela pôs as mãos em seus ombros:

— Não lhe basto mais?

— Não posso viver em seu lugar.

— Você me olhava, dizia que isso bastava...

— Quando a gente está vivo não se contenta com olhar.

Ela hesitou:

— Pois bem, estude e poderá ter um ofício interessante. Faça-se engenheiro ou médico.

— Não. É muito demorado.
— Muito demorado. Carece de tempo, porventura?
— Preciso fazer alguma coisa já. É preciso que não me obriguem a interrogar-me.
Encarou Régine com ar de súplica:
— Mande-me descascar batatas ou lavar os lençóis...
— Não.
— Por quê?
— Seria um jeito de adormecê-lo novamente e quero que fique acordado.
Pegou-o pela mão:
— Venha passear comigo.
Ele seguiu-a docilmente, mas no limiar da porta parou um instante.
— O teto estava bem precisando de uma limpeza — comentou num lamento.

* * *

— Chegamos — disse Régine.
— Já? — indagou Fosca.
— Então. O trem anda depressa; mais depressa do que uma diligência.
— Gostaria de saber o que fazem os homens desse tempo todo que ganham.
— Confesse que inventaram muita coisa nestes cem anos.
— Oh! Inventam sempre as mesmas coisas.
Parecia emburrado. Há algum tempo andava amiúde emburrado. Em silêncio desceram à plataforma, atravessaram a porteira da pequena estação e enveredaram pela estrada. Fosca andava de cabeça baixa, empurrando uma pedra com o pé. Régine tomou-lhe o braço.
— Olhe — disse ela. — Foi neste recanto que passei minha infância. Gosto dele. Olhe bem.

Nos telhados de palha, íris floriam; rosas subiam pelos muros das casas baixas; nos terrenos rodeados de cercas de madeira, galinhas ciscavam sob as macieiras em flor. No coração de Régine, o passado inchava como um ramalhete que revive: as algas, os rosários de glicínias, o odor dos floxes no jardim enluarado e as lágrimas apaixonadas: serei bela, serei célebre. Embaixo da colina, no fundo dos campos de trigo verde, havia uma aldeia cujos telhados de ardósia brilhavam ao sol em volta de uma igrejinha; os sinos dobravam. Um cavalo subia a ladeira, puxando uma carroça, e um camponês caminhava ao lado, de chicote na mão.

— Nada mudou — comentou Régine. — Que sossego! Está vendo, Fosca, para mim é a eternidade: essas casas calmas, o ruído desses sinos que dobrarão até o fim do mundo, esse velho cavalo que sobe a ladeira, como já o fazia seu avô na época de minha infância.

Fosca meneou a cabeça.

— Não... Não é a eternidade.

— Por quê?

— Não haverá sempre aldeias, carroças, cavalos velhos.

— É verdade — concordou ela impressionada.

Envolveu num olhar a paisagem imóvel sob o céu azul, imóvel como um quadro, com um poema:

— Que haverá no lugar?

— Talvez uma grande propriedade agrícola com tratores e campos geométricos; talvez uma cidade nova com andaimes e fábricas...

— Fábricas...

Era impossível imaginá-lo. Uma coisa era certa: essa campanha, mais velha do que qualquer recordação, desapareceria um dia. Régine sentiu um aperto no coração. De uma eternidade imóvel, ela poderia ter sua parte, mas subitamente o mundo não passava de um desfile de visões

fugazes e suas mãos estavam vazias. Olhou para Fosca. Quem poderia ter mãos mais vazias do que ele?

— Acho que começo a compreender — disse ela.

— O quê?

— A maldição.

Caminhavam lado a lado, mas cada um era só: “Como fazer para ensiná-lo a ver este mundo com os meus olhos?” Ela não imaginara que fosse tão difícil; em vez de se aproximar dela, ele parecia afastar-se cada vez mais. Ela mostrou à direita uma avenida mergulhada na sombra de grandes carvalhos:

— É ali — disse.

Com emoção, reconhecia os prados floridos, o arame farpado sob o qual deslizara de bruços, a pescaria em águas espumantes; tudo ali estava, tão perto: sua infância, sua partida para Paris, seu retorno ofuscante. Lentamente deu a volta ao parque cercado de paliçadas brancas; a pequena porta estava trancada e a grade fechada. Pulou por cima: “Uma só infância, uma só vida; minha vida.” Para ela o tempo pararia um dia, já estava parado, partia-se de encontro ao muro impenetrável da morte: a vida de Régine era um grande lago, onde o mundo se refletia sob a forma de simples imagens imóveis. A faia vermelha fremia ao vento para a eternidade, os floxes exalavam seu odor açucarado, a água do ribeirão murmurava e o universo estava inteiramente encerrado dentro do murmúrio das folhas, do azul dos grandes cedros e do perfume das flores. Estava em tempo ainda. Era preciso gritar a Fosca: “Deixe-me sozinha. Só com minhas recordações e meu curto destino, resignada a ser eu mesma e a morrer um dia.” Durante um instante permaneceu imóvel diante da casa de janelas fechadas: só, mortal e eterna. Depois voltou a olhar para ele. Estava apoiado à cerca branca e contemplava as faias e os cedros, com aquele olhar que nunca se extinguiria, e novamente o tempo fugia indefinidamente, as imagens puras turvavam-se. Régine era transportada pela torrente, nenhuma parada era possível; tudo o que se podia

esperar era flutuar ainda um pouco antes de se transformar em espuma.

— Venha — disse ela.

Ele pulou por cima das traves de madeira e ela pousou a mão em seu braço.

— Nasci aqui — disse. — Morava nesse quarto em cima desses loureiros. No meu sono ouvia a água da fonte correr; o odor das magnólias entrava pela janela.

Sentaram num degrau de escadaria: a pedra estava quente e insetos zumbiam. E, enquanto Régine falava, o parque enchia-se de fantasmas. Uma menina passeava pelas alamedas de areia num vestido de cauda; uma jovem demasiado magra declamava imprecações de Camille à sombra de um chorão. O sol baixava no céu, e Régine continuava a falar, ávida de ressuscitar um instante as pequenas mortas transparentes nas quais seu próprio coração batera.

Quando se calou, caía a noite. Voltou-se para Fosca:

— Fosca, ouviu-me?

— Naturalmente.

— Lembrar-se-á de tudo?

Ele deu de ombros.

— É uma história que já ouvi tantas vezes.

Ela ergueu-se num sobressalto:

— Não, não é a mesma.

— A mesma, a única.

— Não é verdade.

— Sempre o mesmo esforço, sempre o mesmo malogro — disse ele com lassidão. — Sempre recomeçam, um após outro. E eu recomeço como os outros. Isso não parará nunca.

— Mas eu sou diferente — disse ela. — Se não fosse diferente, por que você me amaria? Você me ama, não é?

— Amo.

— E sou a única para você.

— É. Uma mulher única como todas as mulheres.

— Mas eu sou eu, Fosca. Não me vê mais?

— Vejo-a. Você é loira, generosa, ambiciosa, tem horror à morte.

Meneou a cabeça:

— Pobre Régine!

— Não tenha dó de mim! Proíbo-o de ter dó de mim — disse e saiu correndo.

* * *

— Preciso ir-me embora — disse Régine.

Olhava com enfado a porta do bar. Atrás da porta havia uma rua que se dirigia para o Sena e, do outro lado do rio, o estúdio; e Fosca, sentado diante de uma mesa, não escrevia. Ele diria: “Foi bem de ensaio?” Ela responderia: “Fui”, e o silêncio se faria novamente entre eles. Ela estendeu a mão a Florence:

— Até logo.

— Tome mais um Porto — convidou Sanier. — Você tem muito tempo.

— Tempo! Tenho todo o tempo.

Fosca não controlava os relógios.

— Lamento que o ensaio tenha sido tão ruim — disse ela.

— Oh! É maravilhoso vê-la trabalhar — comentou Florence.

— Teve achados espantosos — disse Sanier.

Falavam com doçura, passavam-lhe o prato de sanduíches, ofereciam-lhe cigarros com gestos mansos e deitavam-lhe olhares cheios de solicitude. “Não têm rancor”, pensou ela. Mas não sentia no coração o alegre crepitar do desprezo; não podia mais desprezar ninguém.

— Está realmente decidido? Partem sexta-feira? — indagou ela.

— Sim, felizmente — respondeu Florence. — Estou exausta.

— É culpa tua — disse Sanier com censura na voz.

Olhou para Régine:

— Não sabe mais poupar-se, nem na vida nem no palco.

Régine sorriu com um ar compreensivo. “Ele olha-a como Roger me olhava”, pensou. Ele media o cansaço de Florence, partilhava suas alegrias, suas preocupações, aconselhava-a, ela estava bem aconchegada no coração dele: um casal. Régine levantou-se:

— Agora preciso ir.

Ela não era feita para aqueles sorrisos, aqueles ternos colóquios, aquele simples entendimento humano. Empurrou a porta, mergulhou na solidão. Sozinha atravessava o Sena, caminhava para o apartamento vermelho. Mas não era mais a solidão orgulhosa de outrora. Ela era apenas uma mulher perdida sob o céu.

Annie saíra, a porta de Fosca estava fechada. Régine tirou as luvas e ficou imóvel. A grande mesa, as cortinas, os bibelôs sobre as prateleiras, todos os objetos pareciam dormir. Dir-se-ia que havia um morto na casa e que as coisas intimidadas evitavam existir. Ela deu alguns passos, hesitante: nenhum gesto era esperado dela. Tirou o maço de cigarros e recolocou-o na bolsa; não tinha vontade de fumar, não tinha vontade de nada. No espelho seu rosto dormia. Prendeu uma mecha de cabelos, depois encaminhou-se para o quarto de Fosca e bateu.

— Entre.

Ele estava sentado à beira da cama e tricotava com um ar de aplicação obstinada uma comprida tira de lã verde.

— Trabalhou bem?

— Muito mal — retorquiu ela secamente.

Ele atalhou em tom reconfortante:

— Amanhã irá melhor.

— Não.

— Acabará seguramente indo melhor.

Ela deu de ombros:

— Não pode largar um momento esse trabalho?

— Se quiser.

Largou o xale com pena.

— Que é que fez?

— Está vendo — disse ele.

— E a peça que me prometeu?

— Ah! A peça...

Acrescentou como que se desculpando:

— Esperava que as coisas fossem diferentes.

— Que coisas? Que é que o impede de trabalhar?

— Não posso.

— Não quer.

— Não posso. Gostaria de ajudá-la. Mas não posso. Que tenho eu a dizer aos homens?

— Não é tão complicado assim fazer uma peça — disse ela com impaciência.

— Isso lhe parece natural porque você é como eles.

— Experimente. Não escreveu uma única palavra nesse papel.

— Experimento. Por momentos um de meus personagens começa a respirar; mas extingue-se logo. Nascem, vivem, morrem, nada mais tenho a dizer a respeito.

— No entanto, você amou mulheres — disse ela. — Teve amigos.

— Sim, tenho recordações. Mas isso não basta.

Fechou os olhos. Parecia procurar desesperadamente lembrar alguma coisa.

— É preciso muita força — disse ele —, muito orgulho ou muito amor para crer que os atos de um homem têm importância e que a vida vence a morte.

Ela aproximou-se dele. Sentia um nó na garganta e tinha medo do que ele ia responder:

— Fosca, meu destino é realmente sem importância a seus olhos?

— Ah! Você não deveria perguntar-me isso.

— Por quê?

— Não deveria preocupar-se com meus pensamentos. É uma fraqueza.

— Uma fraqueza — disse ela. — Seria mais corajoso fugir de você?

— Conheci um homem — disse Fosca. — Não fugia; olhava-me de frente, ouvia-me. Mas resolvia sozinho.

— Você fala dele com muito respeito.

Ela tinha inveja daquele desconhecido.

— Não era ele também um pobre homem que procurava em vão existir?

— Ele fazia o que queria — explicou Fosca — e nada esperava.

— Então será tão importante fazer o que se quer?

— Era importante para ele.

— E para você?

— Ele não se preocupava comigo.

— Mas tinha ele razão ou não?

— Não posso responder por ele.

— Dir-se-ia que o admira.

Ele sacudiu a cabeça:

— Não sou capaz de admirar.

Régine deu alguns passos através do quarto, parecia desamparada.

— E eu? — perguntou ela.

— Você?

— Sou uma pobre mulher a seus olhos?

— Você pensa demais em você. Isso não é bom.

— No que deveria pensar?

— Ah! Não sei — respondeu ele.

* * *

Régine desceu do palco: Fosca estava sentado no escuro, bem no fundo da sala vazia; ela dirigiu-se para ele. Uma voz deteve-a no caminho: “Régine.”

Voltou-se: era Roger.

— Não me queres mal por ter vindo? — indagou ele. — Laforêt convidou-me para vir e eu estava ansioso por ver tua Bérénice...

— Por que te quereria mal?

Olhava-o com espanto. Imaginara que se comoveria ao revê-lo; antes, tudo o que dizia respeito a seu passado a transtornava. Mas ele tinha um aspecto familiar e indiferente.

— Régine — disse ele —, és uma admirável Bérénice. Podes desempenhar um papel trágico tão bem quanto um papel cômico. Estou certo agora de que serás muito em breve a primeira atriz de Paris.

Sua voz tremia um pouco, bem como o canto da boca. Estava muito comovido. Ela olhou no fundo da sala a poltrona que Fosca acabara de deixar. Teria visto ele que podia lembrar-se? Teria enfim compreendido que não se devia confundi-la com nenhuma outra mulher?

— És gentil — disse.

E percebeu que tinha ficado um longo momento sem falar. Roger examinava-a atento e inquieto.

— És feliz? — perguntou a meia-voz.

— Sou, sim — disse ela.

— Pareces cansada...

— São os ensaios.

Sentiu-se mal sob seu olhar. Não mais estava acostumada a ser encarada, com aquele interesse minucioso.

— Achas que fiquei mais feia?

— Não. Mas mudaste.

— Talvez.

— Outrora não terias suportado que eu te dissesse: mudaste. Querias apaixonadamente permanecer igual a ti mesma.

— É que mudei — disse ela.

Sorriu constrangida.

— Preciso dizer até logo, estão me esperando.

Ele segurou-lhe um pouco a mão:

— Quando nos veremos de novo? Quando?

— Quando quiseres. Basta telefonares — disse ela com indiferença.

Fosca esperava na porta do teatro.

— Desculpe-me — disse ela. — Retiveram-me...

— Não se desculpe. Gosto de esperar...

Sorriu:

— Linda a noite. Vamos a pé?

— Não. Estou cansada.

Subiram num táxi. Ela calara. Gostaria que ele falasse espontaneamente, mas durante todo o trajeto ele não disse nada. Entraram no quarto e ela começou a despir-se, ele continuava mudo:

— Então, Fosca — disse ela. — Está contente, esta noite?

— Gosto sempre de vê-la representar.

— Mas representei bem?

— Suponho que sim.

— Supõe? Não tem certeza?

Ele não respondeu.

— Fosca — disse ela. — Viu Rachel representar outrora?

— Vi.

— Era melhor do que eu? Muito melhor?

Ele deu de ombros:

— Não sei.

— Deve saber — insistiu ela.

— Representar bem, representar mal, não sei o que significam essas palavras — explicou ele com impaciência.

Régine teve a impressão de que seu coração se esvaziava.

— Acorde, Fosca! Lembre-se! Houve um momento em que você vinha ver-me todas as noites e parecia fascinado... Uma vez chegou a dizer que quisera chorar.

— É verdade.

Ele sorriu gentilmente:

— Gosto de vê-la representar.

— Mas por quê? Não é porque represento bem?

Fosca olhava-a com ternura. Disse:

— Quando você representa, você acredita em sua existência com uma fé tão apaixonada! Vi isso em duas ou três mulheres do hospício; mas elas só acreditavam nelas. Para você os outros também existem e às vezes consegue fazer com que eu próprio exista.

— Como? — perguntou Régine. — Foi tudo o que viu em Rosalinde? Em Bérénice? É esse o talento que reconhece em mim?

Mordeu os lábios; tinha vontade de desfazer-se em lágrimas.

— Não é nada pouco — disse Fosca. — Nem todo mundo consegue fingir que existe.

— Mas eu não finjo — disse ela com desespero. — É verdade, eu existo!

— Oh! Você não tem tanta certeza assim. Se tivesse não teria insistido tanto para levar-me ao teatro.

— Tenho certeza! — disse ela furiosa. — Existo e tenho talento, serei uma grande atriz. Você é cego!

Ele sorriu sem responder.

* * *

— Está bem assim? — indagou Annie.

Estendia com cuidado os ananases escamosos sobre cubos de gelo. Régine deitou um olhar sobre a mesa. Tudo estava no devido lugar: as flores, os cristais, os patês, os sanduíches.

— Parece-me que sim — respondeu.

Pôs-se a bater com um garfo as gemas cruas e o chocolate derretido. As recepções de Florence eram cuidadosamente organizadas, mas podia-se avaliar em cifras o preço dos vinhos de marca e dos biscoitos de fábricas conhecidas: artigos luxuosos, mas produzidos em série, impessoais. Régine queria fazer de sua recepção uma obra-prima que não pudesse ser

copiada. Gostava de receber. Durante toda a noite os olhos deles refletiriam aquele cenário em que se desenrolava sua vida; comeriam petiscos preparados por ela, ouviriam discos que ela escolhera para eles: durante a noite toda ela reinaria sobre seus prazeres. Batia os ovos com energia e o creme principiava a grudar no fundo da compoteira. Mas no vestibulo havia aquele passo monótono que não parava.

— Ah! Ele me incomoda — disse ela.

— Quer que eu vá dizer?

— Não... Não vale a pena.

Há uma hora estava ele ali a andar, de um lado para outro, como um urso na jaula, enjaulado na eternidade. Ela batia os ovos e ele andava de um lado para outro; gota a gota, cada segundo se precipitava negro, rico, saboroso no fundo da compoteira; cada passo se perdia no ar sem deixar vestígio. O movimento de suas pernas, o movimento de suas mãos: o creme será comido, o recipiente será lavado, não sobrar vestígio. *Rosalinde, Bérénice*, o contrato de *Tempête*... Dia pós dia, ela edificava pacientemente sua existência. E ele ia e vinha, desfazendo os passos que acabava de dar. “Para mim, tudo se desfará de um só golpe...”

— Pronto — disse. — Vou vestir-me.

Enfiou o vestido comprido de tafetá preto, escolheu um colar no cofre das joias, disse em voz alta: “Esta noite ponho tranças.” Há algum tempo se habituara a falar em voz alta. Tocavam à porta de entrada, os convidados começavam a chegar. Trançou lentamente os cabelos. “Esta noite quero mostrar-lhes meu verdadeiro rosto.” Aproximou-se do espelho e sorriu para si mesma. Seu sorriso petrificou-se. Aquele rosto que ela tanto amara parecia uma máscara, não lhe pertencia mais; seu corpo era-lhe igualmente estranho: um manequim. De novo quis sorrir e o manequim sorriu no espelho. Desviou o olhar: dentro de um instante estaria fazendo caretas. Empurrou a porta. As pequenas lâmpadas estavam acesas, eles estavam sentados nas poltronas

e nos divãs: Sanier, Florence, Dulac, Laforêt. Fosca estava sentado entre eles e falava-lhes alegremente. Annie servia os coquetéis. Tudo parecia verdadeiro. Ela estendeu-lhes a mão sorrindo e eles sorriram.

— Como está linda nesse vestido — elogiou Florence.

— Você é que está encantadora.

— Esses coquetéis são maravilhosos.

— É uma receita pessoal.

Bebiam coquetéis e contemplavam Régine. Tocavam novamente à porta; novamente ela sorria, eles sorriam, e olhavam, e escutavam. Em seus olhos benevolentes, malévolos, cativos, seu vestido, seu rosto, o cenário do estúdio irisavam-se em mil fogos. E tudo continuava a parecer verdadeiro. Uma recepção brilhante. Se ao menos ela tivesse podido não olhar para Fosca...

Virou a cabeça. Tinha certeza daquilo: ele tinha os olhos fixos nela, aqueles seus olhos cheios de piedade e que a desnudavam. Ele via o manequim. Ele via a comédia. Ela pegou um prato de doces da mesa e passou-o.

— Sirvam-se.

Dulac serviu-se de uma bomba, e sua boca encheu-se de um creme espesso e escuro. “É um momento de minha vida”, pensou Régine, “um momento precioso de minha vida na boca de Dulac. Aspiram minha vida pela boca, pelos olhos. E depois?”

— Que é que não vai bem? — perguntou uma voz afetuosa.

Era Sanier.

— Nada vai bem — disse Régine.

— Você assina amanhã o contrato de *Tempête*, as primeiras representações de *Bérénice* são um triunfo e você diz que nada vai bem?

— Tenho mau gênio — explicou ela.

A expressão de Sanier fez-se grave:

— Ao contrário — disse ele.

— Ao contrário?

— Não gosto das pessoas satisfeitas.

Olhava-a com tanta amizade que um pouco de esperança lhe voltou ao coração. Sentiu-se sufocada pelo desejo de dizer palavras sinceras e de fazer que aquele instante ao menos fosse verdadeiro.

— Pensava que me desprezasse — disse ela.

— Eu?

— Sim. Quando lhe falei de Mauscot e Florence, foi uma baixeza...

— Não creio que um ato seu, qualquer que seja, possa ser baixo.

Ela sorriu. Uma chama nova acendia-se nela: “Se eu quisesse...” Tinha vontade de sentir queimar-se naquele coração escrupuloso e apaixonado.

— Sempre pensei que me julgasse com severidade.

— Enganava-se.

Ela encarou-o:

— No fundo, que pensa de mim?

Ele hesitou:

— Há algo de trágico em você.

— O quê?

— Seu gosto pelo absoluto. Você foi feita para crer em Deus e entrar num convento.

— Há eleitos demais — disse ela. — Santas demais. Seria preciso que Deus só amasse a mim.

De chofre a chama apagou-se. Ele estava a alguns passos dela e observava-a. Ele a via olhando Sanier e via Sanier olhá-la, tentando arder no coração dele. Ele via o vaivém das palavras, dos olhares, o jogo dos espelhos, os espelhos vazios refletindo mutuamente o próprio vazio. Ela estendeu bruscamente a mão para uma taça de champanha:

— Estou com sede — disse.

Esvaziou a taça e encheu-a de novo. Roger teria dito: “Não bebas”, e ela teria bebido e fumado e sua cabeça ter-se-ia

tornado pesada de asco, de revolta e de ruídos. Mas ele não dizia nada, ele espiava, ele pensava: “Ela tenta, ela tenta.” E era verdade, ela tentava: o jogo da dona de casa, o jogo da glória, o jogo da sedução, tudo não passava de um único jogo: o jogo da existência.

— Você se diverte bastante! — disse ela.

— O tempo passa.

— Está zombando de mim. Mas você não me intimida!

Encarou-o, desafiando. Apesar dele, apesar do seu sorriso apiedado, ela desejava sentir mais uma vez o fogo de sua própria vida; podia arrancar o vestido e dançar nua, podia assassinar Florence: o que acontecesse depois não teria importância. Ainda que um minuto apenas, ainda que um segundo, ela seria aquela chama que rasga a noite. Pôs-se a rir. Se ela destruísse em um instante o passado e o futuro, teria certeza de que esse instante existiria. Pulou no sofá, ergueu a taça e disse com voz firme:

— Meus caros amigos...

Todos os rostos voltaram-se para ela.

— ...chegou o momento de lhes dizer por que os reuni aqui esta noite. Não é para festejar a assinatura do contrato de *Tempête*...

Sorriu para Dulac:

— Desculpe, Sr. Dulac, não assinarei esse contrato.

A fisionomia de Dulac fez-se dura, e ela sorriu triunfante. Havia estupor em todos os olhos.

— Não rodarei essa fita, nem nenhum filme. Abandono *Bérénice*. Retiro-me do teatro. Bebo ao fim de minha carreira.

Um minuto, um minuto apenas. Ela existia. Eles olhavam-na sem compreender e tinham medo; ela era o relâmpago, a torrente, o alude, aquele abismo aberto aos pés deles e de onde subia a angústia. Ela existia.

— A senhora está ficando louca! — disse Annie.

Todos falavam, todos lhe falavam: por quê? Será possível? Não é verdade. E Annie agarrava-se a seu braço com um ar de

desespero.

— Bebam comigo — pediu Régine. — Bebam ao fim de minha carreira.

Pôs-se a beber e a rir muito alto.

— Um belo fim.

Ela olhou-o; ela desafiou-o: ela ardia, ela existia. Deixou cair a mão e a taça espatifou-se no chão. Ele sorria e ela sentia-se nua até os ossos. Ele arrancava-lhe as máscaras e até os seus gestos, suas palavras, seus sorrisos; ela não passava de um bater de asas no vácuo. “Ela tenta, ela tenta.” E ele via também para quem ela tentava: atrás das palavras, dos gestos, dos sorrisos, em todos a mesma impostura, o mesmo vazio.

— Ah! — exclamou ela rindo. — Que comédia!

— Régine, você bebeu demais — disse Sanier docemente. — Venha descansar.

— Não bebi — retorquiu alegremente. — Estou lúcida.

Apontou Fosca com o dedo, rindo sempre:

— Vejo com os olhos dele.

Seu riso partiu-se. Com os olhos dele, ela transpassava essa nova comédia, a comédia do riso lúcido e das palavras sem esperança. As palavras secaram-lhe na garganta. Tudo se esvaiu. Lá fora eles estavam calados.

— Venha descansar — chamou Annie.

— Venha — disse Sanier.

Ela acompanhou-os.

— Manda-os embora — disse a Annie. — Manda-os todos embora.

E acrescentou com raiva:

— E deixem-me, vocês dois!

Ficou imóvel no meio do quarto, depois girou sobre si mesma, esgazeada: olhou as máscaras negras nas paredes, as estatuetas no aparador, os velhos títeres no seu minúsculo teatro: “Todo o meu passado e esse longo amor de mim mesma

nesses preciosos bibelôs. E não passam de objetos de bazar!” Jogou as máscaras no chão.

— Objetos de bazar! — repetiu em voz alta pisoteando-os. Jogou as estatuetas e os títeres no chão. Pisoteava-os, esmagava todas as mentiras.

Alguém tocou-lhe o ombro.

— Régine — disse Fosca —, que adianta isso?

— Não quero mais mentiras — respondeu ela.

Deixou-se cair numa cadeira e pôs a cabeça entre as mãos. Estava horrivelmente cansada.

— Sou uma mentira — disse.

Houve um longo silêncio e ele disse:

— Vou partir.

— Partir? Para onde.

— Para longe de você. Você me esquecerá e poderá recomeçar a viver.

Ela olhou-o com terror. Ela não era mais nada. Era preciso que ele permanecesse junto dela.

— Não — disse. — É tarde demais. Nunca mais esquecerei. Não esquecerei nada.

— Pobre Régine. Que fazer?

— Não há nada a fazer. Não parta.

— Não partirei.

— Nunca — exclamou ela. — É preciso não me deixar nunca.

Deitou-lhe os braços em torno do pescoço, apoiou os lábios nos deles. As mãos de Fosca apertaram-na e ela estremeceu. Outrora, com os outros homens, ela sentia somente as carícias, não sentia as mãos; ao passo que as mãos de Fosca existiam e Régine era apenas uma presa. Febrilmente ele tirava-lhe as roupas, como se mesmo para ele houvesse carência de tempo, como se cada segundo se tivesse tornado um tesouro que cumpria não desperdiçar. Enlaçou-a e um vento de fogo levantou-se nela, varrendo as palavras, as imagens: nada mais sobre o leito senão um grande frêmito sombrio. Ele estava nela, e

ela era presa desse desejo velho como a terra, esse desejo selvagem e novo que só ela podia satisfazer e que não era desejo dela, mas desejo de tudo: ela era esse desejo, esse vácuo ardente, essa espessa ausência, ela era tudo. O instante ardia, a eternidade estava vencida. Tensa, crispada numa paixão de espera e de angústia, ela respirava no mesmo ritmo ofegante de Fosca. Ele gemeu e ela enfiou as unhas na sua carne, rasgada pelo espasmo triunfante, sem esperança, pelo qual tudo acabava e tudo se desfazia, arrancada à paz ardente do silêncio, rejeitada toda inteira em si mesma, Régine, inútil, traída. Passou a mão na fronte dele em suor, seus dentes entrechocaram-se.

— Régine — disse ele docemente.

Ele beijava-lhe os cabelos, acariciava-lhe o rosto.

— Durma — disse ele. — O sono nos é permitido.

Havia tal tristeza na sua voz que ela esteve a ponto de abrir os olhos e falar-lhe: não haverá remédio? Mas ele lia nela demasiado depressa, ela adivinhava atrás dele muitas outras noites, muitas outras mulheres demais. Virou de lado, e apoiou a face no travesseiro.

Quando Régine abriu os olhos mal despontava o dia. Estendeu o braço através do leito. Não havia ninguém perto dela.

— Annie!

— Régine.

— Onde está Fosca?

— Saiu.

— Saiu? A esta hora? Aonde foi?

Annie desviara o olhar.

— Deixou-lhe um bilhete.

Ela pegou-o. Um pedaço de papel dobrado em dois:

Adeus, querida Régine, esqueça que eu existo. Afinal, é você que existe e eu não conto.

— Onde está ele?

Pulou da cama e começou a vestir-se apressadamente.

— É impossível! Eu lhe disse que não partisse.

— Partiu esta noite — explicou Annie.

— E por que o deixaste partir? Por que não me acordaste? — perguntou Régine, apertando o braço de Annie. — Dize, és idiota? Por quê?

— Não sabia.

— Que é que não sabias? Ele te entregou este bilhete, não o leste?

Olhava Annie com raiva.

— Deixaste-o partir propositadamente; tu sabias e deixaste-o partir. Vagabunda. Vagabunda.

— É verdade — confessou Annie. — Era preciso que ele partisse; é para seu bem.

— Meu bem! Ah! Conspiraram os dois juntos!

Sacudiu Annie.

— Onde está ele?

— Não sei.

— Não sabes?

Régine encarou fixamente Annie; pensou: “Se ela não sabe, só me resta morrer.” Num pulo chegou-se à janela.

— Dize ou eu salto.

— Régine.

— Não te mexas ou eu salto. Aonde está Fosca?

— Em Lião, no albergue onde vocês passaram três dias juntos.

— É verdade? — indagou Régine com desconfiança. — Por que ele te teria dito?

— Eu quis saber. Eu... tinha medo da senhora.

— Então ele te pediu conselho?

Régine enfiou o casaco:

— Vou buscá-lo.

— Irei buscá-lo para a senhora — disse Annie. — É preciso que a senhora esteja no teatro hoje à noite.

— Disse ontem que renunciaria ao teatro.

— A senhora tinha bebido. Deixe-me ir. Prometo trazê-lo de volta.

— Quero trazê-lo eu mesma.

Passou a porta.

— E, se não o encontrar, não me verás nunca mais — disse.

* * *

Fosca estava sentado diante de uma mesinha no terraço do albergue, uma garrafa de vinho branco à sua frente; fumava. Quando percebeu Régine, sorriu sem espanto.

— Já — disse. — Pobre Annie. Não aguentou muito tempo.

— Fosca, por que partiu?

— Annie pediu-me.

— Ela pediu-lhe?

Régine sentou-se na frente de Fosca e disse com raiva:

— Mas eu lhe pedi que ficasse!

Ele sorriu:

— Por que deveria obedecer-lhe?

Régine encheu um copo de vinho e bebeu-o avidamente: tremiam-lhe as mãos.

— Não me ama mais? — perguntou.

— Amo-a também — respondeu ele docemente.

— Mas não do mesmo modo.

— Como poderia fazer uma diferença? — indagou ele. — Pobre Annie!

Uma horrível náusea subiu aos lábios de Régine; no prado, milhões de folhas de capim, todas iguais, todas semelhantes...

— Houve um tempo em que só eu existia para você...

— É. Depois você me abriu os olhos...

Ela escondeu o rosto nas mãos. Uma folhinha de capim, nada mais. Cada um se imaginava diferente dos outros; cada um se preferia a si mesmo; e todos se enganavam; ela se enganava como os outros.

— Volte — pediu ela.

— Não. É inútil. Acreditei que pudesse tornar a ser um homem mais uma vez; isso me aconteceu depois de outros sonhos. Mas eis que não posso mais.

— Tentemos ainda.

— Estou cansado demais.

— Então estou perdida.

— É, é uma desgraça para você.

Inclinou-se sobre ela:

— Lamento. Enganei-me. Não deveria mais enganar-me — disse com um risinho. — Passei da idade. Mas penso que não se pode evitar isso. Quando tiver dez mil anos a mais, ainda me enganarei: não se faz progresso.

Ela pegou as mãos de Fosca:

— Peça-lhe vinte anos de sua vida. Vinte anos! Que é isso para você?

— Ah! Você não compreende — disse ele.

— Não, não compreendo. Em seu lugar eu tentaria ajudar os outros; em seu lugar...

Ele a deteve:

— Você não está no meu lugar.

Deu de ombros e continuou:

— Ninguém pode imaginar, eu lhe disse: a imortalidade é uma maldição.

— Você faz dela uma maldição.

— Não, lutei. Você não sabe como lutei!

— Mas por quê? Explique-me.

— É impossível. Seria preciso contar-lhe tudo.

— Pois conte! Temos tempo, não é, temos todo o tempo!

— Para quê?

— Faça-o por mim, Fosca. Será talvez menos terrível quando eu o compreender.

— Sempre a mesma história — disse ele. — Não mudará jamais. Será preciso carregá-la comigo indefinidamente.

Olhou em volta:

— Bem, vou contar-lhe.

Primeira parte

Nasci na Itália, a 17 de maio de 1279, num palácio da cidade de Carmona. Minha mãe morreu logo após o meu nascimento. Fui criado por meu pai, que me ensinou a montar a cavalo e a atirar com o arco; um monge foi encarregado de minha instrução e esforçou-se por me inculcar o temor a Deus. Mas desde a minha tenra idade eu só me preocupava com a terra e nada temia.

Meu pai era belo e forte. Quando via passar Francisco Rienzi, o das pernas tortas, num cavalo preto, eu perguntava com espanto:

— Por que é ele o senhor de Carmona?

Meu pai olhava-me com ar grave:

— Não aspire jamais a seu posto — respondia-me.

O povo odiava Francisco Rienzi. Diziam que ele trazia sob as vestes uma espessa cota de malhas e havia sempre dez guardas à sua volta. No seu quarto, ao pé da cama, jazia um grande cofre fechado com três cadeados e cheio de ouro. Uns após outros, ele acusava os nobres da cidade de traição e confiscava-lhes os bens; um patíbulo erguia-se na grande praça e várias vezes por mês uma cabeça rolava nas pedras da rua. Tanto tomava dinheiro dos pobres como dos ricos. Quando eu passeava com minha velha ama, ela mostrava-me as casas em ruínas do bairro dos tintureiros, as crianças com crostas de sujeira nos traseiros, os mendigos sentados na escadaria da catedral, e dizia-me:

— Foi o duque que fez toda essa miséria.

Carmona era construída no alto de um rochedo árido, e não havia fontes nas praças. Homens iam a pé encher odres na planície e a água custava tão caro quanto o pão.

Certa manhã os sinos da catedral dobraram e as fachadas das casas cobriram-se de tapeçarias negras. A cavalo, ao lado de meu pai, acompanhei o cortejo que conduzia à sua última morada os despojos de Francisco Rienzi. Bertrando Rienzi, todo vestido de preto, dirigia o enterro do irmão: corria o boato de que o havia envenenado.

As ruas de Carmona encheram-se de rumores de festa; o cadafalso erguido em frente do palácio foi derrubado; um cortejo

magnífico, senhores vestidos de seda e brocados cavalgavam; realizavam-se torneios na grande praça; ouvia-se o som dos cornos na planície, os latidos alegres dos cães; à noite, no palácio ducal brilhavam mil luzes. Mas nos calabouços agonizavam lentamente os ricos burgueses e os nobres cujos bens Bertrando confiscara. O cofre dos três cadeados estava sempre vazio e, sem cessar, novos impostos taxavam os miseráveis artesãos; e nas sentinas de odor pestilento as crianças brigavam por um pedaço de pão negro. O povo odiava Bertrando Rienzi.

Muitas vezes, à noite, os amigos de Pedro d'Abruzzi reuniam-se em casa de meu pai e cochichavam à luz das tochas; diariamente ocorriam rixas entre seus partidários e os de Rienzi. Até as crianças de Carmona dividiam-se em dois clãs e nas fortificações; em meio às sarças e aos rochedos, nós nos batíamos a pedradas, uns gritando “Viva o Duque!” e outros “Morra o tirano!”. Batíamos-nos violentamente, mas nunca pude satisfazer-me com esses jogos; o adversário dominado reerguia-se, os mortos ressuscitavam; no dia seguinte ao combate, vencedores e vencidos se reencontravam indenes; eram apenas jogos e eu perguntava a mim mesmo com impaciência:

— Serei durante muito tempo ainda uma criança?

Tinha quinze anos quando fogos de artifício se acenderam em todos os recantos. Pedro d'Abruzzi apunhalara Bertrando Rienzi na escadaria do palácio ducal e a multidão carregava-o em triunfo. Do alto de uma sacada discursou para o povo, prometendo-lhe alívio para seus males. As portas das prisões abriram-se, os antigos magistrados foram destituídos, a facção dos Rienzi, expulsa da cidade. Durante várias semanas dançaram nas praças, risos iluminavam as fisionomias e em casa de meu pai falava-se em voz alta. E eu contemplava maravilhado Pedro d'Abruzzi, que varara o coração de um homem com um punhal de verdade e libertara a cidade.

Um ano mais tarde os nobres de Carmona, vestidos com suas pesadas armaduras, precipitaram-se a galope através da planície; incitados pela facção dos exilados, os genoveses tinham invadido suas terras. Destruíram nosso exército e Pedro d'Abruzzi foi morto por um golpe de lança. Sob o governo de Orlando Rienzi, Carmona tornou-se vassala de Gênova. No início de cada estação, carroças carregadas de ouro desciam da grande praça e, com o coração cheio de rancor, nós as víamos desaparecer na estrada que conduzia ao mar. Dia e noite os teares ronronavam nas oficinas sombrias e, no entanto, os burgueses da cidade andavam descalços, vestidos de túnicas rasgadas.

— Não se pode fazer nada? — perguntava eu.

Meu pai e Caetano d'Agnolo sacudiam a cabeça silenciosamente; durante três anos, dia após dia, fiz a mesma pergunta e eles sacudiam a cabeça. Finalmente Caetano d'Agnolo sorriu.

— Talvez — disse. — Talvez haja algo a fazer.

Orlando Rienzi usava uma cota de malhas por baixo do gibão e passava quase todos os dias atrás de uma janela de grades de seu palácio; quando saía, vinte guardas cercavam-no. Contudo, um domingo, enquanto ouvia a missa na catedral, tendo sido subornada a escolta, quatro rapazes lançaram-se sobre ele e cortaram-lhe o pescoço: eram Tiago d'Agnolo, Leonardo Vezzani, Ludovico Pallaiio e eu. O corpo foi arrastado para o adro e entregue ao povo, que o esquartejou enquanto dobravam os sinos. Subitamente, todos os burgueses de Carmona surgiram armados na praça. Os genoveses e seus partidários foram massacrados.

Meu pai recusou o poder e nós pusemos Caetano d'Agnolo à testa de nossa cidade. Era um homem probo e prudente. Negociara em segredo com o *condottiere* Pedro Faenza, cujos exércitos logo vieram postar-se ao pé de nossas fortificações. Apoiados nessas tropas mercenárias esperamos de pé firme os

genoveses. Pela primeira vez na vida tomei parte numa verdadeira batalha de homens. Os mortos não ressuscitavam, os vencidos fugiam em desordem, cada golpe de minha lança salvava Carmona. Nesse dia eu teria morrido sorrindo, certo de ter dado à minha cidade um futuro triunfante.

Durante dias queimaram-se fogos de artifício, dançaram nas praças, procissões fizeram a volta das muralhas cantando Tedeuns. Depois, os tecelões voltaram a tecer, os mendigos a mendigar, os carregadores de água a percorrer as ruas sob o peso de seus odres. O trigo dava mal, na planície devastada, e o pão que o povo comia era preto. Os burgueses usavam sapatos e vestimentas de pano novo, os antigos magistrados tinham sido destituídos, mas não havia outra mudança em Carmona.

— Caetano d’Agnolo é velho demais — dizia-me amiúde e com impaciência Leonardo Vezzani.

Leonardo era meu amigo; brilhava nos exercícios físicos e eu sentia nele um pouco dessa chama que me devorava. Uma noite, durante um banquete a que nos convidara, apossamo-nos do velho Caetano e forçamo-lo a abdicar. Foi exilado com o filho e Leonardo Vezzani tomou o poder.

O povo deixara de esperar alguma coisa de Caetano; acolheu com alegria o nascimento de uma nova esperança. Os velhos magistrados foram substituídos por homens novos e houve festas nas praças. Era a primavera; as amendoeiras floriam na planície e nunca o céu parecera tão azul. Muitas vezes, eu subia a cavalo as colinas que fechavam o horizonte e contemplava a vasta extensão verde e rósea que ia morrer ao sopé de outra linha de colinas azuis. E pensava: “Atrás dessas colinas há outras planícies e outras colinas.” Depois olhava Carmona empoleirada no seu rochedo e erigida de oito torres orgulhosas. Ali é que batia o coração do vasto mundo e muito em breve minha cidade iria cumprir seu destino.

As estações passaram e novamente as amendoeiras floriram; havia festas sob o céu azul; mas nenhuma fonte jorrava nas

praças, as velhas casas em ruínas continuavam de pé e as ruas largas e bem calçadas, os palácios brancos, só existiam em meus sonhos.

Perguntei a Vezzani:

— Que esperas?

Ele olhou-me com espanto:

— Não espero nada.

— Que esperas para agir?

— Não agi?

— Por que tomaste o poder se é para não fazer nada?

— Tomei-o, tenho-o; basta.

— Ah — disse eu com paixão. — Se estivesse em teu lugar!

— Então?

— Negociaria para Carmona alianças poderosas, empreenderia guerras, ampliaria seu território, construiria palácios...

— Tudo isso exigiria muito tempo — disse Vezzani.

— Tens tempo.

Seu rosto tornou-se grave subitamente:

— Bem sabes que não.

— O povo te ama.

— Não me amará durante muito tempo.

Pôs a mão no meu ombro:

— Esses grandes empreendimentos de que falas, quantos anos seriam necessários para levá-los a cabo! E quantos sacrifícios exigiriam, antes de tudo! Logo me odiariam e me derrubariam.

— Podes defender-te.

— Não quero assemelhar-me a Francisco Rienzi — disse ele.

— De resto, bem sabes que todas as precauções são inúteis.

Sorriu com aquele sorriso que eu gostava:

— Não temo a morte. Pelo menos durante alguns anos terei vivido.

Dizia a verdade; estava condenado; dois anos depois, Godofredo Massigli mandou estrangulá-lo pelos seus esbirros. Era um homem astuto que soube conciliar o apoio dos nobres de

Carmona, outorgando-lhes grandes privilégios; não governava melhor nem pior do que outro qualquer; ademais, como esperar que um homem pudesse conservar a cidade nas mãos o tempo suficiente para dar-lhe prosperidade e glória?

Meu pai envelhecia; pediu-me que casasse enquanto era ainda deste mundo a fim de que pudesse sorrir a seus netos. Despousei Catarina d'Alonzo, jovem nobre, bela e piedosa, cujos cabelos brilhavam como ouro puro; ela deu-me um filho que chamamos Tancredo. Pouco tempo depois meu pai morreu. Enterraram-no no cemitério que domina Carmona; vi descer à cova o caixão em que jazia o meu próprio corpo ressequido, meu passado inútil, e sentia um nó apertar-me o coração. “Morrerei como ele, sem nada ter feito?” Nos dias seguintes, ao ver passar Godofredo Massigli a cavalo, minha mão fechava-se no punho da espada. Mas eu pensava: “Tudo é inútil, posto que me matarão também quando chegar a minha vez.”

No início de 1311, os genoveses declararam guerra a Florença: eram ricos, poderosos e perdidos de ambição. Tinham dominado Pisa e queriam tornar-se senhores de todo o norte da Itália, e talvez seus orgulhosos desígnios visassem mais longe ainda. Reclamaram nossa aliança a fim de poderem mais facilmente esmagar Florença e escravizar-nos. Exigiam homens, cavalos, víveres, forragem e livre passagem pelas nossas terras. Godofredo Massigli recebeu o embaixador deles com grande pompa; dizia-se que os genoveses estavam decididos a comprar-lhe o apoio a peso de ouro e ele era um homem cúpido.

No dia 12 de fevereiro, às duas horas da tarde, como um magnífico cortejo escoltasse o enviado dos genoveses em direção à planície, Godofredo Massigli, ao passar a cavalo por baixo da minha janela, recebeu uma flecha no coração: eu era o melhor arqueiro de Carmona. No mesmo instante, meus homens espalharam-se pela cidade, gritando: “Morte aos genoveses!” E os burgueses que eu avisara secretamente invadiram o palácio ducal. À noite eu era príncipe de Carmona.

Armei todos os homens; os camponeses abandonaram a planície e entrincheiraram-se atrás das muralhas, trazendo consigo seu trigo e seu gado; enviei mensageiros ao *condottiere* Malatesta para que acesse em nosso socorro. E fechei as portas de Carmona.

* * *

— Manda-os de volta a seus lares — disse Catarina. — Pelo amor de Deus, pelo amor que me tens, em nome de nosso filho, manda-os de volta.

Deixou-se cair a meus joelhos, lágrimas corriam-lhe pelas faces manchadas de vermelho. Pousei a mão nos seus cabelos. Estavam embaraçados e quebradiços, os olhos sem cor, o corpo magro e acinzentado sob o vestido de fustão.

— Catarina, bem sabes que os celeiros estão vazios.

— Isso não é permitido, não é possível — disse ela desamparada.

Virei a cabeça. Pela janela entreaberta, o ar frio da rua e o silêncio entravam no palácio. Em silêncio, o negro cortejo descia a grande rua e os homens em pé, à soleira de suas casas, ou debruçados às janelas, olhavam-no passar em silêncio. Só se ouviam os passos dóceis da multidão e o ruído metálico das patas dos cavalos.

— Manda-os de volta — pediu ela.

Olhei para João e em seguida para Rogério.

— Haverá outra solução?

— Não — disse João.

Rogério sacudiu a cabeça.

— Não.

— Então por que não me expulsam a mim também? — indagou Catarina.

— Tu és minha mulher.

— Sou uma boca inútil. Meu lugar é lá com eles. Ah! Sou uma covarde!

Escondeu o rosto nas mãos.

— Meu Deus, perdoai-nos. Meu Deus, perdoai-nos!

Desciam do burgo, subiam da cidade baixa. Um sol frio dourava os tetos de telhas róseas cortados de sombra negra. De cada sombra avançavam por pequenos grupos cercados de soldados a cavalo.

— Meu Deus! Perdoai-nos, meu Deus, perdoai-nos!

— Para com essas litanias — gritei. — Sei que Deus nos protege.

Catarina levantou-se e aproximou-se da janela.

— Todos esses homens! — disse. — Olham e calam-se!

— Querem salvar Carmona. Amam sua cidade.

— E não sabem o que os genoveses vão fazer de suas mulheres?

O cortejo desembocava na praça: mulheres, crianças, velhos, enfermos; vinham das ruas altas e das ruas baixas; carregavam suas tralhas nas mãos: não tinham ainda perdido a esperança; havia mulheres que curvavam sob o peso dos fardos como se, do outro lado das muralhas, as cobertas, as caçarolas e as recordações de felicidade pudessem ainda servir para alguma coisa. Os guardas tinham parado seus cavalos e atrás dessa barragem a grande bacia rósea da praça enchia-se lentamente de uma multidão muda e negra.

— Raimundo, manda-os de volta — disse Catarina. — Os genoveses não os deixarão passar. Morrerão todos de fome e frio nos fossos.

— Que é que distribuíram esta manhã aos soldados? — indaguei.

— Uma papa de farelo e uma sopa de erva — disse Rogério.

— E o inverno começa hoje! Posso preocupar-me com as mulheres e os velhos?

Olhei pela janela. “Maria, Maria!” Um grito rasgava o silêncio. Era um jovem que gritava; ele atravessou a praça, enfiou-se sob o ventre dos cavalos, fendeu a multidão: “Maria!” Dois soldados agarraram-no e jogaram-no do outro lado da barragem. Ele se debatia.

— Raimundo! — gritou Catarina. — É melhor entregar a cidade.

Ela agarrava-se com ambas as mãos à grade da janela: dir-se-ia que ia cair, esmagada por algo por demais pesado.

— Sabes o que eles fizeram de Pisa? — disse eu. — Arrasaram os muros, escravizaram todos os homens. Mais vale perder um braço do que morrer por inteiro.

Olhei as altas torres de pedra branca que se erguiam altivamente por cima dos telhados róseos... “Se não entregarmos Carmona eles não a tomarão nunca.”

Os soldados tinham largado o jovem e ele mantinha-se imóvel sob as janelas do palácio; ergueu a cabeça e gritou: “Morte ao tirano!” Ninguém se mexeu. Os sinos da catedral puseram-se a dobrar. Catarina voltou-se para mim.

— Um deles te matará — disse ela com violência.

— Sei — respondi.

Apoiei a fronte no vidro. “Eles me matarão.” Sentia no meu peito o frio da cota de malhas. Todos tinham usado uma cota de malha e nenhum reinara mais de cinco anos. Lá em cima no sótão gelado, encerrados entre seus alambiques e seus filtros, os médicos procuravam há meses, mas nada tinham achado. Eu sabia que não achariam nunca coisa alguma. Eu estava condenado à morte.

— Catarina — pedi —, jura-me que se eu morrer não entregarás a cidade.

— Não, não jurarei.

Dirigi-me para a lareira. Tancredo estava deitado no tapete diante de um fogo magro de vides secas; brincava com seu cão. Ergui-o em meus braços: era corado e loiro, parecia-se com a

mãe; era uma criança muito pequena. Larguei-o novamente no chão sem nada dizer. Eu estava só.

— Pai — disse Tancredo —, tenho medo de que Kunak esteja doente. Está com um ar triste.

— Pobre Kunak — disse eu —, está muito velho.

— Se Kunak morrer, tu me darás outro cão?

— Não há mais nenhum cão em Carmona.

Tornei à janela. Os sinos dobravam e a multidão negra se punha em marcha. Sem uma palavra, sem um gesto, os homens olhavam passar seus pais e suas mães, suas mulheres e seus filhos. O rebanho resignado descia lentamente em direção às muralhas.

— Enquanto eu estiver presente, eles não fraquejarão — pensei.

Um grande frio invadiu-me o coração. “Estarei presente durante tempo suficiente?”

— O serviço religioso vai começar — disse.

— Ah! Agora vão vocês orar por eles — disse Catarina. — Os homens rezarão enquanto os genoveses violentarão suas mulheres.

— O que estou fazendo tem que ser feito — repliquei.

Aproximei-me dela.

— Catarina...

— Não me toques — exclamou ela.

Fiz sinal a João e a Rogério.

— Vamos.

A catedral brilhava no alto da grande rua, branca, vermelha, verde, dourada, alegre como uma manhã de paz. Os sinos dobravam e os homens vestidos de escuro subiam silenciosamente para a igreja; até suas fisionomias eram mudas; olhavam-me com olhos sem ódio e sem esperança. O vento fazia as tabuletas enferrujadas rangerem em cima das lojas fechadas. Não sobrava mais uma só folha de erva entre as pedras da rua,

nem uma urtiga ao pé dos muros. Subi os degraus de mármore e voltei-me.

Junto ao rochedo sarçoso sobre o qual se erguia Carmona, percebiam-se, em meio às oliveiras cinzentas, as tendas vermelhas dos genoveses. Uma coluna sombria deslizava para fora da cidade, descia a colina, marchava para o campo.

— Pensa que os genoveses os acolherão?

— Não — respondi.

Transpus a porta da catedral e o tinido das armas misturou-se ao hino fúnebre que repercutia sob as abóbadas de pedra. Quando Leonardo Vezzani avançava em meio às flores e às tapeçarias escarlates não tinha guardas em torno de si e sorria. Não pensava na morte e morrera estrangulado. Ajoelhei-me. Estavam todos ali deitados sob as lajes do coro: Francisco Rienzi, envenenado, Bertrando Rienzi, assassinado, Pedro d'Abruzzi, morto com um golpe de lança, e mais Orlando Rienzi, Leonardo Vezzani, Godofredo Massigli, e também o velho Caetano d'Agnolo, morto de velhice no exílio... Havia um lugar vazio ao lado deles. Inclinei a cabeça. Dentro de quanto tempo?

O padre orava em voz baixa, de joelhos ao pé do altar, e vozes graves subiam às abóbadas. Apoiei minhas mãos enluvadas na frente. Um ano? Um mês? Meus guardas estavam em pé atrás de mim; mas atrás deles havia o vazio: unicamente homens, seres frágeis e traiçoeiros entre mim e o vazio. A coisa viria de trás... Apoiei minhas mãos com mais força; não devia virar a cabeça; era preciso que as pessoas não soubessem. *Miserere nobis... Miserere nobis...* Será o mesmo desenrolar monótono das preces, e exatamente neste lugar erguer-se-á o catafalco negro semeado de lágrimas de prata. E essa luta de três anos não terá adiantado nada. Se eu virar a cabeça, tomar-me-ão por covarde; não sou um covarde. Mas não quero morrer sem ter feito nada.

— Deus meu! — disse. — Deixa-me viver!

O murmúrio das preces crescia e diminuía como um ruído de maré; subiriam elas até Deus? Seria verdade que nos céus os mortos encontravam uma vida? Pensei: Não terei mais mão nem voz, verei Carmona abrir suas portas, verei os genoveses arrasarem nossas torres e nada poderei fazer. Ah! Espero que os padres mintam e que eu morra inteiramente!

As vozes calaram. Uma alabarda soou nas lajes e saí da igreja; a luz ofuscou-me. Durante um instante, permaneci imóvel no alto da grande escadaria. Nenhum aleijado mendigava, nenhuma criança brincava mais nos degraus. O mármore polido luzia sob o sol. Embaixo, o flanco da colina estava deserto; percebia-se em volta das tendas vermelhas um formigamento confuso. Desviei os olhos. O que se passava na planície, o que se passava no céu, não me dizia respeito. Cabia às mulheres e às crianças interrogarem-se: que fazem elas? Resistirão ainda muito tempo? Carlos Malatesta chegará na primavera? Deus nos salvará? Eu nada esperava. Mantinha fechadas as portas de Carmona e nada esperava.

Lentamente tornei a descer em direção ao palácio. Um silêncio pesado como uma maldição esmagava a cidade e pensei: Estou aqui e não mais estarei aqui; não estarei em nenhum lugar; isso acontecerá por trás e não saberei sequer como aconteceu. Depois pensei com paixão: Não, é impossível; isso não me acontecerá! Voltei-me para Rogério!

— Subo ao sótão — disse.

Subi a escada retorcida, peguei uma chave no meu cinto e abri a porta. Um cheiro acre e insosso entrou-me na garganta. A vidraça estava juncada de ervas podres; caçarolas e retortas coziavam sobre um fogão em meio à espessa nuvem de vapor. Petrucchio, debruçado sobre a mesa recoberta de frascos e bocais, moía uma pasta amarela num almofariz.

— Onde estão os outros?

Petrucchio ergueu a cabeça:

— Dormem.

— A esta hora?

Empurrei com o pé a porta entreaberta. Os oito médicos estavam deitados em camas que haviam sido armadas para eles junto às paredes. Uns dormiam e os outros olhavam, com olhares vagos, as grossas vigas do teto. Tornei a fechar a porta.

— Trabalham demais. Morrerão de tanto trabalhar!

Inclinei-me sobre o ombro de Petrucchio:

— É um contraveneno?

— Não. É um bálsamo contra frieiras.

Tomei-lhe o almofariz das mãos e joguei-o com violência no chão. Petrucchio olhou-me friamente.

— Procuo fazer algo útil — explicou-me.

Abaixou-se e ergueu o peado almofariz de mármore.

Fui até o fogão.

— Tenho certeza de que se poderá descobrir — disse eu. — Toda coisa tem seu contrário; se há venenos, deve haver contravenenos.

— É possível que os descubram dentro de mil anos.

— Existem então! Por que não os descobririam imediatamente?

Olhei em volta de mim. O remédio ali estava, escondido naquelas ervas, naqueles pós vermelhos e azuis, e eu não era capaz de vê-lo; era um cego diante do arco-íris de bocais e frascos, e Petrucchio era um cego, ele também. O remédio ali estava e ninguém no mundo era capaz de vê-lo.

— Deus meu! — exclamei.

Bati a porta atrás de mim.

* * *

O vento soprava no caminho da ronda. Debrucei-me sobre o parapeito de pedra e olhei as chamas crepitantes que subiam do fundo dos fossos. Mais adiante luzes brilhavam no acampamento dos genoveses. E atrás, nas trevas, era a planície de estradas desertas, de casas abandonadas, imensa e inútil como o mar.

Só, no seu rochedo, Carmona era uma ilhota perdida no meio daquele oceano. O vento trazia em baforadas o odor dos cardos queimados e faíscas vermelhas voavam no ar negro. Estão queimando o mato da colina, e isso durará no máximo dois dias, pensei.

Um barulho de passos, um tinir de aço fizeram-me erguer a cabeça. Avançavam em fila indiana atrás de um guarda que carregava uma tocha; tinham-lhes atado as mãos às costas; o guarda passou diante de mim, depois passou uma mulher de bochechas vermelhas, e uma velha, e uma jovem que olhava para o chão e cujo rosto não vi, e outra que me pareceu bonita; atrás seguia um velho barbudo, e mais outro velho. Tinham-se escondido para não morrer e agora iam morrer.

— Para onde os leva? — indaguei.

— Para a muralha do oeste, é a mais abrupta.

— Não são numerosos.

— Foi tudo o que encontramos — disse o guarda.

Voltou-se para os prisioneiros:

— Vamos. Avancem.

— Fosca — gritou um dos homens num tom agudo. — Deixa-me falar-te; não me mandes matar.

Reconheci-o; era Bartolomeu, o mais velho e o mais miserável de todos os mendigos que esmolavam sob o pórtico da catedral. O guarda bateu nele de leve:

— Anda!

— Conheço o remédio — gritou o ancião. — Deixa-me falar-te.

— O remédio?

Aproximei-me dele. Já os outros haviam desaparecido dentro da noite.

— Que remédio?

— O remédio. Está escondido em casa.

Encarei o mendigo; mentia certamente. Seus lábios tremiam e, apesar do vento gelado, gotas de suor corriam-lhe pela fronte

amarelada. Ele vivera mais de oitenta anos e ainda lutava para não morrer.

— Mentos — disse eu.

— Juro pelo Santo Evangelho que não minto. O pai de meu pai trouxe-o do Egipto. Se menti, tu me matarás amanhã.

Voltei-me para Rogério.

— Tragam-me ao palácio esse homem com seu remédio.

Debrucei-me sobre as ameias e deitei um derradeiro olhar nos fogos sem esperança que se retorciam dentro da noite. Um grito rasgou o silêncio: vinha da muralha do oeste.

— Voltemos — disse eu.

Catarina estava sentada ao lado da lareira, envolvida numa coberta; cosia à luz de uma tocha. Quando entrei no quarto, não ergueu os olhos.

— Pai — disse Tancredo —, Kunak não se mexe mais.

— Dorme. Deixa-o dormir.

— Mas ele não mexe nada, nada.

Inclinei-me e toquei o pelo descorado do velho cão.

— Morreu.

— Morreu! — repetiu Tancredo.

Seu rosto corado enrugou-se e lágrimas caíram-lhe dos olhos.

— Vamos. Não chores. Sê um homem.

— Morreu para sempre — disse ele.

Chorava soluçando fortemente. Trinta anos de prudência, trinta anos de medo e um dia estarei, apesar de tudo, estendido, rígido, e nada mais dependerá de mim; Carmona estará nessas mãos fracas. Ah! Como a mais longa vida é curta! De que servem os contravenenos, os espiões, a cota de malhas? Para que todos esses assassínios?

Sentei-me perto de Catarina; ela remendava um pedaço de tecido e seus dedos estavam cobertos de frieiras. Chamei-a docemente:

— Catarina...

Ela voltou para mim um rosto morto.

— Catarina, é fácil censurar-me. Mas tenta um instante colocar-te em meu lugar.

— Deus me livre – disse ela.

Debruçou-se novamente sobre seu trabalho e disse:

— Esta noite vai gelar.

— Vai.

Olhei as pálidas sombras hesitantes que tremiam sobre a tapeçaria da parede e senti-me subitamente muito cansado.

— Crianças — disse ela. — Crianças com toda uma vida diante de si.

— Ah! Cala-te!

Pensei: “Morrerão todos e Carmona será salva. E então eu morrerei, e a cidade salva cairá nas mãos dos florentinos ou de Milão. Terei salvado Carmona e nada terei feito.”

— Raimundo, deixa-os voltar para Carmona.

— Então morreremos todos — disse eu.

Ela baixou a cabeça. Empurrava a agulha com os dedos vermelhos e inchados. Eu tinha vontade de encostar a cabeça em seus joelhos, de acariciar-lhe as pernas, sorrir-lhe. Mas não sabia mais sorrir.

— O sítio foi demorado — disse ela. — Os genoveses estão cansados; por que não tentar negociar?

Senti um golpe surdo dentro de meu peito, perguntei:

— Pensas realmente desse modo?

— Penso.

— Queres que abra as portas aos genoveses?

— Quero.

Passei a mão no meu rosto. Pensavam todos assim, eu sabia. Por quem então eu me batia? Que era Carmona? Pedras indiferentes, e homens que tinham pavor de morrer. Neles, como em mim, o mesmo pavor. Se eu entregar Carmona aos genoveses talvez nos poupem, viveremos ainda alguns anos. Um ano de vida, uma noite de vida: uma noite é o que o velho mendigo me suplicava. Uma noite, toda uma vida. Crianças com

toda uma vida à sua frente... Tinha, de repente, vontade de não mais resistir...

— Meu senhor — disse Rogério —, eis o homem com o remédio.

Segurava Bartolomeu pelos ombros e estendia-me uma garrafa empoeirada cheia de um líquido esverdeado. Olhei o mendigo: o rosto era enrugado, a barba suja, os olhos piscavam. Se escapar ao veneno, ao ferro, à doença, serei parecido com isso...

— Que é esse remédio? — indaguei.

— Gostaria de te falar a sós — disse Bartolomeu.

Fiz um sinal a Rogério.

— Deixa-nos.

Catarina quis levantar-se, mas pousei a mão em seu punho.

— Para ti não tenho segredos. Fala — disse ao mendigo.

Ele olhou-me com um sorriso estranho:

— O que há na garrafa é o elixir da imortalidade — disse-me.

— Só isso!

— Não acreditas?

A estupidez de sua astúcia fez-me rir também.

— Mas se és imortal por que tens medo de ser jogado nos fossos?

— Não sou imortal. A garrafa está cheia.

— E por que não bebeste?

— E tu ousarás beber?

Peguei a garrafa: o líquido era turvo.

— Bebe primeiro.

Ele sacudiu a cabeça.

— Haverá um animal vivo neste palácio, um animal pequeno?

— Tancredo tem um camundongo branco.

— Manda buscá-lo — disse o ancião.

— Raimundo, ele gosta do camundongo — disse Catarina.

— Vai buscá-lo, Catarina.

Ela levantou-se. Eu disse zombando:

— O elixir da imortalidade! Por que não te lembraste antes de mo vender? Não terias tido mais necessidade de pedir esmolas.

Bartolomeu passou o dedo no gargalo empoeirado do frasco.

— Foi essa maldita garrafa que fez de mim um mendigo.

— Como assim?

— Meu pai foi prudente. Escondeu a garrafa no sótão e esqueceu-a. Ao morrer, revelou-me o segredo, mas aconselhou-me a esquecê-lo, eu também. Tinha vinte anos e auguravam-me uma eterna mocidade: com que me haveria de preocupar? Vendi a loja de meu pai, dilapidei sua fortuna. Todos os dias eu dizia a mim mesmo: beberei amanhã.

— E não bebeste?

— Veio a pobreza e não usei beber. Chegou a velhice, as enfermidades chegaram. Eu dizia: beberei na hora de morrer. Há pouco, quando teus guardas me descobriram no fundo da choça onde me escondia, não bebi.

— Ainda está em tempo.

Ele sacudiu a cabeça.

— Tenho medo de morrer, mas uma eternidade de vida é demais.

Catarina colocou sobre a mesa a gaiolinha de madeira e tornou a sentar-se em silêncio.

— Olha bem — disse o ancião. Destampou a garrafa, virou algumas gotas na mão e pegou o camundongo. Este deu um grito e mergulhou o focinho no líquido verde.

— É um veneno — disse eu.

O camundongo jazia inerte na mão do velho, como que fulminado.

— Espera.

Esperamos. Subitamente o corpinho imóvel pôs-se a mexer.

— Estava adormecido — disse eu.

— Pois agora — respondeu Bartolomeu — torce-lhe o pescoço.

— Não — disse Catarina.

Ele pousou o camundongo na palma de minha mão. Estava quentinho e vivo.

— Torce-lhe o pescoço.

Apertei bruscamente a mão: os ossos estalaram. Joguei o cadáver em cima da mesa.

— Pronto.

— Olha, olha — exclamou Bartolomeu.

Durante um instante o camundongo permaneceu imóvel, deitado sobre o flanco. Depois ergueu-se e pôs-se a trotar pela mesa.

— Estava morto — disse eu.

— Não morrerá mais.

— Raimundo, expulsa-o, é um feiticeiro — gritou Catarina.

Peguei o ancião pelos ombros.

— É preciso beber toda a garrafa?

— É.

— Envelhecerei?

— Não.

— Expulsa-o — insistiu Catarina.

Olhei o velho com desconfiança.

— Se mentiste, sabes o que te espera.

Ele baixou a cabeça:

— Mas, se não menti, tu me deixarás viver?

— Ah! Estarás com a fortuna feita.

Chamei:

— Rogério!

— Meu senhor...

— Vigia este homem.

A porta tornou a fechar-se e eu me dirigi para a mesa. Estendi a mão.

— Raimundo! Não vais beber isso! — disse Catarina.

— Ele não mente. Por que mentira?

— Ah! Justamente por isso — disse ela.

Olhei-a e abaixei a mão. Ela disse com ardor:

— Quando Cristo quis punir o judeu que zombou dele, condenou-o a viver eternamente.

Não respondi nada. Pensei: “Quantas coisas poderia eu fazer!” e peguei a garrafa. Catarina escondeu o rosto nas mãos.

— Catarina.

Olhei em torno de mim. Nunca mais veria aquele quarto com os mesmos olhos.

— Catarina, se eu morrer, abre as portas da cidade.

— Não bebas — pediu ela.

— Se eu morrer, poderás fazer o que quiseres.

Levei a garrafa aos lábios.

* * *

Quando abri os olhos era dia claro e o quarto estava cheio de gente.

— Que é que há?

Levantei-me sobre os cotovelos; minha cabeça pesava. Catarina, de pé à minha cabeceira, olhava-me com olhos petrificados.

— Que é que há?

— Estais há quatro dias deitado neste leito, frio como um morto — disse Rogério.

Parecia aterrorizado, ele também.

— Quatro dias!

Dei um pulo.

— Onde está Bartolomeu?

— Eis-me.

O ancião aproximou-se e olhou-me com rancor.

— Amedrontaste-me bastante!

Tomei-o pelo braço e conduzi-o até o vão da porta.

— Aconteceu?

— Por certo.

— Não morrerei mais?

— Não, mesmo que o desejassem.

Pôs-se a rir agitando as mãos.

— Quanto tempo — disse ele —, quanto tempo!

Levei a mão à garganta; sufocava.

— Meu manto, depressa.

— Quereis sair? — indagou João. — Vou prevenir os guardas.

— Não. Nada de guardas.

— Não é prudente — disse Rogério. — A cidade não está calma.

Desviou o olhar:

— É difícil acostumar-se a ouvir dia e noite esses lamentos que sobem dos fossos.

Detive-me na soleira da porta:

— Houve desordens?

— Não exatamente. Mas todas as noites há homens que tentam jogar víveres por cima das muralhas. Roubaram sacos de trigos dos armazéns de víveres. E há gente descontente.

— Cada queixa vinte chicotadas — disse eu. — E todo sujeito encontrado à noite sobre as muralhas será enforcado.

A fisionomia de Catarina transformou-se. Ela deu um passo em direção a mim:

— Não queres mais deixá-los voltar?

— Ah! Não recomeces — disse eu com impaciência.

— Tu me disseste: “Se eu morrer, abre as portas.”

— Mas não morri.

Vi seus olhos inchados, suas faces encovadas. Por que está ela tão triste? Por que estão todos tão tristes? A alegria gritava dentro de mim.

Atravessei a praça rosada. Nada mudara; sempre o mesmo silêncio, as mesmas lojas cegadas pelas janelas pesadas de madeira. E no entanto tudo era novo como uma alvorada; a alvorada muda e cinzenta de um dia radioso. Olhei o sol vermelho suspenso no céu algodado e sorri; parecia-me que poderia colher nas nuvens aquele grande e festivo balão. O céu

estava ao alcance de minhas mãos e eu sentia todo o futuro junto a meu coração.

— Tudo vai bem? Nada a assinalar?

— Nada — disse a sentinela.

Enveredei pelo caminho da ronda. A pedra da colina estava nua: nenhum fogo mais nos fossos, nenhuma erva. “Morrerão todos.” Apoiei a mão na pedra da ameia e senti-me mais duro do que a pedra. Que lhes tinha tirado? Dez anos, meio século. Que representava um ano? Que era um século? Pensei: “Tinham nascido para morrer.” Debrucei-me. Os genoveses morriam, também as formiguinhas pretas que se espalhavam em volta das tendas. Mas Carmona não morreria. Erguer-se-ia indefinidamente ao sol, flanqueada por suas oito altas torres, dia a dia maior e mais bela; invadiria a planície, dominaria a Toscana inteira. Fixei o olhar nas ancas ondulantes que barravam o horizonte. Pensei: “Atrás, há o mundo”, e algo explodiu em meu coração.

* * *

O inverno passou. Nos fossos, os fogos tinham-se apagado e os gemidos haviam calado. Com os primeiros calores da primavera, o vento soprou sobre Carmona um cheiro açucarado de carniça. Respirei sem horror. Sabia que os miasmas mortais que se exalavam dos fossos infectavam o acampamento dos genoveses. Estes perdiam os cabelos, viam incharem-se-lhes os membros, tornar-se-lhe roxo o sangue, e morriam. Quando Carlos Malatesta surgiu com seu exército na crista das colinas, os genoveses levantaram acampamento e fugiram sem combater.

Carroças carregadas de sacos de farinhas, quartos de carne e odres cheios de vinho acompanhavam as tropas do *condittiere*. Grandes fogueiras acenderam-se nas praças e cantos de triunfo foram entoados na cidade. Os homens abraçavam-se nas esquinas. Catarina apertava Tancredo nos braços e, pela

primeira vez após quatro anos, sorria. À noite houve um imenso festim; sentado à direita de Catarina, Malatesta bebia e ria como um homem que atingira o alvo. Eu também sentia o calor do vinho que me corria nas veias e a alegria habitava em mim; mas não se assemelhava à alegria dos outros, era dura e negra, esmagava-me o coração como uma pedra. Pensava: “Isto é apenas o princípio.”

Quando o festim terminou, conduzi Malatesta à sala do Tesouro e entreguei-lhe a soma combinada.

— E agora — disse-lhe — concordaria em perseguir os genoveses e apoderar-se dos castelos e cidades nas fronteiras de minhas terras?

Ele sorriu.

— Seu cofre está vazio.

— Estará cheio amanhã.

Desde a madrugada mandei arautos através da cidade; sob pena de morte deviam todos entregar-me antes da noite todo o ouro, toda a prata e todas as pedras preciosas que possuíssem. Disseram-me que muitos resmungaram, mas ninguém ousou desobedecer: ao crepúsculo, montes de joias amontoavam-se nos cofres. Dividi as riquezas em três partes. Uma foi entregue ao chefe dos víveres para que comprasse trigo; outra foi confiada aos fabricantes de tecidos para que adquirissem lã. Mostrei o terceiro cofre a Malatesta.

— Durante quanto tempo poderei ter sua tropa a meu serviço?

Ele mergulhou a mão nas joias cintilantes.

— Muitos meses.

— Quantos?

— Isso dependerá dos lucros da guerra — disse. Sorriu: — E também de meu bel-prazer.

Fazia deslizar as pedras entre os dedos displicentemente e eu contemplava-o com impaciência; cada pérola, cada diamante era semente para as futuras colheitas, era um castelo defendendo nossas fronteiras, um pedaço de terra arrancado aos genoveses;

convoquei meus peritos, que passaram a noite avaliando exatamente minha fortuna, e combinei com Malatesta um soldo fixo por dia e por homem. Então mandei reunir na praça do Palácio os homens de Carmona e falei-lhes:

— Não há mais mulheres em vossos lares, nem trigo nos celeiros. Vamos colher o trigo dos genoveses e trazer suas mulheres para nossas casas.

Acrescentei que a Virgem me aparecera em sonho e me prometera que eu não perderia um só cabelo enquanto Carmona não se tivesse tornado igual a Gênova e a Florença.

Os jovens vestiram suas armaduras. Tinham todos as faces cavadas, profundas olheiras, a tez desbotada, mas a fome, que lhes solapara o corpo, temperara-lhes a alma e eles seguiram-me sem se queixar; para insuflar-lhes coragem, mostrei-lhes os cadáveres arroxeados dos genoveses, que jaziam ao longo dos fossos. Os soldados de Malatesta com suas caras coradas, suas faces cheias, seus ombros robustos, pareciam-nos pertencer a uma raça sobre-humana. O *condottiere* conduzia-os ao sabor de seus caprichos, ora prolongando uma parada mais do que o necessário para o repouso, ora suprimindo uma etapa porque lhe apetecera cavalgar no lugar. Em vez de fustigar os genoveses em fuga, quis tomar de assalto o castelo de Monteferti, dizendo que se aborrecia por só ter encontrado, até então, inimigos mortos ou agonizantes. Nisso perdeu um dia e vários capitães. Censurei-lhe esse desperdício e ele respondeu-me com altivez:

— Faço a guerra por prazer.

Graças a essa folga que lhe demos, puderam os genoveses fugir a um encontro, recolhendo-se a Villana, cidade fortificada e defendida por muralhas inexpugnáveis. Malatesta declarou então que era preciso desistir de nosso empreendimento. Pedi-lhe que esperasse uma noite. Pelo flanco oeste de Villana um aqueduto levava à cidade águas que se engolfavam através das muralhas num canal subterrâneo; nenhum homem poderia penetrar nesse conduto sem se afogar. Não avisei ninguém de meu projeto:

apenas ordenei a meus lugares-tenentes que se mantivessem à espreita diante da saída do lado oeste, e tirando a armadura entrei no túnel sombrio. A princípio pude respirar o ar úmido e mofado que estagnava sob a abóbada, depois o teto fez-se mais baixo e vi que não havia mais distância entre as pedras e a água. Hesitei: a correnteza era violenta; se penetrasse mais além, não teria forças para retornar à luz do dia: “E se o velho tiver mentido?”, pensei. Diante de mim e atrás de mim a escuridão era espessa, e não havia outro ruído senão o murmúrio das águas; mas se o velho tivesse mentido, se eu fosse mortal, pouco importava que minha vida terminasse agora ou depois. Pensei “Agora vou saber”, e mergulhei.

Mentira. Minha cabeça zunia, apertava-me o peito, ia morrer, os genoveses jogariam aos cães meu corpo inchado; como podia eu ter acreditado naquela história insensata? Sufocava-me a raiva, tanto quanto a água gelada; fazia votos para que aquela agonia findasse depressa; eu não acabava de morrer. Subitamente compreendi que nadava muito tempo e que não ia morrer. Nadei até a saída do túnel. Nenhuma dúvida era mais possível: era realmente imortal. Desejaria cair de joelhos e agradecer ao Diabo ou a Deus, mas não havia em volta de mim nenhum vestígio de suas presenças. Vi apenas a lua crescente no céu em meio a um silêncio glacial.

A cidade estava deserta. Alcancei a porta oeste, deslizei atrás da sentinela, que abati com um golpe de espada; no posto de guarda dois soldados dormiam. Matei o primeiro sem que chegasse a despertar e o segundo após breve luta. Abri a porta; o exército, penetrando em silêncio na cidade, chacinou de surpresa toda a guarnição; ao amanhecer, os habitantes apavorados perceberam que haviam mudado de senhores.

Metade dos nossos homens foi enviada para Carmona a fim de lavrar nossas terras: com os homens levou-se uma caravana de jovens mulheres núbeis destinadas a assegurar nossa posteridade. De Villana nossas forças dominaram a planície e

apoderaram-se sem dificuldade de vários burgos. Eu partia ao assalto, à frente delas, sob a chuva de flechas, e meus homens chamavam-me o Invencível.

Eu desejava prosseguir no aproveitamento das minhas vantagens e tomar o porto de Rivelles, vassalo de Gênova, o que teria dado a Carmona uma saída para o mar. Mas Malatesta declarou subitamente que estava cansado de se bater e que se retirava com sua tropa. Tive de tomar o caminho de volta cavalcando ao lado de Malatesta. Separamo-nos num cruzamento de estrada; ele descia para Roma em busca de novas aventuras e durante longo tempo acompanhei com o olhar aquele homem que não visava nenhum objetivo e dispunha de si próprio com a despreocupação dos mortais. Depois dei de esporas e galopei até Carmona.

Eu não queria que o destino de minha cidade dependesse de mercenários e resolvi dotá-la de um exército. Era-me necessário muito dinheiro. Instituí pesados impostos; fiz uma lei contra o luxo, proibindo aos homens e às mulheres a posse de mais de dois costumes de pano grosso, bem como o uso de joias de qualquer espécie. Mesmo os nobres deviam comer unicamente em vasilhames de barro ou madeira; os que se revoltaram foram encarcerados em calabouços ou submetidos ao suplício da roda em praça pública e tiveram seus bens confiscados. Obriguei os homens a casarem antes dos vinte e cinco anos e as mulheres a darem filhos numerosos à cidade. Lavradores, tecelões, comerciantes e nobres, de todos fiz soldados; eu próprio fiscalizava o treinamento dos recrutas; dentro em pouco tinha organizado uma companhia, logo depois tive duas e afinal dez. Ao mesmo tempo, a fim de aumentar nossas riquezas, incentivei a agricultura e o comércio, e anualmente uma grande feira atraía os comerciantes estrangeiros que vinham comprar nosso trigo e nossos tecidos.

— Quanto tempo teremos de viver assim? — indagou Tancredo. Tinha os cabelos claros da mãe e uma boca ávida:

detestava-me. Não sabia que eu era imortal, mas acreditava-me protegido por alguma droga maravilhosa contra as doenças e a velhice.

— Enquanto isso for útil — disse-lhe.

— Útil? A quê? A quem?

Uma cólera sem esperança endurecia-lhe o olhar.

— Somos tão ricos quanto Siena e Pisa e só conhecemos festas de casamentos e batizados. Vestimo-nos como monges e moramos em conventos. Sou vosso filho e cumpre-me fazer exercícios de manhã à noite sob as ordens de um capitão grosseiro. Eu e meus companheiros envelheceremos sem ter tido mocidade.

— O futuro nos recompensará — respondi.

— E quem nos devolverá os anos que nos roubastes?

Ele olhou-me:

— Eu só tenho uma vida.

Dei de ombros. Que era uma vida?

Ao fim de trinta anos, tive o exército mais numeroso e mais bem equipado de toda a Itália; começava a preparar uma expedição contra Gênova quando uma violenta tempestade desabou. Durante um dia e uma noite choveu a cântaros. Os rios cresceram, as ruas da cidade baixa transformaram-se em torrentes de lodo que se engolfavam nas casas. Pela manhã, enquanto as mulheres varriam o soalho enlameado, os homens olhavam consternados as praças invadidas pelo limo amarelo, os caminhos esburacados e as espigas novas curvadas pela violência das águas. O céu continuava cor de chumbo. À noite a chuva recomeçava a cair. Então compreendi o perigo que nos ameaçava. Sem perder um instante mandei a Gênova comerciantes encarregados de comprar trigo na Sicília, na Sardenha e em toda a Barbária.

Choveu durante toda a primavera e todo o verão. Em toda a Itália as colheitas foram destruídas pela inundação, as árvores frutíferas arrancadas, a forragem perdida. Mas, antes do fim do

outono, os celeiros de Carmona tinham-se enchido de sacos de cereal que os navios equipados às nossas custas haviam trazido de ultramar; com paixão de avarento eu respirava seu odor de poeira; o menor grão valia muito. Mandei construir fornos públicos; media eu mesmo, todas as manhãs, as cem medidas de trigo que se distribuía aos padeiros para que fizessem pães de farelo e trigo, cujo peso era por mim regulamentado; os indigentes eram alimentados gratuitamente. Faltava trigo na Itália inteira; seu preço subiu a trinta e seis libras por quintal e o farelo custava quase tão caro; durante o inverno quatro mil homens morreram em Florença. Em Carmona, entretanto, não se expulsou da cidade um só pobre, um só enfermo, um só estrangeiro e sobrou bastante trigo para a sementeira. Nos primeiros dias da primavera de 1348, ao passo que todos os campos da Itália estavam nus, as searas ondulavam na nossa planície e uma feira se instalava na praça de Carmona. Debruçado às muralhas, eu olhava as caravanas que subiam a colina e pensava: “Venci a fome.”

* * *

O céu era azul, os rumores da festa entravam pela janela aberta; Catarina, sentada ao lado de Luísa, bordava. Eu pusera o pequeno Sigismundo nos ombros e galopava através da peça florida com ramos de amendoeira.

— A trote! — gritava o menino. — A galope!

Gostava dele. Sentia-o mais perto de mim do que qualquer homem, ele não sabia que seus dias eram contados, ignorava os anos, os meses, as semanas, perdia-se no coração de um dia radioso sem manhã nem fim, um eterno começo, uma eterna presença. Sua alegria era infinita como o céu: “A trote! A galope!” Eu corria pensando: Jamais passará o azul do céu e as primaveras renascerão mais numerosas do que as flores da amendoeira. Jamais minha alegria se esvairá.

— Mas por que deseja partir tão cedo? — indagava Catarina.
— Espere Pentecostes. Ainda faz frio lá em cima.
— Quero partir — disse Luísa. — Quero partir amanhã.
— Amanhã? Nem pense! São necessários oito dias, pelo menos, para arranjar a casa.
— Quero partir — insistiu Luísa.
Aproximei-me e encarei com curiosidade o rostinho obstinado.
— E por quê?
Luísa espetou a agulha na talagarça da tapeçaria que bordava.
— As crianças precisam de ar.
— Mas parece-me que estão passando maravilhosamente bem — disse eu. Belisquei a perna de Sigismundo e sorri para as duas meninas sentadas no tapete num raio de sol.
— A primavera é tão bela em Carmona.
— Quero partir — disse Luísa.
Tancredo sorriu friamente.
— Ela está com medo.
— Medo? De quê?
— Da peste — explicou Tancredo. — Ela tem razão. Não devíeis nunca ter deixado esses comerciantes estrangeiros subirem.
— Mas que tolice — disse eu. — Roma e Nápoles estão longe.
— Parece que em Assis caiu uma chuva de grandes insetos negros com oito patas e pinças — disse Luísa.
— E perto de Siena a terra fendeu-se e pôs-se a cuspir fogo — respondi eu escarnecendo.
Dei de ombros:
— Se começam a acreditar em tudo quanto é boato!
Catarina voltou-se para Rogério, que cochilava com as mãos sobre o ventre; há algum tempo dormia sem cessar, engordava.
— Que acha, Rogério?
— Um comerciante genovês informou-me que a peste alcançou Assis — disse ele com indiferença.

— Mesmo que fosse verdade não subiria até aqui — retorqui.
— O ar é tão puro como o da montanha.

— Naturalmente, nada tem a temer — disse-me Luísa.

— Será que vossos médicos previram também a peste? — perguntou Tancredo.

— Ai de mim! Meu caro filho, eles previram tudo.

Olhei-o com malícia:

— Prometo-te que daqui a vinte anos associarei Sigismundo ao poder.

Ele ergueu-se e saiu batendo a porta com violência.

— Não devias exasperá-lo — disse Catarina.

Não respondi. Ela olhou-me, hesitante:

— Não vais receber esses monges que te solicitaram audiência?

— Não deixarei seus bandos entrarem em Carmona — disse eu.

— Mas não podes recusar ouvi-los — disse Catarina.

— Talvez possam informar-nos acerca da peste — disse Luísa.

Fiz sinal a Rogério.

— Está bem, dize-lhes que entrem.

Através da Itália devastada pela fome, homens tinham-se levantado para pregar febrilmente a penitência. Instigados por eles, os comerciantes abandonavam suas lojas, os artesãos suas oficinas, os lavradores seus campos, vestiam túnicas brancas e escondiam o rosto nos capuzes; os mais pobres envolviam-se em lençóis. Iam de cidade em cidade, descalços, entoando cânticos e exortando os habitantes a juntarem-se a eles. Tinham chegado pela manhã aos muros de Carmona e eu lhes proibira a entrada na cidade. Os monges que os conduziam tinham subido ao palácio. Entraram atrás de Rogério; vestiam hábitos brancos.

— Sentai-vos, irmãos — disse eu.

O pequeno monge deu um passo em direção à poltrona adamascada, mas o outro o deteve com um gesto seco.

— É inútil.

Olhei sem simpatia o monge alto de rosto curtido que se mantinha em pé diante de mim, com as mãos enfiadas nas mangas. “Esse homem está me julgando”, pensei.

— De onde vindes?

— De Florença — respondeu o pequeno monge. — Viajamos vinte dias.

— Ouviste dizer que a peste tinha alcançado a Toscana?

— Bom Deus, não! — disse ele.

Voltei-me para Luísa:

— Vê?

— É verdade que a fome matou mais de quatro mil pessoas em Florença? — indagou Catarina.

O pequeno monge assentiu com a cabeça:

— Mais de quatro mil — disse. — Comemos pão feito com erva gelada.

— Conhecemos isso outrora — disse eu. — Já tínheis estado em Carmona?

— Uma vez. Há cerca de dez anos.

— Não é uma bela cidade?

— É uma cidade que precisa ouvir a palavra de Deus — disse o monge alto com violência.

Todos os olhares voltaram-se para ele. Fechei a carranca:

— Temos aqui padres que nos fazem todos os domingos bons sermões — expliquei secamente. — Aliás, os habitantes de Carmona são piedosos e de vida austera; não há entre eles nem heréticos nem libertinos.

— Mas o orgulho apodrece-lhes o coração — disse o monge com ardor. — Perderam o cuidado da salvação eterna; tu só pensas em dispensar-lhes os bens da terra e esses bens são unicamente vaidade. Salvaste-os da fome, mas o homem não vive só de pão. Acreditas ter realizado grandes coisas, e o que fizeste não é nada.

— Não é nada?

Pus-me a rir.

— Há trinta anos havia vinte mil homens em Carmona; hoje há cinquenta mil.

— E quantos se salvarão? — indagou o monge.

— Estamos em paz com Deus — disse eu com raiva. — Não precisamos de discursos nem de procissões. Que reconduzam esses monges para fora dos nossos muros — disse a Rogério. — E que expulsem os penitentes da planície.

Os monges saíram silenciosamente. Luísa e Catarina calavam-se. Não tinha certeza naquela época de que o céu fosse vazio, mas não me preocupava com o céu; e a terra não pertencia a Deus. A terra era meu domínio.

— Vovô, leva-me a ver os macacos — disse Sigismundo; puxava-me pelo braço.

— Eu também quero ver os macacos — disse uma das meninas.

— Não — disse Luísa. — Proíbo-os de saírem. Se saírem pegarão a peste, ficarão inteiramente pretos e morrerão.

— Não lhes conte tolices — disse eu com impaciência.

Pousei a mão no ombro de Catarina:

— Desce conosco até a feira.

— Se descer terei de subir novamente.

— Então?

— Esqueces que sou uma mulher velha.

— Não — disse eu. — Não és velha.

Conservava a mesma fisionomia: os mesmos olhos tímidos, o mesmo sorriso; somente, já há muito tempo, parecia cansada; as faces eram balofas e amareladas, e havia rugas em torno da boca.

— Andaremos devagar — disse eu. — Vem.

Descemos a velha Rua dos Tintureiros. As crianças caminhavam à nossa frente. De ambos os lados operários de unhas azuis mergulhavam meadas de lã nas cubas de tinta azul e vermelha; uma água roxa corria entre as lajes.

— Ah! — exclamei. — Quando poderei derrubar esses velhos pardieiros!

— E que farás dessa pobre gente?

— Sei — disse. — Seria preciso que morressem todos!

A rua desembocava na praça da feira. Havia um cheiro de cravo e mel no ar. Dominando os gritos dos mercadores ouvia-se o ruídos dos tambores, a voz de cobre das fanfarras. A multidão adensava em torno dos mostruários cheios de panos, rolos de tela, frutas, especiarias, bolos. As mulheres acariciavam os pesados tecidos, as finas rendas; as crianças mordiam folhados e o vinho escorria de grandes potes colocados em cima de balcões de madeira. Havia calor nos ventres e nos corações. Como eu avançasse através da praça, uma aclamação imensa ergueu-se: “Viva o Conde Fosca!” “Viva a Condessa Catarina!” Um ramalhete de rosas caiu a meus pés, um homem tirou o manto e jogou-o ao chão. Eu vencera a fome e toda aquela alegria era minha obra.

As crianças exultavam de prazer. Docilmente detive-me diante dos macacos ensinados; aplaudi a dança dos ursos e os bufões de maiôs riscados que andavam sobre as mãos. Sigismundo puxava-me avidamente de um lado para outro.

— Por aqui, vovô, por aqui — disse, designando um agrupamento de pessoas que olhavam com apaixonada atenção um espetáculo que não podíamos ver. Aproximei-me e quis abrir passagem no meio da multidão.

— Não se aproxime, meu senhor — disse-me um homem voltando para mim o rosto apavorado.

— Que é que há?

Abri passagem: um indivíduo, sem dúvida comerciante estrangeiro, estava deitado no chão, de olhos cerrados.

— Então? Que esperam para transportá-lo ao hospital? — perguntei com impaciência.

Olharam-me em silêncio e ninguém fez um gesto.

— Que esperam? Levem esse homem.

— Temos medo — disse-me alguém.

E estendeu o braço para barrar-me o caminho.

— Não se aproxime.

Afastei-o e ajoelhei-me diante do corpo inerte. Peguei o punho do estrangeiro e arregacei-lhe a larga manga. O braço estava coberto de manchas negras.

* * *

— Os padres estão embaixo — disse Rogério.

— Ah! Já?

Passei a mão no rosto.

— Tancredo está?

— Não — disse Rogério.

— Quem está aí?

— Ninguém. Tive que alugar quatro homens e ainda assim foi preciso prometer-lhes uma fortuna.

— Ninguém! — exclamei.

Olhei em torno de mim. Os círios acabavam de se consumir. Uma luz cinzenta entrava no quarto. Teria dito: “Catarina, não tem ninguém aí”. E ela teria respondido: “Eles têm medo, é natural.” Ou talvez corasse: “São covardes demais.” Eu não podia inventar sua resposta. Estendi a mão e toquei a madeira do esquife.

— Há só dois padres — disse Rogério. — E dizem que a catedral é longe demais. Farão o serviço funerário na capela.

— Como quiserem.

Deixei cair a mão. Os homens entravam a passos lerdos no quarto, pesados camponeses de rostos vermelhos. Caminharam para o caixão sem me olhar e carregaram-no aos ombros com um gesto brutal; odiavam o frágil cadáver deitado entre as tábuas, o cadáver manchado de preto; odiavam-me; desde o início da peste corria o boato de que eu devia minha mocidade a um pacto com o Diabo.

Os dois padres estavam de pé junto ao altar; servidores e alguns soldados mantinham-se em fila rente à parede. Os carregadores depositaram o ataúde no meio da nave vazia e os padres murmuraram apressadamente suas orações. Um deles traçou no ar um amplo sinal da cruz e caminharam rapidamente para a porta. Os carregadores acompanhavam-nos com o esquife; atrás de mim havia Rogério e alguns guardas. O dia erguia-se, o ar era morno e rosado; nas casas, os homens despertavam e descobriam horrorizados os braços manchados de preto. Tinham tirado de seus quartos os que haviam morrido durante a noite e os cadáveres recentes alinhavam-se ao longo da rua. Flutuava sobre a cidade um odor tão espesso que eu me espantava de não estar o céu obscurecido.

— Meu senhor — disse Rogério.

Entre os batentes da porta dois homens tinham surgido, carregavam uma tábua sobre a qual jazia um cadáver; acompanhavam de perto os guardas para aproveitar as orações que os padres sussurravam.

— Deixa-os — disse eu.

Um burro carregado de bagagens desembocou de uma rua. Um homem e uma mulher caminhavam atrás; fugiam. Nos primeiros dias muitas pessoas tinham fugido; mas a peste os perseguia; corria mais depressa do que eles; eles a reencontravam nas planícies e nas montanhas; não sobrava lugar pra onde fugir. No entanto aqueles fugiam. Ao passar a meu lado, a mulher cuspiu no chão. Mais longe, um bando descabelado de jovens e mulheres descia a rua cantando e titubeando; tinham passado a noite a dançar num dos grandes palácios abandonados; cruzaram-nos rindo e uma voz gritou:

— Filho do Diabo!

Rogério fez um movimento.

— Deixa, deixa — disse eu.

Eu olhava as nuças espessas dos carregadores, as mãos grossas grudadas à madeira do esquife. “Filho do Diabo!”, e

cuspiam. Mas suas palavras e seus gestos eram sem importância: estavam todos condenados à morte. Uns fugiam, outros rezavam, outros dançavam; e todos iam morrer.

Chegamos ao cemitério. Havia quatro caixões atrás do de Catarina. De todas as ruas subiam cortejos funerários em direção ao campo sagrado; uma carreta coberta de lona transpôs a porta e parou junto a um fosso onde se amontoavam os cadáveres. Nas alamedas invadidas pelas ervas daninhas, havia um ror de padres e coveiros; ouvia-se um ruído de pás e picaretas: toda a vida de Carmona refugiara-se nesse recanto de morte. A cova de Catarina fora cavada ao pé de um cipreste. Os coveiros fizeram o ataúde deslizar até o fundo e jogaram algumas pás de terra sobre a tampa. O padre fez o sinal da cruz e encaminhou-se para outro túmulo.

Ergui a cabeça e o odor do cemitério entrou em mim. Apoiei a mão à boca e dirigi-me para a porta. Uma carreta subia lentamente a rua e homens jogavam dentro os cadáveres que recolhiam junto aos muros. Detive-me. Para que descer ao palácio? Não havia ninguém lá. Onde estava ela? Sob o cipreste jazia uma velha mulher de mau aspecto e no céu flutuava uma alma sem fisionomia, surda, muda como Deus.

— Vinde, meu senhor — disse Rogério.

Acompanhei-o. Diante do palácio, trepado nos tablados abandonados pelos comerciantes, o monge de rosto moreno pregava, agitando as largas mangas. Desde o início da peste ele voltara à cidade e eu não ousava expulsá-lo. O povo ouvia-o com devoção, restava-me número demasiado reduzido de guardas para desafiá-lo com um sacrilégio. Ele viu-me e gritou com voz estridente:

— Conde Fosca! Compreendes agora?

Não respondi.

— Construístes casas novas para os homens de Carmona e eis que eles dormem debaixo da terra; tu os vestiste com bons tecidos e eles estão nus nos seus sudários; alimentaste-os e eles

são agora repasto dos vermes. Na planície, rebanhos sem pastores pisoteiam searas inúteis. Venceste a fome. Mas Deus mandou a peste e a peste venceu-te.

— Isso prova que é preciso aprender a vencer também a peste — disse eu com cólera.

Transpus a porta do palácio e parei, surpreso. Tancredo parecia espreitar-me diante de uma janela. Fui a seu encontro:

— Haverá maior covarde do que tu? — disse eu. — Um filho que não ousa acompanhar a mãe até a última morada!

— Provarei minha coragem em outra oportunidade — disse ele com altivez.

Barrou-me a passagem.

— Esperai.

— Que me queres?

— Enquanto minha mãe viveu eu suportei. Mas agora basta.

Encarou-me ameaçador.

— Reinou o que vos cabia reinar. Agora é minha vez.

— Não. Nunca será a tua vez.

— É minha vez — repetiu ele com violência.

Tirou a espada e golpeou-me em cheio no peito. Dez conjurados surgiram da peça vizinha gritando: “Morte ao tirano!” Rogério jogou-se à minha frente. Caiu. Golpeei Tancredo e ele caiu. Senti uma dor aguda entre as omoplatas: voltei-me e golpeei. Vendo Tancredo caído no chão, vários conjurados fugiram e logo depois os soldados acorreram. Três homens jaziam por terra. Os outros foram dominados após rápida luta.

Ajoelhei-me diante de Rogério. Ele olhava para o teto com um ar de pavor. O coração já não batia. Tancredo tinha os olhos fechados. Estava morto.

— Estais ferido, meu senhor — disse-me um guarda.

— Não é nada.

Levantei-me, enfiei a mão sob a camisa. Retirei-a cheia de sangue. Olhei esse sangue e pus-me a rir. Aproximei-me da janela e respirei profundamente. O ar entrava-me nos pulmões e

inchava-me o peito. O monge continuava sua prédica e a multidão dos condenados à morte ouvia-o em silêncio; minha mulher morrera, e com ela seu filho e meus netos; todos os meus companheiros tinham morrido. Eu vivia e não tinha semelhantes. O passado saíra de mim; nada mais me prendia; nem lembrança, nem amor, nem dever; estava sem lei, era meu dono e senhor, podia dispor à vontade das pobres vidas humanas, todas votadas à morte. Sob o céu sem expressão, eu me erguia vivo e livre, só para todo o sempre.

* * *

Debrucei-me à janela e sorri. Um estranho exército. Eram três mil, pelo menos, na praça, envolvidos em longos panos que lhes escondiam os rostos; cada um segurava um cavalo pela rédea. Sob as sotainas tinham vestido suas armaduras e cingido suas espadas. Aproximei-me do espelho de Veneza. Por baixo do capuz de lã branca, minha tez parecia preta como a de um mouro, meus olhos não eram os de um homem piedoso. Baixei o capuz sobre o rosto e desci à praça. Já no fim da epidemia, o povo desnorteado pelo pavor da peste a que acabava de escapar, entregara-se a todas as extravagâncias de uma devoção exaltada. Fingindo participar desse fanatismo, eu exortava todos os homens válidos a partir comigo para uma longa peregrinação; só nos armávamos para nos defender contra os bandidos que infestavam os campos. A maioria de meus companheiros acreditava na sinceridade de minhas intenções, mas alguns só me seguiam porque hesitavam em levá-las a sério.

Saímos da cidade pela velha Rua dos Tintureiros; as casas eram só montes de escombros; sem dúvida o Diabo ouvira minha prece: todos os habitantes do bairro tinham morrido de peste e os operários acabaram de arrasar os pardieiros. Tinham morrido,

outros homens iam nascer: Carmona vivia. Erguia-se sobre seu rochedo, flanqueada por suas altas torres, devastada e intacta.

Alcançamos primeiramente Villana, que percorremos cantando cânticos; os habitantes juntaram-se em grande número à nossa gente. Depois entramos no território dos genoveses; pelo caminho ia procurar o governador de cada cidade para pedir-lhe que nos acolhesse, e avançávamos em procissão pelas ruas, pregando penitência e recolhendo esmolas. Quando nos internamos no coração da região, declarei que os magistrados genoveses se recusavam a receber-nos. Os campos devastados pela fome e pela peste quase não nos forneciam alimentos. Não demorou muito, passamos fome. Alguns penitentes propuseram voltarmos a Carmona; objetei que estávamos longe demais e morreríamos de inanição antes de chegar aos nossos lares; melhor era continuar até Rivelles, grande e próspero porto que não se recusaria a prover-nos de víveres.

O governador de Rivelles consentiu, com efeito, em abrir-nos as portas da cidade; mas declarei mais uma vez a meus companheiros que homens ímpios se tinham negado a atender-nos. Então os peregrinos começaram a murmurar que seriam capazes de tomar pela força o que lhes recusava a caridade. Fingi ouvir a contragosto tais propostas; mas, pregando a resignação, insinuei que só nos restava morrer ali mesmo; em breve a cólera ferveu nos corações: tive que ceder à vontade da horda esfomeada.

A procissão transpôs as portas de Rivelles sem suscitar desconfiança; quando chegamos à grande praça, despojei-me subitamente da sotaina branca e galopei para o palácio do governador gritando: “Avante! Viva Carmona!” De imediato todos os penitentes, jogando os lençóis em que se envolviam, surgiram armados. A surpresa foi tão grande que ninguém tentou resistir-nos. O cheiro do sangue, a embriaguez da vitória em poucos instantes transformaram em soldados os piedosos peregrinos. Uma noite de orgia completou a metamorfose. Os magistrados

genoveses foram trucidados, suas casas pilhadas, suas mulheres violentadas. Durante uma semana o vinho correu aos borbotões nas tavernas e canções obscenas ecoaram nas ruas.

Deixei um pequeno exército em Rivelles; com o resto da tropa, empreendi a conquista dos castelos e fortalezas que dominavam a estrada de Carmona ao mar. As guarnições dizimadas pela peste e desprovidas de víveres não puderam defender-se contra as nossas investidas. Eu não ignorava que minha perfídia provocara indignação através de toda a Itália. Mas os genoveses estavam ainda fracos demais para empreender uma guerra e tiveram que abandonar-me às minhas conquistas.

Senhor de Rivelles, instituí imediatamente taxas elevadas sobre todas as mercadorias que entravam no porto; em vão os negociantes florentinos reclamaram a isenção desses impostos, não quis conceder-lhes nenhum privilégio. Eu sabia que desse modo provocava a cólera dos florentinos, mas eu não recusava diante da perspectiva de uma guerra contra a poderosa República.

Preparei-me para a guerra. Era suficientemente rico para negociar com a maioria dos capitães que haviam organizado na Itália companhias de aventureiros. Dei-lhes meio soldo permanente e eles se comprometeram, em troca, a pôr seus bandos à minha disposição sempre que deles precisasse. Enquanto isso, permitia-lhes fazerem guerra por sua conta e viverem da pilhagem das regiões vizinhas: assim enfraqueciam eles, em tempo de paz, as cidades que eu me propunha atacar. Quando desejava surpreender alguma praça forte, dispensava ostensivamente um de meus capitães e encarregava-o secretamente de executar meu projeto: desautorava-o, se porventura malograsse. Sem ter declarado nenhuma guerra, apossei-me dentro em pouco dos castelos e fortalezas de todos os territórios fronteiriços. Quando os genoveses resolveram invadir a planície de Carmona, tinha eu reconstituído um exército e os melhores *condottieri* da Itália trabalhavam para mim.

A princípio deixei que os genoveses se espalhassem na planície com seu exército de mercenários catalães; avisados de sua aproximação, os camponeses refugiavam-se com suas colheitas e seu gado nas aldeias por mim fortificadas; quase não encontraram os soldados inimigos com o que subsistir nessas terras despojadas de tudo. Tentaram apoderar-se de algumas dessas praças; mas, situadas em colinas isoladas e defendidas com ardor pela população, nossos castelos desafiavam os assaltantes. As tropas comandadas por Ângelo de Tagliana dividiam-se e se esgotavam nesses assédios; era fácil armar emboscadas a corpos isolados de soldados e aprisionar os que buscavam pilhar forragem nos sítios abandonados. Quando Tagliana adentrou até as margens do Rio Míncio, resolvi dar-lhe combate.

Numa linda manhã de junho dispusemos nossos exércitos frente a frente. Ligeira bruma subia do rio e o azul do céu matizava-se de cinzento; o aço das armaduras cintilava na luz jovem, os cavalos brilhantes relinchavam e eu sentia no coração uma alegria nova como a erva molhada. Tagliana, segundo a tática habitual, dividiu seu exército em três corpos; eu dividi o meu em pequenos grupos. Pressentindo no cinzento suave do céu uma tarde pesada de sol, mandei preparar vasilhames cheios de água para dessedentar os cavalos e refrescar os homens após cada escaramuça. Quando o sinal do combate foi dado, caíram os dois exércitos um sobre o outro com estrondo. Viu-se logo a vantagem de minha tática; os genoveses só podiam deslocar-se em grandes conjuntos, ao passo que meus soldados atacavam em pequenos grupos independentes, que se retiravam a seguir para se reorganizarem e atacarem novamente. Entretanto, agrupados em torno de seu general, os catalães resistiram longamente às nossas investidas; o sol subia no céu, o calor tornava-se abafante, e não tínhamos ainda ganhado uma polegada sequer de terreno; no meio da tarde, nossos cavalos pisoteavam uma erva seca e amarela, o ar que respirávamos era

denso de poeira. Meus homens saciaram a sede às pressas entre dois ataques, mas nenhuma gota d'água passara pelos lábios de nossos inimigos. Através do tinir do aço e do pesado martelar das patas dos cavalos, ouvia-se o murmúrio das águas que corriam a quinhentos pés abaixo de nós. Finalmente os soldados de Tagliana não puderam resistir à tentação: aproximaram-se do rio e romperam sua formação. Então, caindo-lhes em cima com impetuosidade, joguei bom número deles nas águas. O resto fugiu em debandada, deixando em meu poder quinhentos prisioneiros.

Quis celebrar essa vitória com festas dignas de um povo de guerreiros. De volta a Carmona, instituí um torneio entre a cidade alta e a cidade baixa. De manhã, crianças e adolescentes combateram durante três horas na grande praça. À tarde, os homens enfrentaram-se. Armados ligeiramente, lançavam pedras e procuravam apará-las com a grande capa com que envolviam o braço esquerdo; os da cidade alta usavam capas verdes; os da cidade baixa, capas vermelhas. A seguir, duas falanges mais pesadas entraram na praça. Os combatentes vestiam armadura de ferro, por cima da qual traziam coxins cheios de estopa e algodão para amortecer os golpes. Cada um brandia na mão direita uma lança sem ferro e na mão esquerda um escudo. A vitória consistia em ocupar o centro da praça. Uma imensa multidão apinhava-se em torno da liça, nas janelas as mulheres sorriam. Com gestos e palavras, os espectadores encorajavam seus parentes, amigos e vizinhos; gritavam: “Viva os verdes” ou “Viva os vermelhos!” Eu não tinha nem amigo, nem parente, nem vizinho. Sentado sob um dossel de veludo, olhava esses jogos com indiferença, esvaziando potes de vinho.

— Bebo à prosperidade de Rivelles e à ruína de Gênova — disse erguendo a minha taça.

Todos ergueram as suas, e vozes dóceis repetiram como um eco: “À prosperidade de Rivelles!” mas Palombo, chefe dos

fabricantes de tecidos, permanecia imóvel; contemplava sua caneca com preocupação.

— Por que não bebes? — indaguei.

Levantei os olhos.

— Sei de fonte segura que os comerciantes florentinos de Rivelles tiveram ordem de liquidar seus negócios antes de primeiro de novembro.

— E então?

— Nessa data, deixarão a cidade; irão estabelecer-se em Sismone, na Marema de Evisa.

Fez-se um grande silêncio em torno da mesa.

— Que vão para os quintos os comerciantes florentinos — disse eu.

— Todos os outros comerciantes os acompanharão — respondeu Palombo.

— Pois então malditas sejam Evisa e Sismone.

— Florença as defenderá.

Olhavam-me todos; eu lia em seus olhos: é preciso isentar os florentinos das taxas. Mas tornara-me vencedor para seguir os conselhos daqueles velhos? Tornara-me vencedor para me inclinar diante de Florença?

— Maldita seja Florença — disse eu.

Voltei-me para meus capitães e ergui a taça aos lábios.

— Bebo à nossa vitória contra Florença.

— À nossa vitória — gritaram eles em coro.

As vozes de Bentivoglio e de Puzzeni pareceram-me frias; um sorriso astuto torcia os lábios de Orsini. Peguei uma garrafa de vinho e joguei-a ao chão.

— Eis como destruirei Florença — gritei.

Olharam-me placidamente; a guerra acabara, festejávamos a vitória; nada mais pediam. Eu queria guardar a vitória entre minhas mãos. Onde estava ela? Em vão procurava naquelas fisionomias o ardor de uma tarde de batalha, o odor da poeira e do suor, o peso esmagador do sol sobre as armaduras de aço.

Riam-se, tinham preocupações mesquinhas e eu não quis mais ouvi-los. Levantei-me, abri bruscamente a camisa que me apertava o pescoço. O sangue afluía-me à cabeça e ao peito; minha vida ia explodir como uma boa de fogo. O tecido rasgou-se entre meus dedos e deixei recair as mãos, minhas mãos vazias. No meio da praça, o arauto baixava uma bandeira proclamando a vitória dos vermelhos; e o povo em delírio jogava flores, lenços, xales aos pés dos combatentes. Cinco deles tinham sido mortos, nove outros, feridos. Mas todos aqueles homens capazes de ambicionar uma vitória de um dia não passavam de pequenos seres pueris; eu não podia divertir-me com seus jogos. O céu era de um azul idêntico ao das margens do Míncio, mas parecia-me neutro. Era sob os muros de Florença, à beira do futuro que ele dardejava, vermelho e ouro, semelhante ao que eu guardara na memória.

Palombo vira certo; durante o inverno, todos os comerciantes de Rivelles transportaram seus negócios para Sismone, porto situado na Marema de Evisa; os artesãos ficaram sem recursos. Tirando proveito do descontentamento popular, a facção dos Alboni sublevou os habitantes e proclamou a independência da cidade. Para tentar retomá-la, fora preciso possuir uma frota. Tive de contentar-me em devastar os campos dos arredores, queimando colheitas e granjas, mas resolvi vingar-me de Evisa de maneira exemplar.

Essa cidade, aliada de Florença, situava-se na bacia inferior do Míncio, cujo curso superior banhava seu território; de cada lado dos baluartes, formava o rio dois braços de uma milha de largura que substituíam os fossos das fortificações comuns; demasiado profundo para ser atravessado a vau, suas margens eram por demais lodosas para que os barcos por elas se aventurassem. Ordenei a um de meus engenheiros que desviasse o Míncio. Durante seis meses trabalhou-se na construção de um dique de uma resistência extraordinária, a fim de cortar o curso do rio; ao mesmo tempo mandei cavar um túnel na montanha para abrir-lhe

uma saída na planície de Carmona. Os habitantes de Evisa já acreditavam ver seus lagos transformados em charcos pestilentos e suas fortificações destruídas juntamente com a salubridade do ar. Enviaram-me embaixadores a suplicarem-me que renunciasse a meus desígnios; mas respondi-lhes que cada um tinha direito de executar em seus territórios os trabalhos que julgasse convenientes. Eu já suspeitava que a cidade, privada de suas defesas naturais, ia cair em meu poder quando se desencadeou uma imensa tempestade. O rio, engrossado pelas chuvas, levou de roldão todos os diques e destruiu em uma noite as obras que meus engenheiros realizavam há meses.

Ordenei então a meus capitães Bentivoglio, Orsini, Puzzeni que devastassem as cercanias de Evisa. Como Florença tinha organizado um exército para correr em socorro de sua aliada, negocieei um acordo com Siena: reunimos dez mil homens. Minhas tropas e as de meus *condottieri* juntaram-se em Siena e tentei penetrar no território de Florença. Enquanto eu fazia por fora a volta das fronteiras, o exército da República fazia o mesmo por dentro, para impedir-me de entrar. Fingi ameaçar o Estado de Arezzo: os florentinos esforçaram-se por barrar-me o acesso a essa província. Então entrei por Chianti no Vale de Greve e seguindo o curso do Arno subi até Florença. Apoderei-me nos campos de imensa presa, pois, não tendo sido declarada a guerra, os camponeses não haviam cogitado em pôr em segurança seu gado e seus móveis.

Durante dez dias avançamos sem encontrar obstáculos; os soldados cantavam. Haviam colocado flores na crina de seus cavalos e nossa cavalgada assemelhava-se a um cortejo pacífico e triunfal. Quando, do alto de uma colina, divisamos Florença e seus domos dourados brilhando ao sol, um grande clamor de alegria subiu de todos os peitos. Erguemos nosso acampamento e durante quatro dias os soldados, chafurdados nas ervas floridas, passaram de mão em mão pesados odres de vinho; bois

e vacas de tetas tumescentes pastavam em torno das carroças carregadas de tapetes, espelhos e rendas.

— E agora — perguntou Orsini — que faremos?

— Que quer que façamos? — retorqui.

Não podia sequer sonhar com um ataque a Florença. A cidade estendia-se a meus pés, luminosa e calma, atravessada por uma fita de água verde; não havia nenhum meio de apagá-la da terra.

— Conseguimos uma rica presa — disse eu. — Levaremos tudo para Carmona.

Ele sorriu sem responder e me afastei, irritado. Sabia perfeitamente que aquela campanha custara muito dinheiro e não rendia nada. Tinha Florença a meus pés e nada podia fazer. Para que serviam então minhas vitórias?

Anunciei às minhas tropas que íamos retornar a Carmona; murmúrios percorreram o acampamento. Donos da Toscana, íamos abandoná-la. Preparamos nossa bagagem devagar. Quando chegou o momento de partir, percebemos que Paulo Orsini não se encontrava mais entre nós; durante a noite pusera-se a serviço de Florença, levando parte de nossa cavalaria.

Enfraquecidos com essa defecção, principiámos a descer às pressas o Vale do Arno; os soldados não cantavam mais. Dentro em breve as tropas de Orsini fustigaram a nossa retaguarda. Minhas tropas, cansadas de seus êxitos inúteis, ansiavam por lhes dar combate, mas ele conhecia a região melhor do que nós e eu temia seus ardis. Seguiu-nos até as fronteiras de Siena e pôs-se a atacar à nossa vista a aldeia de Masolo em um sítio cercado de pântanos. O exército, considerando-se insultado, reclamou aos gritos o combate; a luta parecia-me perigosa; a crosta que cobria o limo dos pântanos ressequidos podia suportar o peso de um infante, mas afundaria sob o peso dos cavalos.

— Temo uma cilada — disse eu.

— Somos os mais numerosos, somos os mais fortes — disse Puzini com ardor.

Decidi-me pela batalha; eu também aspirava a conhecer o gosto sangrento de uma vitória contra inimigos de carne e osso. Um caminho estreito atravessava os pântanos; Orsini parecia tê-lo deixado desguarnecido; fiz meu exército enveredar por ele. Subitamente, quando já era tarde para recuar, foi a tropa atacada de ambos os lados por uma chuva de flechas: Orsini organizara uma emboscada atrás de cada arbusto. Então surgiram pelos nossos flancos a cavalaria ligeira e a infantaria; logo que saíam do caminho para rechaçar o inimigo, meus soldados atolavam nos pântanos e não podiam mais mexer-se. Uma vez estabelecida a desordem na coluna, os infantes de Orsini aventuraram-se pelo caminho e, abrindo o ventre de nossos cavalos, derrubaram os cavaleiros que, esmagados sob o peso das armaduras, não podiam mais erguer-se. Pedro Bentivoglio achou meio de fugir por um atalho que descobriu nos pântanos; quanto a mim, percorrendo todo o caminho, passei através das tropas inimigas; mas Ludovico Puzzeni foi aprisionado com oito mil soldados, sem que nenhum tivesse sido morto. Todas as nossas bagagens e a presa recolhida na Toscana caíram nas mãos do vencedor.

— A honra exige que vingamos essa derrota — declararam meus lugares-tenentes.

Seus olhos brilhavam nos rostos humilhados.

— Que é uma derrota? — indaguei.

Os soldados de Orsini que haviam servido sob as minhas ordens no início da campanha, considerando seus prisioneiros como irmãos de armas menos felizes do que eles próprios, tinham-nos libertado já na primeira noite; eu voltara a Carmona com uma tropa quase intacta; dois armeiros de Villana tinham-me vendido cinco mil armaduras. Nada ganhara eu com minhas vitórias e, perdendo uma batalha, nada perdera.

Meus lugares-tenentes olhavam-me de cenho carregado sem compreender. Fechei-me em meu gabinete e aí fiquei três dias e três noites. Revia o rosto de Tancredo endurecido pelo

desespero: “Útil a quem, a quê?” ouvia a voz do monge preto: “O que fizeste não é nada.”

* * *

Resolvi mudar de método. Renunciando às paradas militares, às batalhas campais, às cavalgadas, esforcei-me desde então por enfraquecer as repúblicas inimigas mediante uma política astuciosa.

Tratados de comércio desligaram Orci, Circio, Montechiario da aliança florentina; agentes estabelecidos como comerciantes nas cidades dominadas por Gênova fomentavam conspirações; até mesmo em Gênova alimentavam a rivalidade das facções. Preocupava-me em respeitar as instituições das cidades que se dobravam à minha lei; desse modo muitas pequenas repúblicas, cansadas de uma liberdade difícil de defender e preferindo a segurança à independência, aceitaram minha proteção. A vida era rude em Carmona; os homens dormiam menos de cinco horas por noite, trabalhando da alvorada ao crepúsculo, tecendo sem cessar a lã no fundo das oficinas sombrias e adstritos a duras manobras sob o sol tórrido; a juventude das mulheres consumia-se em alimentar e carregar crianças que se adestravam desde a mais tenra infância nos exercícios do corpo. Mas, ao fim de trinta anos, nosso território tornara-se tão grande quanto o de Florença. Gênova, ao contrário, caíra, graças a mim, em plena decadência; meus capitães tinham devastado seus campos, arrasado suas praças fortes; seu comércio definhava, a navegação estava abandonada, a cidade era presa de todas as desordens da anarquia. Um último golpe foi-lhe dado pelo Duque de Milão, que a atacou de surpresa. O General Carmagnola abriu sem dificuldade uma passagem através das montanhas, com três mil cavaleiros e oito mil infantas, e começou a assolar os vales. De imediato marchei para o porto de Livorno, que dominava o estuário do Arno; não tive sequer necessidade de assediá-lo,

porquanto os genoveses, em lugar de defendê-lo, cederam-mo pela importância de cem mil florins. Desfraldei com orgulho a bandeira de Carmona no castelo de Livorno, enquanto o exército salvava com clamores o triunfo de minhas pacientes manobras. Gênova arruinada, Livorno tornava-se o primeiro porto de toda a Itália.

Todas as esperanças nos pareciam permitidas quando um mensageiro veio anunciar-me que o Rei de Aragão, juntando suas forças às do Duque de Milão, ia atacar Gênova pelo mar. Imediatamente, percebi toda a ambição do duque. Gênova era incapaz de enfrentar ao mesmo tempo seus dois possantes inimigos. Senhor da Ligúria, ia o duque invadir a Toscana, reduzir Carmona e em seguida Florença à escravidão. Eu só tinha visto em Gênova uma rival demasiado feliz, tudo fazia para enfraquecê-la sem imaginar que sua ruína, um dia, acarretaria a minha.

Tive que oferecer auxílio a Gênova. Dividida pelas dissensões que eu atizara complacientemente, não se decidia francamente pela luta; hesitava em se entregar ao duque. Tentei reanimar-lhe o ardor; mas há muito ela negligenciava a manutenção de um exército e seus mercenários estavam sempre dispostos a abandoná-la. Marchei contra Carmagnola para barrar-lhe o caminho; subimos o Vale do Arno tantas vezes assolado pelas incursões de meus capitães: as fortalezas estavam desmanteladas, os castelos destruídos. Em lugar de nos entrincheirarmos atrás de sólidas muralhas, precisávamos bater em campo raso; tínhamos dificuldades em nos alimentar nessas terras tão amiúde devastadas. Todos os nossos êxitos passados se voltavam agora contra nós. Ao fim de seis meses de campanha, meu exército esfomeado, esgotado, enfraquecido pelas febres, não passava de uma sombra do que fora. Foi então que Carmagnola resolveu atacar-nos.

Carmagnola tinha consigo dez mil cavaleiros e dezoito mil infantas. Minha cavalaria era tão inferior em número que resolvi

arriscar uma nova tática. Aos guerreiros de Carmagnola opus homens a pé, armados com alabardas e que aguentaram com resolução e firmeza o primeiro choque: viram-nos muitas vezes cortar com um golpe de espada as pernas dos cavalos que lhes caíam em cima ou pegá-los pelas patas e arrastá-los ao chão com os homens que os montavam. Quatrocentos cavalos foram mortos e Carmagnola deu ordem aos cavaleiros que combatessem a pé. A luta prosseguiu encarniçada: grande número de soldados morreu de ambos os lados. Ao cair da tarde, o mais jovem e ardente dos meus lugares-tenentes, tendo alcançado secretamente o Vale de Miossens rodeando a montanha, caiu sobre a retaguarda de Carmagnola com seiscentos cavaleiros a soltarem gritos apavorantes. Os milaneses, aterrorizados com este ataque imprevisto, fugiram em debandada. Tínhamos perdido trezentos e noventa e seis soldados, e Carmagnola três vezes mais.

— Agora — disse eu ao doge Fregoso — é preciso não perder um instante. É preciso armar todos os homens da Ligúria, reerguer suas fortalezas, enviar embaixadores a Florença e a Veneza para lhes pedir auxílio.

Ele não parecia ouvir-me. Sob os longos cabelos brancos seu rosto era nobre e calmo, seus olhos claros fixavam o vazio.

— Que lindo dia! — disse ele.

Do terraço sombreado por loureiros róseos e laranjeiras, dominávamos a grande rua. As mulheres vestidas de veludo e seda caminhavam indolentemente à sombra dos palácios; cavaleiros de gibões bordados abriam passagem na multidão com altivez. Sob um pórtico estavam sentados quatro soldados de Carmona, macilentos, sujos, cansados; contemplavam um bando de moças que conversavam com rapazes junto à fonte.

— Se não vos defenderdes — disse eu, colérico —, Carmagnola estará às portas de Gênova antes da primavera.

— Eu sei — respondeu Fregoso.

E acrescentou com indiferença.

— Não nos podemos defender.

— Podeis — disse eu. — Carmagnola não é invencível, posto que o vencemos. Meus soldados estão cansados; é agora vossa vez.

— Não há desonra em confessar a própria fraqueza — disse ele com doçura.

Sorriu:

— Somos civilizados demais para não amarmos a paz.

— Que paz?

— O Duque de Milão prometeu-nos garantir nossas constituições e nossa liberdade interna. Não é sem sofrimento que renunciarei às dignidades que me outorgou minha cidade; mas não recuarei diante desse sacrifício.

— Que ides fazer?

— Abdicarei — disse com dignidade.

Levantei-me e cerrei os punhos.

— É uma traição.

— Devo considerar unicamente o interesse de minha pátria.

— E eis por quem nos batemos há seis meses — retorqui.

Debrucei-me ao balaústre; moças traziam flores de nardo aos cabelos, eu as ouvia rir; meus soldados olhavam-nas com olhares taciturnos. Eu sabia o que eles viam: ruas rosadas e secas em que até os nobres andavam a pé; mulheres vestidas de preto que amamentavam os filhos, ao mesmo tempo em que caminhavam a passos rápidos e sem sorrisos; meninas que subiam a colina carregando baldes d'água, pesados demais; homens exaustos que engoliam uma sopa rala à soleira das portas; no meio da cidade, no local dos bairros antigos, estendia-se um deserto invadido pelas ervas daninhas. Não tínhamos tempo para construir palácios, nem plantar limoeiros, nem cantar, nem rir.

Disse:

— Não é justo.

— O Duque de Milão deseja negociar convosco — insistiu Fregoso.

— Não negociarei

Na mesma noite fiz meus homens retomarem o caminho de Carmona; vários não responderam à chamada. Eu ouvia vozes murmurarem por trás de seus rostos sombrios: “Quem são os vencedores, afinal?” E não podia responder.

Passamos diante de Pérgola, cidade que sempre cobiçara mas que se recusara resolutamente a aceitar a minha proteção; para compensar a decepção de meus soldados, resolvi fazer-lhes presente de uma vitória tangível. Conduzi-os até os muros da orgulhosa cidade e prometi-lhes que toda a presa seria repartida entre eles. Pérgola era rica e eles se inflamaram à ideia da pilhagem. A cidade era solidamente fortificada e apoiava-se a leste no Míncio; em vão havíamos tentado várias vezes tomá-la e ela sempre nos rechaçara. Mas agora eu possuía novas armas: as pesadas bombardas, impotentes contra os grupos móveis, mas que se tornavam um instrumento eficaz contra as muralhas de pedra. Comecei por intimar Pérgola a render-se; meus soldados por cima dos baluartes enviavam flechas com bilhetes em que ameaçavam destruir a cidade se se recusasse a abrir-nos as portas. Mas os habitantes, aglomerados por trás das ameias, respondiam com gritos de ódio e desafio. Dispus então quatro corpos de exército às portas da cidade e mandei nivelar o terreno que os separava para que pudessem comunicar-se uns com os outros. Depois ordenei que trouxessem as bombardas; os soldados olhavam-nas com incredulidade; os primeiros balaços esmagaram-se de encontro aos muros sem os abalar. Do alto do torreão os pergolenses lançavam-nos insultos e cantavam. Não desanimei. Meus engenheiros conseguiram este prodígio: cada bombardas dava sessenta tiros por noite. Durante trinta dias foram os muros bombardeados; pouco a pouco as torres foram caindo aos pedaços; os escombros enchiam os fossos e tornavam as brechas acessíveis. Os sitiados tinham-se retirado dos baluartes,

não se ouviam mais seus cantos e insultos. Na última noite, enquanto os balaços sacudiam as pedras, um silêncio de chumbo pesava sobre a cidade. Ao romper da aurora vimos que o muro estava rasgado por uma longa brecha e lancei meus homens ao assalto. Precipitaram-se com gritos de alegria; Gênova estava esquecida, bem como as tentações da paz; tínhamos realizado uma proeza extraordinária: pela primeira vez bombardas haviam abatido poderosos baluartes; pela primeira vez um exército entrava à força numa grande cidade fortificada.

Fui o primeiro a transpor a brecha; vimos com surpresa que ninguém nos esperava atrás dos muros; as ruas estavam desertas; parei temendo uma cilada; intimidados pelo silêncio, todos os meus soldados tinham-se calado. Erguemos os olhos para os telhados e as janelas: não divisamos ninguém. As janelas estavam fechadas, as portas abertas. Avançamos com prudência; nenhum ruído; em cada esquina meus homens apontavam as balestras para os telhados, olhando à direita e à esquerda com receio, mas nenhuma pedra e nenhuma flecha atravessou o ar. Alcançamos a grande praça: estava vazia.

— É preciso revistar as casas — comandeí.

Os soldados afastaram-se em grupos pequenos. Acompanhado de alguns guardas entrei no palácio do governador, as lajes do vestíbulo apresentavam-se nuas e nuas as paredes. Nos salões todos os móveis estavam em seu lugar, mas não havia nem tapetes, nem quadros, nem bibelôs; as canastras de rouparia, os baús de prataria estavam vazios, bem como os cofres de joias. Quando saí do palácio soube que haviam encontrado às margens do Míncio colchões e caçarolas de cobre. Os habitantes, aproveitando a noite, tinham embarcado no rio e, enquanto os acreditávamos de atalaia atrás dos baluartes, fugiam com todas as suas riquezas.

Fiquei imóvel no meio da praça, e os soldados permaneciam imóveis e silenciosos em torno de mim. Nas casas abandonadas, só tinham podido pilhar ferramentas imprestáveis; o chão das

tavernas estava sujo de vinho: haviam esvaziado todos os odres; nas amplas lareiras, sacos de farinha, pão, quartos de carne tinham sido reduzidos a cinzas. Pensávamos conquistar uma cidade e estávamos de posse de uma carcaça de pedra.

Por volta do meio-dia, um dos nossos lugares-tenentes trouxe-me uma mulher que os soldados tinham encontrado numa casa dos arrabaldes; era pequena, com pesadas tranças enroladas na cabeça; seus olhos não revelavam medo ou desafio.

— Por que não partiu com os outros? — indaguei-lhe.

— Meu marido está doente, não podiam transportá-lo.

— E por que partiram os outros? — disse-lhe, colérico. — Pensa que quando conquisto uma cidade mando arrancar os olhos dos recém-nascidos?

— Não — disse ela —, não acreditamos nisso.

— Então, por quê?

Ela não respondeu.

— Mais de vinte cidades prosperam sob a minha proteção. Nunca a gente de Montechiaro, Oci ou Paleva foram mais felizes.

— A gente de Pérbola é diferente.

Olhei-a fixamente e ela sustentou meu olhar. A gente de Pérbola. A gente de Carmona. Um dia eu também dissera essas palavras. Lançara as mulheres e as crianças aos fossos. Por quê? Desviei o olhar.

— Deixem-na ir — disse aos guardas.

Ela afastou-se sem se apressar.

— Saíamos daqui — disse eu.

Meus capitães reuniram seus soldados, que obedeceram sem resistência. Ninguém teria querido passar a noite naquela cidade maldita. Fui o último a ficar na praça deserta; o silêncio dos muros de pedra queimava-me o coração. A meus pés jazia uma morta, eu a matara e não sabia mais por quê.

Oito dias depois assinei um tratado com o Duque de Milão.

Foi a paz. Licenciei meu exército, baixei os impostos, aboli as leis suntuárias, emprestei dinheiro aos negociantes de Carmona,

fiz-me banqueiro deles; com meu incentivo, a indústria e a agricultura tomaram novo impulso, minha fortuna tornou-se tão lendária como minha eterna mocidade: consagrei-a à cidade. No local dos velhos bairros ergueram-se palácios mais belos do que os de Gênova; chamei para minha corte arquitetos, escultores e pintores; mandei construir um aqueduto e fontes jorravam em todas as praças; a colina cobriu-se de casas novas e grandes arrabaldes invadiram a planície. Atraídos pela nossa prosperidade, numerosos estrangeiros fixaram-se dentro de nossos muros. Mandei vir médicos de Bolonha e edifiquei hospitais. O número de nascimentos aumentou, a população cresceu; Carmona teve duzentos mil habitantes e pensei com orgulho: “A mim é que devem a vida; devem-me tudo.” Isso durou trinta anos.

No entanto, o povo não era mais feliz do que antes. Vestia-se um pouco melhor e tinha habitações melhores, mas trabalhava sem parar e nunca o luxo dos nobres e burgueses se exibira com tamanha insolência; entre os pobres como entre os ricos as ambições tinham aumentado e de ano para ano os operários achavam sua condição menos suportável. Eu desejava melhorar-lhes a sorte. Mas os negociantes de tecidos demonstraram-me que, se se diminuíssem as horas de trabalho e se elevassem os salários, o preço do tecido aumentaria na mesma proporção; incapazes de suportar a concorrência estrangeira, seríamos todos arruinados, operários e comerciantes. Era exato o que diziam. A menos se fosse senhor do mundo inteiro, nenhuma reforma séria era possível. No verão de 1449 a colheita foi má; em toda a Itália o preço do trigo subiu muito e os camponeses cúpidos venderam a Pisa e Florença a maior parte de seus cereais. Quando chegou o inverno, o pão custava tão caro em Carmona que muitos operários, incapazes de alimentar suas famílias, tiveram que apelar para a caridade pública. Readquiri o trigo e distribuí-o ao povo, mas não era somente pão que ele queria; queria também que não o obrigassem a mendigar. Certa

manhã, sem que seus desígnios houvessem transpirado, as corporações de artesãos reuniram-se em armas em torno de seus estandartes; espalharam-se pela cidade e pilharam vários palácios; os nobres e os burgueses, tomados de surpresa, não puderam senão entrincheirar-se em suas residências. Donos de Carmona, os pisoadores, tecelões e tintureiros nomearam sessenta e quatro cavaleiros que quiseram aproveitar-se da revolta para libertar-se de meu jugo. Prometeram pão ao povo, extinção de todas as dívidas e, tendo proclamado que eu fizera um pacto com o Diabo e era preciso queimar-me como feiticeiro, assaltaram o palácio, gritando: “Abaixo o filho do Diabo! Morte ao tirano!” Pelas janelas meus guardas atiravam-lhes flechas; fugiam então, a praça ficava deserta. Depois reuniam-se de novo, arrojavam-se contra a porta, esforçando-se por abalá-la. Ela ia ceder quando, à tarde, os nobres do castelo e das aldeias circunvizinhas, alertados por mensageiros, invadiram a cidade.

— A revolta foi dominada, meu senhor: a canalha foi varrida! — gritou o capitão dos guardas entrando no meu quarto. Eu ouvia os clamores de alegria atrás deles e um grande ruído de ferros; Albozzi, Ferraci, Vicente o Negro, meus salvadores, subiam rindo a escada de pedra; cavalos empinavam sob minhas janelas e eu sabia que tinham sangue nas patas.

— Sustenham a chacina! — disse com violência. — Apaguem os incêndios e deixem-me sozinho.

Fechei a porta e apoiei a fronte na grade da janela; no céu brilhante como uma aurora, desabrochava um imenso cogumelo de fumaça preta; as casas dos tecelões queimavam e com elas as mulheres e as crianças.

Era tarde da noite quando deixei a janela e saí do palácio; o céu se extinguiu, não se ouviam mais o galope dos cavalos nem os gritos selvagens dos soldados.

À entrada do bairro dos tecelões, havia soldados que montavam guarda; os escombros fumegavam, mulheres de peitos esmagados, crianças de rostos amassados pelas patas

dos cavalos; nas ruínas jaziam corpos calcinados. Num canto da rua ouvi um longo gemido. Havia um belo pedaço de lua no céu e um cão uivava funebremente.

“Útil a quem? A quê?”

Tancredo escarnecia no fundo do passado.

Enterraram os cadáveres e reconstruíram as casas; concedi aos artesãos a anulação das dívidas; na primavera as amendoeiras floresceram como em todas as primaveras e os teares recomeçaram a ronronar nas ruas tranquilas. Mas meu coração estava cheio de cinzas.

* * *

— Por que está triste? — indagou Laura. — Não tem tudo o que se pode desejar no mundo?

Eu dormira a noite inteira em seus braços; agora os dias pareciam-me longos demais e todas as noites eu dormia. A cabeça apoiada no seu peito, eu quisera dissolver-me de novo no langor leitoso de seu corpo; mas já a luz me apunhalava os olhos e eu ouvia os rumores vivos da cidade; estava acordado e me aborrecia. Pulei da cama.

— E que é que se pode desejar no mundo?

— Tantas coisas.

Pus-me a rir. Poderia facilmente dar-lhe tudo. Mas não a amava. Não amava ninguém. Enquanto me vestia, sentia as pernas moles como no dia em que enterraram Catarina, em que nada mais me aguardava em nenhum lugar. “Dia após dia, os mesmos gestos”, pensei. “Infinitamente! Não me acontecerá nunca despertar noutro mundo onde até o gosto do ar seja diferente?”

Saí do quarto, saí do palácio. Era o mesmo mundo, sempre Carmona com suas lajes rosadas e suas chaminés em forma de funil. Havia estátuas novas nas praças; eu sabia que eram belas, mas sabia também que durante séculos iriam permanecer

imóveis onde as haviam erguido, e pareciam-me tão velhas, tão longínquas quanto as Vênus enterradas no solo. As pessoas de Carmona passavam diante delas sem olhá-las; não olhavam nem os monumentos nem as fontes. A quem eram úteis aquelas pedras esculpidas? Atravesseis as fortificações. A quem era útil Carmona? Erguia-se no seu rochedo, imutável através das guerras, da paz, da peste, dos motins; havia na Itália cem outras cidades que se erguiam nos seus rochedos, igualmente orgulhosas, inúteis. A quem eram úteis o céu e as flores dos prados? A manhã era bela, mas os camponeses debruçados sobre a terra não olhavam o céu. Eu próprio estava cansado de vê-lo há duzentos anos, sempre igual.

Durante várias horas andei sem objetivo: “Tudo o que se pode desejar.” Repetia essas palavras sem conseguir despertar em mim o menor desejo. Como se me afigurava longínquo o tempo em que cada grão de trigo pesava tanto na palma de minha mão!

Subitamente parei; uma mulher lavava roupa, debruçada sobre uma tina e, debaixo de uma amendoeira, uma menina ria sentada; o chão estava juncado de pétalas brancas que a criança apertava nas mãos e levava à boca avidamente; era morena, de grandes olhos escuros. Pensei: “É a primeira vez que esses olhos veem flores de amendoeira.”

— Linda menina — disse eu. — É sua?

A mulher levantou a cabeça:

— É. Está magra.

— É preciso alimentá-la melhor — disse eu, jogando a bolsa nos joelhos da criança.

A mulher olhou-me com desconfiança e me afastei sem que ela sorrisse; a menina sorria, mas não para mim. Não precisava de mim para sorrir. Ergui a cabeça. O céu era de um azul novo em folha, as árvores floridas cintilavam como no dia em que carregava Sigismundo nos ombros. O mundo inteiro estava nascendo nos olhos de uma criança. Pensei bruscamente:

“Terei um filho, um filho meu.”

Dez meses depois, Laura dava à luz um belo e robusto menino; exilei-o imediatamente num castelo vizinho de Villana; não queria partilhar meu filho com ninguém.

Enquanto as amas o aleitavam, preparei apaixonadamente o futuro de Antônio. Primeiro consolidei a paz: não queria que ele conhecesse nunca a sangrenta vaidade da guerra. Florença reclamava-me há muito o porto de Livorno; consenti em devolvê-lo. Houve uma revolução em Rivelles e o príncipe implorou-me socorro, oferecendo colocar a cidade sob minha proteção: recusei.

Sobre uma colina em frente de Carmona comecei a construir uma casa de mármore e a plantar jardins; atraí para minha corte artistas e sábios, juntei quadros, estátuas, formei uma ampla biblioteca; os homens mais eminentes do século foram encarregados da educação de Antônio; eu assistia às lições e treinava eu próprio meu filho no exercício do corpo. Era um belo menino, um tanto esguio demais a meu ver, mas robusto. Com sete anos sabia ler e escrever em italiano, latim e francês; nadava, atirava com o arco e era capaz de montar um cavalo pequeno.

Para compartilhar seus trabalhos e jogos necessitava de companheiros: reuni junto dele as crianças mais belas e bem-dotadas de Carmona; entre outras, mandei educar no palácio a menina das flores de amendoeira; chamava-se Beatriz e conservara, crescendo, seu rosto magro e moreno, seu sorriso; ela brincava com Antônio como um menino e, entre todos os camaradas, era ela quem ele preferia.

Certa noite em que me aborrecia na cama — acontecia-me então entediá-me até em sonhos — desci ao jardim. Era uma noite sem lua, cheirosa e quente, riscada de estrelas cadentes; dei alguns passos pelas alamedas arenosas e vi-os caminhando pelo gramado de mãos dadas; tinham engrinaldado de flores suas compridas camisolas; Beatriz pusera campânulas nos

cabelos e apertava contra o coração uma pesada magnólia. Perceberam-me e quedaram imóveis, atônitos.

— Que é que estão fazendo? — indaguei.

Beatriz respondeu-me com sua vozinha nítida:

— Estamos passeando.

— Passeiam muitas vezes a essa hora?

— Ele, é a primeira vez.

— E tu?

— Eu? — Encarou-me corajosamente: — Todas as noites saio pela janela.

Estavam diante de mim, culpados e minúsculos nas suas camisolas floridas que escondiam seus pés descalços e senti um aperto no coração. Dera-lhes dias de sol, de festa, de risos, brinquedos, doces, imagens e eles conspiravam para gozar secretamente a doçura das noites que eu não lhes dava.

— Que achariam de um passeio a cavalo? — perguntei.

Seus olhos brilharam. Selei meu cavalo, coloquei Antônio à minha frente e Beatriz na garupa: seus dois bracinhos cercavam-me a cintura; descemos a galope a colina, atravessamos a planície e as estrelas riscavam o céu acima de nossas cabeças; as crianças soltavam gritos de alegria. Apertei Antônio contra mim.

— Não debes mais sair escondido — disse-lhe. — Não debes fazer nada escondido. Pede-me tudo o que quiseres: tê-lo-ás.

— Sim, pai — disse ele docilmente.

No dia seguinte fiz presente de um cavalo a cada um deles e muitas vezes, quando as noites eram suaves, levava-os a galopar comigo. Mandei construir um barco de velas alaranjadas a fim de levá-los ao lago de Villamosa a cujas margens passávamos amiúde os meses mais quentes do verão. Esforcei-me por ir ao encontro de todos os seus desejos. Quando se fartavam de brincar, de nadar, de galopar, de correr, sentava-me ao lado deles, na sombra quente dos pinheiros, e contava-lhes

histórias. Antônio não se cansava de interrogar-me acerca do passado de Carmona; e contemplava-me maravilhado.

— E eu — dizia-me ele por vezes —, que farei quando for grande?

Eu ria.

— Farás o que quiseres.

Beatriz não dizia nada, escutava com a fisionomia carregada. Era uma menina selvagem, de pernas compridas como patas de aranha. Só se comprazia nas coisas proibidas; desaparecia durante horas e iam encontrá-la empoleirada num telhado, ou nadando num lago demasiado fundo, ou chafurdando no estrume de uma granja, ou largada em algum atalho por ter montado um cavalo fogoso demais.

— Estranho personagenzinho — dizia eu, acariciando-lhe os cabelos. Ela sacudia a cabeça num gesto de rebeldia, não gostava que minha mão a tocasse; quando eu me inclinava para beijá-la, ela recusava e me estendia a mão com dignidade.

— Não gostas daqui? Não és feliz?

— Sou sim.

Não suspeitava que podia ter vivido alhures, lavando roupa e capinando, mas eu, quando a via debruçada aplicadamente sobre um livro volumoso ou trepando numa árvore, dizia a mim mesmo com orgulho: “Fui eu quem fez seu destino.” Meu coração batia mais alegremente ainda quando ouvia Antônio rir. E eu pensava: “Deve-me a vida, deve-me o mundo.”

Antônio amava a vida e o mundo; gostava dos jardins, dos lagos, das manhãs de primavera, das noites de verão, e também dos quadros, dos livros, da música; aos dezesseis anos era quase tão erudito quanto seus professores, compunha versos que cantava acompanhando-se à viola. Não se comprazia menos nos exercícios violentos: a caça, as justas, os torneios. Eu não ousava proibir-lhos, mas a saliva secava-me na boca quando o via mergulhar no lago, de cima de um rochedo, ou saltar no dorso de um cavalo bravo.

Uma noite eu estava sentado e lendo na biblioteca de Villamosa, quando Beatriz entrou e aproximou-se de mim rapidamente. Fiquei surpreso porque nunca ela me vinha falar sem que eu a tivesse chamado. Estava muito pálida.

— Que é que há?

Suas mãos crispavam-se no vestido; parecia lutar contra algo que a abafava; disse enfim:

— Antônio está-se afogando.

Corri para a porta; ela disse num murmúrio:

— Ele quis atravessar o lago a nado e não volta. Mas eu não posso salvá-lo.

Num instante cheguei à beira d'água. Tendo-me despojado da roupa, mergulhei: estava claro ainda e logo percebi uma mancha preta no meio do lago. Antônio estava boiando de costas; quando me viu, gemeu e fechou os olhos.

Trouxe-o desfalecido para a margem, estendi-o no meu manto e friccionei-o com vigor; sentia o calor de minhas mãos penetrar na sua carne, sentia seus jovens músculos nas minhas palmas, sua pele tenra, seus ossos frágeis, e parecia-me que lhe moldava um novo corpo. Pensei com paixão: “Estarei sempre presente para salvar-te de todos os males.” Com ternura carreguei nos meus braços o filho a quem eu dera duas vezes a vida.

Beatriz estava em pé à soleira da porta, mantinha-se ereta, imóvel, e lágrimas escorriam-lhe pelas faces.

— Está salvo — disse eu. — Não chores mais.

— Estou vendo que está salvo — disse ela.

Olhava-me e havia ódio em seu olhar.

Deitei Antônio na cama. Beatriz seguira-me e, quando ele abriu os olhos, foi nela que o olhar se deteve.

— Não atravessei o lago — murmurou.

Ela inclinou-se sobre ele:

— Hás de atravessá-lo amanhã — disse ela com ardor.

— Não — disse eu. — Estás louca?

Fui eu então que me inclinei sobre Antônio:

— Jura-me que não o tentarás nunca mais.

— Oh! Pai.

— Jura-o. Em nome de tudo o que fiz por ti, em nome de teu amor por mim, jura-o.

— Está bem, juro.

Tornou a fechar os olhos. Beatriz afastou-se e saiu devagar do quarto. Fiquei perto da cama e durante muito tempo contemplei as faces lisas, as pálpebras frescas, o rosto de meu filho querido. Salvava-o mas não pudera fazer com que atravessasse o lago. Talvez Beatriz tivesse tido razão de chorar. Pensei com uma angústia súbita: “Durante quanto tempo ainda me obedecerá ele?”

* * *

Ao pé dos ciprestes e dos teixos, ao rés dos terraços rosados, o verão tremia; resplendia na concavidade dos tanques de mármore, retinia nas pregas dos vestidos de seda e seu odor subia dos seios dourados de Eliana. O som de uma guitarra escondida no bosque quebrou o silêncio. No mesmo momento um jato de água viva jorrou do centro de cada tanque.

— Oh!

Um rumor correu ao longo da balaustrada, as mulheres aplaudiam. Do coração da terra ardente, finos fios de cristal subiam aos céus; as águas adormecidas enrugavam-se, viviam; era água líquida e fresca.

— Oh! — disse Eliana. Soprava-me ao rosto seu hálito perfumado: — Você é um mágico!

— Por quê? São repuxos.

A água caía em cascata das rochas, sussurrava e ria, e esse riso repercutia no meu coração com sacudidelas secas e duras: repuxos!

— A cascata! Branca, olhe a cascata!

Antônio pousara a mão no ombro gordo da jovem mulher; contemplei seu rosto brilhando de prazer e o riso mau extinguiu-se. Minha obra não eram aqueles repuxos irrisórios: eu criara aquela vida, aquela alegria. Antônio era belo, tinha os olhos irisados da mãe e o perfil altivo dos Fosca. Era menos robusto do que os homens dos séculos passados, mas tinha o corpo ágil e flexível. Acariciava um ombro dócil e sorria ao ruído alegre da água. Fazia um lindo dia.

— Pai — disse-me. — Tenho tempo para uma partida de pela? Sorri.

— Quem impõe medida a teu tempo?

— Mas os emissários de Rivelles não nos esperam?

Olhei o horizonte onde o azul do céu começava a esvair-se; dentro em breve fundir-se-ia com a terra rosada. Pensei: “Tem tão poucos verões a viver; deixará perder-se essa bela tarde?”

— Queres realmente recebê-los comigo?

O jovem rosto endurecera.

— Pedir-lhe-ei até um favor.

— Feito.

— Deixe-me recebê-los sozinho.

Colhi um raminho de cipreste e quebrei-o entre os dedos.

— Sozinho? Por quê?

Antônio corou.

— O senhor diz que me associa ao poder. Mas nunca me permite resolver coisa alguma. É então um brinquedo?

Cerrei os lábios. Subitamente o céu sem manchas tornara-se pesado como um céu de tormenta. Disse-lhe:

— Careces ainda de experiência.

— Devo esperar que tenha dois séculos atrás de mim?

Tinha nos olhos a mesma chama que brilhava outrora nos de Tancredo. Pus-lhe a mão no ombro:

— Entregar-te-ia de bom grado o poder: pesa-me. Mas, acredita, só te trará preocupações.

— É exatamente o que desejo — disse Antônio asperamente.

— Eu desejava tua felicidade. Não possuis tudo o que um homem pode desejar?

— Para que mo ter dado se me proíbe usá-lo? Pai — disse com insistência na voz —, nunca teria o senhor aceitado uma tal existência. Ensinaram-me a raciocinar, a refletir: para que, se devo seguir cegamente suas opiniões? Terei fortalecido o corpo tão somente para a caça a cavalo?

— Sei — disse eu. — Queres que tudo isso seja útil.

— É!

Como dizer-lhe: nada serve para nada. Os palácios, os aquedutos, as casas novas, os castelos, as cidades conquistadas, tudo isso não é nada. Ele abriria seus olhos irisados e diria: Vejo essas coisas, elas existem. Talvez para ele existissem. Joguei no chão o galinho quebrado. Todo o meu amor não lhe servia para nada.

— Será como quiseres.

Seu rosto iluminou-se.

— Obrigado, pai.

Partiu correndo. Seu gibão branco brilhava contra o verde-escuro dos teixos. Eis que ele queria ter a vida em suas mãos, suas mãos jovens e inexperientes. Mas poder-se-ia encerrar aquela vida numa estufa para a cultivar sem perigo? Abafada, amarrada, perderia seu brilho e seu perfume. Subiu a escadaria em três pulos e desapareceu dentro da casa; atravessava os vestíbulos de mármore mas eu não o via mais. Pensei: “Um dia tudo será igual, mas ele não estará em nenhum lugar.” Haveria as mesmas árvores sombrias sob o mesmo céu, o mesmo vão murmúrio de risos e água, e nem na terra nem no céu, nem na água Antônio teria deixado o menor vestígio de sua passagem.

Eliana aproximou-se de mim e tomou-me o braço.

— Desçamos à cascata.

— Não.

Dei-lhes as costas e dirigi-me para casa. Precisava ver Beatriz; somente a ela podia eu falar e sorrir sem pensar logo que um dia

ela morreria.

Empurrei a porta da biblioteca; ela lia, sentada na ponta da mesa de carvalho; contemplei em silêncio seu perfil concentrado; lia e eu não existia para ela. Seu vestido de uma só cor, sua pele lisa, seus cabelos pretos pareciam duros e frios como uma armadura. Aproximei-me:

— Sempre lendo?

Ela ergueu os olhos sem surpresa: era difícil pegá-la desprevenida.

— Há tantos livros.

— Muitos e poucos demais.

Milhares de manuscritos amontoavam-se nas prateleiras; questões, problemas; seria preciso esperar séculos pelas respostas. Por que se obstina ela nessa pesquisa sem esperanças?

— Seus olhos estão cansados. Teria feito melhor vindo ver meus repuxos.

— Irei esta noite, quando o jardim estiver deserto.

Marcou com a palma da mão a página do manuscrito. Esperava que eu me afastasse e eu não achava nada para lhe dizer. No entanto, ela tinha necessidade de socorro e eu teria podido ajudá-la melhor do que os livros inacabados. Mas como dar-lhe o que se obstinava em não pedir?

— Não quer deixar seus livros? Tenho uma coisa para lhe mostrar.

No fim era sempre eu que pedia.

Ela levantou-se sem responder e sorriu um sorriso rápido que não iluminava seus olhos. Seus traços eram tão duros, seu rosto tão magro, que todos a achavam feia. Antônio achava-a feia. Atravessamos em silêncio compridos corredores e abri uma porta.

— Olhe.

A peça cheirava a poeira e a gengibre, um insólito odor de passado naquela casa nova. As cortinas estavam baixadas e na

luz amarela banhavam-se cofres ornados de pregos, tapetes como cilindros, montes de sedas e brocados.

— É uma carga que vem de Chipre — disse-lhe. — Chegou esta manhã.

Abri um cofre e houve um cintilar de metal e pedrarias.

— Escolha.

— O quê?

— O que lhe agradar. Olhe essas cintas, esses colares. Não gostaria de um vestido feito com essa seda vermelha?

Ela mergulhou a mão no cofre e fez as joias e as armas damasquinadas tinirem.

— Não — disse —, não quero nada.

— Ficaria linda com essas joias.

Largou com desprezo o colar que tinha nas mãos.

— Não gostaria de agradar? — indaguei.

Seus olhos brilharam:

— Quero agradar como sou.

Fechei o cofre. Tinha razão. Para quê? Tal qual era, com seu vestido discreto, seu rosto sem maquilagem, seus cabelos apertados dentro de uma rede, era exatamente assim que eu a queria tanto.

— Então escolha um desses tapetes para seu quarto.

— Não é preciso.

— De que é que precisa? — indaguei com impaciência.

— Não gosto do luxo — disse ela.

Peguei-lhe o braço. Tinha vontade de enfiar as unhas na sua carne. Vinte e dois anos! E ela julgava, e decidia, e sentia-se em casa no mundo, como se o houvesse habitado há séculos. Julgava-me.

— Venha — disse-lhe.

Levei-a ao terraço. O calor abrandara, os repuxos cantavam.

— Também não gosto do luxo — disse-lhe. — Foi para Antônio que mandei construir essa casa.

Beatriz apoiou as mãos na poeira quente da balaustrada:

— É grande demais.

— Por que grande demais? Não há medidas.

— É dinheiro desperdiçado.

— E por que não o desperdiçar? Que imagina que se possa fazer com o dinheiro?

— O senhor nem sempre pensou assim.

— Realmente.

Tinha emprestado dinheiro aos comerciantes de tecidos, os burgueses de Carmona tinham ganhado fortunas; uns trabalhavam tão duramente como antes a fim de se enriquecerem mais ainda, outros esbanjavam a vida em orgias estúpidas. Outrora os costumes de Carmona eram austeros e puros; agora explodiam desordens todas as noites, maridos vingavam com punhaladas suas mulheres violentadas, os pais, suas filhas seduzidas; e tinham tido tantos filhos que estes se haviam tornado pobres, por sua vez. Eu mandara construir hospitais e as pessoas viviam mais do que antes; acabavam sempre morrendo. Havia agora duzentos mil habitantes em Carmona e os homens não eram nem mais felizes nem melhores do que outrora. Eram mais numerosos, mas cada qual continuava só com suas alegrias e suas penas. Carmona continuava exatamente tão cheia como quando seus velhos baluartes encerravam apenas vinte mil habitantes.

Disse subitamente:

— Diga-me: o que será melhor, ter duzentos mil homens ou ter vinte mil? A quem isso beneficia?

Ela refletiu.

— Que estranha pergunta.

— Para mim, é assim que se coloca a questão.

— Ah! Para o senhor talvez — disse ela.

Ela olhava vagamente o horizonte, estava muito longe de mim, e eu sentia na boca aquele gosto amargo que só conhecera junto dela. Um enxame de manchas louras dançava no ar; quisera pensar: “Ela é exatamente igual a esses insetos de uma noite”;

mas era tão viva, tão real quanto eu mesmo; para ela a existência efêmera pesava mais do que meu próprio destino. Durante longo tempo contemplamos em silêncio a cascata, a cortina imóvel e fugidia que caía dos rochedos e da qual saltavam pedaços de espuma branca; sempre a mesma espuma, e sempre diferente.

Subitamente Antônio apareceu no alto da escadaria; nos olhos de Beatriz acendeu-se uma chama; por que ela olhava com aquele ardor? Ele não a amava.

— Que queriam esses emigrados? — indaguei.

Antônio olhou-me com ar grave, algo fremia em sua garganta.

— Querem que os ajudemos a tomar Rivelles.

— Ah! E que respondeste?

— Jurei que Rivelles seria nossa antes de um mês.

Houve um silêncio.

— Não — declarei. — Não recomeçaremos essas guerras.

— Assim, é o senhor que decide — disse Antônio com violência. — Diga a verdade: nunca governarei Carmona?

Olhei o céu imóvel. O tempo parara. Ele puxara o punhal e eu o matara; ele desejava minha morte.

— Queres que o primeiro ato de teu reinado seja uma guerra?

— Ah! — exclamou Antônio. — Durante quanto tempo teremos ainda que apodrecer nessa paz?

— Sua conquista custou-me muito tempo e muitas preocupações.

— E para que serve ela?

Os repuxos cantavam sua canção estúpida. Se não mais alegravam o coração de Antônio, para que serviriam?

— Vivemos em paz — continuou Antônio. — E toda a nossa história cabe nessas palavras. As revoluções de Milão, as guerras de Nápoles, as revoltas e as cidades da Toscana, em nada nos metemos. Tudo se passa através da Itália como se Carmona não mais existisse. Para que servem nossas riquezas,

nossas culturas, nossa sabedoria, se devemos ficar plantados em cima de nosso rochedo como um grande cogumelo?

— Eu sei.

Há muito que eu sabia.

— E para que servirá a guerra?

— Pode perguntar isso? Possuiremos um porto e as estradas para o mar. Seremos a rival de Florença.

— Rivelles pertenceu-nos outrora — disse eu.

— Mas dessa vez nós a conservaremos.

— Os Manzoni são poderosos. Os emigrados não encontrarão cúmplices em Rivelles.

— Contam com o apoio do Duque d'Anjou.

O sangue subiu-me ao rosto.

— Não vamos trazer os franceses para nossas terras!

— Por quê? Outros os chamaram outrora. Hão de chamá-los ainda, e talvez contra nós.

— Eis por que dentro em breve não mais haverá Itália — disse eu.

Pus a mão no ombro de Antônio.

— Não somos mais tão fortes como nos séculos passados. Esses países que chamávamos bárbaros estão crescendo e se fortalecendo; a França e a Alemanha cobiçam nossas riquezas. Acredita-me, nossa única salvação está na união e na paz. Se quisermos que a Itália resista às invasões que a ameaçam, teremos de consolidar nossa aliança com Florença, ligar-nos a Veneza e a Milão, apoiar-nos nas milícias suíças. Se cada cidade se obstinar nas suas ambições egoístas, a Itália estará perdida.

— O senhor explicou isso cem vezes — disse Antônio com teimosia.

E acrescentou colérico:

— Mas nós só permanecemos aliados de Florença com a condição de vegetar à sua sombra.

— Que importa?

— O senhor se resigna a isso, o senhor que tanto fez pela glória de Carmona?

— A glória de Carmona pesa pouco ao lado da salvação da Itália.

— Pouco se me dá a Itália. Minha pátria é Carmona.

— É uma cidade entre muitas. Há tantas cidades!

— Pensa realmente o que diz?

— Penso.

— Então como ousa governar? — disse Antônio com ardor. — Que é que tem conosco? É um estrangeiro na sua cidade.

Encarei-o em silêncio. Um estrangeiro. Dizia a verdade. Eu não era mais dali. Para ele, Carmona estava à altura de seu coração mortal, ele a amava. Eu não tinha o direito de impedi-lo de cumprir seu destino de homem, esse destino contra o qual eu nada podia, nem a favor.

— Tens razão — disse. — A partir desse dia tu é que reinarás em Carmona.

Peguei Beatriz pelo braço e encaminhei-me com ela para a cascata. Atrás de mim, Antônio chamou, hesitante: — Pai! — Não me voltei. Sentei-me ao lado de Beatriz num banco de pedra.

— Suponho que isso tinha que acontecer — disse eu.

— Compreendo Antônio — disse ela num tom de desafio.

— Tu o amas? — indaguei de súbito.

Suas pálpebras bateram.

— O senhor bem sabe.

— Beatriz, ele não te amará nunca.

— Mas eu o amo.

— Esquece-o. Não é feita para sofrer.

— Não tenho medo de sofrer.

— Que orgulho estúpido — respondi colérico.

Ele reclamava preocupações; ela amava seu sofrimento. Que demônio os possuía?

— Continuará sempre a ser aquela menina que só se comprazia nas coisas proibidas? Por que será que há de pedir a única coisa que não lhe podem dar?

— Não peço nada.

— Tem tudo. Esse mundo é tão vasto; e se quisesse seria seu.

— Não preciso de nada.

Mantinha-se ereta, um pouco dura, as mãos pousadas nos joelhos e eu pensava que em verdade ela não precisava de nada; satisfeita, decepcionada, continuava sempre ela mesma.

— É feita para ser feliz — disse eu. — Quero torná-la feliz.

Peguei-lhe o pulso e ela olhou-me com espanto.

— Esqueça Antônio. Seja minha mulher. Não sabe que a amo?

— O senhor?

— Não me acredita capaz de amar?

Ela retirou a mão:

— Não sei.

— Por que tem horror de mim?

— Não tenho horror.

— Tem medo? Toma-me pelo Diabo?

— Não. Não é o Diabo. Não acredito no Diabo.

Hesitava.

— Então? — indaguei.

— O senhor não é um homem — disse ela com brusca violência.

Olhou-me fixamente:

— O senhor é um morto.

Agarrei-a pelos ombros, gostaria de esmigalhá-la. E, de repente, vi-me no fundo dos seus olhos: morto. Morto como os ciprestes, sem inverno e sem flor. Larguei-a e afastei-me sem nada dizer. Ela ficou imóvel no seu banco de pedra: pensava em Antônio que pensava na guerra. E eu estava só novamente.

Algumas semanas mais tarde, Antônio, auxiliado pelos exércitos do Duque d'Anjou, apoderava-se de Rivelles; foi ferido no assalto; enquanto se organizavam festas em Carmona para

celebrar a vitória, fui a Villana para onde o tinham transportado. Encontrei-o no leito, branco, pele colada aos olhos; tinha um buraco no ventre.

— Pai — disse-me sorrindo —, tem orgulho de mim?

— Tenho.

Eu sorria também, mas um vulcão vomitava lavas ardentes em meu peito. Apenas um buraco no ventre e vinte anos de cuidados, vinte anos de esperanças e amor se aniquilavam.

— Têm orgulho de mim em Carmona?

— Nunca terá havido em toda a Itália festejos mais belos do que esses com que vão celebrar tua vitória.

— Se eu morrer — disse ele — esconda a notícia até que terminem os festejos. É tão lindo uma festa!

— Prometo — disse eu.

Fechou os olhos com um ar feliz. Morria glorioso, satisfeito; como se a vitória tivesse sido uma verdadeira vitória, como se a palavra vitória tivesse um sentido. Para ele o futuro não comportava ameaças; não havia mais futuro; morria tendo feito o que queria fazer; era, para sempre, um herói triunfante.

“E eu nunca terei fim”, pensava, olhando o céu incandescente.

Cumprira minha promessa. Só Beatriz sabia que Antônio morrera. Ignorante e alegre, o povo gritava: “Viva Carmona! Viva Antônio Fosca!” Durante três dias, cortejos percorreram as ruas da cidade, houve torneios na grande praça, em três igrejas representaram mistérios. Em San Felice, durante a representação do mistério de Pentecostes, fagulhas que simbolizavam as línguas de fogo do Espírito Santo tinham caído nas tapeçarias e a igreja agora queimava; os habitantes olhavam o incêndio com indiferença. Cantavam, dançavam. Girândolas de luz iluminavam a praça de fachadas cobertas de tecidos dourados. Fogos de bengala ensanguentavam as estátuas de mármore.

— Não vão apagar o incêndio? — disse Eliana.

Estava em pé, perto de mim, na sacada; o colar de ouro e rubis que eu lhe dera ornava-lhe o colo cor de âmbar.

— É dia de festa — disse eu. — Há igrejas suficientes em Carmona.

Levara trinta anos a construção; em uma única noite seria consumida. Quem se preocupava com isso?

Voltei ao grande salão iluminado. Vestidos de brocado, brilhando sob as joias, homens e mulheres dançavam. Os emigrados de Rivelles e os emissários das cidades conquistadas achavam-se sentados sob um dossel em volta dos embaixadores do Duque d'Anjou. Os franceses falavam em tom rude e os outros riam servilmente. No meio dos dançarinos percebi Beatriz. Trajava um vestido de seda vermelha e dançava com um fidalgo francês. Quando a música parou fui ter com ela.

— Beatriz!

Ela sorriu, desafiante.

— Acreditava-a no quarto.

— Pois bem, desci.

— Dança?

— Não devo festejar eu também o triunfo de Antônio?

— Belo triunfo. Os vermes lhe estão comendo o ventre.

Ela disse em voz baixa:

— Cale-se.

Seu rosto brilhava como brasa.

— Está com febre — disse-lhe eu. — Por que se tortura? Vai chorar?

— Morreu vencedor.

— É tão cega como ele. Olhe.

Apontei os franceses de fisionomias insolentes e mãos grosseiras que enchiam a sala com seus risos incontidos.

— Eis os verdadeiros vencedores.

— Então? São nossos aliados.

— Aliados poderosos demais. O porto de Rivelles vai servi-lhes de base para uma expedição contra Nápoles. E quando tiverem

tomado Nápoles...

— Poderemos vencer os franceses também.

— Não.

Houve um longo silêncio e ela disse:

— Gostaria de lhe pedir um favor.

Olhei seu rostinho magoado.

— É a primeira vez...

— Deixe-me partir daqui.

— Para onde iria?

— Viver com minha mãe.

— Lavar roupa todos os dias e tratar de vacas?

— Por que não? Não quero ficar aqui.

— Minha presença é tão insuportável?

— Amava Antônio.

— Ele morreu sem se preocupar com você — disse duramente.

— Esqueça-o.

— Não.

— Lembre-se de sua infância; como gostava de viver!

— Exatamente.

— Fique aqui. Tudo o que quiser eu lhe darei.

— Desejo partir.

— Ah! Cabeça dura — disse eu. — Que vida teria?

— Uma vida. O senhor não compreende que não se pode respirar a seu lado? O senhor mata todos os desejos. Dá, dá, mas só dá chocalhos. Talvez seja por isso que Antônio tenha preferido morrer: não lhe deixou outra maneira de viver.

— Vá para a casa de sua mãe — disse eu com raiva; — e morra lá bem viva!

Virei as costas e dirigi-me para o lado dos embaixadores. O emissário do Duque d'Anjou aproximou-se.

— Que festa magnífica!

— É uma festa — disse eu.

Lembrava-me das velhas paredes que uma rala tapeçaria cobria de longe em longe. Catarina bordava, em seu vestido de

lã. Agora a pedra desaparecia sob os cortinados de seda e os espelhos; homens e mulheres vestiam-se de seda e ouro, mas os corações continuavam insatisfeitos. Eliana olhava Beatriz com ódio, e outras mulheres cobiçavam o colar de Eliana; os maridos olhavam, ciumentos, suas mulheres dançando nos braços dos estrangeiros; todos eram roídos pela ambição, pelo desgosto, pelo rancor, indiferentes ao fausto quotidiano.

— Não vejo o embaixador de Florença — comentei.

— Um mensageiro entregou-lhe um ofício — disse Jacques d'Attigny —; ele leu-o e deixou imediatamente a sala.

— Ah! — Constatei. — É a guerra.

Alcansei a sacada. Rojões estouravam no céu e San Felice continuava a queimar. O povo dançava. Dançava porque Carmona obtivera uma grande vitória e a guerra terminara. A guerra começava. Os florentinos exigiam que eu devolvesse Rivelles aos Manzoni; os franceses mo proibiam. Vencer Florença com o auxílio dos franceses era dar-lhes a Toscana; lutar contra eles era arruinar Carmona e fazer dela a presa de Florença. Que jugo escolher? Antônio morreria por nada.

Rostos erguiam-se para mim. O rumor da multidão transformou-se numa voz: “Viva o Conde Fosca!” Aclamavam-me e Carmona estava perdida.

Apertei a barra de ferro nas mãos. Quantas vezes me postara naquela sacada, nos momentos de orgulho, de alegria, de horror? Para que tanta paixão, tantos temores, tanta esperança? Repentinamente, nada mais tinha importância, nem a paz nem a guerra tinham importância. A paz: Carmona continuaria a vegetar sob o céu como um cogumelo gigante; a guerra: o que os homens tinham construído seria destruído para ser reconstruído amanhã. De qualquer maneira, toda aquela gente que dançava morreria logo, de uma morte inútil como a sua vida. San Felice queimava. Eu pusera Antônio no mundo e ele saíra do mundo. Nada teria mudado na terra se eu não tivesse existido.

“Teria o monge razão?”, pensava. “Não se pode fazer nada?”
Minhas mãos crispavam-se. E, no entanto, eu existia, tinha uma cabeça, dois braços e a eternidade diante de mim.

— Deus meu! — disse.

Bati na minha frente com os punhos. Posso seguramente; posso fazer alguma coisa. Mas onde? Como? Eu compreendia esses tiranos que mandam incendiar uma cidade ou que decapitam um povo inteiro para provar a si próprios o seu poder; mas não matavam senão homens já condenados à morte, destruíam unicamente futuras ruínas.

Voltei-me; Beatriz em pé, junto ao muro, olhava no vácuo com olhos parados. Fui a ela.

— Beatriz, acabo de jurar que será minha mulher.

— Não — disse ela.

— Jogá-la-ei num calabouço onde ficará até consentir.

— Não fará isso.

— Conhece-me mal. Eu o farei.

Ela recuou e disse com voz trêmula:

— Dizia-me que queria minha felicidade.

— Quero-a e a farei, queira você ou não. Deixei Antônio dono de sua própria vida e ele a perdeu: morreu por nada. Não repetirei semelhante erro.

* * *

A guerra recomeçou. Demasiado fraco para empreender uma luta contra meus poderosos aliados, tive que recuar, entregar Rivelles, e os florentinos assediaram desde logo vários castelos situados nas fronteiras de meus territórios. Tomaram de surpresa algumas praças fortes e de surpresa fizemos seus capitães caírem em algumas emboscadas. Havia franceses servindo no meu exército e os florentinos tinham contratado oitocentos estradiotas. Os combates eram mais sangrentos do que antes, porque esses soldados estrangeiros não pediam quartel nem o

concediam a ninguém; mas os resultados permaneciam tão incertos como outrora; ao fim de cinco anos, Florença não parecia ter alguma probabilidade de acabar conosco, nem Carmona de se libertar dela.

— Isso pode durar mais vinte anos — disse eu. — Não haverá vencedor nem vencido.

— Vinte anos! — disse Beatriz.

Estava sentada a meu lado no seu gabinete de trabalho e olhava a tarde pela janela; suas mãos espalmaram-se sobre os joelhos. Trazia uma aliança no dedo mas nunca meus lábios haviam tocado os dela. Vinte anos... Ela não pensava na guerra. Ela pensava: “Daqui a vinte anos eu terei quase cinquenta.” Levantei-me, virei as costas para a janela, não podia suportar a cor daquele crepúsculo.

— Está ouvindo? — perguntou ela.

— Estou.

Ouvia a mulher que cantava na estrada e ouvia também borbulhar no coração de Beatriz aquela água insossa que borbulhava no meu.

— Beatriz — disse bruscamente. — É realmente impossível me amar?

— Não falemos nisso.

— Tudo mudaria se me amasse.

— Há muito tempo que não mais o detesto.

— Mas não me ama.

Plantei-me diante do grande espelho embaçado. Um homem na força da idade, com um rosto duro e sem rugas; nunca o meu corpo musculoso conhecia o cansaço; eu era mais alto e mais robusto do que os homens da época.

— Serei um monstro?

Ela não respondeu. Sentei-me a seus pés.

— Parece-me, no entanto, que há um entendimento entre nós. Parece-me que a compreendo e que você me compreende.

— Sem dúvida.

Com a ponta dos dedos ela tocou meus cabelos.

— Então que é que falta? O que amava em Antônio não encontra em mim?

Ela retirou a mão.

— Não.

— Sei. Ele era belo, generoso, corajoso, altivo. Não terei nenhuma dessas virtudes?

— Parece tê-las.

— Parece... Serei um impostor?

— Não é culpa sua. Agora, compreendo que não era sua culpa e não o detesto mais.

— Explique-se.

— Para quê?

— Quero saber.

— Quando Antônio mergulhava no lago, quando partia ao assalto à frente da tropa, eu o admirava porque arriscava a vida; mas em que consiste a sua coragem? Gostava da generosidade dele; você dá sem contar suas riquezas, seu tempo, suas penas, mas tem tantos milhões de vida à sua frente que o que sacrifica não é nunca nada. Gostava também de seu orgulho: um homem como todos os outros e que escolhe ser ele próprio, é belo; você é um ser excepcional e sabe-o; isso não me comove.

Ela falava com voz nítida, sem ódio e sem piedade, e, através de suas palavras, ouvi subitamente uma voz do passado, uma voz há muito esquecida que dizia com angústia: “Não bebas.”

— Então — disse eu — nada do que faço, nada do que sou tem algum valor a seus olhos porque sou imortal?

— É isso.

Pôs a mão no meu braço.

— Escute essa mulher cantando. Seria o canto tão comovente se ela não devesse morrer?

— É então uma maldição? — indaguei.

Ela não respondeu; não havia que responder: era uma maldição.

Bruscamente levantei-me e tomei Beatriz nos braços.

— E no entanto estou aqui — disse. — Estou vivo, amo-a e sofro. Em toda a eternidade nunca mais a encontrarei, nunca mais será você.

— Raimundo — disse ela.

Dessa feita havia piedade em sua voz e talvez ternura.

— Tente amar-me. Tente — pedi.

Apertei-a contra mim e senti-a abandonar-se em meus braços. Esmaguei minha boca de encontro à dela; seus seios fremiam contra meu peito; sua mão deslizou pela anca.

— Não — disse ela —, não.

— Eu a amo. Eu a amo como um homem que ama uma mulher.

— Não.

Ela tremia; desvencilhou-se e murmurou:

— Perdoe-me.

— Por quê?

— Seu corpo me amedronta. É de outra espécie.

— É de carne como seu.

— Não.

Lágrimas banhavam-lhe os olhos.

— Não compreende? Não posso suportara carícia de mãos que nunca apodrecerão. Isso enche-me de vergonha.

— Diga, antes, de horror.

— É a mesma coisa.

Olhei minhas mãos: mãos malditas. Compreendia.

— Você é que deve perdoar-me — disse eu. — Em duzentos anos eu não compreendera ainda. Compreendo agora. Beatriz, você é livre; se quiser partir, parta; se algum dia amar um homem, ame-o sem remorso.

Repeti:

— Está livre.

— Livre?

Durante dez anos ainda, incêndios, pilhagens, chacinas devastaram nossas fronteiras. Ao fim desse tempo, o Rei da França, Carlos VIII, entrou na Itália a fim de reivindicar a posse do reino de Nápoles; tendo Florença concordado em aliar-se a ele, ele se interpôs como mediador entre aquela cidade e nós. Conservamos Rivelles com a condição de pagar em troca um pesado tributo à nossa inimiga.

Há anos era eu forçado a aceitar a proteção dos franceses; mas foi com desespero que vi a Itália submetida à sua tirania e entregue às desordens da guerra civil e da anarquia. “É minha culpa”, dizia a mim mesmo amargamente. Se tivesse outrora abandonado Carmona aos genoveses, Gênova teria sem dúvida conseguido dominar toda a Toscana e as invasões estrangeiras teriam malgrado ante essa barreira. Fora minha mesquinha ambição, fora a ambição de cada pequena cidade que impedira a Itália de se constituir numa única nação, como o haviam feito a França e a Inglaterra e como acabava de fazer a Espanha.

— Está ainda em tempo — dizia-me com ardor Varenzi.

Era um erudito célebre, autor de uma *História das Cidades Italianas*, que viera a Carmona suplicar-me que salvasse nosso desgraçado país; conjurava-me a trabalhar no sentido de unir os Estados da Itália em uma vasta confederação que eu administraria. Pusera a princípio sua esperança em Florença; mas o poderoso partido dos Penitentes, fanatizado por Savonarola, não contava com outras forças senão as das orações e só rezava pela glória egoísta de sua cidade. Então Varenzi voltara-se para mim. Por fraca que fosse Carmona, diminuída por quinze anos de guerra, tais planos não me pareciam quiméricos: no estado de anarquia e incerteza em que mergulhava a Itália, bastava um homem decidido para mudar a face de seu destino. Quando Carlos VIII se resignou a abandonar Nápoles e atravessou novamente os Alpes, resolvi agir. Tendo fortalecido minha aliança com Florença pela pontualidade com

que pagava os subsídios prometidos, entabulei negociações com Veneza. Mas o Duque de Milão soube de meus projetos. Temendo o poder de uma liga de que não fosse o chefe, enviou embaixadores a seu sobrinho Maximiliano, rei dos romanos; convidou-o a ir receber em Milão a coroa da Lombardia e em Roma a do Império, a fim de restabelecer em toda a Itália a antiga autoridade dos imperadores. Fez pressão sobre Veneza, ameaçando jogar-se nos braços do Rei da França, que se imaginava então disposto a atravessar novamente os Alpes. E os venezianos acabaram por enviar também por seu lado embaixadores a Maximiliano, prometendo um subsídio.

Maximiliano entrou na Itália e todos os pequenos povos de Toscana se declararam seus aliados, esperando que ele pusesse termo à hegemonia de Florença e de Carmona. Foi ele assediar Livorno, atacando-a por terra e por mar. Diante dessa notícia, Carmona mergulhou numa horrível angústia. O ódio de nossos vizinhos invejosos, a desconfiança do Duque de Milão tornavam-nos impossível conservar nossa independência, caso Maximiliano conseguisse assenhorear-se da Itália. Ora, tomada Livorno, toda a Toscana estaria em seu poder. Os florentinos tinham mandado para o porto uma boa guarnição e numerosa artilharia; ademais, tinham-no fortificado recentemente com novas obras. Mas Maximiliano era apoiado pela frota veneziana e pelo exército milanês. Quando soubemos que quatrocentos cavaleiros e igual número de infantes alemães tinham avançado em Marema além de Cicina, e que havia tomado o grande burgo de Balghein, sua vitória pareceu-nos assegurada. Nossa única esperança era que o corpo de exército e os seis mil moios de trigo prometidos por Carlos VIII à senhoria de Florença lhe fossem enviados sem demora. Tínhamos aprendido de há muito a não confiar na palavra dos franceses.

— Dizer que nosso destino está sendo jogado e que se joga sem nós — disse eu.

Com a fronte colada à vidraça vigiava a curva da estrada, na esperança de ver chegar um mensageiro.

— Não pense mais nisso — disse Beatriz. — Não adianta pensar.

— Sei, mas não se pode deixar de pensar.

— Oh! Sim — respondeu ela. — Graças a Deus, pode-se.

Contemplei sua nuca inclinada, sua nuca gorda. Ela estava sentada diante de uma mesa coberta de pincéis, de pós e de folhas de pergaminho. Conservara seus belos cabelos negros, mas seus traços tinham-se feito mais grosseiros e a cintura tornara-se mais pesada; a chama dos olhos extinguiu-se. Tudo o que um homem pode dar a uma mulher eu dera, e ela passava os dias iluminando manuscritos.

— Largue esses pincéis — disse-lhe.

Ela ergueu a cabeça e olhou-me com surpresa.

— Venha comigo ao encontro dos mensageiros — disse-lhe. — Far-lhe-á bem um pouco de ar.

— Faz muito tempo que não monto a cavalo.

— Justamente. Não sai nunca.

— Estou bem aqui.

Dei uns passos no quarto.

— Por que escolheu viver desse modo?

Ela respondeu em voz lenta:

— Escolhi?

— Dei-lhe toda liberdade — respondi vivamente.

— Não lhe censuro coisa alguma.

De novo debruçou-se sobre as iluminuras.

— Beatriz — pedi eu —, desde a morte de Antônio, você nunca mais amou?

— Não.

— Por causa de Antônio?

Houve um silêncio e ela disse:

— Não sei.

— Por quê?

— Suponho que não era capaz de amar.

— É culpa minha?

— Por que se atormenta? Pensa muito. Pensa demais.

Sorriu-me subitamente.

— Não sou infeliz — disse ela com voz alegre.

Novamente apoiei a fronte na vidraça, tentando não pensar: seu destino decidira-se sem ela; meu destino decide-se sem mim. Mas eu não sabia ainda impedir-me de pensar. Talvez Maximiliano já estivesse em Livorno... Deixei subitamente o quarto, montei a cavalo, galopei até a encruzilhada. Uma multidão se movimentara até lá, a pé ou a cavalo; sentada à beira dos fossos, aquela gente fixava avidamente a estrada do mar. Ultrapassei a encruzilhada e enveredei pela estrada. Quando encontrei o mensageiro, ele comunicou-me que Castagneto se rendera e que Billona se preparava para fazer o mesmo.

Ninguém ceou nessa noite. Beatriz e Varenzi fecharam-se comigo no gabinete de trabalho e novamente ficamos de atalaia à escuta do galope dos cavalos. Parecia-me nada ter mais a fazer na terra, senão permanecer, imóvel, fronte colada à vidraça, espiando a estrada vazia.

— Essa noite Livorno será tomada — disse eu.

— Que vento! — comentou Varenzi sombrio.

As copas das árvores agitavam-se furiosamente; o vento erguia turbilhões de poeira na estrada, o céu era cor de chumbo.

— O mar está encapelado — disse ele.

— Está. Não podemos esperar nenhum socorro.

A estrada estava vazia. Ao longe as estradas estavam cobertas de lansquenetes cujas plumas tremiam ao vento e que avançavam na direção de Livorno, massacrando os habitantes dos burgos que atravessavam; os canhões bombardeavam o porto. O mar desfeito estava vazio como a estrada.

— Ele dará Carmona ao Duque de Milão — disse eu.

— Uma cidade como essa não pode morrer — respondeu Beatriz com ardor.

— Já está morta — disse eu.

Eu era o chefe dessa cidade e minhas mãos pendiam impotentes, largadas ao longo de meu corpo. Ao longe, os canhões estrangeiros bombardeavam uma cidade estrangeira; cada balaço atingia o coração de Carmona e ela nada podia fazer para se defender.

A noite caiu. Não podíamos mais distinguir a estrada, nem reconhecer nenhum ruído dos urros do vento; eu não olhava mais pela janela; olhava para a porta por onde surgiria o mensageiro, escutava atento o ruído dos passos. Mas a noite passava e a porta não se abria. Beatriz cruzara as mãos sobre o peito e dormia de cabeça erguida, com nobreza. Varenzi meditava. Foi uma longa noite. O tempo permanecia imóvel no fundo da ampulheta azul que nenhuma mão virava.

Eu recordava todos aqueles anos, aqueles dois séculos durante os quais lutara por Carmona. Pensava ter seu destino nas mãos; defendia-a contra Florença, contra Gênova, preocupava-me com os desígnios da Senhoria, vigiava Siena e Pisa, enviava espiões a Milão, e não me interessava pelas guerras que se travavam entre a França e a Inglaterra, nem pelos sucessos da corte de Borgonha, nem as querelas entre os eleitores alemães; não suspeitava que essas batalhas longínquas, essas disputas, esses tratados redundariam para mim naquela noite de impotência e ignorância, e que o destino de Carmona se decidia através do mundo inteiro. Decidia-se naquela hora sobre o mar encapelado, no acampamento alemão, no meio da guarnição florentina, e, do outro lado dos Alpes, no coração leviano e traiçoeiro do Rei da França. Nada mais do que ocorria em Carmona concernia a Carmona. Quando surgiu a aurora, todo temor e toda esperança tinham morrido dentro de mim; nenhum milagre podia mais dar-me a vitória: Carmona não mais me pertencia; e na vergonha da espera inútil eu deixara de pertencer a mim mesmo.

Foi somente por volta de meio-dia que um cavaleiro apareceu na curva da estrada: Livorno estava salva. Apesar do mau tempo uma frota francesa de seis navios e dois galões carregados de trigo e de soldados chegara ao porto; tendo a velocidade do vento obrigado as frotas genovesas e venezianas a se abrigarem em Melina, os franceses, sem precisar disputar a passagem, haviam entrado a todo pano no porto de Livorno.

Dias mais tarde soubemos que uma tempestade fustigara a frota do imperador, o que fizera Maximiliano recolher seu exército a Pisa, declarando que não podia bater-se contra Deus e contra os homens ao mesmo tempo. Eu escutava essas notícias com indiferença; parecia-me que não mais me diziam respeito.

— É preciso reatar as negociações com Veneza — aconselhou Varenzi. — Maximiliano está sem dinheiro; se Veneza lhe recusar subsídios, ele abandonará a Itália.

Os demais conselheiros aprovavam essas palavras. Diziam outrora: “O bem de Carmona, a salvação de Carmona.” Eu ouvia agora: “O bem da Itália, a salvação da Itália.” Desde quando falavam assim? Há horas ou há anos? Tinham mudado entrementes de roupas e fisionomias, mas eram sempre as mesmas vozes ponderadas, os mesmos olhos graves fixos num futuro mesquinho: quase as mesmas palavras. O sol do outono dourava a mesa e brincava sobre a corrente que eu fazia pular nas mãos. Parecia-me já ter vivido exatamente aquele minuto: cem anos antes? Uma hora antes? Ou em sonho? Pensei: “Terá sempre esse gosto a vida para mim?” E disse subitamente:

— Retomaremos essa discussão amanhã. Está encerrada a sessão.

Transpus a porta do gabinete e desci para mandar selar meu cavalo. Sufocava naquele castelo! Enveredei pela rua nova, cujas altas e brancas muralhas tinham amarelecido. Vê-las-ia ainda daqui a cem anos? Dei de esporas. Sufocava-se em Carmona.

Durante muito tempo galopei através da planície; o céu fugia por cima da minha cabeça; embaixo de mim a terra dava saltos;

desejara que aquela corrida durasse sempre, com aquele vento no rosto e aquele silêncio no coração. Mas quando os flancos do cavalo ficaram molhados de suor, houve novamente palavras dentro de mim: Carmona foi salva mais uma vez. E agora que farei?

Tomei pelo caminho que subia a colina; subia em lances e pouco a pouco divisei toda a planície. Embaixo, ao longe, havia o mar à direita, e terminava a Itália; esta estendia-se em derredor a perder de vista, mas à beira do mar, ao pé das montanhas ela se detinha. Com cuidado, com paciência, em dez ou vinte anos poderia estar sob o meu governo. E uma noite, minhas mãos inúteis estariam largadas; com os olhos fixos num horizonte longínquo, ouviria o eco dos acontecimentos que se desenrolariam do outro lado das montanhas e dos mares.

“A Itália é pequena demais”, pensei.

Detive o cavalo e apeei. Muitas vezes subia a esse pico para contemplar a paisagem imutável. Mas de repente pareceu-me que o que eu sonhara algumas horas antes acabara de acontecer; havia em minha boca um gosto desconhecido. O ar tremera; em torno de mim tudo era novo. Carmona empoleirada em seu rochedo, flanqueada de suas oito torres crestadas pelo sol, não passava de um grande cogumelo. E a Itália em volta dela era uma prisão, cujos muros tinham-se desmoronado.

Embaixo, ao longe, havia o mar; mas o mundo não parava à beira do mar. Navios de velas brancas vogavam para a Espanha, e além da Espanha para continentes novos. Nessas terras desconhecidas, homens vermelhos adoravam o sol e batiam-se a machadadas. E além dessas terras, havia outros oceanos e outras terras, o mundo não terminava em nenhum lugar; nada existia fora dele: ele trazia seu destino em seu próprio coração. E não era mais diante de Carmona, não era mais na Itália, era no meio do vasto mundo único e sem limites que eu me achava agora.

Desci a colina a galope.

Beatriz estava em seu quarto; traçava ornatos vermelhos e dourados num pedaço de pergaminho. Ao lado dela havia um vaso cheio de rosas.

— Então? Que dizem seus conselheiros?

— Tolices — respondi com vivacidade.

Ela olhou-me surpresa.

— Vim dizer adeus, Beatriz.

— Para onde vai?

— Pisa. Vou juntar-me a Maximiliano.

— Que espera dele?

Peguei uma rosa e esmaguei-a nas mãos.

— Dir-lhe-ei: Carmona é pequena demais para mim; a Itália é pequena demais. Nada se pode fazer, a menos que reine sobre o mundo inteiro. Aceite-me a seu serviço e eu lhe darei o mundo.

Beatriz levantou-se bruscamente, tornara-se muito pálida.

— Não compreendo — disse.

— Pouco me importa governar em meu nome ou em nome de outro. Posto que essa possibilidade se me oferece, tomá-la-ei. Ligar-me-ei à sorte dos Habsburgos. E talvez possa enfim agir.

— Vai abandonar Carmona?

Uma chama voltava a luzir em seus olhos:

— É bem o que quer dizer?

— Pensa que ficarei apodrecendo em Carmona durante a eternidade? Que é Carmona? Há muito tempo que já não sou daqui.

— Não, não pode fazê-lo.

— Sei. É a cidade pela qual Antônio morreu.

— É sua cidade. A cidade que tantas vezes salvou, que governou durante dois séculos. Não vai trair o seu povo.

— Meu povo? Já morreu tantas vezes! Como posso sentir-me ligado a eles: nunca são os mesmos.

Aproximei-me dela e tomei-lhe as mãos.

— Adeus. Quando eu tiver partido talvez possa recomeçar a viver.

De chofre seus olhos apagaram-se.

— É tarde demais — disse.

Contemplei com remorsos seu rosto balofo. Se eu não tivesse desejado tão imperiosamente sua felicidade, sem dúvida ela teria amado, sofrido, vivido. Eu a perdera muito mais seguramente do que perdera Antônio.

Disse:

— Perdoe-me.

Toquei-lhe os cabelos com os lábios; mas ela já era apenas uma mulher entre milhões de outras; e a ternura e o remorso tinham o sabor das coisas passadas.

A tarde caíra. Um ar frio subia do rio. Da sala de jantar vizinha vinha um ruído de louça e de vozes, e Régine lembrou-se de que, um instante antes, sete horas tinham soado no campanário. Olhou para Fosca:

— E teve a força de recomeçar?

— Pode-se impedir que a vida recomece todas as manhãs? Lembre-se do que dizíamos uma tarde: por mais que se saiba, o coração bate, a mão se estende...

— E a gente se encontra penteando os cabelos — disse Régine.

Olhou em torno de si:

— Crê que amanhã ainda pentearei os cabelos?

— Suponho.

Ela levantou-se:

— Vamos sair daqui.

Saíram do albergue e Fosca perguntou:

— Aonde iremos?

— A qualquer lugar.

Ela mostrou-lhe a estrada:

— Podemos em todo caso seguir por essa estrada, não acha?

Riu.

— O coração bate, um pé avança atrás do outro. As estradas não têm fim.

Andaram, um pé avançando atrás do outro.

Ela indagou:

— Gostaria de saber o que foi feito de Beatriz.

— Que queria que acontecesse? Um dia morreu. Eis tudo.

— Tudo?

— Não sei nada mais. Deixara Carmona quando lá voltei e não procurei saber. Aliás, não há o que saber. Morreu.

— No fundo, todas as histórias acabam bem — disse Régine.

Segunda parte

Soldados alemães marchavam pesadamente pelos cais empoeirados do Arno, entre os pisanos que eles olhavam por cima da cabeça; o antigo palácio dos Médicis estava cheio do ruído de suas esporas e de suas botas. Fizera-me esperar um bom momento; não estava acostumado a esperar. Depois, um guarda introduziu-me no gabinete em que o imperador estava sentado. Era louro, com cabelos duros que lhe caíam como bastonetes em cima das orelhas, e tinha um nariz grande, achatado. Aparentava quarenta anos mais ou menos. Com um gesto cortês fez-me sinal para que sentasse. Dispensara os guardas e estávamos sós.

— Conde Fosca — disse-me —, desejei muitas vezes conhecer-vos.

Examinava-me com curiosidade.

— É verdade o que contam de vós?

— É verdade que até hoje Deus me permitiu vencer a velhice e a morte.

Ele disse com orgulho:

— Os Habsburgos também são imortais.

— Sim — concordei —, e é por isso que devem possuir o mundo. Só o mundo está na medida da eternidade.

Ele sorriu.

— O mundo é grande.

— A eternidade é longa.

Examinava-me em silêncio com um ar desconfiado e astuto:

— Que viestes pedir-me?

— Vim dar-vos Carmona.

Ele riu. Vi-lhe os dentes brancos.

— Tenho medo de que um tal presente me custe muito caro.

— Não vos custará nada. Há dois séculos que reino e estou cansado. Desejo somente que me permitais ligar-me à vossa sorte.

— E não quereis nada em troca?

— Que posso receber de um homem, ainda que imperador?

Parecia tão perplexo que tive pena dele:

— A Itália está destinada a ser dentro em breve a presa do Rei da França ou a vossa presa; não me interessa mais por ela, e sim pelo mundo. Gostaria que o mundo estivesse unido nas mãos de um só homem, pois só assim seria possível moldá-lo.

— Mas por que me ajudaríeis a uni-lo em minhas mãos?

— Que importa! — retorqui. — Vós mesmo, não é por vosso filho que lutais? Por vosso neto que ainda não nasceu, pelos filhos dele que não conhecereis nunca?

— Trata-se de minha linhagem.

— A diferença não é tão grande.

Ele refletia com um ar infantil e dolorido.

— Quando eu vos houver entregado meus castelos e fortalezas, nada vos impedirá de tomar Florença. E conquistada Florença, toda a Itália é vossa.

— A Itália é minha — concordou ele como em sonho.

Seu rosto contraído pelo esforço distendeu-se. Durante um instante ele sorriu em silêncio, depois disse:

— Faz mais de um mês que não pago meus homens.

— De quanto necessitais?

— Vinte mil florins.

— Carmona é rica.

— Vinte mil florins por mês.

— Carmona é muito rica — insisti, sorrindo.

Três dias depois, Maximiliano entrou em Carmona. O escudo de mármore coberto de lírios de ouro, erguido no centro da cidade em homenagem a Carlos VIII, foi arrancado para ser substituído pelo brasão do imperador; e o povo que aclamara quatro anos antes o Rei da França aclamou os imperiais com o mesmo entusiasmo. As mulheres atiravam-lhes flores.

Uma semana transcorreu em meio a torneios e festins durante os quais Maximiliano engolia enormes pratos de viandas apimentadas e grandes canecos de vinho. Uma noite, ao sairmos da mesa, após um repasto de três horas, perguntei-lhe:

— Quando marchamos contra Florença?

— Ah! Florença!

Seus olhos estavam avermelhados e turvos; percebeu que eu o examinava e continuou com majestade:

— Razões imperiosas chamam-me à Alemanha.

Inclinei-me:

— Quando partis?

Decidiu de chofre:

— Amanhã pela manhã.

— Partirei convosco.

Vi-o afastar-se num andar digno mas incerto. Não havia muito que esperar de semelhante imperador; em uma semana eu o julgara: ignorante, fantasista, cúvido, carecia de ambição e perseverança. Devia ser possível, entretanto, conquistar ascendência sobre sua pessoa; e ele tinha um filho cujo temperamento talvez conviesse melhor às minhas esperanças. Estava decidido a segui-lo. Saí do palácio. Havia luar; cantos roucos subiam da planície onde acampavam as hordas de Maximiliano: duzentos anos antes, eram as tendas dos genoveses que se divisavam, vermelhas, em meio às oliveiras cinzentas, e eu mantinha as portas fechadas. Alcancei o cemitério onde dormiam Catarina e Antônio, sentei-me na escadaria da catedral, dei a volta aos baluartes. O milagre acontecera: o gosto de minha vida mudara, eu via Carmona com olhos novos; era uma cidade estrangeira.

Pela manhã, após ter transposto o portão, olhei aquele rochedo eriçado de torres que fora durante tanto tempo o coração da terra; não passava de uma ínfima parcela do império, a terra não tinha outro coração senão o meu. Estava jogado nu no mundo: um homem de nenhum lugar. O céu, por cima de minha cabeça, não era mais um teto, era um caminho sem fim.

Cavalgamos durante dias e noites. O céu empalidecia, o ar tornava-se mais fresco, as árvores menos escuras, a terra menos vermelha. Montanhas surgiam no horizonte; nas aldeias de

telhados de madeira, as casas cobriram-se de pinturas representando flores e pássaros. Respirávamos odores desconhecidos. Maximiliano conversava de bom grado comigo. Os Reis Católicos propunham-lhe um duplo casamento que uniria seu filho Filipe a Joana e sua filha Margarida ao infante D. João; ele hesitava e eu insistia para que aceitasse. Era a Espanha, com suas caravelas, que possuía as chaves do mundo.

— Mas jamais Filipe reinará sobre a Espanha — disse Maximiliano melancólico. — D. João é jovem e robusto.

— Viu-se morrerem homens jovens e robustos.

Avançamos a passos lentos por um caminho que recendia a capim verde e pinheiro.

— A Rainha de Portugal é a irmã mais velha de Joana — explicou Maximiliano. — Ela tem um filho.

— Podem morrer também, se Deus proteger os Habsburgos.

Os olhos de Maximiliano brilharam:

— Deus protege os Habsburgos — disse ele.

O infante morreu seis meses após o casamento e, logo depois, um mal misterioso levou para o túmulo a Rainha de Portugal e o pequeno D. Miguel. Quando a Princesa Joana deu à luz um filho, nenhum obstáculo mais separava esse menino do trono da Espanha. Debrucei-me sobre o berço em que vagia o raquítico recém-nascido, herdeiro da Espanha e dos Países-Baixos, da Áustria, da Borgonha e dos ricos territórios italianos. Nas suas fraldas de rendas, cheirava a leite azedo como os demais recém-nascidos e bastava um aperto de mão para arrebentar-lhe o crânio. Disse-lhe:

— Faremos um imperador desse menino.

Uma nuvem toldou o rosto displicente de Maximiliano:

— Como? Não tenho dinheiro.

— Inventá-lo-emos.

— Podereis inventá-lo já?

— É cedo demais.

Examinou-me com desânimo e perplexidade:

— Acompanhar-me-eis à Itália?

— Não.

— Por quê? Não acreditais na minha estrela?

— A glória de vossa casa é-me ainda mais cara do que a vossa. Se me permitirdes, ficarei aqui e velarei por essa criança.

— Ficai.

Olhou o recém-nascido e sorriu:

— Ensinaí-lhe a não se parecer com o avô.

Fiquei, pois, no palácio de Malinês enquanto Maximiliano cavalgava sem êxito através da Itália e lutava em vão contra os suíços. Eu granjeara-lhe a confiança e ele apreciava grandemente meus conselhos; mas isso pouco adiantava porque não os seguia. Eu desistira: dele, já nada esperava. Sei filho Filipe não gostava de mim; era, de resto, de saúde frágil e havia poucas possibilidades de que viesse a reinar. Quanto à Princesa Joana, dava sinais de extravagância que inquietavam seus familiares. Todas as minhas esperanças assentavam naquele menino cujos primeiros passos e primeiras palavras eu aguardava inquieto. Era igualmente frágil e, amiúde, ataques de nervos jogavam-no ao chão. Só eu conseguia acalmá-lo. Estava sempre a seu lado e ele não conhecia outra lei senão a de minhas sobranceiras franzidas. Mas eu perguntava a mim mesmo: Viverá bastante tempo? Que espécie de homem será? Se morresse, se se tomasse de ódio contra mim, ser-me-ia preciso renunciar a meus grandes sonhos por alguns séculos talvez.

Os anos passaram. Filipe morreu. Joana, que parecia inteiramente louca, foi encerrada no castelo de Tordesilhas. E Carlos vivia, crescia. Dia a dia, meus desígnios tornavam-se menos quiméricos; dia a dia, passeando pelas ruas brumosas de Malinês, imaginava o futuro com uma esperança maior. Gostava daquela cidade triste e calma. Quando eu passava nas ruas, as rendeiras debruçadas sobre seus fusos, atrás das vidraças de pequenos caixilhos, acompanhavam-me um instante com o olhar;

deixara crescer a barba e eu próprio diante do espelho hesitava ante a minha imagem. Muitas vezes eu atravessava as muralhas, ia sentar-me à beira do canal, olhava as imagens paradas no coração da água móvel e sonhava. Os sábios do século diziam que chegara o momento em que os homens iam decifrar claramente os segredos da natureza e dominá-la; então começariam a conquistar a felicidade. Eu pensava: “Será essa a minha obra. É preciso que um dia eu tenha nas mãos todo o universo: então nenhuma força será desperdiçada, nenhuma riqueza dissipada; porei fim às divisões que opõem uns aos outros os povos, as raças, as religiões, acabarei com as desordens injustas. Administrarei o mundo com a mesma economia com que administrei outrora os celeiros de Carmona. Nada será entregue aos caprichos dos homens nem aos acasos da sorte. A razão governará a terra: minha razão.” Quando a tarde começava a cair, voltava lentamente ao palácio; já às esquinas das ruas se acendiam os primeiros candeeiros; vozes, risos, ruídos de canecas de cerveja entrecrocadas ressoavam nos cabarés; sob o céu cinzento, entre aqueles homens de fala estrangeira, desconhecido, esquecido do próprio Maximiliano, parecia-me por vezes que acabara de nascer.

* * *

Inclinei-me sobre o leito em que Carlos estava deitado. Seu avô Fernando morrera e, alguns meses antes, Carlos fora coroado Rei da Espanha. Mas os súditos não escondiam sua preferência pelo irmão mais jovem que nascera e vivera entre eles.

— Sire, não podeis retardar mais vossa viagem — disse-lhe. — Seria perder a coroa.

Ele não respondeu. Estava gravemente enfermo. Os médicos diziam que sua vida se achava ameaçada.

— O partido de vosso irmão é poderoso. Devemos agir depressa.

Olhei com impaciência aquele adolescente alto e pálido que me escutava, boca entreaberta, com um ar inexpressivo; sob as pálpebras caídas, os olhos pareciam mortos e o lábio inferior pendia.

— Tendes medo? — perguntei-lhe.

Seus lábios mexeram enfim:

— Tenho. Tenho medo.

O tom era grave e sincero e fiquei algo desnorteado.

— Meu pai morreu na Espanha — disse ele. — Os médicos disseram que o clima seria perigoso para mim.

— Um rei não deve recuar diante do perigo.

Ele disse com uma voz lenta que gaguejava um pouco:

— Meu irmão seria um rei muito bom.

Refleti um instante em silêncio. Se Carlos morresse, nada estava perdido; o irmão era bastante jovem para tornar-se um instrumento dócil nas minhas mãos; se o arquiduque continuasse vivo e perdesse a Espanha, então o mundo se cindiria em dois e meus planos malograriam.

— Vós sois quem Deus designou — disse-lhe com energia. — Eu vos disse muitas vezes o que Ele de vós esperava: que o mundo partido em pedaços torne a ser um mundo só, como no dia em que saiu das mãos d'Ele. Se abandonardes a Espanha a Fernando, perpetuareis as divisões que dilaceram a terra.

Ele cerrou os lábios; gotas de suor brotavam-lhe da fronte.

— Posso abandonar-lhe tudo.

Olhei-o. Era doentio e de espírito lento; mas essa timidez mesma me convinha; eu não conhecia Fernando.

— Não — disse-lhe. — Vosso irmão é espanhol. Só se preocupará com os interesses da Espanha. Só vós podeis cumprir a missão de que Deus vos encarregou; é a vós que cabe assegurar a salvação do mundo. Vossa saúde, vossa felicidade não pesam.

Acertara. Ele empalideceu mais ainda.

— A salvação do mundo — respondeu. — É demais. Não serei capaz.

— Vós o sereis com a ajuda de Deus.

Ele pôs a cabeça entre as mãos e o deixei rezar em silêncio. Era uma criança; gostava das corridas ao ar livre, dos torneios, da música; e pressentia que fardo monstruoso eu lhe queria jogar aos ombros. Rezou longo tempo e depois disse:

— Seja feita a vontade de Deus.

Alguns dias depois Carlos instalou-se com sua corte no meio das dunas. Uma frota de quarenta navios aparelhados no porto de Flessingen aguardou vento favorável durante várias semanas; logo que o tivemos, vogamos rumo à Espanha. Apoiado aos filaretos, olhava dia após dia nascer e morrer o sol. Não era somente em direção à Espanha que eu vogava. Lá longe, do outro lado do horizonte, havia florestas povoadas de papagaios multicores e de pombas de ventre florido, e vulcões que cuspiam caudais de ouro fervilhante, e nos prados galopavam homens cobertos de penas. O Rei da Espanha era senhor desses paraísos selvagens. Eu pensava: “Um dia embicarei nessas costas e as verei com meus olhos. E as moldarei segundo meu desejo.”

A 19 de setembro, a frota chegou à vista da costa das Astúrias. A praia estava deserta; no flanco da montanha divisei uma longa caravana: crianças, mulheres e velhos caminhavam atrás de mulas carregadas de fardos, pareciam fugir. E repentinamente uma salva partiu de trás de uma moita. As damas da corte puseram-se a dar gritos e os marinheiros empunharam os fuzis. O rosto de Carlos permanecia impassível; silenciosamente, ele contemplava a terra que era seu reino; e não se espantava com essa rude recepção; não era a felicidade que vinha buscar ali. Houve nova descarga dos mosquetões; com todas as minhas forças gritei:

— Espanha! É vosso rei!

Toda a tripulação repetiu o grito e observei um movimento nas moitas que desciam até o mar; um homem aproximava-se de rastos. Sem dúvida reconheceu as armas de Castela nos estandartes do rei, pois ergueu-se brandindo o fuzil e gritando: “Espanha! Viva o rei!” Desde logo os montanhesees acorreram de detrás das moitas e dos rochedos aos berros de “Viva D. Carlos!” Disseram-nos mais tarde que, vendo o grande número de navios, tinham receado uma agressão dos bárbaros.

Alcançamos Villaviciosa. Nada fora preparado para nos receber e em sua maioria os fidalgos e até as damas tiveram que dormir sobre a palha. Logo pela manhã reiniciamos a marcha. O rei viajava num pequeno cavalo que lhe havia arranjado o embaixador da Inglaterra; sua irmã Leonor cavalgava a seu lado. As damas do séquito iam em carros de bois. Muitos fidalgos iam a pé. O caminho era rochoso e avançávamos a custo sob o duro céu azul. Ninguém nas encruzilhadas, ninguém nos campos nem nas estradas: uma epidemia devastava a região, e fora proibido aos habitantes que se deslocassem. Carlos, entretanto, parecia insensível à crueldade do sol, à aspereza da paisagem; nunca dava sinal de impaciência ou de melancolia. Dir-se-ia que, contrariamente às previsões dos médicos, o clima da Espanha lhe fortalecia a saúde. Talvez fosse o espanto de se sentir ainda vivo que fazia nascer no fundo de seus olhos uma centelha tímida que eu jamais vira. No dia em que entrou em Valhadoli, ele sorriu.

— Vou gostar desse país — disse.

Em poucas semanas pareceu desabrochar; tomou parte alegremente nas festas e torneios e muitas vezes acontecia-lhe rir com os jovens de sua idade. Eu pensava com alegria: “Ei-lo vivo, ei-lo rei. A primeira partida está ganha.” Logo que soube da morte de Maximiliano, retornei às pressas à Alemanha. Agora era preciso pensar no império.

Durante os primeiros anos de seu reinado, Maximiliano tinha distribuído dinheiro e promessas a mancheias a seus eleitores e

pensava ter assegurado os votos de cinco dentre eles. Mas desde o dia seguinte de sua morte, apesar dos seiscentos mil florins que lhes tinham sido pagos, os eleitores consideraram que o leilão continuava. Francisco I, Rei da França, entrou imediatamente na liça, jurando que, se necessário, gastaria três milhões para obter o império. Carlos era pobre. Mas do outro lado dos mares possuía veios de ouro, minas de prata, terras férteis. Fui procurar os banqueiros de Antuérpia e convenci-os a assinar letras de câmbio garantidas pelas nossas riquezas de ultramar. Depois fui a Augsburgo. Obtive dos Fugger letras de câmbio resgatáveis após a eleição. Enviei mensageiros com propostas aos eleitores; eu mesmo visitei-os, um por um; fui a Colônia, Trèves, Mogúncia. A cada instante chegavam mensageiros de Francisco I e de Henrique da Inglaterra com novas propostas que os eleitores, impassíveis, inscreviam em seus cadernos. Francisco I pagava com bons escudos sonantes; o eleitor de Brandeburgo, o de Trèves e o arcebispo de Colônia começavam a morder a isca. Certo dia, soube que Francisco I oferecera cem mil florins e a legação da Alemanha ao arcebispo de Mogúncia; parti na mesma noite ao encontro de Franz Von Sickingen, que comandava o exército da poderosa Liga da Suábia: galopei sem parar; o tempo outrora imóvel no fundo das ampulhetas azuis corria vertiginosamente sob as patas de meu cavalo.

Franz Von Sickingen odiava a França. À frente de um exército de vinte mil homens e quatro mil cavaleiros, marchamos contra Hochst, a algumas léguas de Frankfurt, enquanto outras tropas ameaçavam o Palatinado. Os eleitores, apavorados, prestaram o juramento costumeiro, declarando que seus votos eram puros e suas mãos limpas, e Carlos foi eleito pela soma total de oitocentos e cinquenta e dois mil florins.

Num belo dia de outono, Carlos fez sua entrada em Aix-la-Chapelle. Os eleitores tinham ocorrido ao seu encontro; ele recebeu as homenagens em silêncio, cabeça nua; em seguida o

cortejo transpôs as portas da velha cidade. À frente iam os porta-estandartes, os condes, os senhores, os conselheiros de Aix com seus bastonetes brancos, a corte com seus pajens e arautos todos jogando dinheiro à multidão; seguiam-nos, flanqueados pelos alabardeiros, os altos dignitários, os grandes de Espanha, os cavaleiros do Tosão de Ouro, os príncipes, os príncipes eleitores. O Marechal de Pappenheim, carregando a espada do Império, precedia o rei, com couraça e vestes de brocado.

As 23 de outubro de 1519 desenrolou-se a cerimônia na velha catedral de Carlos Magno. O arcebispo de Colônia perguntou solenemente aos assistentes: “Quereis, segundo a palavra do Apóstolo, ser submetidos a essa príncipe e senhor?” e o povo gritou alegremente: “Fiat! Fiat!” A coroa foi então colocada sobre a cabeça de Carlos pela mão do arcebispo; Carlos subiu ao trono de Carlos Magno e os cavaleiros tributaram-lhe as devidas honras enquanto o *Te Deum* ecoava sob as abóbadas.

— A vós é que devo o Império — disse Carlos, comovido, quando nos encontramos a sós no seu gabinete.

— Vós o deveis a Deus — disse eu. — Ele só me criou para vos servir.

Eu lhe revelara meu segredo; não se espantara muito: era demasiado bom cristão para se espantar com qualquer milagre; e se já não tinha em relação a mim a docilidade tímida de sua infância, respeitava-me como um ser marcado por Deus.

— Foi uma grande graça que Ele me concedeu colocando-vos a meu lado — disse ele. — Vós me ajudareis a mostrar-me digno dela, não é?

— Eu vos ajudarei.

Seus olhos brilharam. Desde o instante em que o arcebispo colocara a coroa sagrada sobre a sua fronte, sua fisionomia tornara-se mais resoluta, seu olhar mais vivo. Ele disse com ardor:

— Tenho grandes coisas a realizar.

— Vós as realizareis.

Eu sabia que ele sonhava ressuscitar o Sacro Império; mas era o universo inteiro que eu queria reunir em suas mãos. Cortez estava conquistando as Américas para nós e dentro em breve o ouro afluiria à Espanha; poderíamos então organizar imensos exércitos. Uma vez realizada a Federação dos Estados da Alemanha, submeteríamos a Itália, a França.

— Um dia o universo inteiro vos pertencerá — disse eu.

Olhou-me com uma espécie de temor.

— Nenhum homem jamais possuiu o universo.

— Não chegara ainda a hora.

Ficou um momento silencioso e subitamente sorriu. Através das paredes do gabinete ouvia-se uma guitarra.

— Não vindes ouvir música?

— Dentro de um instante — disse eu.

Ele levantou-se:

— Será um bellissimo concerto. Deveríeis vir.

Empurrou a porta. Era jovem, era imperador, Deus estendia sobre ele sua sombra protetora e a felicidade do mundo confundia-se em seu coração com sua própria felicidade; podia abandonar-se tranquilamente à doce canção das guitarras. Quanto a mim, uma vaga demasiado forte invadia-me o peito; nada podia ouvir senão aquela voz triunfante que nunca soaria aos ouvidos de um homem; era a minha própria voz e ela me dizia: eis que o universo me pertence para sempre, a mim unicamente; é meu domínio e ninguém pode partilhá-lo comigo. Carlos governará alguns anos e eu tenho a eternidade à minha frente. Aproximei-me da janela. Olhei o céu estrelado, riscado por uma faixa leitosa; milhões e milhões de estrelas. E a meus pés uma só terra: minha terra. Ela flutuava, redonda, no éter, manchada de azul, amarelo e verde; eu a via. Navios vogavam sobre os mares; estradas cortavam os continentes; e eu, com um gesto de minha mão, arrancava as florestas inextricáveis, secava os pântanos, regulava o curso dos rios; o solo cobria-se de campos e pastos, cidades erguiam-se nas encruzilhadas. Os

mais humildes tecelões habitavam grandes casas claras, os celeiros estavam cheios de bom trigo; todos os homens eram ricos, fortes, belos, todos eram felizes. Pensei: “Ressuscitarei o paraíso terrestre.”

* * *

Carlos acariciou suavemente o manto de penas de cores variegadas. Gostava dos tecidos luxuosos, dos metais preciosos; seus olhos tinham brilhado quando os marinheiros abriram o cofre e depositaram no chão os grandes vasos de alabastro cheios de turquesas e ametistas. Disse num tom apaixonado:

— Quanta riqueza!

Contemplava as peças de ouro e as barras amontoadas no cofre; mas eu sabia que não era dessas riquezas que ele falava; além dos muros cinzentos do palácio de Bruxelas, ele via lançar-se ao céu azul um jato de ouro ardente, via ferverem nos flancos de um vulcão rios de lavas de prata, via imensas avenidas calçadas de metal rutilante e jardins plantados de árvores de ouro maciço. Sorri. Através da cintilação de mil pequenos sóis eu via também galeões carregados de barras de ouro entrando na baía de Sanlúcar; jogávamos a mancheias uma chuva de confetes brilhantes sobre o velho continente...

Eu disse:

— Como podeis hesitar?

A mão de Carlos destacou-se do tecido reluzente.

— Esses homens têm uma alma — disse ele.

Pôs-se a andar de um lado para outro da comprida galeria; enfiara no gibão a carta que lhe fora entregue pelo capitão de lábios fendidos: a carta de Cortez. Na sexta-feira santa do ano precedente, Cortez desembarcara numa costa deserta e fundara uma cidade a que chamara Vera Cruz. Para impedir seus homens de voltar à Espanha, afundara as caravelas, à exceção de uma, que enviara a Carlos, carregava com os tesouros do

imperador asteca Montezuma. Pedia auxílio contra as intrigas do governador Velásquez, que pretendia proibi-lo de prosseguir na sua expedição. E Carlos hesitava.

Olhei-o com impaciência. As cartas dos dominicanos de Hispândia, os relatórios do padre Lãs Casas tinham-lhe perturbado a alma; soubemos que, a despeito das leis, continuavam a marcar os índios como escravos, a abatê-los e a trucidá-los; demasiado frágeis para os trabalhos que exigiam deles, morriam aos milhares. Eu não me preocupava com a sorte daqueles selvagens apalermados por superstições absurdas.

— Mandai para lá homens de confiança que zelem pela execução das leis.

— A tal distância, que homem será de confiança?

Pôs-se novamente a andar ao lado da mesa coberta de taças de cristal, de colares de jade e de estatuetas de ouro cinzelado. Disse-lhe:

— Os bons padres exageram. Exagera-se sempre.

— Bastaria que um só fato dos que eles relatam fosse verdadeiro...

— Os negros da África não têm alma — disse-lhe.

— O remédio parece-me tão horroroso quanto o mal.

Não olhava as barras tentadoras, não olhava nada. Sua fisionomia retomara o ar inexpressivo e sonolento que tinha na sua adolescência.

— Então que quereis fazer? — indaguei.

— Não sei.

— Não ides recusar um império pavimentado de ouro?

Mergulhei a mão no cofre e deixei deslizar as moedas por entre os dedos. Ele repetiu surdamente:

— Não sei.

Parecia muito jovem e muito infeliz.

— Não tendes esse direito — disse-lhe com energia. — Deus criou essas riquezas para que sirvam aos homens. Existem lá terras férteis que não serão jamais cultivadas se não as

arrancarmos aos índios. Pensai na miséria de vossos povos: tornar-se-ão prósperos quando o ouro da América afluir a vossos portos. Por piedade para com esses selvagens, condenareis os camponeses da Alemanha a morrerem de fome?

Ele nada respondeu. Nunca tivera que tomar tão grande decisão. Eu sabia quanto a vida de um homem era coisa breve e sem importância; como quer que fosse, dentro de cem anos nenhum daqueles miseráveis que preocupavam Carlos se lembraria de seus sofrimentos; a meus olhos já estavam mortos, todos eles. Mas ele não podia consentir assim tão facilmente em frustrar-lhes a vida; media as alegrias e as dores pelas suas próprias medidas. Adiantei-me bruscamente:

— Imaginais que algum dia neste mundo possais fazer o bem sem fazer o mal? É impossível ser justo com todos, fazer a felicidade de todos. Se tendes o coração demasiado mole para consentir nos sacrifícios necessários, deveis enclausurar-vos num convento.

Mordeu os lábios. Algo duro e frio brilhou através de suas pálpebras semicerradas; amava o século, o luxo, o poder. Disse:

— Quero governar sem fazer injustamente mal a ninguém.

— Governareis sem guerra e sem patíbulo? É preciso que uma vez encareis as coisas de frente — disse-lhe duramente. — Com isso ganhareis muito tempo: o melhor dos príncipes carrega sempre na consciência centenas de mortes.

— Há guerras justas e repressões necessárias.

— Cabe-vos justificar o mal que fazeis a alguns pela obra que executais para o bem de todos.

Calei-me um instante. Não lhe podia dizer na minha linguagem: uma vida, um milhão de vidas não pesa mais do que um voo de insetos, ao passo que essas estradas, esses canais que vamos construir ficarão para a eternidade na superfície da terra; para a eternidade teremos arrancado um continente das trevas das florestas virgens e das superstições estúpidas. Ele não se preocupava com esse futuro terrestre que não veria com seus

olhos. Mas eu conhecia as palavras capazes de despertar um eco em seu coração.

— Não infligiremos a esses pobres selvagens senão desgraças terrestres — expliquei-lhe. — E trazemos-lhes, bem como a seus filhos e aos filhos desses filhos, a verdade e a felicidade eternas. Quando todos os povos ignorantes tiverem ingressado para os séculos dos séculos no seio da Igreja, não vos achareis justificado por terdes ajudado Cortez?

— Por nossa culpa morrem muitos em estado de pecado mortal — respondeu ele.

— Como quer que seja, assim é que teriam morrido, na idolatria e no crime.

Carlos deixou-se cair na poltrona.

— Não é fácil governar — disse.

— Não façais nunca o mal inutilmente. Deus não pode exigir nada mais de um imperador. Ele bem sabe que o mal é por vezes necessário; afinal foi Ele próprio quem o criou.

— É — disse ele.

Olhou-me desamparado:

— Gostaria de ter certeza.

Dei de ombros:

— Nunca tereis certeza.

Ele suspirou e durante um momento retorceu o colar em silêncio.

— Está bem — concordou enfim. — Está bem.

Levantou-se bruscamente e foi encerrar-se em seu oratório.

* * *

— Esta cidade é louca — disse eu, debruçando-me à janela.

Aquilo começara na véspera à noite, quando o coche de colunas torsas e pesadas cortinas de couro entrara na cidade; aos milhares tinham-se eles dirigido ao seu encontro, camponeses, artesãos, comerciantes, montados em cavalos ou

asnos; ao som das flautas, dos sinos e dos tambores tinham transposto a porta norte da cidade. O albergue dos Cavaleiros de S. João estava cheio de homens, mulheres, padres notáveis que se comprimiam nos corredores e degraus da escadaria. Rapazes, crianças e até homens de idade tinham-se empoleirado nos telhados. Quando o monge descera de sua cadeira de rodas, a multidão precipitara-se, urrando; mulheres tinham-se prostrado a seus joelhos e beijado o seu hábito enlameado. Durante o dia todo, tínhamos ouvido os cantos e os gritos através dos muros do palácio arquiiepiscopal. E nessa noite novamente se desencadeara o sabá. Pendurados às beiradas das fontes, em pé sobre mesas e tonéis, oradores proclamavam os milagres realizados por Lutero; fanfarras percorriam as ruas. Ouvia-se subirem do fundo das tavernas cantos exaltados e ruídos de rixas. Eu já vira cidades em festa; os habitantes de Carmona cantavam nos dias de vitória: eu sabia por que cantavam. Mas que significavam aqueles clamores insensatos? Tornei a fechar bruscamente a janela.

— Que carnaval!

Voltei-me e vi que os dois homens me olhavam em silêncio; vigiavam-me e, apesar da amizade que lhes tinha, isso me irritava.

— Esses homem está-se tornando um mártir e um santo — disse Balthus.

— É o resultado mais comum das perseguições — respondeu Pierre Morel.

— Bem sabeis que não me cabe nenhuma responsabilidade nisso tudo — disse eu.

Quando Carlos convocara a Dieta em Worms, eu pensava que íamos resolver a questão da Constituição do Império e deitar as primeiras bases de uma federação presidida pelo imperador. Ficara desiludido ao vê-lo obstinar-se em reclamar a condenação de Lutero, e mais irritado ainda em ver que a Dieta, recusando

pronunciar-se sem ouvir o réu, nos tivesse obrigado a convocá-lo. Perdíamos um tempo precioso.

— Que impressão provocou Lutero no imperador? — perguntou Balthus.

— Pareceu-lhe inofensivo.

— Se-lo-á se não o condenarem.

— Sei — disse eu.

Naquele momento, em todo o palácio e em toda a cidade, discutia-se febrilmente. Os conselheiros de Carlos estavam divididos em dois partidos: uns queriam que se expulsasse o herege do Império e se perseguissem sem piedade todos os seus adeptos. Os outros reclamavam tolerância; sustentavam, como eu, que essas querelas de monges eram insípidas e que o poder temporal não devia intervir em discussões acerca da fé, das obras, dos sacramentos; sustentavam igualmente que Lutero era menos perigoso para o Império do que um papa ocupado em negociar uma aliança com a França. Eu estava de acordo com eles. Mas naquela noite sua insistência repentinamente me perturbava. Seria realmente por indiferença de homens sensatos, isentos de todas as superstições, que aguardavam tão ansiosamente a decisão do imperador? Perguntei bruscamente:

— Por que o defendeis com tanto zelo? Conquistou-vos com suas ideias?

Eles pareceram desnorteados durante um momento.

— Se Lutero for condenado — disse Pierre Morel —, fogueiras vão de novo arder através dos Países-Baixos, da Áustria e da Espanha.

— Não se pode forçar um homem a renegar o que pensa ser a verdade — disse Balthus.

— Mas se ele estivesse errado?

— Quem tem o direito de julgá-lo?

Olhei-os com perplexidade. Não diziam tudo o que pensavam. Eu estava certo agora de que havia em Lutero algo que os atraía; o quê? Desconfiavam demais de mim para mo dizer. Eu queria

saber. Durante a noite toda, enquanto sob as janelas a festa continuava com furor, consultei mais uma vez os relatórios de Jean Eck e os panfletos de Lutero. Já tivera a curiosidade de folhear seus escritos e nada achara de razoável; tanto quanto as superstições romanas, eu julgava estúpido o ardor que o monge punha em combatê-las. Quanto a ele, vira-o pela primeira vez naquela tarde; Jean Eck interrogara-o diante da Dieta; ele balbuciara e declarara que precisava de tempo para preparar sua defesa. E Carlos me dissera alegremente:

— Não será ainda esse mongezinho que me tornará herético.

Por que então aquelas vozes avinhadas ecoavam tão apaixonadamente dentro da noite? Por que homens sábios e sensatos aguardavam tão ansiosamente o raiar da aurora?

No dia seguinte, quando se abriu a sessão, pus-me a vigiar com impaciência a porta pela qual o monge deveria entrar. Carlos estava sentado no trono, impassível em seu traje de espanhol, negro e ouro. Pousara sobre os cabelos curtos um pequeno gorro de veludo. Cercavam-no como estátuas os dignitários imóveis nos seus mantos de arminho e suas camurças, e os príncipes rígidos dentro de suas vestimentas de ouro. Do corredor vinham gritos: “Coragem! Coragem!” Eram os amigos de Lutero que gritavam. Ele entrou, abaixou sobre a nuca o capuz preto, descobrindo cabelos malcortados; avançando em direção ao imperador, saudou-o com segurança. Não parecia mais intimidado. Instalou-se diante da mesa sobre a qual se empilhavam seus livros e panfletos e começou a falar. Examinei-lhe o rosto magro e terroso, de maçãs salientes, em que brilhavam olhos sombrios. De onde poderia vir a ascendência que exercia? Parecia ter uma força em si; mas novamente falava de sacramentos, de indulgências, e isso me aborrecia. Eu pensava: “Estamos perdendo tempo.” Fora preciso exterminar todos os monges, tanto os dominicanos como os agostinianos, substituir as igrejas por escolas, os sermões por aulas de matemática, de astronomia, de física. Naquele instante, o que

devíamos discutir era a Constituição da Alemanha, e não ouvir discursos inúteis. Carlos, entretanto, acompanhava com atenção as palavras de Lutero, virando nos dedos a joia de Tosão de Ouro que repousava sobre a camisa de pregas. A voz do monge exaltava-se: agora ele falava febrilmente e na sala demasiado estreita, esmagada pelo calor do verão, todos calavam. Disse impulsivamente:

— Retratar o que quer que seja não posso nem quero, pois agir contra a própria consciência não é nem certo nem honesto.

Tremi; essas palavras haviam-me atingido como um desafio; era a inflexão com que o monge as pronunciara. Aquele homem ousava pretender que sua consciência sozinha pesava mais que o interesse do Império e do mundo. Eu queria ter o universo nas mãos; ele declarava que, sozinho, era o universo. Sua arrogância povoava o mundo de mil vontades obstinadas. E era sem dúvida por isso que o povo e os sábios o escutavam complacientemente. Ele atiçara nos corações aquela chama de orgulho que devorara Antônio e Beatriz. Se Ihe permitissem prosseguir nas suas prédicas, ensinaria aos homens que cada um era juiz de suas relações com Deus e juiz de seus próprios atos: e como conseguiria eu então fazê-los obedecer?

Continuava a falar; atacava os concílios. Mas eu compreendia agora que não era somente dos concílios, da graça e da fé que se tratava. Estava em jogo outra coisa: a própria obra com que eu sonhava. Ela podia realizar-se se os homens renunciassem a seus caprichos, a seu amor-próprio, a suas loucuras, e era isso que lhes ensinava a Igreja, prescrevendo-lhes a obediência a uma só lei, a submissão a uma só fé; se eu fosse bastante forte, essa lei poderia ser a minha: se eu pudesse fazer com que Deus falasse segundo meus desejos pela boca dos padres. Ao passo que, se cada um buscasse Deus em sua própria consciência, eu bem sabia que não me encontraria. “Quem terá o direito de julgá-lo?” indagou Balthus. Eis por que defendiam Lutero: queriam julgar por si mesmos. Mas então o mundo ficaria mais dividido do

que nunca. Era preciso que fosse regido por uma só vontade: a minha.

Subitamente houve um movimento na assistência. Lutero declarava que o Concílio de Constança tomara decisões contra os textos mais precisos da Escritura. Ao ouvir essas palavras, Carlos V fez um gesto com a luva e levantou-se bruscamente. Houve um grande silêncio. O imperador caminhou para a janela e durante um momento contemplou o céu; depois voltou e deu ordem de evacuarem a sala.

— Tendes razão, Sire — disse eu. — Lutero é mais perigoso do que o Rei da França. Se o deixásseis fazer, esse mongezinho arruinaria vosso Império.

Seu olhar interrogava-me ansiosamente; apesar de sua repugnância pela heresia, teria acreditado desobedecer a Deus condenando Lutero contra a minha opinião.

— Ah! É sua opinião?

— É — disse eu. — Meus olhos abriram-se.

Cem braços tinham-se erguido para carregar Lutero em triunfo; fora, aclamavam-no; aclamavam o orgulho e a loucura; os gritos estúpidos feriam-me os ouvidos e eu sentia ainda no rosto o olhar febril do monge desafiando-me. Ele queria desviar os homens de seu verdadeiro bem, da felicidade, e os homens eram tão insensatos que estavam dispostos a acompanhá-lo. Se os abandonassem a si mesmos, nunca encontrariam o caminho do paraíso. Mas eu estava presente; eu sabia para onde cumpria conduzi-los e por que caminho. Por eles eu lutaria contra a fome, contra a peste; por eles, se necessário, estava disposto a lutar contra eles próprios.

No dia seguinte pela manhã o imperador declarou perante a Dieta:

— Um só monge, apoiando-se em seu próprio juízo, opôs-se a essa fé sustentada pela cristandade durante mais de um milhar de anos. Estou decidido a defender essa santa causa à custa de

meus domínios, de meu corpo, de meu sangue, de minha vida, de minha alma.

Alguns dias depois, Lutero era expulso do Império. Um edito foi publicado nos Países-Baixos proibindo, sob as penas mais severas, imprimir-se sem autorização qualquer obra tratando de questões de fé. Ordenava-se aos magistrados que perseguissem os partidários de Lutero.

* * *

No momento em que a questão da Constituição ia ser apresentada, tivemos a decepção de ser obrigados a dissolver a Dieta: Francisco I, furioso com o malogro de suas ambições ao trono imperial, preparava-se para nos declarar guerra; motins tinham explodido na Espanha, e Carlos precisava partir para Madri. Pediu-me que ficasse junto de seu irmão Fernando, a quem confiara o governo da Alemanha. A condenação de Lutero não acalmara a agitação que reinava em todo o Império. Os monges abandonavam os conventos e espalhavam-se através dos campos, pregando doutrinas heréticas. Bandos armados formados por estudantes, operários, aventureiros, incendiavam as casas dos padres, as bibliotecas e as igrejas. Nas cidades nasciam novas seitas mais fanáticas do que a de Lutero e motins eclodiam. Em cada aldeia havia profetas que convidavam os camponeses a sacudir o jugo de seus príncipes e via-se aparecer nos campos o estandarte das antigas revoltas: uma flâmula branca em que se achava pintado um sapato de ouro cercado de raios luminosos e com a divisa: “Quem quiser ser livre caminhe para este sol.”

— Não há razão para inquietação — disse Fernando. — Bastará um punhado de soldados para que tudo entre na ordem novamente.

— Na desordem — disse eu. — Essa pobre gente tem razão: há necessidade de reformas.

— Que reformas?

— É o que cumpre estudar.

Eu não esquecera o massacre dos tecelões de Carmona. E quando ambicionara ter o mundo nas mãos, meu primeiro desejo fora modificar-lhe a economia. Ora, nunca a distribuição de riqueza se revelara tão desacertada. As mercadorias afluíam às nossas portas, o mundo inteiro abria-se ao comércio e nossos navios traziam preciosas cargas de todos os recantos da terra; e, no entanto, a massa de camponeses e pequenos comerciantes era mais pobre do que em qualquer outra época. A libra de açafão, que custava em 1515 dois florins e meio e seis *kreutzers*, passara a custar quatro florins e meio e quinze *kreutzers*. A libra de pão aumentara de quinze *kreutzers*; um quintal de açúcar vendia-se a vinte florins em vez de seis, as uvas de Corinto custavam nove em vez de cinco; todos os gêneros tinham aumentado enquanto os salários haviam baixado.

— É uma situação inadmissível — disse eu, colérico, aos financistas que reunira.

Eles olhavam-me com um sorriso indulgente; minha ingenuidade fazia-os sorrir.

— Falai — disse ao banqueiro Muller. — De que provém essa alta insensata?

Eles falaram. E fiquei sabendo que a miséria resultava do próprio desenvolvimento do comércio. O ouro, que os conquistadores pagavam com o suor e o sangue dos índios, afluía ao Velho Mundo, provocando a alta de todos os gêneros. Poderosas companhias tinham-se organizado a fim de fretar navios e açambarcar o comércio. Esmagando os pequenos negociantes, em poucos anos tiravam das mercadorias duas vezes o seu preço de custo, e até mais; esse enriquecimento acarretava a depreciação dos produtos da terra: o dinheiro desvalorizava-se, os salários baixavam, enquanto os preços subiam. Alguns homens acumulavam fortunas monstruosas e

dissipavam-nas num luxo absurdo, enquanto imensa plebe definhava de fome.

— Seria preciso promulgar ordenações reprimindo a existência dos monopólios, a usura, a agiotagem — disse-me Muller.

Calei-me. Todos os príncipes da Alemanha, a começar pelo próprio imperador, eram tributários das companhias que lhes emprestavam continuamente dinheiro a taxas de usura. Eu estava amarrado: Francisco I atacara Navarra, o Luxemburgo, a Itália; Carlos tivera que pegar em armas contra ele e suplicava-me que lhe arranjasse dinheiro para pagar a tropa: nosso destino estava nas mãos dos banqueiros e dos grandes negociantes.

Algumas semanas mais tarde, explodia a revolta em Forscheim, na Francônia; propagou-se através de toda a Alemanha. Os camponeses exigiam a fraternidade, a igualdade, a partilha das terras, incendiavam os castelos, os conventos, as igrejas, chacinavam os padres e os senhores, e dividiam entre si os domínios dos príncipes. No fim do ano eram os senhores em toda a parte.

— Só há um remédio — disse Fernando. — Reunir a Liga da Suábia.

Andava a passos rápidos de um lado para outro do grande salão iluminado, e os príncipes que tinham vindo pedir-lhe socorro acompanhavam-no com olhar respeitoso. Havia tamanho medo e tanto ódio em seus corações que o ar que se respirava me parecia venenoso. Ao longe, nos campos, os camponeses tinham acendido fogueiras, dançavam rondas e cantavam em coro. Tinham bebido vinho e saciado a fome, um braseiro ardia em seus peitos. Pensei nas casas incendiadas dos tecelões, nas mulheres e crianças pisoteadas pelos cavalos. Murmurei:

— Pobre gente!

— Que estais dizendo? — indagou Fernando.

— Digo que só há um remédio.

Os príncipes aprovaram com um movimento de cabeça. Não pensavam senão em seus interesses egoístas, sobrecarregavam

os camponeses com corveias e impostos. Eu queria que a justiça e a razão reinassem sobre a terra, eu queria dar aos homens a felicidade. E, no entanto, dizia a mesma coisa que eles: só há um remédio. Como se meus pensamentos, meus desejos, como se toda a minha experiência e os séculos que eu vivera não tivessem pesado. Estava amarrado; um monstruoso mecanismo se construía, cada engrenagem movimentando a outra, e eu era obrigado a decidir, contra a vontade, o que decidia Fernando, o que qualquer um teria decidido em nosso lugar. Um só remédio...

Os camponeses só tinham alcançado sua frágil vitória graças à surpresa e ao isolamento dos senhores; logo que os nobres se recobriram e uniram suas forças, esmagaram as hordas rebeldes com rapidez. Dirigi-me então aos Países-Baixos a fim de embarcar para a Espanha, onde desejava encontrar o imperador. Atravessei a cavalo as mesmas florestas de pinheiros, os mesmos prados, as mesmas charnecas que percorrera cinco anos antes quando levava aos eleitores as propostas de Carlos. Meu coração explodia então de esperança e eu pensava: “Vou ter um império nas mãos.” Conseguira-o; estava no auge do poder. E que me fora permitido fazer? Queria construir um mundo novo e passava meu tempo a defender-me contra a anarquia, a heresia, a ambição e a obstinação dos homens; defendia-me, destruindo. Caminhava através das terras devastadas. As aldeias estavam reduzidas a cinzas, os campos sem culturas, os animais arrastavam-se semimortos em torno das granjas calcinadas; não se encontrava um homem no caminho, mas tão somente mulheres e crianças de rostos cadavéricos. Todas as cidades rebeldes, todas as aldeias, todos os povoados tinham sido incendiados, os camponeses amarrados às árvores e queimados vivos. Em Königshoff tinham-nos acuado como javalis; para salvar-se subiam nas árvores, mas os abatiam a golpes de lança e a tiros de mosquetão; os cavalos pisoteavam os que caíam ao solo. Na aldeia de Ingolstadt, haviam chacinado quatro mil camponeses; alguns se tinham refugiado na igreja: aí foram

queimados vivos; outros, que se haviam reunido no castelo, agarravam-se estreitamente uns aos outros, enfiando a cabeça na terra como para escapar aos olhares e implorando a misericórdia de Deus; nenhum fora poupado. E ainda agora o furor nos nobres não se havia aplicado; prosseguiram as torturas e as execuções; queimavam os pobres camponeses, arrancavam-lhes a língua, cortavam-lhes os dedos, vazavam-lhes os olhos.

— Será isso reinar? — indagou Carlos.

O sangue sumira-lhe do rosto e o canto de sua boca tremia. Escutara-me durante duas horas sem dizer palavra e agora olhava-me com angústia: “Será isso reinar?”

Na Espanha também fora necessário fazer correr muito sangue para abafar os motins. A repressão prosseguia. Em Valença, Toledo, Valhadoli rolavam cabeças aos milhares sob o machado do carrasco.

— Paciência — disse eu. — Dia virá em que teremos extirpado o mal da terra. Então começaremos a construir.

— Mas o mal é nossa obra — respondeu ele.

— O mal acarreta o mal. A heresia chama a fogueira e as revoltas, a repressão. Tudo isso acabará...

— Mas acabará um dia?

Durante todo o dia deambulou em silêncio pelo palácio; à tarde, no meio do conselho, caiu abatido por um ataque de nervos e levaram-no para o leito ardendo em febre. Como outrora, passei dia e noite à sua cabeceira; mas não encontrava uma só palavra de esperança para lhe dizer. A situação era muito sombria. A sorte enviara-nos um brilhante general, o condestável Carlos de Bourbon, que rompera com o Rei da França e oferecera seus serviços ao Império; mas fora preciso pagar muito caro essa traição, carecíamos de dinheiro e nossas tropas esgotadas ameaçavam amotinar-se; carecíamos também de artilharia; era de temer que fôssemos expulsos da Itália.

Carlos ficou prostrado durante uma semana. Acabara de levantar-se e de dar alguns passos hesitantes pelo palácio quando um correio chegou esbaforido; o exército francês fora desbaratado; metade da melhor nobreza francesa perecera; o rei era nosso prisioneiro. Carlos não disse palavra. Entrou no oratório e pôs-se a rezar. Depois reuniu seus conselheiros e deu ordem de suspender as hostilidades em todas as frentes.

Menos de um ano mais tarde, a 14 de janeiro de 1526, foi assinado o tratado de Madri. Francisco I abandonava seus direitos sobre a Itália, atendia às reivindicações de Carlos sobre a Borgonha, retirava-se da liga contra o imperador e prometia-lhe ajuda contra os turcos. Como garantia, entregava os filhos como reféns. Carlos acompanhou-o pessoalmente na estrada de Torrejon de Vilano, a algumas léguas de Madri. Tendo-o abraçado pela última vez, puxou-o de lado e disse:

— Irmão, tendes ciência exata do que combinamos? Dizei francamente se tendes a intenção de executá-lo?

— Tenho a intenção de executá-lo inteiramente. Se verificardes que me conduzo de outro modo, consinto em que me considereis mau ou traidor.

Não ouvi essas palavras que Carlos me comunicou no caminho de volta, mas vi o sorriso encantador que o Rei da França dirigiu ao imperador, vi-o erguer o chapéu de plumas e saudar num gesto largo; partiu em seguida, rédea solta, pela estrada de Bayonne.

* * *

O dedo de Carlos V atravessou o oceano azul e pousou num pequeno círculo preto: Vera Cruz!

Pela primeira vez tinham os geógrafos desenhado os contornos extremos do Novo Mundo: a Terra do Fogo onde viviam os índios de pés grandes e cujo cabo Magalhães transpusera. Sobre os continentes amarelos e verdes que emergiam dos mares tinham

eles inscrito nomes mágicos: América, Terra Florida, Terra do Brasil. De meu lado coloquei o dedo no grande mapa, novo em folha: México.

Era apenas um ponto preto no meio de um pedaço de papel: mas era também, entre os laços que lhe espelhavam o esplendor na região mais transparente do ar, a capital de Cortez. Sobre as cinzas dos bairros antigos: Mazeltã, Tecopã, Artacalco, Culpupã, erguiam-se agora os quatro distritos de São João, São Paulo, São Sebastião e Santa Maria. Igrejas, hospitais, mosteiros, escolas tinham sido construídos na cidade de largas artérias. E já nos espaços desertos que cercavam a capital, cidades novas fundavam-se. Acompanhei a linha escura que simbolizava a Cordilheira dos Andes, de picos cobertos de neve; mostrei a oeste da cidade de montanhas uma região virgem onde tinham escrito: “Terra Incógnita.”

— O Eldorado — disse eu. — Pizarro está transpondo essas montanhas.

Toquei a linha que figurava o meridiano situado a 370 léguas das ilhas do Cabo Verde e que desde o Tratado de Tordesilhas separava as possessões portuguesas dos domínios de Espanha.

— Um dia — murmurei — apagaremos essa fronteira.

Carlos ergueu os olhos para o retrato de Isabel; ela sorria dentro de sua moldura, bela e grave sob os cabelos castanhos.

— Isabel nunca terá direitos sobre a coroa portuguesa.

— Quem sabe! — disse eu.

Meu olhar errava através do Oceano Índico, pelo país das especiarias, das Molucas a Malaca e ao Ceilão. Os sobrinhos de Isabel podiam morrer; ou talvez ficássemos, dentro em breve, suficientemente fortes para desencadear uma guerra que tornaria Carlos senhor de toda a península e dos países ultramarinos: vencido o Rei da França, tínhamos agora as mãos livres.

— Sois insaciável — disse-me Carlos alegremente.

Acariciava a barba sedosa, seus olhos azuis riam no seu rosto de tez rosada; era agora um homem robusto, parecia quase mais

velho do que eu.

— Por que não? — respondi.

Ele meneou a cabeça:

— É preciso saber moderar os próprios desejos.

Meus olhos destacaram-se do mapa amarelo e azul. Olhei para o teto de lambris, para as tapeçarias, para os quartos; o palácio de Granada fora recoberto de sedas preciosas a fim de receber Isabel. Repuxos cantavam nos jardins; a água fluía por entre os loureiros e as laranjeiras. Cheguei-me à janela. A rainha caminhava a passo nas alamedas junto com suas damas de companhia; vestia um comprido vestido de seda castanho afogueado. Carlos amava-a. Ele gostava daquele palácio, dos tanques, das flores, dos belos trajes, das tapeçarias, das viandas sólidas, dos molhos picantes; gostava de rir e há cerca de um ano era feliz. Eu disse:

— Não desejais o Império do mundo?

— Não. Acabemos o que começamos. É bastante.

— Nós o acabaremos.

Eu sorri. Não podia medir meus desejos. Não podia deter-me a mobiliar um palácio, a amar uma mulher, a ouvir um concerto, a ser feliz. Mas agradava-me que Carlos pudesse conhecer esse repouso. Recordava o recém-nascido doentio, o adolescente apalermado, o jovem hesitante que eu prometera a mim mesmo fazer imperador, e admirava aquele belo homem tranquilo, pensando: “Seu poder é obra minha, sua felicidade é minha obra. Construí um mundo e dei a esse homem sua vida.”

— Vós vos lembrais? Havíeis me dito: “Farei grandes coisas!”

— Lembro-me.

— Eis que já criastes um mundo — disse eu pousando a mão sobre o mapa de nomes fabulosos.

— Graças a vós — disse ele. — Mostrastes qual era o meu dever.

Os êxitos de Cortez, vitória de Pavia, a aliança com Isabel pareciam-lhe o sinal evidente de que obedecera à vontade de

Deus. E como lamentar agora a morte de alguns bandos vermelhos ou negros? Oito dias antes, na enseada de Sanlúcar, eu inspecionara pessoalmente o embarque das plantas e animais que mandava para Cortez a fim de que os aclimatasse sob os céus das Índias. Uma frota preparava-se para largar para os novos continentes: no cais amontoavam-se enormes fardos de mercadorias que eram embarcados nos galões e até nos navios de guerra. Não se mandavam mais soldados: mandavam-se agricultores e colonos. Carlos enviara a Vera Cruz monges dominicanos e franciscanos para dirigirem hospitais e escolas. Eu conseguira grandes créditos para o doutor toledano Nicolau Fernández a fim de que ele organizasse uma expedição; levava consigo naturalistas, encarregados do levantamento da flora e da fauna americanas, e geógrafos que iam estabelecer novos mapas. Os navios transportavam, para os colonos da Nova Espanha, canas-de-açúcar, videiras, amoreiras, ovos de bicho-da-seda, galinhas, galos, carneiros, ovelhas; eles já criavam asnos, burros, porcos e cultivavam laranjeiras e limoeiros.

Carlos tocou o pontinho preto que representava o México.

— Se Deus me der vida — disse —, irei um dia ver com meus olhos o reino que me concedeu.

— Se permitirdes, irei convosco.

Durante um instante sonhamos lado a lado em silêncio: Vera Cruz, México. Para Carlos isso não passava de um sonho: as Índias eram longe e sua vida curta; mas eu as veria, o que quer que acontecesse. Levantei-me bruscamente.

Ele olhou-me com surpresa.

— Vou voltar à Alemanha — declarei.

— Já vos estais aborrecendo?

— Decidistes reunir uma nova Dieta. Por que esperar?

— Até Deus descansou no sétimo dia. — disse Carlos.

— Era Deus — disse eu.

Carlos sorriu. Não podia compreender minha impaciência. Dentro de alguns instantes iria vestir-se com cuidado para as

festas da noite: jantaria um bom patê, ouviria música, sorrindo para Isabel. Eu não podia mais esperar: esperava há muito tempo já; era preciso que chegasse enfim o dia em que, olhando à minha volta, eu dissesse: Podia alguma coisa, eis o que fiz. No momento em que meu olhar pousasse naquelas cidades que meu desejo arrancara do coração da terra, naquelas planícies povoadas por meus sonhos, eu poderia, como Carlos, reclinar-me sorrindo numa poltrona; então eu sentiria a vida bater serenamente em meu peito sem me lançar para o futuro; em torno de mim, o tempo seria um grande lago calmo onde eu descansaria, como Deus, nas nuvens.

Algumas semanas mais tarde, atravessei novamente a Alemanha. Parecia-me que agora alcançava o meu objetivo: a revolta dos camponeses amedrontara os príncipes, ia ser possível resolver a questão luterana e reunir todos os Estados numa federação. Então eu me voltaria para o Novo Mundo cuja prosperidade se projetaria sobre o Velho Continente. Olhei a meu redor os campos devastados. Nas aldeias em ruínas já se erguiam casas novas. Homens lavravam as terras incultas e, à soleira das portas, mulheres embalavam recém-nascidos. Considerei com indiferença os vestígios dos incêndios e das chacinas: “Afinal de contas, que importa!”, pensei. Os mortos não existiam mais; os vivos viviam; o mundo continuava cheio como antes. Era sempre, no mesmo céu, o mesmo sol. Não havia a quem lamentar; não havia nada a deplorar.

* * *

— Não acabaremos nunca! — disse eu, colérico. — Nunca teremos as mãos livres!

Mal chegara a Augsburgo, vim a saber que Francisco I, esquecendo seus juramentos, se ligara ao Papa Clemente VII, a Veneza, Milão e Florença, para reiniciar a guerra contra o imperador; aliava-se também com os turcos, que acabavam de

desmantelar um exército de vinte mil homens comandado por Luís da Hungria e que ameaçavam perigosamente a cristandade. Era preciso adiar meus projetos e enfrentar mil problemas urgentes.

— Onde esperais arranjar dinheiro? — perguntei a Fernando.

Era preciso dinheiro. As tropas imperiais, comandadas na Itália pelo Duque de Bourbon, reclamavam víveres e os atrasos de seu soldo; amotinavam-se abertamente.

Ele disse:

— Pensava pedir emprestado aos Fugger!

Eu sabia que ele ia dar-me essa resposta. Sabia igualmente a que ponto o expediente era nefasto; os banqueiros de Augsburg exigiam garantias e pouco a pouco as minas de prata da Áustria, as terras mais férteis de Aragão e da Andaluzia, todas as nossas fontes de renda tinham caído nas mãos deles; o ouro da América pertencia-lhes muito antes de entrar em nossos portos; desse modo o tesouro permanecia vazio e era preciso recorrer a novos empréstimos.

— E os homens? — indaguei. — Onde arranjaremos homens?

Hesitou e depois respondeu sem me olhar:

— O Príncipe de Mindelheim propõe-nos ajuda.

Sobressaltei-me:

— Vamos apoiar-nos em um príncipe luterano?

— Que fazer então?

Fiquei silencioso. Um só remédio... Que fazer então? A máquina estava montada, as peças engrenavam e giravam eternamente no vácuo. Carlos sonhava ressuscitar o Sacro Império, jurara defender a Igreja à custa de seus domínios, de seu sangue, de sua vida; e eis que íamos apoiar-nos em seus inimigos para combater o papa em nome de quem tínhamos acendido fogueiras através da Espanha e dos Países-Baixos.

— Não temos outra possibilidade — disse Fernando com insistência.

— Não. Nunca se tem a possibilidade de escolher.

No princípio de fevereiro entrávamos, pois, na Itália, apoiados por um reforço de lansquenetes, de bávaros, suábios, tirolezes, ao todo oito mil homens, todos luteranos sob o comando do Príncipe Mindelheim. Fomos primeiramente alcançar Bourbon, que nos aguardava no Vale do Arno. Chovia noite e dia torrencialmente; todos os caminhos tinham-se transformado em lamaçais.

Quando cheguei ao acampamento, as tropas amotinadas dirigiam-se para a tenda do general; os soldados gritavam: “Dinheiro ou sangue”, e aproximavam estopa inflamada ao pavio de seus arcabuzes carregados; tinham os calções esfarrapados, largas cicatrizes rasgavam-lhes a cara; mais pareciam bandidos do que soldados.

Eu trazia cem mil ducados que logo foram distribuídos; mas os retros acolhiam esse ouro com sarcasmo; exigiam o dobro. Para restabelecer a calma, o Príncipe de Mindelheim gritou-lhes: “Encontraremos ouro em Roma!” Imediatamente os lansquenetes luteranos, os alemães e os espanhóis arrojaram-se pela estrada de Roma, jurando vingar-se de suas privações com as riquezas da Igreja. Em vão tentamos detê-los: um mensageiro que vinha anunciar que o papa fizera as pazes com Carlos teve de fugir para salvar a pele. No caminho fomos alcançados por bandos de proscritos italianos que farejavam uma oportunidade de pilhagem. Impossível frear essa horda que nos levava de roldão: éramos prisioneiros de nossas próprias tropas.

“Será isso reinar?”

Cavalgávamos em silêncio, sob a chuva ininterrupta, em meio aos seus bramidos. Fora eu que reunira esses homens, que lhes fornecera dinheiro e víveres, e eles me arrastavam para a mais absurda catástrofe.

No princípio de maio, mais de quatorze mil bandidos atingiram os muros de Roma, reclamando com gritos sua presa. Bourbon, para não ser degolado, teve de consentir em comandar o assalto: foi morto a meu lado na primeira vaga. Depois de rechaçados

duas vezes pelas tropas do papa, os mercenários espanhóis, os lansquenetes luteranos e os bandidos italianos invadiram a cidade. Durante oito dias chacinaram clérigos e leigos, ricos e pobres, cardeais e ajudantes de cozinheiro. O papa fugiu, salvo por seus guardas suíços que resistiram todos até a morte, e rendeu-se ao Príncipe de Orange, que substituíra Bourbon.

Corpos balançavam nas sacadas das casas, enxames de moscas azuis zumbiam em torno da carne humana apodrecendo nas praças; as águas oleosas do Tibre arrastavam cadáveres; havia poças rubras nas lajes e trapos sanguinolentos no meio do lixo das sarjetas. Viam-se cães comendo avidamente estranhas coisas cinzentas e róseas. O ar recendia a morte. Mulheres choravam nas casas e soldados cantavam nas ruas.

Meus olhos estavam secos e eu não cantava. “Roma é Roma”, dizia a mim mesmo. Mas essa palavra não mais me comovia. Outrora Roma era uma cidade mais bela e mais poderosa do que Carmona e se me tivessem dito: “Um dia serás o dono dela, teus soldados expulsarão o papa e prenderão os cardeais”, teria gritado de alegria; posteriormente eu venerara Roma como a mais nobre cidade da Itália; e se me tivessem dito: “Soldados espanhóis e retres alemães chacinarão seus habitantes e saquearão suas igrejas”, teria vertido lágrimas. Mas agora Roma não era mais nada para mim; não via em sua ruína nem vitória nem derrota: era um acontecimento sem sentido. “Que importa!” Repetira demasiado essas palavras. Mas, se as aldeias em cinzas, as torturas, as chacinas não tinham importância, que importavam as casas novas, as ricas culturas, o sorriso dos recém-nascidos? Que esperanças eram ainda permitidas? Não sabia mais sofrer nem me regozijar: um morto. Os coveiros limpavam as ruas, lavavam as manchas de sangue, removiam os escombros, e as mulheres saíam timidamente de suas casas para buscar água nas fontes. Roma renasceria. E eu estava morto.

Durante dias, arrastei essa morte pela cidade. E subitamente, certa manhã, como parasse à margem do Tibre e ficasse a olhar o perfil maciço do castelo de Santo Ângelo, algo pôs-se a viver além daqueles cenários e do vazio de meu coração; e essa coisa vivia fora de mim e no mais profundo de mim: o odor dos teixos, um pedaço de muro branco sob o céu azul, meu passado. Fechei os olhos e vi os jardins de Carmona; nesses jardins havia um homem que ardia de desejo, de cólera e de alegria; eu fora esse homem, ele era eu. Ao longe, no fundo do horizonte eu existia com um coração vivo. No mesmo dia despedi-me do Príncipe de Orange, deixei Roma e parti a galope pelas estradas.

Em toda a Itália a guerra causava imensa desordem. Eu também combatera naqueles vales e campos; queimávamos as colheitas, saqueávamos os vergéis, mas bastava uma estação para apagar os vestígios de nossa passagem. Os franceses e os imperiais, ao contrário, devastavam sem piedade essas terras, estrangeiras para eles; não tinham nenhuma piedade para com os habitantes; as povoações estavam calcinadas, os celeiros destruídos, o gado trucidado, os diques rompidos e os campos inundados. Mais de uma vez divisei à beira das estradas grupos de crianças à procura de ervas e raízes selvagens. O mundo ampliava-se, os homens tornavam-se mais numerosos, suas cidades maiores; conquistavam terras férteis às florestas e aos pantanais, inventavam novos utensílios; mas as lutas faziam-se mais selvagens, nas matanças as vítimas contavam-se aos milhares; aprendiam a destruir ao mesmo tempo em que aprendiam a construir. Dir-se-ia que um deus obstinado se aplicava em manter um imutável e absurdo equilíbrio entre a vida e a morte, entre a prosperidade e a miséria.

A paisagem tornava-se familiar: reconhecia a cor da terra, o perfume do ar, o canto dos pássaros; chamei o cavalo nas esporas. Poucas léguas além, houvera um homem que amava sua cidade apaixonadamente, um homem que sorria para as amendoeiras em flor, que cerrava os punhos, que sentia o

sangue ferver-lhe nas veias; ansiava por alcançá-lo e fundir-me nele. Com um nó na garganta atravessei a planície plantada de oliveiras e amendoeiras. E Carmona apareceu-me empoleirada em seu rochedo, flanqueada por suas oito torres douradas, exatamente igual a si mesma. Contemplei-a longamente; parara meu cavalo e esperava: esperava e não acontecia nada. Vi apenas um cenário familiar que me parecia ter deixado na véspera. Num olhar, Carmona entrara em meu presente: agora ali estava, quotidiana, indiferente, e o passado permanecia fora de alcance.

Subi a colina. Pensava: “Ele me espera atrás dos baluartes.” Transpus os baluartes. Reconheci o palácio, as lojas, as tavernas, as igrejas, as chaminés em forma de funil, as lajes rosadas e os pés de esporeira que cresciam junto aos muros; tudo estava em seu lugar; e o passado não se encontrava em parte alguma. Durante muito tempo permaneci imóvel na grande praça, sentei-me na escadaria da catedral, errei pelo cemitério. Nada aconteceu.

Os teares ronronavam, os caldeireiros martelavam as caldeiras de cobre, as crianças brincavam nas ruas íngremes; nada mudara; nenhum vazio em Carmona; ninguém precisava de mim. Ninguém jamais precisava de mim.

Entrei na catedral e olhei as lajes sob as quais jaziam os príncipes de Carmona; sob a abóbada a voz de um padre murmurara: “Que repousem em paz.” Eles repousavam em paz. E eu estava morto, mas continuava presente, testemunha de minha ausência. Pensei: “Não haverá nunca repouso.”

* * *

— Jamais a Alemanha será unida enquanto sobrar um adepto de Lutero — disse Carlos com rancor.

— Quanto mais terreno perde Lutero, mais ganham as novas seitas — disse eu —, e elas são mais fanáticas ainda.

— É preciso esmagá-los todos — continuou Carlos. E acrescentou apoiando a mão robusta sobre a mesa: — Já é tempo, mais do que tempo.

Era tempo. Dez anos já! Dez anos de pomposas cerimônias, de preocupações mesquinhas, de guerras inúteis, de matanças. A não ser no Novo Mundo, nada tínhamos construído. Durante um ano tínhamos tido novamente alguma esperança: Francisco I abandonara seus direitos sobre a Itália, a Áustria e as Flandres; a Alemanha unida atrás de Fernando rechaçara os turcos diante de Viena. Isabel dera um filho robusto a Carlos; estava assegurada a sucessão ao trono da Espanha e do Império. Pizarro preparava-se para conquistar um novo império, mais rico ainda que o de Cortez. Em fins de fevereiro de 1530, Carlos fora coroado imperador pelo papa, na catedral de Bolonha. Mas eis que logo ocorreriam arruaças na Itália e nos Países-Baixos; os príncipes luteranos uniam-se e Francisco I conspirava com eles. Solimão o Magnífico inquietava de novo a cristandade, e Carlos, tendo reunido os príncipes católicos, preparava-se para uma guerra contra ele.

— Pergunto-me a mim mesmo se é realmente queimando os hereges que aniquilaremos a heresia — disse eu.

— Não ouvem nossos pregadores — disse Carlos.

— Gostaria de compreendê-los; não os compreendo.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Têm o Diabo no coração.

Ele, que tivera tanto escrúpulo em deixar que maltratassem os índios, incentivara, através dos Países-Baixos e da Espanha, o zelo do Santo Ofício: era seu dever de cristão lutar contra os demônios.

— Farei o possível para expulsar os demônios.

Eu compreendia a irritação de Carlos. Apoiar-nos nos luteranos contra o papa e nos católicos contra a liga luterana era um jogo de equilíbrio que não nos podia conduzir a parte alguma. Nosso sonho de unidade política não conseguiria realizar-se enquanto

não tivéssemos abafado todo e qualquer fermento de discórdia espiritual. Eu tinha a certeza de que atingiríamos a meta, cabia simplesmente encontrar o método certo. As perseguições só exasperavam a obstinação dos hereges; os pregadores falavam-lhes numa linguagem fanática e mentirosa. Mas não seria possível induzi-los a ouvirem a voz da razão e levá-los ao sentimento de seus verdadeiros interesses?

— Que entendeis por verdadeiros interesses? — perguntou-me Balthus, com quem eu conversava a respeito.

Olhava-me com ironia. Era a colaboração dos homens de sua espécie que eu desejava. Mas desde a condenação de Lutero ele só me falava com reticências.

— Tendes razão — respondi. — Seria preciso saber o que há no fundo disso tudo.

Encarei-o:

— Vós o sabeis?

— Não frequento os hereges — disse-me ele com um sorriso prudente.

— Pois eu os frequentarei. Quero tirar isso a limpo.

Quando Carlos partiu à frente do exército, dirigi-me aos Países-Baixos e interroguei o núncio Aleandro. Tendo sabido que a seita que contava maior número de adeptos era a dos anabatistas, assim denominados porque conferiam uns aos outros novo batismo, procurei aproximar-me deles; disseram-me que não era difícil introduzir-me entre eles, pois mal se escondiam, pareciam aspirar ao martírio. Consegui, efetivamente, assistir a várias reuniões. Espremidos nos fundos de um armazém iluminado por dois candeeiros, artesãos, operários, pequenos comerciantes, escutavam de olhos ardentes o orador inspirado que lhes dizia palavras sagradas. Era, o mais das vezes, um homenzinho de olhos azuis e suaves que se proclamava a encarnação do profeta Enoc. Seus discursos eram habitualmente insignificantes; prometia o advento de uma Nova Jerusalém em que reinariam a justiça e a fraternidade; mas ele proferia esses devaneios em tom

exaltado; havia muitas mulheres na assistência e pessoas muito jovens. Ouviam com paixão, a respiração ofegante, e, em breve, punham-se a gritar; caíam de joelhos, abraçavam-se chorando; não raro dilaceravam as roupas e arranhavam o rosto com as unhas; mulheres jogavam-se ao chão, braços em cruz, e homens as calcavam aos pés. Depois voltavam tranquilamente para casa. Pareciam inofensivos. O presidente da Câmara Vermelha, que mandava queimar alguns de vez em quando, disse-me estar impressionado com sua docilidade e sua obediência. As mulheres caminhavam cantando para o suplício. Tentei várias vezes falar com o profeta, mas ele sorria sem responder.

Fiquei muitas semanas sem ir ao armazém. Quando lá tornei uma noite, pareceu-me que a linguagem do orador mudara. Vociferou com muito mais violência do que antes e no fim do discurso gritou, apaixonado:

— Não basta arrancar os anéis dos dedos dos ricos e as correntes de ouro de seus pescoços. É preciso destruir tudo.

A assembleia repetiu freneticamente com ele: “É preciso destruir! É preciso destruir!” Gritavam com tanto ardor que uma espécie de angústia me invadiu. Ao sair da reunião, peguei o profeta pelo braço:

— Por que pregais que é preciso destruir? Explicai-vos.

Ele olhou-me com doçura:

— *É preciso* destruir.

— Não — disse eu. — É preciso construir.

Ele sacudiu a cabeça.

— É preciso destruir. Nada mais resta aos homens.

— No entanto, pregáveis a Cidade Nova.

Ele sorriu.

— Prego-a porque não existe.

— Não desejais realmente que ela se realize?

— Se se realizasse, se todos os homens fossem felizes, que lhes caberia fazer na terra?

Olhava-me até o fundo do coração e havia angústia em seus olhos.

— O mundo pesa demais sobre os nossos ombros. Só há uma salvação: é desfazer tudo o que está feito.

— Que estranha salvação! — disse eu.

Riu maliciosamente.

— Querem transformar-nos em pedra: não nos deixaremos transformar em pedra.

Bruscamente sua grande voz de profeta explodiu dentro da noite.

— Destruiremos, devastaremos, viveremos.

Foi pouco tempo depois que os anabatistas se espalharam pelas cidades alemãs, incendiando igrejas, casas de burgueses, conventos, muros, móveis, túmulos, colheitas, violentando mulheres e entregando-se a orgias; chacinavam todos os que tentavam opor-se à sua fúria. Soube que o profeta Enoc se tornara senhor de Münster e, de quando em quando, chegavam até mim os ecos das horríveis bacanais que ocorriam sob seu governo. Quando o bispo reconquistou afinal a cidade, foi o profeta encerrado numa gaiola de ferro suspensa a uma das torres da catedral. Renunciei a interrogar-me acerca de tão extravagante destino. Mas pensei com inquietação: “Pode-se vencer a fome, pode-se vencer a peste; poder-se-á vencer os homens?”

Sabia que os luteranos também encaravam com horror as desordens provocadas pelos anabatistas; quis tentar explorar esse sentimento; pedi para falar com dois monges agostinianos que o tribunal eclesiástico de Bruxelas acabara de condenar à fogueira.

— Por que vos recusais a assinar esse papel? — indaguei mostrando-lhes o ato de retratação.

Sorriam sem responder; eram homens maduros e de traços grosseiros.

— Eu sei por quê — continuei. — Desprezais a morte; estais ansiosos por ganhar o céu; só pensais em vossa própria salvação; acreditais que Deus aprove esse egoísmo?

Olharam-me algo espantados; não era essa a linguagem habitual dos inquisidores.

— Ouvistes falar dos horrores que a seita dos anabatistas perpetrrou em Münster e em toda a Alemanha?

— Ouvimos.

— Pois bem, sois os responsáveis por essas desordens, como o fostes pela grande revolta de há dez anos!

— Vós sabeis que o que dizeis é falso — falou um dos monges. — Lutero renegou esses miseráveis.

— Só os desaprovou com tamanha violência porque se sentia culpado. Refleti — disse eu —; reclamais o direito de procurar a verdade em vossos corações e pregá-la em voz alta; quem impedirá os loucos, os fanáticos de gritarem igualmente sua verdade? Vede quantas seitas surgiram, quantos estragos fizeram.

— Elas pregam o erro — disse o monge.

— E como prová-lo se recusais qualquer autoridade?

Acrescentei com insistência:

— Pode ser que a Igreja tenha falhado muitas vezes. Admito mesmo que ela ensina por vezes o erro e não vos proíbo de condená-la no fundo de vossos corações. Mas por que a atacar abertamente?

Ouviam-me com o rosto voltado para o chão e os braços enfiados nas mangas do hábito; eu estava tão certo de ter razão que pensava convencê-los.

— É preciso que os homens se unam — continuei: — Têm eles que lutar contra a hostilidade da natureza, contra a miséria, a injustiça, as guerras; não devem desperdiçar suas forças em vãs disputas, não semeieis a discórdia entre eles. Não podeis sacrificar vossas opiniões pelo bem de vossos irmãos?

Eles levantaram a cabeça e o que ainda nada dissera falou:

— Só há um bem. Agir de acordo com a própria consciência.

No dia seguinte, as chamas crepitavam no meio da Praça de Bruxelas; um cheiro horrível de carne grelhada subia ao céu; em torno das fogueiras, uma multidão compungida rezava em silêncio pela alma dos mártires. Apoiado ao parapeito de uma janela eu olhava turbilhonarem no ar as cinzas negras. “Insensatos!” As chamas devoravam-nos vivos; tinham escolhido isso; como um insensato Antônio escolhera morrer, como uma insensata Beatriz recusara-se a viver; o profeta Enoc agonizava de fome no alto de uma torre. Eu olhava a fogueira e perguntava a mim mesmo se eram realmente insensatos ou se existia no coração dos homens mortais um segredo que eu não conseguira decifrar. As chamas apagaram-se; sobrou apenas no meio da praça um monte informe de matéria calcinada. Teria desejado interrogar aquelas cinzas que o vento dispersava.

* * *

Entrementes, Carlos vencera Solimão; levava à África a guerra contra os infiéis, expulsara de Túnis o pirata Barbarroxa e colocara no trono Mulei Hassam, que concordava em reconhecer a supremacia da Espanha. Partiu então para Roma para fazer a Páscoa. Na igreja de São Pedro sentou num trono ao lado do papa; juntos praticaram os atos de devoção, juntos saíram da basílica: pela primeira vez, há séculos, o Império afirmava-se como uma potência igual à do papado. Mas, no mesmo instante em que esse triunfo explodia diante do mundo, éramos informados de que Francisco I reivindicara subitamente a sucessão do Duque de Milão para seu segundo filho e que acabava de enviar um exército a Turim.

— Não — exclamou Carlos. — Não quero mais guerra. Sempre guerra! Isso nos esgota e para que serve?

Ele, sempre senhor de suas paixões, caminhava de um lado para outro puxando nervosamente a barba.

— Eis o que farei — disse. — Combaterei Francisco pessoalmente, homem contra homem, jogando Milão contra a Borgonha; o vencido servirá o vencedor numa guerra contra o Infiel.

Atalhei:

— Francisco não aceitará o desafio.

Sabia agora: nunca acabaríamos com aquilo, nunca teríamos as mãos livres. Livres dos franceses, era preciso marchar contra os turcos; vencidos estes, cumpria voltar-nos contra os franceses; mal se dominava uma revolta na Espanha e já outra explodia na Alemanha; mal enfraquecíamos o poder dos príncipes luteranos e já tínhamos que lutar contra a arrogância dos católicos. Consumíamos-nos em lutas vãs cujo objetivo nem sequer conhecíamos. A unidade da Alemanha, a posse dos novos mundos, nunca tínhamos tempo de sonhar com esses grandes desígnios. Carlos precisou ir à Provença e marchamos contra Marselha sem conseguir tomá-la. Foi necessário retirarmo-nos para Gênova e embarcamos para a Espanha, abandonando, pela paz de Nice, a Savoia e dois terços do Piemonte.

Carlos passou o inverno na Espanha junto da Rainha Isabel, cuja saúde causava graves preocupações. A primeiro de maio, em consequência de um parto prematuro, foi tomada de violenta febre que a matou em algumas horas. O imperador recolheu-se por várias semanas a um convento das cercanias de Toledo. Quando abandonou seu retiro, envelhecera dez anos; estava curvado, tinha a tez cor de chumbo e o olhar apagado.

— Pensei que não sairíeis desse convento — disse-lhe.

— Quisera não sair.

Imóvel em sua poltrona, Carlos fixava, através da janela, o duro céu azul.

— Não sois o senhor? — observei.

Encarou-me:

— Fostes vós que me dissestes um dia: vossa saúde, vossa felicidade não pesam.

— Ah! — exclamei. — Ainda vos recordais dessas palavras?

— É o momento de lembrá-las.

Passou a mão pela frente; era um gesto novo, um gesto de homem velho.

— Devo entregar a Filipe um Império intacto — disse ele.

Inclinei a cabeça sem responder e o grande silêncio ardente do verão de Castela recaiu sobre nós. Como tivera eu a ousadia de ditar-lhe seus deveres? Como ousara dizer um dia a mim mesmo, ouvindo os repuxos de Granada: “Dei a esse homem a vida e a felicidade”? Era preciso dizer agora: “Fui eu que lhe dei esses olhos apagados, essa boca dolorosa e esse coração trêmulo; sua desgraça é minha obra.” Fazia frio em sua alma; eu sentia esse frio com tanta evidência como se tivesse tocado a mão de um cadáver.

Durante algumas semanas ficamos mergulhados numa espécie de torpor, do qual saímos em consequência de um apelo de Maria, irmã de Carlos, e que governava os Países-Baixos em nome dele.

Perturbações da ordem haviam ocorrido em Gand. Há muito tempo já, a prosperidade de Antuérpia inquietava a velha cidade: seus comerciantes tinham visto retirarem-lhes a maior parte dos pedidos e seus operários, sem trabalho, viviam na miséria. Quando a regente quis impor a todas as cidades uma contribuição nacional, Gand recusou-se a pagá-la. Os revoltados rasgaram a Constituição municipal outorgada em 1515 aos habitantes de Gand: como sinal de solidariedade usavam orgulhosamente pedacinhos de pergaminho presos às vestes. Mataram um magistrado e principiaram a saquear a cidade. Obtivemos livre passagem do Rei da França e, a 14 de fevereiro, Carlos V entrou em Gand ao lado de Maria, do legado do papa, dos embaixadores, príncipes e fidalgos da Espanha e da Alemanha; atrás dele vinham a cavalaria imperial e vinte mil

lansquenetes. O cortejo, com suas bagagens, desfilou durante cinco horas. Carlos estabeleceu-se no castelo em que nascera quarenta anos antes, e as tropas foram distribuídas pelos vários bairros da cidade; desde logo fizeram reinar o terror. Ao fim de três dias, os chefes da revolta tiveram que renunciar à luta. O processo iniciou-se a 3 de março; o procurador-geral de Malinês expôs aos soberanos os crimes da cidade; uma delegação de habitantes veio implorar piedade à regente; mas foi com cólera que ela os ouviu; exigia uma repressão inexorável.

— Não estais cansado de punir? — perguntei a Carlos.

Olhou-me com espanto:

— Que importam meus sentimentos? — Aparentemente recobrou a serenidade; bebia e comia bastante, punha sempre o mesmo cuidado em se arrumar e vestir; nada em sua conduta dava a suspeitar o vazio de seu coração.

— Pensais realmente que esses homens sejam criminosos?

Ele ergueu as sobrancelhas:

— Eram criminosos os índios da América? Fostes vós que me ensinastes que não se pode governar sem fazer o mal.

— Com a condição de que o mal seja útil.

— É preciso um exemplo — disse ele.

Encarei-o e disse:

— Admiro-vos.

Ele virou a cabeça:

— Não tinha o direito de comprometer a herança de Filipe.

As execuções começaram no dia seguinte; dezesseis cabeças do movimento foram decapitados, enquanto os mercenários espanhóis saqueavam as casas dos burgueses, violentavam-lhes as mulheres e as filhas. O imperador mandou demolir um bairro com todas as suas igrejas e erigir uma cidadela sobre as ruínas. A fortuna pública de Gand foi confiscada; retiraram-lhe as armas, os canhões, as munições e o grande sino apelidado Rolando. Todos os privilégios foram abolidos e seus habitantes tiveram que retratar-se.

— Por quê? — murmurava eu. — Por quê?

Sentada ao lado do irmão, Maria sorria. Trinta notáveis, vestidos de preto, cabeça nua e descalços, estavam ajoelhados aos pés dos soberanos; atrás deles, de camisola, corda ao pescoço, viam-se seis representantes de cada corporação, cinquenta tecelões, cinquenta membros do partido popular. Todos baixavam a cabeça e cerravam os lábios. Tinham querido ser livres e, para puni-los desse crime, nós os obrigávamos a se arrastarem sobre os joelhos. Através de toda a Alemanha milhares de homens tinham sido supliciados, esquartejados, queimados; milhares de nobres e de burgueses tinham sido decapitados na Espanha; nas cidades dos Países-Baixos, heréticos retorciam-se nas chamas das fogueiras. Por quê?

À noite, disse a Carlos:

— Desejaria partir para as Américas.

— Agora?

— Agora.

Era minha última esperança, meu único desejo. Soubéramos, um ano antes, que Pizarro, à frente de seu exército, se apoderara do Imperador do Peru, reluzente de ouro, e que havia submetido seus domínios. O primeiro galeão vindo desse reino entrara em Sevilha com quarenta e dois mil quatrocentos e noventa e seis pesos de ouro e mil e setecentos e cinquenta marcos de prata. Lá, naquelas regiões, não se gastavam as forças para manter, com guerras inúteis e repressões cruéis, um passado vacilante; lá inventava-se o futuro em novas bases, construía-se, criava-se.

Carlos chegara-se à janela; contemplava as águas cinzentas do canal encerrado entre os cais de pedra; percebia-se ao longe a massa sombria do campanário privado de seus sinos orgulhosos.

— Nunca verei as Américas!

— Vós o fareis através de meus olhos. Sabeis que podeis confiar em mim.

— Mais tarde — disse ele.

Não era uma ordem, era um pedido; era preciso que fosse presa de grande desespero para que esse acento suplicante lhe tivesse vindo aos lábios. Continuou com firmeza:

— Preciso de vós aqui.

Inclinei a cabeça. Agora eu desejava ver as Américas. Desejávola ainda mais tarde? Agora é que teria sido preciso partir.

— Esperarei — disse-lhe.

* * *

Esperei dez anos. Sem cessar, tudo mudava e tudo continuava igual. Na Alemanha o luteranismo triunfava, os turcos ameaçavam novamente a cristandade, novamente os piratas infestavam o Mediterrâneo: quisemos tomar Argel e malogramos. Houve uma guerra contra a França. Pelo tratado de Crépy-em-Valois o imperador renunciou à Borgonha e Francisco I, a Nápoles, ao Artois e às Flandres: após vinte anos de luta que tinham esgotado as forças do Império e da França, os adversários se encontravam face a face sem que nada houvesse mudado em suas respectivas posições. Carlos teve a alegria de ver o Papa Paulo II convocar um grande concílio em Trento; os príncipes luteranos desencadearam de imediato uma guerra civil; apesar da gota que o torturava, Carlos lutou heroicamente e conseguiu vencer seus inimigos; mas, tendo o governador do imperador em Milão cometido o erro de ocupar Placência, o papa, furioso, começou a negociar com Henrique II, novo Rei da França, e transportou para Bolonha o Concílio de Trento. Carlos teve que aceitar em Augsburg um compromisso que não contentou nem os católicos nem os protestantes. Uns e outros repeliam obstinadamente o projeto de constituição da Alemanha pelo qual tínhamos lutado sem descanso desde que Carlos era imperador.

— Nunca deveria ter assinado esse compromisso — disse Carlos.

Estava sentado numa poltrona, descansando a perna gotosa num banquinho; assim passava os dias, quando os acontecimentos não o constrangiam a montar a cavalo.

Disse-lhe:

— Não se vos deparava outra solução.

Deu de ombros:

— Diz-se sempre isso.

— Eu o digo porque é verdade.

O único remédio; não podemos escolher... não havia outra solução... Através dos anos, dos séculos, o mecanismo funcionava; era preciso ser estúpido para imaginar que uma vontade humana pudesse desregular-lhe a marcha. Quanto tinham pesado nossos grandes desígnios?

Ele disse:

— Deveria ter recusado. A qualquer preço.

— Então era a guerra e teríeis sido vencido.

— Eu sei.

Passou a mão pela fronte; o gesto tornava-se-lhe habitual. Parecia perguntar a si mesmo: Por que não ser vencido? E talvez tivesse razão. Apesar de tudo, havia homens cujos desejos tinham marcado a terra: Lutero, Cortez... Seria por terem admitido a ideia de serem vencidos? Nós escolhêramos a vitória. E agora indagávamos a nós mesmos: Que vitória?

Ao fim de um momento Carlos disse:

— Filipe não será imperador.

Ele sabia de há muito: Fernando reivindicava com uma rudeza demasiado intensa um império que queria legar ao filho; mas nunca Carlos confessara abertamente essa derrota.

— Que importa! — respondi.

Eu contemplava as tapeçarias desbotadas, os móveis de carvalho e, pela janela, as folhas de outono que o vento levantava. Tudo era empoeirado e pesado: as dinastias, as fronteiras, a rotina, as injustiças; por que nos encarniçamos em manter juntos os restos desse Velho Mundo carcomido?

— Fazei de Filipe um príncipe espanhol e o imperador das Índias; lá é que se pode criar e construir...

— Poder-se-á?

— Duvidais? Lá há um mundo inteiramente novo que conquistastes; lá construístes igrejas, cidades, semeastes e colhestes.

Ele meneou a cabeça:

— Quem sabe o que se passa por lá?

Na verdade, a situação era confusa. Uma guerra se desencadeara entre Pizarro e um de seus companheiros, que fora vencido e condenado à morte mas cujos partidários tinham matado Pizarro. O vice-rei que o imperador enviara para apaziguar as disputas fora assassinado pelos soldados de González Pizarro que os oficiais do rei acabavam de vencer e decapitar. O certo é que as novas leis não eram obedecidas e continuava-se a maltratar os índios.

— Outrora desejáveis ver as Américas com vossos próprios olhos — disse Carlos.

— É verdade.

— Ainda o desejais?

Eu hesitava. Alguma coisa ainda palpitava fracamente em meu coração, algo que talvez fosse um desejo.

— Desejo sempre servir-vos.

— Então ide ver o que fizemos por lá. Preciso saber.

Acariciou longamente a perna gotosa.

— É preciso que eu saiba o que lego a Filipe.

Baixou a voz.

— É preciso que eu saiba o que fiz em trinta anos de reinado.

Seis meses mais tarde, na primavera de 1550, embarquei em Sanlúcar de Barrameda numa caravela que fazia a travessia com três navios mercantes e dois navios de guerra. Durante dias e dias, apoiado à amurada, contemplei a esteira de espuma que o navio traçava à superfície das águas: era o caminho que tinham seguido as caravelas de Colombo, de Cortez e de Pizarro; muitas

vezes eu o percorrera com o dedo sobre o pergaminho dos mapas; mas agora o mar não era mais um espaço uniforme que eu podia cobrir com a mão; ondulava e reluzia, estendia-se para além de meu olhar. Eu pensava: “Como possuir o mar?” Em meu gabinete de Bruxelas, Augsburgo ou Madri, sonhara ter o mundo nas mãos: o mundo, um globo liso e redondo. Agora, enquanto deslizava, dia após dia, sobre as águas azuis, eu me perguntava: “Que é o mundo? Onde se encontra?”

Certa manhã, estava deitado de olhos fechados no convés, quando repentinamente o vento me trouxe um cheiro que eu não respirava há cinco meses: um cheiro quente e apimentado, um cheiro de terra. Abri os olhos. Diante de mim, estendendo-se a perder a vista, via uma costa chata, sombreada por uma floresta de árvores de folhas gigantescas. Estávamos no Arquipélago das Lucaias. Contemplei com emoção a imensa plataforma verde que parecia flutuar sobre as águas. O vigia gritara: “Terra!” e os companheiros de Colombo tinham caído de joelhos. Ouvia-se, como agora, o palrar dos pássaros.

— Faremos escala nessas ilhas? — indaguei do capitão.

— Não — disse ele. — São desertas.

— Desertas? É verdade então?

— Não o sabéis?

— Não acreditava.

Em 1509, o Rei Fernando autorizava o tráfico dos baamanos. O padre Las Casas afirmava que os tinham acuado com a ajuda de cães buldogues e que cinquenta mil índios haviam sido aniquilados ou dispersos.

— Há quinze anos, ainda restavam alguns colonos nas costas, vivendo do comércio de pérolas — disse o capitão. — Mas já se pagavam cento e cinquenta ducados por um mergulhador; a raça extinguiu-se rapidamente e os últimos espanhóis tiveram que abandonar as ilhas.

— Quantas ilhas há nesse arquipélago? — perguntei.

— Cerca de trinta.

— Todas desertas?

— Todas.

No mapa levantado pelos geógrafos o arquipélago não passava de um punhado de manchas insignificantes. E eis que cada uma dessas ilhas existia com tanto brilho quanto os jardins de Alhambra; eram cheias de flores de cores rutilantes, de pássaros e de perfumes; entre os recifes, o mar prisioneiro formava enseadas tranquilas que os marinheiros chamavam “jardins d’água”; pólipos, medusas, algas, corais desabrochavam na água transparente em que nadavam peixes vermelhos e azuis. De longe em longe, via-se emergir uma duna solitária, semelhante a um navio encalhado; por vezes a colina de areia encerrava-se num emaranhado de ervas rastejantes e de lianas, lataneiros cresciam-lhes pelos flancos. Nenhum barco deslizara jamais sobre esses lagos mornos onde borbulhavam de quando em quando jatos de água doce; nunca mão nenhuma afastara os cortinados de cipós; essas terras de delícias, onde antes vivia displicentemente um povo preguiçoso e nu, estavam perdidas para os homens.

— Sobram ainda índios em Cuba? — perguntei ao entrarmos no canal que conduz à Baía de Santiago.

— Em Guandora, perto de Havana, reuniram em uma aldeia cerca de sessenta famílias que viviam na montanha — disse-me o capitão. — Nessa região aqui devem existir ainda algumas tribos, mas elas se escondem.

— Compreendo.

A Baía de Santiago era tão ampla que toda a frota do Reino da Espanha poderia facilmente abrigar-se nela; olhei os cubos rosados, verdes, amarelos que galgavam as fraldas da montanha como numa sucessão de sacadas, e sorri: gostava das cidades. Logo que pus o pé em terra respirei com delícia o cheiro de alcatrão e óleo, o cheiro de Antuérpia e Sanlúcar. Abri caminho entre a multidão que fervilhava no cais; crianças em andrajos agarravam-se à minha roupa, gritando: “Santa Lucía!” Joguei ao

chão um punhado de moedas e disse ao que me pareceu mais esperto do bando: “Guia-me.”

Uma rua larga, cor de ocre, sombreada por palmeiras, subia até uma igreja de uma brancura ofuscante.

— Santa Lucía — disse o menino.

Estava descalço, a cabeça raspada assemelhava-se a uma bola preta.

— Não gosto das igrejas — disse eu. — Leva-me às lojas e à praça do mercado.

Viramos a esquina: todas as ruas eram retas e cruzavam-se como um tabuleiro de xadrez; as casas, cobertas de estuque brilhante, eram construídas à maneira das de Cádiz; mas Santiago não se assemelhava a uma cidade espanhola, era apenas uma cidade; meus sapatos estavam sujos dessa poeira amarela de um solo campesino, as grandes praças quadradas eram ainda terrenos baldios onde cresciam piteiras e cactos.

— Vindes da Espanha? — inquiriu o menino. Olhava-me com olhos faiscantes.

— Venho.

— Quando eu for grande irei trabalhar nas minas. Ficarei rico e partirei para a Espanha.

— Não gostas daqui?

Ele cuspiu no chão com desprezo.

— Aqui todos são pobres.

Chegávamos à praça do mercado; mulheres sentadas no chão vendiam figos de bérberis descascados dentro de folhas de palmeiras; outras mantinham-se em pé atrás de bancas cheias de nacos de pão, de cestas de cereais, de feijões ou grãos de bico; havia também comerciantes de utensílios e de tecidos. Os homens envolviam-se em panos desbotados de algodão, todos andavam descalços; as mulheres andavam igualmente descalças, vestidas miseravelmente.

— Quanto é a fanga de trigo?

Eu estava vestido como um fidalgo e o comerciante encarou-me surpreso:

— Vinte e quatro ducados.

— Vinte e quatro ducados! É duas vezes mais caro do que em Sevilha.

— É o preço — disse o homem, agastado.

Fiz devagar a volta da praça. Uma menina esfarrapada trotava à minha frente; detinha-se diante de cada banca examinando o pão com um ar refletido sem se decidir a escolher; os comerciantes sorriam-lhe. Nesse país em que o ferro se vendia mais caro do que a prata, o pão era mais precioso do que o ouro. A fanga de feijão, que custava na Espanha duzentos e setenta e dois maravedis, valia aqui quinhentos e setenta e oito. Uma ferradura custava seis ducados; dois pregos para ferrar, quarenta e seis maravedis; uma peça de fino tecido veneziano escarlate, quarenta ducados; uma resma de papel, quatro ducados; as botinas eram vendidas a trinta e seis ducados. A alta dos preços, já sensível na Espanha desde a descoberta das minas de prata de Potosi, tinha reduzido o povo à miséria. Eu olhava aqueles rostos curtos que a fome cavava, e pensava: “Dentro de cinco anos, dez anos, será a mesma coisa em todo o reino.”

Depois de ter perambulado o dia inteiro pela cidade, infernado pelos lamentos das mulheres e dos velhos que pediam esmola, e pelas solicitações agudas das crianças, jantei à noite com o governador. Recebeu-me com um luxo extraordinário; fidalgos e damas cobriam-se de seda dos pés à cabeça, e as paredes do palácio também eram forradas de seda. A mesa era mais faustosa que a de Carlos V. Interroguei meu hospedeiro sobre a condição dos indígenas e ele me confirmou o que dissera o capitão do navio: atrás de Santiago e perto de Havana estendiam-se algumas plantações cultivadas por negros; mas, no conjunto, a Ilha de Cuba, antes povoada por vinte mil índios e grande como a distância que separa Valhadoli de Roma, era deserta.

— Não fora possível submeter esses selvagens sem os chacinar? — indaguei, irritado.

— Não houve nenhuma chacina — respondeu um dos fazendeiros. — Não conheceis esses índios: são tão preguiçosos que preferem a morte à menor fadiga. Deixaram-se morrer propositadamente para não trabalhar; enforcavam-se ou recusavam-se a comer. Aldeias inteiras suicidaram-se.

Dias depois, num navio que me transportava para Jamaica, interroguei um dos monges que tinham embarcado em Cuba.

— É verdade que os índios dessas ilhas se mataram a si mesmos por preguiça?

— A verdade é que seus senhores os faziam trabalhar até morrerem — disse o monge. — Então, esses desgraçados preferiam morrer logo; comiam terra e pedras para apressar o fim. E recusavam o batismo para não se arriscarem a encontrar os bons espanhóis no céu.

A voz do padre Mandonez tremia de indignação e piedade. Durante muito tempo falou-me dos índios. Em lugar dos selvagens cruéis e apalermados que me tinham descrito os oficiais de Cortez, pintou-me homens tão pacatos que, ignorando o uso das armas, se feriam ao fio das espadas espanholas. Moravam em imensas cabanas construídas com galhos e caniços e nas quais se abrigavam às centenas; viviam da caça, da pesca e da cultura do milho, empregando os lazeres a trançar penas de colibris; não cobiçavam os bens deste mundo, desconheciam o ódio, a inveja, a cupidez; eram pobres, despreocupados, felizes. Eu olhava o bando de imigrantes miseráveis que jaziam no convés, esmagados pelo sol e pelo cansaço; com suas tralhas nas mãos, abandonavam o solo avaro de Cuba para tentar fortuna nas minas. E eu pensava: “Para quem trabalhamos?”

Dentro em breve montanhas ásperas surgiram no horizonte; abaixo das cristas de um azul-lazulita, distinguia-se o verde sombrio das depressões e dos vales cujos tons se iam

afrouxando até o verde-pálido. Jamaica. De sessenta mil índios que viviam antes na ilha, disse-me o padre Mandonez, sobraram apenas duzentos.

— A importação dos negros não salvou então a vida de um só índio? — perguntei.

— Quando se entregam as ovelhas à guarda dos lobos, não há mais jeito de as salvar — disse o monge. — E como se apagaria um crime com outro?

— O próprio padre Las Casas era adepto dessa medida.

— O padre Las Casas morrerá torturado pelo remorso.

— Não o condeneis — disse eu. — Que homem pode prever as consequências de seus atos?

O monge encarou-me; desviei o olhar.

— É preciso rezar muito — disse ele.

Eu sabia que a lei dava aos fazendeiros o direito de queimar seus escravos a fogo lento ou de os esquartejar à menor desobediência; mas em Madri era fácil pensar que não usassem desse direito. Em Madri eu ouvira sem pestanejar muitas histórias horríveis: dizia-se que certos colonos alimentavam os cães com carne de crianças indígenas; dizia-se que o governador Nogarez mandara chacinar por simples capricho mais de cinco mil índios; mas contava-se também que os vulcões do Novo Mundo cuspiam ouro em profusão, que as cidades astecas eram construídas de prata maciça. Agora, as Antilhas não eram senão uma terra lendária; as ilhas de esmeraldas, as montanhas de lápis-lazúli, eu as via. Para além das areias douradas da costa, homens de verdade chicoteavam outros homens com chicotes de verdade.

Fizemos escala em Porto Antônio e continuamos a navegar. Dia após dia, o calor tornava-se mais abafante; a água era absolutamente imóvel, nem uma ruga no mar. Deitados à proa, o rosto porejando suor, os imigrantes tremiam de febre.

Pela manhã, apareceu Porto Belo. O porto encastoava-se numa baía profunda entre dois promontórios de verdura; a vegetação

que os recobria era tão prodigiosa que não se percebia uma polegada de terra; tinha-se a impressão de ver emergirem do mar duas enormes plantas mergulhando suas raízes nas águas e de uma altura de quatrocentos pés. Pelas ruas da cidade perpassava, fremindo, uma aragem escaldante; disseram-me que o clima era tão malsão que os imigrantes que não conseguiam arranjar imediatamente mulas para a travessia do istmo morriam na semana seguinte abatidos pelas febres. Obtive do governador montarias para todos os meus companheiros; só abandonamos os que a doença vencera.

Durante dias e dias avançamos pelo caminho de burros que serpenteava através de uma floresta gigantesca; acima de nossas cabeças, as árvores formavam uma abóbada espessa. Não víamos o céu; enormes raízes levantavam as lajes da estrada e amiúde era preciso parar para cortar os cipós que haviam crescido desde a passagem da última tropa e obstruíam a pista; em torno de nós, a sombra era abafante e úmida. Quatro homens morreram no caminho, três outros deitaram-se à beira do atalho, incapazes de continuar a viagem. O padre Mandonez informou-me que essa região era também deserta: em três meses, sete mil crianças índias tinham morrido de fome no istmo.

Panamá tinha então sob seu domínio todo o tráfico do Peru e do Chile. Era uma cidade grande e próspera; topávamos nas ruas com comerciantes vestidos de seda, mulheres cobertas de joias, mulas suntuosamente arreadas. As casas espaçosas eram mobiliadas com um luxo magnífico; mas o ar era tão insalubre que os habitantes morriam aos milhares anualmente em meio a suas efêmeras riquezas.

Embarcamos numa caravela que costeou o Peru. Os imigrantes que tinham sobrevivido às fadigas da viagem continuavam a travessia em direção a Potosi. Eu descí com o padre Mandonez em Calhau, a três léguas da Cidade do Rei, e alcançamos sem tropeços a capital.

A cidade era construída como um tabuleiro de xadrez, com ruas largas e grandes praças, e era tão grande que seus habitantes a denominavam com orgulho “a cidade das distâncias magníficas”. As casas feitas de adobe eram edificadas, como as de Andaluzia, em volta de um pátio; os muros externos eram nus e sem janelas, fontes e repuxos refrescavam todos os cruzamentos e o ar era tépido e leve. Entretanto, os espanhóis suportavam mal o clima e tornei a encontrar nas ruas as mesmas multidões miseráveis de Santiago de Cuba. O ouro e a prata, também aqui, não serviam aos homens. Estavam construindo uma catedral cujas colunas eram de prata maciça e as paredes de mármore precioso. Para quem a construíam?

Depois da catedral, o mais belo edifício da cidade era uma imensa prisão de muros nus. Através da porta de sua carruagem guarnecida de alcatifas de ouro, o vice-rei mostrou-a orgulhosamente:

— Aí são trancafiados todos os rebeldes do reino — disse.

— A quem chamais rebeldes? Aos que se revoltaram abertamente contra o poder ou aos que se recusam a obedecer às novas leis?

Ele deu de ombros:

— Ninguém obedece às novas leis. Fora preciso reconquistar o Peru a seus conquistadores se quiséssemos que a autoridade real não passasse de uma palavra.

As ordenações de Carlos V determinavam que se libertassem os índios, que se lhes desse um salário, que se exigisse deles trabalho moderado. Mas as pessoas que interroguei declararam-me que a aplicação dessas leis era impossível. Uns sustentavam que os índios só podiam ser felizes como escravos; outros me demonstravam com cifras que a grandeza da obra que devíamos executar e a preguiça natural dos índios tornavam necessário um regime severo; e outros diziam apenas que os lugares-tenentes do rei não tinham meios de se fazerem obedecer.

— Tínhamos decidido recusar a absolvição aos colonos que tratavam os índios como escravos — disse o padre Mandonez. — Mas nossos bispos ameaçaram-nos de interdito se nos obstinássemos nesse caminho.

Fazia-me visitar a missão em que cuidavam dos velhos índios enfermos e alimentavam os órfãos. No pátio sombreado de palmeiras, crianças acocoravam-se em volta de grandes vasilhames de arroz; eram crianças belas, morenas, de maçãs salientes, cabelos negros e lisos; tinham olhos grandes sombrios e brilhantes; todas elas mergulhavam simultaneamente as mãos escuras no recipiente e simultaneamente as levavam à boca. Eram filhotes de homens, não de animais.

— São belos! — disse eu.

O padre pôs a mão na cabeça de uma menina.

— A mãe era bela também e a beleza custou-lhe a vida: os soldados de Pizarro enforcaram-na junto com duas companheiras para provar aos índios que os espanhóis eram indiferentes às suas mulheres.

— E este? — indaguei.

— É o filho de um chefe que queimaram vivo porque a contribuição dada por sua aldeia foi julgada insuficiente.

Assim, enquanto dávamos volta ao pátio, lentamente ia-se desenrolando aos nossos olhos a história da conquista. À proporção que os homens de Pizarro se aprofundavam nessas terras, iam exigindo que cada aldeia lhes entregasse todos os gêneros que tinham levado anos acumulando. Os mantimentos que não consumiam desperdiçavam-nos, queimavam-nos, aniquilando os rebanhos, destruindo as colheitas, deixando atrás de si um deserto, de modo que as tribos indígenas morriam de fome. Por qualquer pretexto, queimavam uma aldeia e, se os desgraçados habitantes tentavam fugir de suas casas em chamas, abatiam-nos a flechadas. À aproximação dos conquistadores, aldeias inteiras suicidavam-se.

— Se ainda desejais percorrer esse país infeliz, eu vos darei um guia — disse-me o padre Mandonez.

Apontou-me um jovem moreno e alto que parecia sonhar encostado ao um tronco de palmeiras,

— É o filho de um espanhol e de uma índia da família dos incas. Seu pai, como ocorre amiúde, abandonou a mãe para desposar uma senhora de Castela e a criança foi-nos confiada. Ele está a par da história de seus antepassados e conhece bem a região, pois acompanhou-me muitas vezes em minhas viagens.

Dias mais tarde, deixei a Cidade do Rei em companhia de Filipillo, o jovem inca. O vice-rei colocara à minha disposição cavalos robustos e dez carregadores índios. Uma espessa bruma pesava sobre a costa, escondendo completamente o sol; o solo estava úmido de orvalho. Seguíamos um caminho que acompanhava o flanco de uma colina coberta por magníficos prados; era uma estrada larga, feita de lajes de pedra, mais sólida e cômoda do que qualquer estrada do Velho Mundo.

— Foram os incas que a construíram — disse-me o guia com orgulho. — Todo o império era coberto de estradas semelhantes. De Quito a Cuzco corriam mensageiros mais velozes do que o vosso cavalo e que levavam a todas as cidades as ordens do imperador.

Admirei essa obra magnífica. Para transpor os rios, os incas tinham construído pontes de pedra; muitas vezes também, jogavam por cima das ravinas cordas feitas de juncos trançados e sustentadas por mourões de madeira.

Cavalgamos durante vários dias. Espantei-me com o vigor dos carregadores indígenas; sob um pesado fardo de mantimentos e cobertas faziam, sem pestanejar, cerca de quinze léguas por dia. Logo vim a saber que deviam essa força a uma planta que chamavam cola e cujas folhas verdes mastigavam sem cessar. Quando chegavam ao fim da etapa, jogavam a carga ao solo e deixavam-se cair como que aniquilados pelo esforço; ao fim de

um momento, recomeçavam a mascar uma bolinha de folhas frescas e recobravam sua agilidade.

— Eis Pachacumac — disse Filipillo.

Detive o cavalo. Repeti: “Pachacumac!” A palavra evocava-me uma cidade cheia de palácios de pedras esculpidas e de cedro, com jardins de plantas aromáticas, grandes escadarias mergulhando no mar, reservas de peixes e pássaros aquáticos; os terraços dos palácios eram plantados de árvores de ouro maciço, sobrecarregadas de flores, de frutos e de pássaros de ouro. Pachacumac! Arregalei os olhos.

— Não vejo nada — disse.

— Não há mais nada para ver — explicou o inca.

Aproximamo-nos; uma colina cortada em terraços superpostos servia de pedestal a um monumento do qual só restava um pedaço de muro pintado de vermelho; esse muro era feito de enormes blocos de pedra pousados uns sobre os outros, sem nenhum cimento. Olhei meu guia; estribado em seu cavalo, a cabeça erguida, não olhava nada.

No dia seguinte, abandonamos a costa e começamos a subir a montanha; pouco a pouco, elevamo-nos acima da bruma que pesava sobre o litoral; o ar tornava-se mais seco, a vegetação mais rica. De longe, as colinas pareciam cobertas de areia de ouro; de perto, distinguiam-se imensos campos de girassóis e de margaridas amarelas; nos prados, cresciam gramíneas leves e cactos azuis, e, embora o caminho subisse de maneira assaz rude, a temperatura permanecia igual. Atravessamos várias aldeias abandonadas; as casas de adobe estavam intactas, mas a vegetação as invadira. Meu guia disse-me que, à aproximação dos espanhóis, os habitantes haviam fugido através dos Andes com todos os seus tesouros; ninguém sabia que fim tinham levado.

Outrora, nas menores aldeias, teciam fibras de piteira e fios de algodão, bem como lã de lhama tingida de cores vivas;

fabricavam cerâmicas de fundo vermelho, decoradas com figuras humanas ou desenhos geométricos. Agora, tudo estava morto.

Eu interrogava pacientemente o jovem inca e, pouco a pouco, enquanto atravessávamos o imenso planalto situado a mais de oito mil pés acima do mar, e onde cresciam ainda cactos azuis, eu ia ficando a par do que fora o império de seus maiores. Os incas ignoravam a propriedade privada; possuíam em comum as terras que lhes eram distribuídas anualmente, reservando-se uma terra pública para a manutenção dos funcionários e abastecimento dos armazéns em época de penúria; denominava-se “Terra do Inca e do Sol”. Cada índio ia, em determinados dias, trabalhar essa terra e também lavrar os campos do enfermo, da viúva e do órfão. Trabalhavam com amor, convidando-se entre amigos e juntando aldeias inteiras para lavrar as suas parcelas: os convidados acorriam com a mesma solicitude com que teriam acorrido a uma festa. Todos os anos, havia distribuição de lã e, nas terras quentes, o algodão das terras reais era de todos; cada um fazia em sua casa o que lhe era necessário, sendo todos pedreiros e ferreiros, ao mesmo tempo em que donos de um campo. Não havia pobres entre eles. Eu escutava Filipillo e pensava: “Eis o império que destruímos, o império que eu desejava estabelecer sobre a terra e que não soube construir!”

— Cuzco! — disse-me o inca.

Tínhamos chegado ao alto de uma garganta e percebemos abaixo de nós um planalto verde semeado de aldeias: o vale sorridente de Vulcanida; para além, erguia-se o cone branco do Azuyata e a cadeia coberta de neve dos Andes. A cidade espalhava-se ao pé de uma colina coroada de ruínas; esporeei o cavalo e lancei-me em direção à antiga capital dos incas.

Atravessamos campos de luzerna, cevada e milho e jardins de cola; a planície era recortada de canais abertos pelos incas; as colinas tinham sido cavadas em degraus para impedir a erosão. Esses construtores de estradas e cidades tinham sido igualmente

agricultores mais hábeis que quaisquer outros do Velho Continente.

Antes de entrar na cidade, subi a colina: as ruínas que sustentava eram as da fortaleza onde o imperador se entrincheirara contra as tropas de Pizarro. Era feita de três baluartes concêntricos em blocos de calcário escuro, unindo-se de maneira perfeita. Não sei quanto tempo me demorei nessas pedras.

As fortificações de Cuzco não tinham sido inteiramente destruídas, algumas torres ainda estavam de pé; restavam também algumas belas casas de pedra nas ruas. Mas, na maioria dos casos, somente as fundações tinham ficado intactas e os espanhóis tinham reconstruído apressadamente, sobre esses alicerces, andares de tijolo leve. Apesar de sua situação agradável, apesar de sua numerosa população de índios e colonos, a cidade parecia esmagada por uma maldição sombria. Os espanhóis queixavam-se da aspereza do clima e do ódio de que se sentiam cercados. Disseram-me que, todos os anos, por ocasião do aniversário da entrada dos conquistadores, os velhos indígenas encostavam a cabeça ao solo, na esperança de ouvir roncarem as águas do rio subterrâneo que devia um dia arrastar todos os espanhóis.

Passamos apenas alguns dias em Cuzco e retomamos nosso caminho. O ar dos planaltos elevados era tão seco e tão frio que muitas vezes deparávamos com o corpo mumificado de uma mula à beira da estrada: nessas regiões os cadáveres não se decompunham. De longe em longe encontrávamos ruínas: palácios, templos, fortalezas, enormes edifícios de adobe, sem arco nem abóbadas, triangulares ou hexagonais, e dos quais só restavam escombros. À extremidade de um grande lago ressecado encontramos vestígios da magnífica cidade de Piahocanacao. Jaziam por terra granitos e pórfiros quebrados; o que fora outrora um templo não era mais do que um monte de escombros; as antigas ruas eram indicadas por alinhamentos de

grandes pedras escuras; durante longo percurso, gigantescas estátuas, grosseiramente esculpidas, bordavam a estrada.

Todas as aldeias que atravessamos estavam desertas; o mais das vezes, tinham sido incendiadas. De uma feita, percebemos um ancião à entrada de uma cabana recém-construída; não tinha nariz nem orelhas, e suas órbitas eram vazias. Quando Filipillo lhe dirigiu a palavra, ele pareceu compreender mas nada respondeu.

— Suponho que lhe arrancaram também a língua — disse o inca.

Informou-me de que nessa região os espanhóis, suspeitando da existência de veios de ouro, tinham torturado atrozmente os indígenas a fim de que lhes revelassem os locais; mas os índios tinham-se fechado num silêncio impenetrável.

— Por quê? — indaguei.

— Vereis as minas de Potosi. E compreendereis por que quiseram poupar a seus filhos semelhante destino.

Não demorei em compreender. Poucos dias depois, passamos à frente de uma tropa de índios que eram levados às minas; iam amarrados uns aos outros pelas cangas que lhes punham ao pescoço e tinham a face marcada a ferro em brasa com um G. Eram mais ou menos quatrocentos ou quinhentos. Marchavam titubeando, pareciam esgotados. Os espanhóis, que os cercavam, faziam-nos caminhar a chicotadas.

— Vêm de Quito — disse-me o guia. — Talvez fossem mais de cinco mil quando partiram. Certa vez, morreram dez mil durante a travessia das terras quentes. Outra vez, de seis mil, chegaram duzentos. Quando caem de cansaço na estrada, não os desamarram sequer; simplesmente cortam-lhes a cabeça.

Naquela noite, pela primeira vez há muito tempo, vimos fumaça subir das cabanas de uma aldeia. Sentada à soleira da porta, uma jovem índia embalava o filho cantando; seu canto tinha um acento tão melancólico que eu quis entender-lhe o sentido. Meu guia assim o traduziu:

*Terá sido no ninho do puckey-puckey
que minha mãe me deu à luz
para ter tantas tristezas,
para chorar como agora
qual o puckey-puckey em seu ninho?*

Disse-me que, desde a conquista, todas as canções de embalar as crianças eram assim desoladas. Na aldeia só havia mulheres e crianças; os homens tinham sido caçados para trabalharem nas minas de Potosi. E o mesmo ocorria em todas as aldeias que encontramos até o vulcão.

Coroado de neve e vomitando chamas, erguia-se o Potosi acima de um planalto de quatro mil metros; os flancos da montanha eram cavados por um labirinto de galerias nas quais se exploravam veios de prata que atingiam até quinhentas braças de espessura. A seus pés, uma cidade se estava construindo; passei através de barracas de madeira à procura de meus companheiros de viagem. Encontrei apenas uma dezena: os outros tinham morrido no caminho. Quanto aos que haviam atingido Potosi, suportavam com dificuldade o clima desse elevado planalto; as mulheres, principalmente, sofriam o mal das grandes altitudes; todas as crianças nasciam cegas e surdas e morriam ao fim de algumas semanas. Disseram-me que um mineiro podia, quando muito, ganhar o dinheiro exatamente imprescindível à sua subsistência; tinham renunciado a toda esperança de fazer fortuna e até de juntar um pecúlio suficiente para voltar um dia a seus lares. Só se enriqueciam os grandes empreiteiros que faziam trabalhar para si um ror de índios.

— Vede — disse-me meu jovem guia. — Vede o que fizeram dos homens de minha raça.

Pela primeira vez, sua voz impassível tremia, e, à luz da tocha, vi lágrimas em seus olhos. Nas galerias sombrias trabalhava um povo inteiro que não era mais um povo de homens, mas de

vermes; não tinham mais carne nem membros, a pele escura colava-se-lhes aos ossos, que pareciam quebradiços, como galhos secos; já não tinham olhar e pareciam nada ouvir, martelavam os muros com gestos de autômatos; por vezes sem um murmúrio, um desses negros esqueletos desmantelava-se no chão e surravam-no com chicote ou barras de ferro; se não se levantasse rapidamente, matavam-no. Durante mais de quinze horas por dia, escavavam a terra e eram alimentados com um pouco de pão feito de raízes socadas. Nenhum vivia mais de três anos.

De manhã à noite, tropas de mulas carregadas de prata desciam para a costa. Cada onça de metal fora paga com uma onça de sangue. E os cofres do imperador continuavam vazios, seus povos apodreciam na miséria. Destruíramos um mundo e o destruámos por nada.

* * *

— Malogrei, portanto, em tudo — disse Carlos V.

Durante a noite toda, eu falara e o imperador ouvira em silêncio. O dia nascia no quarto de pesadas tapeçarias e a aurora clareava-lhe o rosto. Meu coração confrangiu-se. Em três anos, ele se tornara um ancião; seus olhos estavam mortos, seus lábios lívidos, seus traços vincados; respirava com dificuldade. Estava sentado no fundo de sua poltrona e uma bengala de castão de marfim repousava sobre a coberta que lhe escondia as pernas retorcidas pela gota.

— Por quê? — indagou.

Durante os três anos que durara minha ausência, ele fora traído por Maurício de Saxe, que se colocara à testa das forças luteranas; fora obrigado a fugir diante do rebelde, a assinar um tratado que arruinava de um só golpe os esforços de toda a sua vida em prol da unidade religiosa. Malograra nas Flandres, não tendo podido reconquistar as terras abandonadas por Henrique

II; novas revoltas tinham explodido na Itália e os turcos fustigavam-no.

— Por quê? — repetiu. — Que erro cometi?

— Vosso único erro foi reinar — expliquei.

Ele pegou a joia do Tosão de Ouro que repousava sobre o veludo de seu gibão:

— Não queria reinar — disse.

— Eu sei.

Olhava seu rosto enrugado, sua barba grisalha, seus olhos mortos. Pela primeira vez eu me sentia mais velho do que ele, mais velho do que jamais fora homem algum, e ele pareceu-me lastimável como uma criança. Disse-lhe:

— Enganei-me. Queria fazer de vós o senhor do universo, mas não há universo.

Levantei-me, andei pelo quarto; não dormia a noite toda e minhas pernas estavam adormecidas. Agora, eu era pequeno demais, a Itália pequena demais, o universo não existia.

— Que palavra cômoda — disse-lhe. — Que importavam os sacrifícios do presente; o universo estava no fundo do futuro. Que importavam as fogueiras, as chacinas? O universo estava alhures, sempre alhures. E não está em nenhum lugar; há somente homens, homens divididos para todo o sempre.

— É o pecado que os divide — disse o imperador.

— O pecado?

Pecado ou loucura? Ou outra coisa? Eu pensava em Lutero, nos monges agostinianos, nas mulheres anabatistas que cantavam nas chamas, em Antônio, em Beatriz. Havia neles uma força que burlava as previsões de minha razão e os defendia contra minhas vontades. Disse-lhe:

— Um dos monges heréticos que mandamos queimar disse-me antes de morrer: só há um bem, é agir de acordo com a própria consciência. Se isso é verdade, é vão tentar dominar a terra; nada se pode contra os homens, sua felicidade depende deles próprios.

— Só há um bem — disse Carlos. — É a própria salvação.

— E pensais que podeis salvar os outros ou a vós mesmo sequer?

— Somente a mim mesmo, com a graça de Deus.

Passou a mão na frente.

— Pensei que me cumpria salvar os outros, ainda que à força; esse foi o meu erro: era tentação do Diabo.

— Quanto a mim — disse eu —, quis fazer-lhes a felicidade. Mas eles estão fora do alcance.

Calei-me; ouvia os gritos de alegria, os urros sanguinários deles; ouvia a voz do profeta Enoc: “É preciso devastar o que existe.” Era contra mim que pregava, contra quem queria fazer desta terra um paraíso onde cada grão de areia se achasse em seu lugar certo, onde cada flor desabrochasse na sua hora. Mas eles não eram plantas nem pedras: não queriam ser transformados em pedra.

— Eu tinha um filho — disse-lhe. — Escolheu morrer porque eu não lhe deixara outro modo de viver. Tinha uma mulher também, e, porque lhe dei tudo, morreu viva. E há muitos que queimamos e expiraram agradecendo-nos. Não é a felicidade que eles querem: é somente viver.

— Que é viver? — disse Carlos.

Meneou a cabeça.

— Essa vida não é nada. Que loucura querer dominar um mundo que não é nada!

— Por momentos, há um fogo que arde nos corações: é o que eles chamam viver.

Repentinamente, um fluxo de palavras subiu-me aos lábios; talvez fosse a última vez por anos e séculos que me seria dado falar.

— Eu os compreendo — disse. — Agora eu os compreendo. O que vale a seus olhos não é nunca o que recebem, é o que fazem. Se não podem criar, precisam destruir, mas de qualquer maneira devem recusar a realidade; do contrário, não seriam

homens. E a nós, que pretendemos forjar o mundo por eles e encerrá-los dentro, a nós só nos podem odiar. Essa ordem, essa tranquilidade com que sonhamos, seria para eles a pior das maldições...

Carlos apoiara a cabeça nas mãos, e não escutava essa linguagem estranha. Rezava. Continuei:

— Não se pode fazer nada por eles nem contra eles. Não se pode nada.

— Pode-se rezar — respondeu o imperador.

Estava pálido e o canto de sua boca baixou como nos momentos em que as pernas o faziam sofrer.

— A provação terminou — disse. — Do contrário, Deus teria deixado uma esperança em meu coração.

Algumas semanas depois, Carlos V retirou-se para uma pequena casa em Bruxelas, situada no meio de um parque perto da Porta de Louvain; era um pavilhão de um só andar, cheio de instrumentos científicos e relógios; o quarto do imperador era estreito e nu como uma cela de monge. Quando a morte de Maurício de Saxe o libertou de seu mais poderoso inimigo, recusou-se a tirar proveito; renunciara a ocupar-se das questões alemãs, ao mesmo tempo que a solicitar o Império para o filho. Durante dois anos, dedicou-se a pôr em ordem seus negócios, e todas as suas empresas foram então coroadas de êxito; expulsou os franceses das Flandres, assinou o tratado de Vaucelles e conseguiu casar Filipe com Maria Tudor da Inglaterra. Mas sua decisão não se abalou com isso. A 25 de outubro de 1555, na grande sala do palácio de Bruxelas, reuniu uma assembleia solene a que compareceu apoiado ao braço de Guilherme de Orange e vestido de luto. O Conselheiro Philibert de Bruxelas leu uma declaração oficial da vontade imperial. Depois, o imperador levantou-se. Lembrou como quarenta anos antes, na mesma sala, fora proclamada sua emancipação; como sucedera a seu avô Fernando e a seguir recebera a coroa imperial.

Encontrara a cristandade dividida, seus domínios cercados de vizinhos hostis contra os quais tivera que se defender a vida inteira. Agora, suas forças abandonavam-no, queria entregar os Países-Baixos a Filipe e o Império a Fernando. Exortou o filho a respeitar a fé de seus antepassados, a paz e o direito. Quanto a ele, nunca lesara voluntariamente ninguém.

— Se me aconteceu cometer alguma injustiça contra alguém, peço-lhe perdão — disse.

Pronunciando essas últimas palavras, ficara muito pálido e, quando tornou a sentar-se, lágrimas corriam-lhe pelas faces. Os assistentes soluçavam. Filipe lançou-se aos pés do pai. Carlos apertou-o em seus braços e beijou-o ternamente. Só eu sabia por que ele chorava.

A 16 de janeiro de 1656, assinou em seu quarto um documento pelo qual renunciava, em favor de Filipe, a Castela, Aragão, Sicília e Novas Índias. Pela primeira vez depois de anos, vi-o rir e gracejar nesse dia. À noite, comeu uma omelete com sardinhas e um bom patê de enguias; depois da refeição ouviu durante uma hora um concerto de viola.

Mandara construir uma residência no coração da Espanha, perto do mosteiro de Yuste, e perguntou-me:

— Acompanhar-me-eis?

— Não — respondi.

— Que posso fazer por vós?

— Não chegamos à conclusão de que não se pode fazer nada por ninguém?

Ele encarou-me gravemente.

— Pedirei a Deus que um dia vos conceda o repouso.

Eu o acompanhei até Flessingen e fiquei na praia a olhar o navio que o transportava. Depois, as velas desapareceram no horizonte.

— Estou cansada — disse Régine.

— Podemos sentar-nos — respondeu Fosca.

Tinham andado muito; haviam entrado em plena floresta; a noite era morna sob a copa das árvores. Régine tinha vontade de deitar-se na relva e dormir para sempre. Sentou-se e disse:

— Não continue; é inútil. Será sempre a mesma história, eu sei.

— A mesma história e, a cada dia, diferente... É preciso que a ouça.

— Há pouco você não queria contar.

Fosca deitou-se no chão ao lado de Régine; durante um momento olhou em silêncio a folhagem sombria dos castanheiros.

— Pode imaginar essa vela sumindo no horizonte e eu na praia a olhá-la desaparecer?

— Posso.

Era verdade. Agora, ela podia.

— Quando a história tiver acabado, eu a verei desaparecer à beira da estrada. Você bem sabe que terá de desaparecer.

Ela escondeu o rosto nas mãos:

— Não sei. Não sei mais nada.

— Eu sei. Enquanto eu puder falar, falarei.

— E depois?

— Não pensemos em depois. Eu falo e você escuta. Por ora, não temos perguntas a fazer-nos.

— Bem, continue — disse ela.

Terceira parte

Eu caminhava em linha reta para a frente através do pantanal que se desenrolava a perder de vista; o solo esponjoso afundava sob meus pés e os juncos cuspiam gotas de água com um leve suspiro: o sol deitava-se no horizonte; no fundo das planícies e dos mares, e atrás das montanhas, havia sempre um horizonte e, todas as tardes, o sol deitava-se. Muitos anos tinham passado desde que eu jogara fora minha bússola, e andava perdido pela terra monótona sem conhecer tempo nem horas; esquecera meu passado; e meu futuro era aquela planície sem limites que fugia para o céu. Tateava o solo com o pé a fim de descobrir alguns montículos de terra sólida e neles instalar o meu leito, quando percebi ao longe uma grande superfície rosada. Aproximei-me. Um rio serpenteava entre juncos e ervas.

Cem anos, ou mesmo cinquenta anos antes, meu coração teria batido; teria pensado: “Descobri um grande rio e sou o único a conhecer esse segredo.” Mas, agora, o rio refletia o céu cor-de-rosa com indiferença. Pensei somente: “Não posso atravessar esse rio à noite.” Logo que encontrei um pedaço de terreno endurecido pelas primeiras geadas, joguei minha sacola ao chão e tirei a cobertura de pele. Depois, com meu machado, ataquei um tronco e juntei um monte de lenha a que pus fogo. Todas as noites, acendia uma fogueira para que, na ausência de minha própria presença, houvesse dentro da noite aquela crepitação, aquele odor, aquela vida ardente e vermelha que subia da terra para o céu. O rio estava tão calmo que não se ouvia sequer o murmúrio das suas águas.

— Ho! Ho!

Tremi. Era uma voz humana, a voz de um branco.

— Ho! Ho!

Gritei de meu lado: joguei uma braçada de lenha nas chamas, que se avivaram; ao mesmo tempo que gritava, eu avançava para o rio e percebi na outra margem uma luzinha; ele também fizera uma fogueira. Gritou-me palavras que não entendi, mas pareceu-me que falava francês. Nossas vozes cruzavam-se

através do ar úmido, mas sem dúvida o desconhecido não podia distinguir melhor minhas palavras do que eu as dele. Acabou calando-se e eu gritei três vezes: “Até amanhã!”

Um homem; um homem branco. Envolto em minhas cobertas, eu sentia o calor do fogo no rosto e pensava: “Desde que deixei o México, não vi uma só cara branca. Quatro anos. Já estava contando.” Uma chama crepitava do outro lado do rio e eu já dizia a mim mesmo estas palavras: “Há quatro anos não vejo um homem branco.” Entre nós, através da noite, um diálogo se iniciara: Quem é ele? De onde vem? Que quer? E ele fazia também essas perguntas e eu lhe respondia. Eu respondia. Reencontrei-me repentinamente à beira daquele rio com um passado, um futuro, um destino.

Cem anos antes, eu embarcara em Flessingen para dar a volta ao mundo. Esperava prescindir dos homens; queria ser apenas um olhar. Atravessara oceanos e desertos, navegara em juncos chineses e admirara em Cantão um pão de ouro maciço que avaliavam em duzentos milhões. Visitara Katung e vestira uma túnica de sacerdote, subira aos altos planaltos do Tibete. Vira Malaca, Calicute, Samarcanda e, no Camboja, ao fundo de uma floresta espessa, contemplara um templo grande como uma cidade, com cerca de cem campanários. Jantara à mesa do Grão-Mogol e à do Xá da Pérsia, Abalana; abrira para mim um caminho desconhecido através das ilhas do Pacífico, combatera os patagões; acostara enfim em Vera Cruz e alcançara o México; partira a pé e só, através do coração desconhecido do continente, e há quatro anos caminhava por planícies e florestas, sem direção, sem bússola, perdido sob o céu e dentro da eternidade. Há pouco ainda, eu estava perdido. Mas, agora, estava deitado num lugar preciso da terra e cujas latitude e longitude um astrolábio pudera medir; era seguramente ao norte do México; a quantos milhares de léguas? A leste ou a oeste? O homem que dormia na outra margem sabia onde eu estava.

Ao romper da aurora tirei a roupa e encerrei-a com minha coberta na sacola de pele de búfalo; amarrei a sacola aos ombros e lancei-me ao rio; a água gelada corou-me o fôlego, mas a correnteza era fraca e logo alcancei a outra margem. Depois de ter-me friccionado com a coberta, tornei a vestir-me. O estranho dormia ao lado de um montinho de cinzas. Era um homem de cerca de trinta anos, de cabelos castanho-claros; uma barba curta e cerdosa comia-lhe a parte inferior do rosto. Sentei-me a seu lado e esperei.

Ele abriu os olhos e olhou-me com surpresa:

— Como se encontra aqui?

— Atravessei o rio.

Seu rosto iluminou-se:

— Tem uma canoa?

— Não. Atravessei a nado.

Ele retirou a coberta e levantou-se de um salto:

— Está só?

— Estou.

— Está perdido também?

— Não posso perder-me. Não vou a lugar nenhum.

Ele passou a mão nos cabelos em desordem; parecia perplexo.

— Eu estou perdido — disse-me bruscamente. — Meus companheiros perderam-me ou me abandonaram. Tínhamos chegado às nascentes de um grande rio que subíamos desde o Lago Eriê; um índio dissera-me que ali encontraria um atalho de transportes que conduzia ao grande rio; parti a procurá-lo com dois homens; acho-lo e o seguimos; mas ao fim de três dias, certa manhã, ao despertar, vi-me só; pensei que meus companheiros me tivessem precedido; vim até aqui e não encontrei ninguém.

Fez uma careta:

— Eles é que carregavam os víveres.

— É preciso voltar atrás — disse-lhe.

— Sim. Mas os outros me terão esperado? Tenho medo de uma conjura.

Sorriu-me:

— Que alegria ter percebido sua fogueira ontem à noite! Conhece esse rio?

— Vejo-o pela primeira vez.

— Ah! — disse ele, decepcionado.

Olhou as águas limosas que desciam em lerdos meandros através dos pântanos.

— Corre de nordeste para sudoeste — disse —; é fora de dúvida que vai desembocar no Golfo da Califórnia, não acha?

— Não sei.

Eu também olhava o rio; de repente, não era mais uma água marulhante, era um caminho; conduzia a algures.

— Aonde vai? — perguntei.

— Busco uma passagem para a China — disse o viajante. — E, se realmente esse rio conduz dos lagos ao oceano, achei-a.

Sorriu-me. Pareceu-me estranho que um homem ainda me pudesse sorrir.

— E você? De onde vem?

— Do México.

— A pé? E só? — indagou com estupor.

— Sim.

Olhou-me com avidez:

— Como se alimenta?

Hesitei:

— De vez em quando mato um búfalo; os índios dão-me um pouco de milho.

— Há três dias não como nada — disse ele alegremente.

Houve um breve silêncio. Ele esperava.

— Lamento — disse eu. — Não tenho víveres. Acontece-me ficar uma ou duas semanas sem nenhum alimento: é um segredo que aprendi com os sábios do Tibete.

— Ah!

Cerrou um pouco os lábios e sua fisionomia abateu-se; logo se esforçou para sorrir novamente.

— Ensine-me depressa esse segredo — pediu.

— São necessários anos — disse eu bruscamente.

Ele olhou em derredor e pôs-se a dobrar a cobertura em silêncio.

— Não há caça por aqui? — indaguei.

— Nada. A um dia de marcha começa a planície; mas está queimada.

Estendeu no chão uma pele de búfalo e pôs-se a cortar mocassins novos.

— Vou tentar alcançar minha escolta — disse ele.

— E se não a encontrar?

— Será o que Deus quiser.

Não acreditara em minhas palavras; pensava que eu não queria repartir meus mantimentos com ele. Eu teria, entretanto, gostado de lhe dar alguma coisa em troca de seu sorriso.

— Sei de uma aldeia índia a cinco dias daqui — disse-lhe. — Aí encontrará seguramente milho.

— Cinco dias!

— Isso o atrasaria de dez dias. Mas juntos poderíamos transportar uma quantidade suficientemente grande para vivermos durante várias semanas.

— Voltaria a Montreal comigo?

— Por que não?

— Então partamos.

Tornamos a atravessar o rio a nado; a água estava menos fria do que de madrugada. Durante o dia inteiro, andamos através dos pântanos; meu companheiro parecia muito cansado; falava pouco. Disse-me, contudo, que se chamava Pierre Carlier; nascera em Saint-Malo e desde a infância jurara tornar-se um grande explorador; vendera todos os seus bens para vir para Montreal e organizar a expedição. Passara cinco anos contornando os grandes lagos que o Rio São Lourenço liga ao Atlântico e de onde esperava encontrar uma passagem para o

Golfo da Califórnia; pouco dinheiro lhe restava e seu governo não lhe fornecia nenhum auxílio, pois desejava que os colonos franceses se estabelecessem no Canadá sem se perderem pelo interior das terras inexploradas.

No segundo dia, atingimos a planície. Desse lado também, os índios tinham-na incendiado: era a estação da caça. Encontrávamos de quando em quando ossos de búfalo e percebíamos suas pegadas nas terras baixas; mas sabíamos que num círculo de várias léguas não existia um só animal vivo. Carlier não falava mais; suas forças estavam esgotadas. Durante a noite, surpreendia-o roendo a pele de búfalo em que cortara seus mocassins.

— Não tem realmente nada que se coma? — perguntou uma manhã.

— Pode procurar na sacola — disse-lhe. — Não há nada dentro.

— Não posso mais acompanhá-lo.

Deitou-se ao comprido, cruzou as mãos sob a nuca e fechou os olhos.

— Espere-me — disse-lhe. — Dentro de quatro dias estarei de volta.

Deixei-lhe ao alcance da mão uma cabaça cheia d'água e parti a passos largos. Não tinha nenhuma dificuldade em encontrar meu caminho; o pantanal conservara as impressões dos pés e, na planície, as ervas que eu pisara mostravam-me a passagem. Andei sem parar até o anoitecer e, no dia seguinte pela madrugada, pus-me novamente a caminho. Em dois dias, alcancei a aldeia. Estava vazia, tendo todos os índios partido para a caça. Mas descobri milho e carne num esconderijo.

* * *

— Devagar — disse-lhe —, devagar.

Mordia avidamente o pedaço de carne. Seus olhos brilhavam.

— Não come? — perguntou-me.

— Não tenho fome.

Ele sorriu:

— É tão bom comer.

Sorri-lhe também. Tinha repentinamente vontade de ser aquele homem que sentia fome e comia, aquele homem que procurava com paixão a passagem para a China.

— E agora — indaguei —, que vai fazer?

— Voltarei para Montreal. Procurarei arranjar dinheiro para organizar uma nova expedição.

— Eu tenho dinheiro.

No fundo de minha sacola havia joias e barras de ouro.

— Seria você o Diabo? — disse-me alegremente.

— E se fosse?

— Vender-lhe-ia de bom grado a alma em troca da passagem para a China. Não me incomodo com a outra vida, esta me basta.

Havia um tal ardor em sua voz que novamente a inveja me feriu o coração. Eu pensava: “Poderei ainda voltar a viver?”

— Não sou o Diabo — disse-lhe.

— Quem é você?

Uma palavra subiu-me aos lábios: “Ninguém”, mas ele me via, ele me interrogava; tinha-lhe salvado a vida. Para ele, eu existia. E senti em meu coração uma ardência esquecida: em volta de mim reformava-se minha própria vida.

— Vou dizer-lhe quem sou.

* * *

Os ramos feriam a água num ritmo igual, as canoas deslizavam sobre o rio de meandros preguiçosos. Carlier estava sentado a meu lado, abrira sobre os joelhos o diário de bordo em que consignava os incidentes do dia, e escrevia. Eu fumava; pegara o hábito dos índios. De vez em quando, Carlier erguia a cabeça; olhava os campos de arroz selvagem, as savanas de onde

emergia de quando em quando um tufo de árvores; às vezes, um pássaro levantava voo da margem com um grito. O ar era morno; o sol começava a descer no céu.

— Gosto dessa hora. — disse ele.

— Você diz isso todas as horas.

Ele sorriu:

— Gosto dessa estação, gosto desse país.

Pôs-se novamente a escrever; anotava as árvores, os pássaros, a cor do céu, a forma dos peixes. Todas essas coisas eram importantes para ele. Em seu caderno cada dia tinha seu aspecto singular; e ele aguardava com curiosidade as aventuras que ainda o separavam do estuário do rio. Para mim, o rio era um estuário como todos os rios, e além desse estuário estendia-se o mar, e além do mar, outras terras, outros mares, e o mundo era redondo. Houvera um tempo em que eu o acreditara infinito. Ao deixar Flessingen, eu esperava ainda que poderia passar a eternidade a descobri-lo; gostava de, erguido no cimo de uma montanha, acima de um tapete de nuvens, perceber através de uma fenda um pedaço de planície dourada; tinha gostado de descobrir do alto de uma garganta um vale novo, penetrar num desfiladeiro encerrado entre altas muralhas, acostar em ilhas virgens; mas, agora, eu sabia que atrás de cada montanha havia um vale, que todas as gargantas tinham uma saída, todas as cavernas, muros; o mundo era redondo e monótono; quatro estações, sete cores, um só céu, água, plantas, um solo chato ou convulso; por toda parte o mesmo tédio.

— Nordeste, sudoeste — disse Carlier. — Não muda de direção.

Fechou o caderno.

— É um passeio.

Tínhamos escolhido homens de confiança em Montreal; enchêramos seis canoas de víveres, vestimentas e instrumentos; há já um mês tínhamos ultrapassado o local de nosso encontro e

a viagem prosseguia sem tropeços. A savana fornecia-nos com abundância búfalos, veados, cabritos, perus e codornas.

— Quando tivermos descoberto a embocadura, subirei até as nascentes — explicou ele. — É preciso que exista um caminho aquático entre o rio e os lagos.

Olhou-me com alguma inquietação.

— Não acredita que exista?

Dizia todas as noites as mesmas palavras e sempre com o mesmo ardor.

— Por que não?

— Fretaremos então um navio, não é? E iremos à China.

Sua fisionomia fez-se dura:

— Não quero que ninguém vá à China antes de mim por esse caminho.

Chupeei meu cachimbo e soltei uma baforada de fumaça pelas narinas; eu tentava em vão fazer de seu futuro meu futuro; eu não podia ser ele. Suas esperanças, suas inquietações obstinadas eram-me tão estranhas quanto a doçura incomparável daquela hora. Ele pousou a mão no meu ombro:

— Em que pensa? — perguntou com ternura.

Durante três séculos nunca homem nenhum pousara a mão no meu ombro e, desde a morte de Catarina, ninguém me perguntara: “Em que pensa?” Ele falava-me como se eu fosse seu semelhante; por isso é que ele me era caro.

— Gostaria de estar em seu lugar — respondi.

— Você? Em meu lugar?

Estendeu-me a mão rindo.

— Troquemos!

— Ai de mim!

— Ah! — disse ele apaixonadamente. — Gostaria de ser imortal.

— Também pensei assim outrora.

— Então eu teria certeza de encontrar a passagem para a China; desceria todos os rios do mundo, levantaria um mapa de

todos os continentes.

— Não — disse-lhe. — Dentro em pouco, você não se interessaria mais pela China, não se interessaria por nada, porque estaria só no mundo.

— E você está só no mundo? — indagou-me com uma espécie de censura.

Tinha o rosto e os gestos viris, mas às vezes uma doçura feminina brilhava em seu olhar e na sua voz.

— Não — disse-lhe. — Agora, não estou mais.

Longe, na savana, um animal lançou um apelo rouco.

— Nunca tive amigo. Os homens olhavam-me sempre como um estranho ou como um morto.

— Eu sou seu amigo — afirmou ele.

Durante um bom momento, escutamos em silêncio o murmúrio ligeiro dos remos que crispavam a água; o rio era tão sinuoso que devíamos ter avançado pouco desde a manhã. Carlier levantou-se bruscamente:

— Uma aldeia! — disse.

Fumaças subiam ao céu e logo percebemos, abrigados atrás de um arvoredor, cabanas em forma de berço, cobertas por esteiras de juncos. Índios em pé junto à margem davam gritos agudos agitando os arcos.

— Silêncio — ordenou Carlier.

Os homens continuaram a remar sem dizer nada. Carlier abriu o saco das mercadorias destinadas às trocas com os indígenas: peças de tecido, colares de madrepérola, agulhas, tesouras. As pirogas já nos barravam o caminho. Acenando com um xale multicolor, Carlier pôs-se a falar aos índios em sua língua, suavemente. Eu não compreendia o que diziam; de há muito, todo esforço me parecia inútil, e eu negligenciara aprender o dialeto dos selvagens. Dentro em pouco, os gritos dos índios cessaram, fizeram-nos sinal de acostar e avançaram ao nosso encontro sem manifestações hostis. Estavam vestidos de peles de veado multicores, guarnecidas de pelos de porco-espinho.

Enquanto púnhamos pé em terra e amarrávamos os barcos, eles conferenciavam. Um deles, afinal, aproximou-se de Carlier e pôs-se a falar com volubilidade.

— Quer levar-nos ao chefe — disse Carlier. — Vamos acompanhá-lo, mas não larguem os fuzis sob pretexto algum.

O chefe estava sentado numa esteira de junco, no centro da praça da aldeia. Exibia dezesseis pérolas finas em cada orelha e outras nas narinas. À sua frente havia duas pedras ocas cheias de fumo, e ele fumava um cachimbo ornado de penas. Tirou o cachimbo da boca e fez sinal para nos aproximarmos. Carlier depositou diante dele os presentes que preparara; o chefe sorriu com benevolência. Começaram a falar. Um dos homens da expedição traduzia-me em voz baixa a conversação. Carlier explicou que queria descer o rio até o mar e o chefe pareceu muito aborrecido com o projeto; disse a Carlier que ele encontraria logo adiante outro rio impossível de descer porque era barrado por quedas altas, erizado de rochedos, obstruído por troncos de árvores que as águas arrastavam em turbilhões; habitavam-lhe as margens povos muito selvagens que nos atacariam a machadadas. Carlier respondeu, resoluto, que nada o impediria de prosseguir. O chefe recomeçou a discorrer longamente e Carlier opôs a mesma firmeza de propósito às suas palavras. Afinal, o chefe teve um pequeno sorriso:

— Tornaremos a falar amanhã de manhã — disse. — A noite é boa conselheira.

Bateu palmas. Servidores trouxeram e colocaram no chão bacias de arroz, carne cozida e milho. Comemos em silêncio, em vasilhas de barro envernizado; os servidores passavam cabaças cheias de uma bebida alcoolizada, mas observei que o chefe não nos ofereceu seu cachimbo.

Quase no fim do festim, alguns índios principiaram a bater seus tambores e a agitar com violência espécies de cabaças cheias de pedregulhos. Logo puseram-se a dançar, brandindo seus tacapes. O chefe gritou umas palavras e dois homens saíram de

uma cabana carregando aos ombros um crocodilo vivo, mas amarrado da cabeça à cauda com cordinhas. A música e as danças tornaram-se muito mais violentas. Vi, estupefato, os índios prenderem o animal a um mastro grande pintado de vermelho que se erguia a uma extremidade da praça. O chefe levantou-se, aproximou-se solenemente, pegou a faca da cinta e arrancou os olhos do crocodilo; depois tornou a sentar-se. Com urros terríveis, os guerreiros começavam então a recortar em compridas tiras a pele do animal vivo. Em seguida, crivaram-no de flechas. Carlier e os homens da equipagem estavam brancos. O chefe índio fumava seu cachimbo, impassível.

Ergui a cabaça que oferecia um servidor e bebi um bom gole. Ouvi a voz de Carlier ordenando: “Não bebam!” Mas todos os homens beberam. Ele molhou apenas os lábios. O chefe disse-lhe algumas palavras em tom imperativo e ele contentou-se em sorrir. Quando a cabaça passou novamente por mim, tornei a beber em grandes goles. O ruído do tambor, os urros dos índios, suas danças desenfreadas, a extravagância do espetáculo a que acabava de assistir, e aquele fogo líquido que me corria pela garganta mudavam a cor do meu sangue. Pareceu-me que me tornava índio. Eles dançavam; de vez em quando, um deles batia com o tacape no mastro vermelho ao qual se achava preso o crocodilo, e berrava clamores de louvação aos atos de bravura que praticara. Bebi mais um gole. Minha cabeça era uma cabaça cheia de pedregulhos, meu sangue virara fogo. Era um índio. Desde meu nascimento, contemplava as margens daquele rio, horríveis deuses tatuados reinavam no meu céu, o ritmo dos tambores e os gritos de meus irmãos enchiam-me de alegria o coração; um dia, eu partiria para um paraíso de danças de festins, de vitórias sangrentas...

Quando abri os olhos, estava envolto em minha coberta, acima da aldeia, no lugar em que tínhamos amarrado os barcos. Doía-me a cabeça. Olhei as águas amarelas do rio; em derredor, o ar era insosso e familiar. Pensava: “Nunca serei um índio. O gosto

de minha vida não mudará jamais.” Sempre o mesmo passado, a mesma experiência, o mesmo pensamento sensato, o mesmo tédio. Mil anos; dez mil anos. Nunca me abandonarei. Olhava as águas amarelas e, de repente, dei um salto: os barcos não se achavam mais ali!

Corri para Carlier. Dormia. Todos os homens dormiam, com seus fuzis ao lado. Sem dúvida, os índios tinham hesitado em massacrá-los, de medo de desencadear uma guerra com os brancos; mas tinham desamarrado as canoas durante a noite. Pus a mão no ombro de meu amigo. Ele abriu os olhos e eu mostrei-lhe as águas nuas do rio.

Durante todo o dia discutimos com o pessoal consternado as probabilidades de salvação que ainda nos restavam. Atacar os índios para tomar-lhes as pirogas e os mantimentos era impossível; eram numerosos demais. Escavar com nossos machados alguns troncos de árvores e continuar a descer o rio era por demais perigoso; as próximas aldeias seriam, sem dúvida, hostis e não tínhamos nenhuma mercadoria para trocar por víveres; se íamos encontrar corredeiras, precisávamos de canoas sólidas.

— Só há uma solução — disse eu. — Vamos construir um forte capaz de nos defender contra as incursões dos índios. Juntaremos aí provisões de caça e de peixe defumado a fim de passarmos o inverno. Enquanto isso, subirei a pé até Montreal e, logo que as águas estiverem degeladas, voltarei com canoas, víveres, munições e homens.

— Montreal está a mil e seiscentas léguas — disse Carlier.

— Posso percorrê-las em três ou quatro meses.

— O inverno o surpreenderá no caminho.

— Posso andar na neve.

Ele baixou a cabeça, refletiu longamente; quando a ergueu, sua fisionomia estava sombria.

— Irei eu mesmo a Montreal — disse ele.

— Não — respondi.

— Eu também posso andar depressa e sei caminhar na neve.

— Você pode também morrer. Que será desses homens?

Ele levantou-se e enfiou as mãos nos bolsos. Algo mexeu em sua garganta. Já de uma feita, um homem plantara-se assim diante de mim, com aquele nó mexendo na garganta.

— É justo — disse simplesmente.

Virou as costas e deu alguns passos empurrando uma pedra com o pé. Lembrei-me: fora Antônio que me olhara com aqueles olhos.

* * *

— Olhem — gritei para os homens. — O forte Carlier!

As mãos imobilizaram-se nos remos. O forte erguia-se por trás do segundo cotovelo do rio; em linha reta, estava apenas a algumas braças de distância. Era uma construção sólida, feita de grossos troncos de madeira preta e cercada de uma tríplice paliçada. Não se percebia em derredor nenhuma presença humana. Ergui-me na canoa e gritei: “Ohé! ohé!” Não parei de gritar até embicarmos. Pulei na margem coberta de erva tenra e de flores primaveris, e corri até o forte. Diante da porta da primeira cerca, Carlier esperava-me apoiado a seu fuzil. Peguei-o pelos ombros, gritei:

— Como estou contente de revê-lo!

— Eu também.

Não sorria. Seu rosto era branco e balofo; envelhecera muito.

Mostrei-lhe as oito grandes canoas carregadas de víveres, munições e mercadorias:

— Olhe!

— Estou vendo. Obrigado.

Empurrou a porta e acompanhei-o até dentro do forte. Era uma peça grande, de teto baixo, de chão de terra batida. Um homem achava-se deitado a um canto numa cama de ervas secas e de peles.

— Onde estão os outros?

— Os dois outros estão no sótão. Vigiam a savana.

— Os dois outros?

— Sim.

— Que aconteceu?

— O escorbuto. Treze homens morreram. Este talvez se salve: estamos na primavera e dou-lhe a beber infusões de espinheiro; foi assim que me curei. Quase morri também.

Olhou-me e pareceu perceber-me afinal.

— Estava na hora de chegar.

— Trago frutas frescas — disse eu — e milho. Venha ver.

Ele aproximou-se do homem:

— Não precisa de nada?

— Não — disse o homem.

— Vou lhe trazer frutas — disse Carlier.

Seguiu-me e dirigimo-nos para as canoas.

— Os índios atacaram?

— Três ou quatro vezes durante o primeiro mês. Mas nós os rechaçamos. Éramos numerosos então.

— E depois?

— Depois? Escondemos nossas perdas. Enterrávamos os mortos à noite; contentávamo-nos com enfiá-los na neve, a terra era dura demais para que abrissemos covas.

Seu olhar errava ao longe.

— No início da primavera, foi preciso enterrá-los de novo. Éramos só cinco então e meu joelho começava a inchar.

Meus homens tinham amarrado as canoas e dirigiam-se para o forte, curvados sob o peso das caixas e dos sacos.

— Pensa que os índios nos impedirão de passar? — perguntei.

— Não — disse Carlier. — Há duas semanas os homens abandonaram a aldeia. Creio que há guerra na planície.

— Partiremos logo que os homens tenham descansado um pouco. É questão de três ou quatro dias.

Mostrei as canoas.

— São canoas sólidas; podemos enfrentar as corredeiras.

Ele meneou a cabeça:

— Muito bem!

Passamos os dias seguintes preparando-nos para a partida. Observei que Carlier não fez nenhuma pergunta sobre a viagem. Contou-me o duro inverno que passara no forte; a fim de enganar os índios quanto ao número da tropa, obrigara os homens válidos a representarem uma perpétua comédia; fazia-os sair do forte e fingia persegui-los como se tivessem desobedecido às suas ordens. Contava essas coisas com voz alegre, mas sem sorrir. Dir-se-ia que já não sabia sorrir.

Certa manhã de maio, embarcamos. Deitamos cuidadosamente no fundo da canoa o homem doente que começava a melhorar. Ultrapassamos sem incidente a aldeia indígena onde só restavam velhos e mulheres, e os dias principiaram a deslizar lerdos e monótonos, ritmados pelo ruído dos remos.

— O rio continua a correr de nordeste para sudoeste — disse a Carlier.

Seu rosto iluminou-se:

— É verdade.

— Um dia, haverá fortes e feitorias ao longo desse rio. E no lugar do forte Carlier, uma cidade que terá seu nome.

— Um dia — disse ele. — Mas não estarei presente para vê-lo.

— Que importa! Terá feito o que queria fazer.

Olhou a água amarela, a savana florida cujas árvores exibiam em sua copa folhas de um verde tenro.

— Eu pensava assim outrora — disse-me.

— E agora?

— Agora, não posso suportar a ideia de que você verá todas essas coisas e eu não as verei — disse apaixonadamente.

Senti um aperto no coração. “Aconteceu então”, pensei. “Com ele também aconteceu.”

Disse-lhe:

— Outros homens as verão igualmente.

— Mas não terão visto o que vejo; um dia, morrerão por sua vez; a cada um seu quinhão. Não os invejo.

— Não deveria invejar-me.

Eu olhava o rio lodoso, a savana chata. Por vezes, parecia-me que essa terra pertencia-me, a mim unicamente, que nenhum de seus hóspedes de passagem ma podia reivindicar; mas, às vezes também, vendo com que amor eles a contemplavam, eu sentia que só para mim ela era sem voz e sem fisionomia; estava preso a ela, mas excluído dela.

Os dias faziam-se mais quentes, o rio alargava-se. No fim de uma semana, tornou-se amplo como um lago, e vimos que se jogava noutro rio cujas águas azuis corriam impetuosamente de nossa mão direita para nossa mão esquerda.

— Eis o grande rio — disse. — É esse.

— É — concordou Carlier.

Ele contemplava-o com angústia.

— Corre do norte para o sul.

— Pode mudar de direção um pouco mais adiante.

— Não é provável; estamos apenas a duzentos metros acima do nível do mar.

— É preciso esperar. Ainda não se pode saber.

Continuamos na nossa rota. Durante três dias, as águas amarelas e as águas azuis correram lado a lado sem se misturar; depois nosso rio acabou por se perder na imensidão límpida que serpenteava através da savana. Tornava-se impossível duvidar. Tínhamos encontrado o grande rio. Não era erigido de rochedos, nem barrado por cataratas, mas corria do norte para o sul.

Durante uma manhã inteira, Carlier ficou sentado na margem, o olhar fixo no horizonte para onde a correnteza arrastava troncos de árvores e galhos. Pus-lhe a mão no ombro.

— Não é a passagem para a China. Mas é um grande rio cuja existência ninguém conhece. Colombo pensava acostar na Índia e deu com um mundo novo.

— Pouco me importa esse rio — disse Carlier com voz surda.
— É a passagem que eu queria encontrar. Só nos resta subir para Montreal.

— Que loucura! Desçamos até o estuário. Mais tarde você procurará novamente a passagem.

— Mas ela não existe — disse Carlier com desespero. — O norte dos lagos foi explorado em vão. O grande rio era a última possibilidade.

— Se não existe, por que se desespera de não a ter encontrado?

Ele deu de ombros:

— Você não compreende. Desde a idade de quinze anos que eu juro descobri-la. Em Saint-Malo eu comprara uma vestimenta chinesa; ela me espera em Montreal. Eu a teria levado comigo ao partir para a China.

Fiquei silencioso. Não compreendia efetivamente. Disse afinal:

— Se, como creio, você acaba de descobrir o rio que permitirá atravessar o continente do norte ao sul, você será tão célebre como se houvesse encontrado a passagem para a China.

— Pouco se me dá ser célebre.

— Prestará um grande serviço aos homens. Para a China eles sempre poderão ir pela velha rota, hão de arranjar-se.

— Arranjar-se-iam da mesma forma sem esse rio.

Durante o dia todo, ficou sentado na margem sem tomar nenhum alimento. Exortei-o com paciência e, no dia seguinte pela manhã, consentiu em prosseguir na expedição.

Passaram-se os dias. Encontramos a embocadura de um rio limoso que arrastava enormes troncos de árvores; nossos remadores tiveram muita dificuldade em os evitar, pois em seu encontro as águas formavam redemoinhos que envolviam nossas canoas; conseguimos, entretanto, afastá-los do perigo. Algumas léguas além, percebemos uma aldeia; já tínhamos pegado nossos fuzis quando o homem que dirigia a primeira canoa gritou:

— Tudo incendiado!

Acostamos. Em sua maior parte, as cabanas estavam reduzidas a cinzas; na praça, havia cadáveres mutilados e decapitados, amarrados a estacas; outros cadáveres amontoavam-se numa das choças. À beira do rio, encontramos cabeças desossadas e embalsamadas, do tamanho de um punho. Todas as aldeias que encontramos nos dias seguintes estavam de igual modo devastadas.

O rio alargava-se; a temperatura fazia-se quente, a vegetação era meridional, os homens matavam crocodilos a tiros de fuzil. Depois, as margens pantanosas cobriam-se de caniços, entre os quais se erguia de quando em quando um faial; um dia, descobrimos um caranguejo enfiado na areia. Debrucei-me e levei com voracidade um pouco de água aos lábios: era salobra.

Algumas braças adiante, o rio dividia-se em três braços; depois de algumas hesitações, enveredamos pelo canal do meio: durante duas horas navegamos através de um labirinto de ilhas baixas, de bancos de areia, de juncos; repentinamente, todos os homens se levantaram dando gritos de alegria: desembocávamos no mar.

— Não está feliz? — perguntei a Carlier.

Os homens organizaram o acampamento para a noite. Assavam peruas que tinham matado durante o dia, riam e cantavam.

— Meu astrolábio está quebrado — disse Carlier. — Não consigo obter a longitude.

— Que importa? Voltaremos pelo mar num navio de verdade.

Sua fisionomia continuava sombria.

— É uma grande descoberta — disse-lhe.

— Sua descoberta.

— Como?

— Foi você que me salvou a vida na planície. Foi você que foi buscar socorro em Montreal; foi você que me persuadiu a prosseguir. Sem você eu não estaria aqui.

— Nem eu tampouco sem você — respondi suavemente.

Acendi meu cachimbo e sentei-me perto dele. Olhei o mar: sempre o mesmo mar, o mesmo marulhar, o mesmo odor. Ele rabiscou algumas cifras em seu caderno de bordo; deitei uma olhadela por cima do ombro.

— Por que não escreveu nada há tantos dias? — perguntei.

Deu de ombros.

— Por quê?

— Está zombando de mim?

— Eu, zombando de você?

— Você não dizia nada, mas eu via seu olhar.

Inclinou-se para trás e deitou-se de costas, os olhos postos no céu.

— É terrível viver diante de seu olhar. Você olha de tão longe; você já se acha do outro lado de minha morte; para você, sou um morto: um morto que tinha trinta anos em 1651, que procurou a passagem para a China e não a encontrou, que descobriu um grande rio que outros teriam descoberto um pouco mais tarde sem ele.

Acrescentou com rancor.

— Se você tivesse querido, não teria precisado de mim para descobri-lo.

— Mas eu não podia querê-lo — disse-lhe.

— E eu, por que o desejaria? Por que o que não tem interesse para você o teria para mim? Por que me regozijaria? Não sou criança.

Meu coração encheu-se de bruma.

— Quer que nos separemos? — indaguei-lhe.

Ele não respondeu e eu pensei com desespero: “Se o abandonar, para onde irei?”

Ele disse afinal:

— É tarde demais.

* * *

Voltamos a Montreal e, na primavera seguinte, fretamos um navio: descemos costeando o continente, contornamos a Flórida e começamos a acompanhar uma costa cuja latitude era a que Carlier anotara na embocadura do rio; por infelicidade, ignorávamos a longitude do estuário e o litoral estava coberto por uma espessa bruma que nada permitia ver. Navegamos devagar e com muita prudência, pois éramos obrigados a nos aproximarmos quanto possível da terra e receávamos bater em algum recife.

— Olhem! — gritou um marinheiro.

Era um dos homens que haviam participado da expedição precedente. Ele apontava a costa que mal se percebia através da neblina branca.

— Não estão vendo nada?

Apoiado com ambas as mãos à amurada, Carlier olhava intensamente.

— Vejo um banco de areia — disse.

Eu via caniços, línguas de terra cobertas de cascalhos.

— Água — disse Carlier. — Vejo água.

E gritou.

— Uma canoa ao mar!

Instantes depois, remávamos com vontade para a costa. Em meio a um labirinto de ilhas chatas e de bancos de areia, um grande rio lodoso desembocava no mar através de uma abertura de várias léguas. Voltamos à fragata certos de ter encontrado o estuário que procurávamos.

Nossa intenção era subir o rio e seu afluente até o atalho de transporte onde encontrara Carlier; aí construiríamos um forte, onde juntaríamos provisões de frutas e legumes para o inverno e onde deixaríamos alguns homens encarregados de guardar o navio. E de canoa alcançaríamos Montreal, onde proclamaríamos a nossa descoberta. Não duidávamos de que então nos seriam concedidos auxílios para estabelecermos feitorias e explorarmos

as nascentes do grande rio, procurando uma rota aquática que o ligasse através dos lagos ao São Lourenço; talvez pudéssemos até cavar canais. Logo cidades nasceriam; o Novo Continente estaria aberto doravante.

A fragata mudou de rumo; lentamente dirigiu-se para o canal mais largo, precedida de uma canoa que lhe mostrava o caminho. Balançava para a frente e para trás, aos choques das águas turbilhonantes. No momento em que entrava no canal, ouviu-se um ruído surdo e ela encalhou.

— Cortem os mastros! — gritou Carlier.

Os homens não se mexeram. O navio, ferido, jogava perigosamente, os mastros oscilavam e rangiam, pesados, ameaçadores. Peguei um machado e golpeei. Carlier pegou outro e fez o mesmo. Os dois mastros abateram-se com estrépito. Mas a fragata continuava a afundar obstinadamente. Desamarramos as canoas e transportamo-las para a outra margem. Pudemos assim salvar um fardo de mercadorias e algum mantimento. Mas, ao fim de duas horas, o navio havia soçobrado.

— Subiremos o rio de canoa — disse eu alegremente a Carlier.
— Que é um navio? Sua descoberta vale uma fortuna. Possuirá vinte navios quando o desejar.

— Sei — respondeu ele.

Olhou para o mar que uma linha azul separava do caudal de águas amarelas e aluviões.

— Não podemos mais voltar para trás — disse ele.

— E por que voltaríamos para trás?

— Tem razão.

Tomou-me o braço e partimos à procura de um terreno seco onde pudéssemos estabelecer nosso acampamento.

Passamos a manhã do dia seguinte caçando búfalos e pescando trutas. Depois, tendo repartido os homens nas quatro canoas, começamos a remontar a correnteza. De ambos os

lados do rio, estendia-se a planície monótona. Carlier parecia preocupado.

— Reconhece a paisagem? — perguntou-me.

— Parece-me que sim.

Havia às margens do rio os mesmos canios altos com penachos verde-pálidos, ao longe as mesmas ervas, as vinhas rastejantes, os faiais, crocodilos dormiam no lodo quente.

Continuamos a remar durante quatro dias; na tarde do quinto dia, divisamos uma aldeia; as habitações de taipa eram cabanas sem janelas com uma grande porta quadrada. Não a reconheci. À margem do rio, os índios agitavam as mãos com gestos amistosos. Usavam tangas brancas atadas à cintura por um cordão guarnecido de grandes borlas.

— Não havia aldeia alguma a menos de duas semanas do estuário — disse Carlier.

Acostamos. O chefe da tribo recebeu-nos com ar acolhedor em sua cabana ornamentada com escudos de couro; embora fora estivesse muito claro, o quarto sem janela era iluminado por tochas de juncos entrelaçados. Carlier perguntou ao chefe o nome do rio e ele respondeu que o denominavam Rio Vermelho. Perguntou-lhe também se não existia na região outro grande rio e o chefe disse-lhe que longe dali, a leste, havia outro mais largo e mais comprido do que todos os rios conhecidos. Oferecemos-lhes presentes e, em troca de um pacote de agulhas, de uma sovela, de um par de tesouras e de uma peça de tecido, deu-nos milho, frutas secas, sal, peruas e galinhas em abundância.

— E agora, que faremos? — perguntou-me Carlier quando nos despedimos do chefe, após ter fumado o cachimbo da paz.

— É preciso encontrar o grande rio — respondi.

Ele inclinou a cabeça. Eu refleti.

— Irei procurar o rio — disse-lhe. Quando o tiver encontrado, voltarei e o conduzirei até lá. Essa terra é rica e os índios receberam-nos como amigos; poderão esperar quanto tempo for necessário.

— Partirei com você — disse Carlier.

— Não. O rio é longe, não conhecemos a região nem os habitantes. O que posso fazer só, não posso com você.

— Partirei com você ou sem você — disse ele em tom áspero.

— Partirei.

Olhei-o. Uma palavra que eu dissera há séculos veio-me aos lábios:

— Que orgulho!

Ele pôs-se a rir; eu não gostava daquele riso.

— Por que ri?

— Acha possível viver a seu lado e conservar algum orgulho?

— Deixe-me ir sozinho — pedi-lhe.

— Você não compreende! Você não compreende nada! Não posso ficar aqui. Se pudesse ficar parado, não teria saído de Montreal; teria permanecido em Saint-Malo; viveria numa casa sossegada com mulher e filhos.

Cerrou os lábios.

— É preciso que me sinta viver — continuou. — Ainda que tenha de morrer.

Nos dias seguintes, tentei em vão convencê-lo. Não me respondeu sequer. Preparava um saco de víveres, revisava os instrumentos, e foi ele que, certa manhã, me disse com impaciência:

— Vamos.

Estávamos pesadamente carregados. Levávamos peles de búfalo para confeccionar diariamente nossos mocassins, pois bastava um dia de marcha para acabar com um par; levávamos um fuzil, cartuchos, machados, cobertas de pele, uma canoa também de pele de búfalo para a travessia dos rios e dois meses de víveres por pessoa. Partimos seguindo um atalho aberto pelos búfalos, em obediência ao conselho que nos deram os índios: ater-nos às pegadas dos animais selvagens; era a melhor maneira de não perder nenhum rio ou riacho. Marchávamos silenciosamente. Eu estava satisfeito de caminhar para uma

meta. Desde que me ligara a Carlier, havia sempre uma meta à minha frente, meta que me dava um futuro e me mascarava o futuro; quanto mais difícil de atingir, mais eu me sentia em segurança no presente. O grande rio parecia muito difícil de alcançar e cada instante se bastava a si mesmo.

Ao fim de uma semana começou a chover. Atravessamos uma planície cujas ervas altas e rudes nos raspavam as mãos ao transpô-las; a terra encharcada de água dificultava nossa marcha; à noite as árvores molhadas não nos forneciam senão um abrigo precário; depois, encontramos uma floresta através da qual abrimos com dificuldade um caminho, alargando a machadadas o atalho dos búfalos. Transpusemos vários rios. Sob o cortinado cinzento que a cobria uniformemente, a região parecia deserta; nenhum pássaro, nenhum animal selvagem fugiam diante de nós. E os víveres diminuía.

A primeira vez que percebemos uma aldeia, aproximamo-nos sem ruído. Ouviam-se clamores selvagens e ruídos de tambores. Deslizei de árvore em árvore; na praça, vi índios dançando em redor de outros índios acorrentados. A guerra era permanente na planície. Desde então, cuidamos de evitar as aldeias. Aconteceu-nos ver uma tropa de índios que marchava contra uma tribo inimiga, urrando como feras; escondemo-nos, subindo na copa de uma árvore, e eles não nos perceberam.

Choveu durante trinta e cinco dias e encontramos mais de vinte rios ou riachos. Ao fim desse tempo, um vento forte limpou o céu. Nossa caminhada tornou-se mais fácil. Mas não nos restavam senão duas semanas de víveres. Disse a Carlier:

— Temos que voltar.

— Não — disse ele.

Recobrou sua antiga aparência: um rosto curtido e amarelo, endurecido pela barba, suavizado pelos compridos cabelos ondulados; mas nunca mais recuperara seu olhar displicente e preciso; o olhar estava sempre ausente.

Acrescentou em tom despreocupado:

— As chuvas cessaram. Mataremos búfalos.

— Não mataremos um búfalo por dia.

Sob o céu úmido era impossível conservar durante mais de vinte e quatro horas um pedaço de carne.

— Encontraremos aldeias onde nos venderão milho.

— Estão em guerra — disse-lhe.

— Não em toda parte.

Olhei-o com rancor:

— Está com pressa de morrer?

— É-me indiferente morrer.

— Se você morrer, suas descobertas serão enterradas com você. Não pense que algum dos seus homens se preocupe em procurar o grande rio: criarão raízes lá onde os deixamos e misturar-se-ão com os índios.

Acrescentei:

— Eu não o procurarei tampouco.

— Que importa?

Tocou-me o ombro; há muito não fazia esse gesto amistoso.

— Você me convenceu de que a passagem para a China não era tão importante. O grande rio tampouco.

— Voltemos — disse-lhe. — Organizaremos uma nova expedição.

Ele sacudiu a cabeça:

— Não tenho mais paciência.

Prosseguimos em nossa rota. Matei um cabrito, algumas galinhas selvagens, algumas codornas, mas nossa provisão de alimentos escasseava. Quando afinal surgiu diante de nós o grande rio, sobravam-nos víveres para três dias.

— Está vendo? Cheguei — exclamou Carlier.

Olhava o rio com um ar maldoso.

— Sim — disse eu. — E agora temos que voltar.

— Cheguei — repetiu ele.

Tinha um sorriso de obstinação nos lábios, como se tivesse pregado uma boa peça em alguém.

Insisti para que partíssemos novamente e ele seguiu-me com indiferença. Não falava, não olhava coisa alguma. No segundo dia matei uma perua, quatro dias depois uma corça; mas, a seguir, caminhamos uma semana sem encontrar caça; nossa provisão esgotara-se por completo. Matei um búfalo e assei um enorme filé que carregamos conosco; foi preciso jogá-lo fora dois dias mais tarde.

Resolvemos tentar a sorte na primeira aldeia que encontrássemos. Certa manhã, divisamos uma choça; aproximamo-nos; nenhuma fumaça subia das cabanas; não se ouvia ruído algum. Mas reconheci o cheiro: o cheiro da carne que tínhamos jogado fora. Centenas de cadáveres encontravam-se na planície deserta. As cabanas estavam vazias; os esconderijos de trigo e carne, vazios.

Andamos mais dois dias e na terceira manhã, quando peguei minha sacola, Carlier disse-me:

- Adeus. Fico aqui.
- Ficarei com você.
- Não, deixe-me só!
- Ficarei — disse-lhe.

Durante o dia inteiro, percorri a planície: um cabrito saltou correndo muito longe de mim. Atirei e errei.

- Por que voltou? — indagou Carlier.
- Não o abandonarei.
- Vá-se embora. Não quero morrer diante de seu olhar.

Hesitei.

- Bem. Vou-me embora.

Olhou-me com desconfiança:

- De verdade?
- De verdade. Adeus.

Afastei-me. Fui deitar-me atrás de uma árvore. Pensava: “E agora, que vai ser de mim?” Se não o houvesse encontrado, talvez tivesse podido continuar a caminhar durante cem anos, mil anos. Mas tinha-o encontrado e parara, e não podia reiniciar a

caminhada. Olhava a lua subir no céu, quando repentinamente ouvi um tiro no silêncio. Não me mexi. Pensava: “Para ele, acabou. Não será nunca possível abandonar a mim mesmo, deixando atrás de mim tão somente uns ossos secos e nus”? A lua brilhava, como brilhara na noite em que eu saíra alegre e tremendo de um canal escuro, como brilhara por sobre as casas incendiadas: naquela noite, um cão uivava; eu ouvia dentro de mim o longo lamento que subia para o bloco de luz parada. Nunca se apagaria aquele astro morto. Nunca se esvairia esse gosto de solidão e de eternidade que era o de minha vida.

— Sim, devia acabar assim — disse Régine.

Ela levantou-se, sacudiu os gravetos presos à saia.

— Caminharemos um pouco.

— Poderia ter acabado de outro jeito — disse Fosca. — Foi ele quem escolheu.

— Devia acabar assim — respondeu ela.

A estrada descia para uma clareira no fundo da qual se percebiam os telhados de uma aldeia. Seguiram-na em silêncio.

— Eu não teria coragem — disse ela.

— É preciso coragem! Mais ano, menos ano...

— Você não sabe de que está falando.

— Deve ser reconfortante saber que se poderá deixar de viver quando se quiser — disse Fosca. — Nada é irreparável.

— Eu queria viver — disse Régine.

— Tentei — disse Fosca. — Aproximei-me de Carlier, peguei o fuzil, dei um tiro no peito e outro na boca. Isso me entorpeceu durante um bom momento. E achei-me novamente vivo.

— E que fez então?

Ela não se interessava pelo que ele tinha feito, mas ele tinha razão: enquanto falasse, enquanto ela o escutasse, nenhum problema se apresentava. Fora necessário que essa história não terminasse nunca.

— Caminhei em direção ao mar até encontrar uma aldeia na costa. O chefe consentiu em me receber e construí uma cabana para mim. Queria tornar-me igual a esses homens que viviam nus ao sol, queria esquecer-me.

— E não conseguiu?

— Muitos anos passaram. Mas, quando voltei a encontrar-me, restavam-me outros tantos por viver.

Continuaram a andar até o vilarejo; todas as portas estavam trancadas, todas as janelas fechadas; nenhuma luz, nenhum ruído. Diante da porta do *Soleil d'Or*, havia um banco de madeira pintado de verde. Ouvia-se através das venezianas o ronco ritmado de alguém que dormia.

— E então? — perguntou Régine.

Quarta parte

Pus-me a correr, meu coração batia violentamente; as águas amarelas tinham transbordado com um ruído de trovão, rebentavam para meu lado, e eu sabia que, se sua espuma me atingisse, meu corpo se cobriria de manchas negras e de um só golpe eu seria reduzido a cinzas. Corria, meus pés mal tocavam o solo. Em cima da montanha, uma mulher acenava-me: Catarina; ela me esperava. Logo que lhe tocasse a mão, estaria salvo: mas o chão afundava sob meus pés, era um pantanal, e eu não podia mais correr; subitamente, a terra desmoronou, mal tive tempo de erguer a mão, gritando: Catarina! e fui engolido por uma lama ardente. Pensei: “Dessa vez não estou sonhando, dessa vez morri de verdade.”

— Senhor!

De chofre, meu sonho fez-se em pedaços. Abri os olhos. Vi o dossel do leito, a janela e, atrás da vidraça, o grande castanheiro cujos ramos o vento balançava; era o mundo quotidiano, com suas cores marcadas, suas formas exatas e seus hábitos obstinados.

— A caleça está aí, senhor.

— Bem.

Tornei a fechar os olhos. Estendi os braços sobre os olhos; teria gostado de adormecer novamente, fugir para alhures. Não se tratava de entrar noutro mundo; gostava de meus sonhos porque aconteciam alhures. Evadia-me ao longo de um fio misterioso, do outro lado do céu, do outro lado do tempo: quem quer que fosse podia chegar então e eu não era mais eu mesmo. Apertei o braço mais fortemente contra meu rosto; pontos dourados dançavam nas trevas verdes, mas eu não readormecia. Ouvia o ruído do vento do jardim, um barulho de passos no corredor; ouvia com meus ouvidos cada ruído em seu lugar. Estava acordado, e novamente o mundo dormia cordatamente sob o céu, e eu deitado no meio do mundo, com aquele gosto de minha vida nos lábios, e para sempre. Pensei, colérico: “Por que me acordou? Por que me acordaram?”

Era vinte anos antes. Passara longo tempo na aldeia índia. O sol queimara minha pele e ela destacara-se de mim como uma vestimenta usada; no meu corpo novo um feiticeiro gravara signos sagrados; comera os alimentos deles, cantara seus cantos de guerra; várias mulheres tinham-se sucedido sob o meu teto; eram morenas, quentes e ternas. Deitado numa esteira, olhava a sombra de uma palmeira desabrochada na areia; a menos de um pé de distância, havia uma pedra grande brilhando ao sol; a sombra ia alcançar a pedra; eu sabia que ia alcançá-la dentro de um instante e, no entanto, não a via alongar-se; ficava à espreita diariamente, mas nunca conseguia surpreendê-la. Já a ponta da palma não estava mais exatamente no mesmo lugar e, no entanto, não parecia ter mexido. E eu poderia ter passado mais anos e séculos a olhar a sombra da palma condensar-se perto da árvore e, depois, estriar-se insidiosamente; talvez tivesse conseguido perder-me inteiramente: teria havido o sol, o mar, a sombra da palmeira ao sol, e eu não teria mais existido. Mas, no momento preciso em que a pedra ameaçava tingir-se de cinzento, eles tinham surgido e tinham dito: “Venha conosco.” Tinham-me pegado pelo braço, empurrado para o barco, haviam-me vestido com suas roupas e depositado no velho continente. E agora havia Bompard à soleira da porta, que dizia:

— Mando desatreлар?

Soergui-me sobre o cotovelo:

— Não podes deixar-me dormir sossegado?

— Pedistes a caleça para as sete horas.

Pulei da cama. Sabia que não poderia dormir de novo. Tinham-me acordado, e agora, minuto após minuto, as questões se apresentavam. Que faremos? Aonde iremos? E o que quer que fizeste e onde quer que fosse, estaria sempre presente.

Ajeitando minha peruca, perguntei:

— Aonde iremos?

— Pensáveis ir à casa de Mme. de Montesson.

— Não tens nada mais divertido a propor-me?

— O Conde de Marsenac queixa-se de não mais vos ver em seus jantares.

— Não me verá nunca mais.

Como poderia eu divertir-me em tímidas orgias, eu que ouvira nas ruas de Rivelles, de Roma e de Gand os gritos das crianças estranguladas, das mulheres violentadas...

— Acha outra coisa.

— Tudo vos aborrece — disse ele.

— Ah! Não se respira nessa cidade! — respondi.

Paris parecera-me imensa quando chegara com minha sacola a tiracolo, cheia de barras de ouro e de diamantes. Mas, agora que andara por todos os cabarés e todos os teatros, todos os salões, as praças e os jardins, eu sabia que, com um pouco de paciência, se poderia dizer os nomes de todos os seus habitantes. E nada ocorria que não fosse previsível; até dos assassínios, das rixas, das facadas, a polícia fazia estatísticas.

— Nada vos prende a Paris — disse Bompard.

— Não se respira nesta terra — repeti.

A terra também um dia me parecera imensa. Lembrava-me. Estava no alto de uma colina e pensava: “Lá longe, há o mar e, além do mar, outros continentes, indefinidamente.” Agora, não somente eu sabia que este mundo é redondo, como também lhe tinham medido a circunferência, e estavam determinando com precisão a curvatura do equador e dos polos; encarniçavam-se em diminuí-lo ainda mais, levantando minuciosamente o inventário de tudo: acabavam de fazer um mapa da França no qual não faltava sequer um riacho ou uma aldeia; para que partir? Tinham catalogado as plantas e os animais que povoavam o planeta; o número era reduzido; e reduzido era o número de paisagens, de cores, de gostos, de perfumes, de fisionomias; eram sempre os mesmos, repetindo-se em vão aos milhares.

— Subi à lua! — disse Bompard.

— É minha única esperança. É preciso rasgar os céus.

Descemos os degraus da escadaria e eu disse ao cocheiro:

— Ao palácio Montesson.

Antes de entrar no salão, detive-me um instante no vestíbulo e contemplei-me com irrisão ao espelho; vestia um costume de veludo cor de ameixa, bordado de ouro: em vinte anos, não me habituara a essa fantasia. Sob a peruca branca meu rosto parecia insólito. Eles sentiam-se à vontade nesses trajes absurdos; eram pequenos e raquíticos, teriam feito triste figura em Carmona ou na corte de Carlos V; as mulheres eram feias com seus cabelos empoados e aquelas placas vermelhas que lhes inflamavam as maçãs do rosto; as fisionomias dos homens incomodavam-me porque estavam sempre em movimento; sorriam, seus olhos franziam, seus narizes enrugavam-se; e não paravam de falar e rir. Ouvia-os rir, do vestíbulo. No meu tempo, cabia aos bufões divertir-nos; ríamos às gargalhadas, mas nunca mais de quatro ou cinco vezes por noite, mesmo Malatesta que era tão alegre. Transpus a porta e vi com satisfação que suas fisionomias se congelavam; suas risadas cessaram. Ninguém, a não ser Bompard, conhecia meu segredo, mas eu impunha-lhes medo. Eu me divertira arruinando vários daqueles homens, humilhando muitas daqueles mulheres; todos os meus adversários de duelo eu matara; corria uma lenda a meu respeito.

Aproximei-me da poltrona da dona da casa; faziam roda em torno dela; era uma mulher velha, alegre e maldosa, cujos comentários conseguiam por vezes divertir-me; e ela gostava bastante de mim, pois dizia que eu era o homem mais odioso que conhecera. Mas, por ora, não havia como pensar em lhe falar. O velho Damien estava discutindo com o jovem Richet: discutiam o papel dos preconceitos na vida humana; Richet defendia os direitos da razão. Eu detestava os velhos porque sentiam toda a vida atrás de si, redonda e cheia como um grande bolo. Detestava os jovens porque sentiam todo o futuro à sua frente; detestava aquele ar de entusiasmo e inteligência que animava todas as fisionomias. Só Mme. de Montesson ouvia friamente a

disputa, fincando a agulha na sua tapeçaria. Eu disse abruptamente:

— Ambos estão errados. Nem a razão nem os preconceitos são úteis ao homem. Nada é útil ao homem porque ele não sabe o que fazer de si.

— Vai-vos muito bem falar assim — disse Marianne de Sinclair com desdém.

Era uma mulher grande e bela que desempenhava as funções de leitora junto de Mme. de Montesson.

— Eles precisam fazer sua própria felicidade e a dos seus semelhantes — disse Richet.

Dei de ombros:

— Nunca serão felizes.

— Se-lo-ão no dia em que forem sensatos — disse ele.

— Não desejam sequer sê-lo — disse eu. — Contentam-se com matar o tempo à espera de que o tempo os mate. Vós todos aqui, vós matais o tempo, embriagando-vos com palavras bonitas.

— Como conheceríeis os homens? — perguntou Marianne de Sinclair. — Vós os detestais.

Mme. de Montesson ergueu a cabeça; deteve a agulha no ar, acima da tapeçaria:

— Oh! Chega! — disse ela.

— Sim — disse eu —, chega de palavras.

Palavras; era tudo o que tinham para me oferecer: a liberdade, a felicidade, o progresso; era dessa carne sem consistência que se alimentavam então. Desviei-me e caminhei para a porta; sentia-me abafado naquelas peças minúsculas, atonetadas de móveis e bibelôs, e havia por toda parte tapetes, pufes, cortinados, e o ar impregnava-se de perfumes que me davam dor de cabeça. Meu olhar deu a volta ao salão; tinham recomeçado a palrar; eu podia congelar durante um instante o entusiasmo deles, mas logo se reanimavam. Marianne de Sinclair retirara-se para um canto com Richet, e falavam; os olhos deles brilhavam;

aprovavam-se um ao outro e cada um se aprovava a si próprio. Teria gostado de fazer saltar-lhes os miolos com o salto do sapato. Transpus a porta. Na galeria vizinha, havia homens sentados em volta de mesas de jogo; não falavam, não riam, seus olhares eram parados; seus lábios cerravam-se: ganhar dinheiro, perder dinheiro, eis tudo o que tinham encontrado para se divertir. No meu tempo, os cavalos galopavam através dos prados e trazíamos lanças nas mãos; no meu tempo... Repentinamente pensei: “Não será este tempo o meu tempo?”

Olhei meus sapatos de fivela, minhas mangas de rendas; parecia-me que há vinte anos eu me prestava a esse brinquedo e que um dia, ao soar meia-noite, eu retornaria ao país das sombras. Ergui os olhos para a pêndula. Acima do mostrador dourado, uma pastora de porcelana sorria para um pastor; dentro em pouco, o ponteiro assinalaria meia-noite, assinalaria meia-noite amanhã, depois de amanhã, e eu ainda estaria presente; não havia outro país senão aquela terra onde não havia lugar para mim. Estivera na minha terra em Carmona e na corte de Carlos V, e nunca mais. Doravante, o tempo que se desenrolava à minha frente seria, a perder de vista, um tempo de exílio; todas as minhas vestimentas seriam fantasias e minha vida, uma comédia.

O Conde de Saint-Ange passou por mim; estava muito pálido. Detive-o:

— Não jogais mais? — indaguei.

— Já joguei demais. Perdi tudo.

Gotas de suor brotavam-lhe da fronte; era um homem tolo e fraco; mas era um homem da sua época, estava à vontade com aquela gente: invejava-o.

Tirei uma bolsa de meu bolso:

— Tentai recuperar.

Ficou mais pálido ainda:

— E se perder?

— Ganhareis. Acaba-se sempre ganhando.

Pegou a bolsa com um gesto brusco e foi sentar-se a uma mesa; suas mãos tremiam. Inclinei-me sobre sua poltrona; aquela partida divertia-me. Se perder, que fará? Matar-se-á? Cairá de joelhos diante de mim? Vender-me-á sua mulher como Marquês de Vintendon? O suor molhava-lhe o lábio superior, estava perdendo. Perdia e sentia a vida palpitar-lhe no peito, queimar-lhe as têmporas: arriscava a vida, vivia. “E eu?” pensei; “nunca poderei sentir o que sente o mais miserável deles?” Levantei-me. Dirigi-me para outra mesa. Pensava: “Posso ao menos perder minha fortuna.” Sentei-me e joguei no pano verde um punhado de luíses de ouro.

Houve um movimento de sensação na galeria. O Barão de Sarcelles veio sentar-se à minha frente: era um dos mais ricos financistas de Paris.

— Eis uma partida que promete ser interessante — disse ele.

Por sua vez, atirou no pano verde outro punhado de luíses de ouro e jogamos em silêncio. Ao fim de meia hora, não havia mais uma moeda diante de mim e meus bolsos estavam vazios.

— Cinquenta mil escudos sob palavra — propus.

— De acordo.

Um ror de gente reunia-se agora em redor de nossas poltronas; olhavam fixamente para a mesa limpa, retendo a respiração. Quando Sarcelles abaixou seu jogo e eu joguei minhas cartas, um rumor saiu de todas as bocas.

— Dobro ou nada — propus.

— Dobro ou nada.

Deu as cartas. Olhei as costas luzentes do baralho e senti que meu coração batia mais depressa; se pudesse perder, perder tudo, talvez o gosto de minha vida mudasse...

— Basta — disse Sarcelles.

— Duas cartas — pedi.

Virei-as. Quadra de reis. Senti que ganhara de Sarcelles.

— Mais dez mil — disse ele.

Durante um segundo, hesitei. Podia largar as cartas e dizer: “Não vou.” Algo que se assemelhava à cólera apertou-me a garganta. Estaria reduzido a isso? Iria trapacear para perder? Ser-me-ia doravante proibido viver sem trapacear?

Disse:

— Vejo. — E abaixei meu jogo.

— O dinheiro estará em vossa casa amanhã antes do meio-dia — disse Sarcelles.

Inclinei-me, atravessei a galeria e voltei ao salão. O Conde de Saint-Ange estava encostado à parede; parecia prestes a desmaiar.

— Perdi todo o dinheiro que me emprestastes — disse ele.

— Não perde quem quer — disse eu.

— Quando quereis ser pago?

— Dentro de vinte e quatro horas. Não é essa a norma?

— Não posso. Não tenho esse dinheiro.

— Não devíeis então ter aceitado o empréstimo.

Virei-lhe as costas e dei com os olhos de Mlle. de Sinclair: seus olhos faiscavam de cólera.

— Há crimes que a lei não pune — disse ela — e que são mais infames do que um assassínio.

Eu disse:

— Não reprovo o assassínio.

Medimo-nos com o olhar silenciosamente; aquela mulher não tinha medo de mim: voltou-se bruscamente, mas eu peguei-lhe o braço:

— Tendes verdadeira aversão por mim?

— Que outro sentimento poderíeis inspirar?

Sorri.

— Conheceis-me mal. Deveríeis convidar-me para vossas pequenas reuniões do sábado. Abrir-vos-ia meu coração...

Acertara o golpe; corou. Mme. de Montesson ignorava que sua leitora tivesse atraído para sua casa alguns frequentadores do salão; não era mulher que perdoasse tal coisa.

- Só recebo meus amigos — disse Mlle. de Sinclair.
- É melhor ter-me como amigo do que como inimigo.
- É um negócio?
- Tomai-o como quiserdes.
- Minha amizade não se compra.
- Tornaremos a falar disso. Refleti.
- Já refleti.

Mostrei-lhe Bompard, cochilando numa cadeira.

- Vedes esse homem gordo e calvo?
- Vejo.

— Quando cheguei a Paris há alguns anos, era um jovem ambicioso e de talento; eu não passava então de um pobre selvagem ignorante e ele tentou abusar de mim. Vede o que fiz dele.

— Não me espanta de vossa parte.

— Eu não o conto para vos espantar, mas apenas para que reflitais.

Nesse momento, vi o Conde de Saint-Ange sair do salão; caminhava penosamente, como um homem embriagado. Chamei:

— Bompard.

Bompard sobressaltou-se; gostava de vê-lo despertar; tornava a encontrar-se no coração de sua vida, reencontrava-me e lembrava-se de que até a morte me reencontraria fielmente a cada despertar.

— Sigamo-lo — disse eu.

— Que é que há? — indagou Bompard.

— Ele deve entregar-me vinte mil escudos amanhã de manhã; não os tem. Pergunto-me se será assaz estúpido para se suicidar.

— Naturalmente — disse Bompard. — Não pode fazer outra coisa.

Atravessamos o pátio do palácio atrás de Saint-Ange e Bompard perguntou-me:

— Como pode isso distrair-vos ainda? Já não viste um número suficiente de cadáveres em cinco séculos?

— Ele pode embarcar para as Índias, ir mendigar pelas estradas; tentar matar-me. Pode também viver em Paris, desonrado, tranquilamente.

— Não fará nada disso — disse Bompard.

Dei de ombros:

— Tens, sem dúvida, razão. Eles fazem sempre as mesmas coisas.

Saint-Ange entrava nos jardins do Palais-Royal, dava a volta das galerias a passos lentos. Escondi-me atrás de um pilar; gostava de observar as moscas, as aranhas, as convulsões das rãs, as lutas de morte dos besouros, mas o que preferia era espiar a luta de um homem contra si mesmo. Nada o obrigava a matar-se e, se não quisesse morrer, bastar-lhe-ia resolver: “Não me matarei.”

Ouviu-se um tiro e um ruído surdo. Aproximei-me. Cada vez experimentava a mesma decepção. Enquanto viviam, a morte deles era um acontecimento a que eu assistia com curiosidade; mas, quando eu me encontrava com os cadáveres, parecia-me que nunca tinha existido; a morte deles não era nada.

Saímos do jardim e eu disse a Bompard.

— Sabes qual seria a pior peça que me poderias pregar?

— Não.

— Seria dares um tiro na cabeça. Isso não te seduz?

— Ficaríeis contente demais — disse ele.

— Não. Ficaria decepcionado.

Bati-lhe amistosamente no ombro:

— Felizmente, és demasiado covarde. Ficarás comigo muito tempo; até que morras na tua cama.

Algo despertou em seus olhos:

— Estais realmente convencido de que não morrereis nunca?

— Pobre Bompard. Não morrerei nunca. Nunca hei de queimar os papéis que conheces. Nunca serás livre.

Seu olhar apagou-se. Eu repeti:

— Nunca; é uma palavra cujo sentido ninguém conhece, nem mesmo tu.

Ele não respondeu nada e eu disse:

— Vamos para casa. Vamos trabalhar.

— Ides ainda passar a noite acordado?

— Sem dúvida.

— Eu quero dormir.

Sorri e disse-lhe:

— Pois bem, dormirás.

Já quase não me divertia atormentá-lo; arruinara-lhe a vida, mas ele se habituara a essa ruína, e todas as noites dormia, esquecia. Os piores desastres não o impediam de deitar-se à noite e dormir. Saint-Ange tremera de angústia, mas agora estava morto, escapara-me; para eles, havia sempre um meio de escapar. Nessa terra a que eu estava amarrado, a desgraça não pesava mais do que a felicidade, o ódio era tão insosso como o amor. Nada havia que arrancar deles.

A carruagem trouxe-nos de volta à casa e eu fui para o laboratório. Fora preciso não sair nunca dali. Só ali, longe dos rostos humanos, conseguia por vezes esquecer-me. Era preciso reconhecer que tinham feito espantosas descobertas. Desembarcando no velho continente, viera a saber que a terra, que eu imaginava imóvel no meio do céu, girava sobre si mesma e em volta do sol. Os fenômenos mais misteriosos, o raio, o arco-íris, as marés, tinham explicação; provara-se que o ar era pesado e sabia-se pesá-lo; tinham diminuído a terra, mas o universo ampliara-se; o céu povoara-se de novas estrelas que os astrônomos tinham divisado na ponta de seus telescópios; graças ao microscópio, um mundo invisível se revelara; no seio da natureza, novas forças tinham aparecido e começava-se a captá-las. Eram de resto bastante estúpidos de se mostrar orgulhosos de suas descobertas: nunca saberiam a última palavra da história, estariam todos mortos antes; mas eu me

aproveitaria de seus esforços, eu saberia; no dia em que a ciência se completasse enfim, eu estaria presente; era para mim que tinham trabalhado. Olhei os alambiques, os frascos, as máquinas imóveis. Pousei minha mão numa placa de vidro: ali estava ela tranquila sob meus dedos, pedaço de vidro semelhante a todos os vidros que eu vira e tocara durante quinhentos anos, todos os objetos em redor de mim estavam silenciosos, inertes como sempre tinham sido: no entanto, bastava esfregar aquele pedaço de matéria para que lhe aflorassem à superfície forças desconhecidas; sob aquela calma aparência, desencadeavam-se potências obscuras; no fundo do ar que eu respirava, da terra que pisava, palpitava um mistério; todo um mundo invisível, mais novo, mais imprevisto do que as imagens de meus sonhos, escondia-se atrás do velho universo de que eu estava farto. Entre aqueles quatro muros que se fechavam sobre mim, eu me sentia mais livre do que nas ruas sem aventuras, do que nas planícies infinitas da América. Um dia, aquelas formas, aquelas cores usadas que me aprisionavam, iriam explodir; um dia, eu rasgaria aquele céu imutável em que se refletiam imutavelmente as estações; um dia, eu contemplaria o reverso daquele cenário ilusório que enganava os olhos humanos. Não podia sequer imaginar o que veria então: bastava-me saber que seria outra coisa; talvez isso não se deixasse apreender nem pelos olhos, nem pelos ouvidos, nem pelas mãos; talvez pudesse eu esquecer então que tinha para sempre meus olhos, meus ouvidos, minhas mãos; talvez me tornasse então outro para mim mesmo.

* * *

Sobrava um depósito escuro no fundo da retorta e Bompard disse, zombeteiro:

— Malogrou.

— Isso prova que ainda havia impurezas nesse carvão. É preciso recomeçar — disse eu.

— Já recomeçamos cem vezes.

— Mas nunca empregamos carvão absolutamente puro.

Virei a retorta e espalhei as cinzas sobre uma placa de vidro. Seriam, realmente, apenas resíduos de corpos estranhos? Ou o carvão possuía um esqueleto mineral? Os fatos não falavam. Eu disse:

— Seria preciso fazer a experiência com diamante.

Ele deu de ombros.

— Como queimar diamante?

No fundo do laboratório, o fogo ronronava suavemente. Fora, a noite caía. Aproximei-me da porta envidraçada. As primeiras estrelas rompiam o azul sombrio do céu, ainda se podia contá-las; ocultas na luz do crepúsculo, havia milhões e milhões à espera para desabrochar; e por trás desses milhões outros milhões permaneciam invisíveis a nossos fracos olhos; mas eram sempre as mesmas que se iluminavam em primeiro lugar; há séculos, a abóbada celeste não mudava; há séculos, era a mesma cintilação gelada. Voltei para a mesa sobre a qual Bompard colocara o microscópio. Nos salões, os frequentadores começavam a chegar, as mulheres enfeitavam-se para o baile, estalavam risos nos cabarés; para eles, a noite que se iniciava era diferente de todas as outras, era única. Apliquei o olho à lente, examinei o pó cinzento e, subitamente, senti o sopro daquele vento forte de borrasca que eu conhecia muito bem; engolfava-se no laboratório calmo, varria os alambiques, arrancava o telhado por cima de minha cabeça, e minha vida jorrava para o céu como uma chama, como um grito; eu a sentia em meu coração, que ardia e saltava fora de meu peito; eu a sentia na extremidade das mãos; era uma vontade de quebrar, bater, esganar. Minhas mãos crispavam-se sobre o microscópio; eu disse:

— Vamos sair.

— Quereis sair?

— Sim. Acompanha-me.

— Preferiria dormir.

— Dormes demais. Começas a ficar barrigudo.

Meneei a cabeça:

— Como é triste envelhecer!

— Oh! Prefiro estar na minha pele a estar na vossa.

— É bonito fazer das tripas coração. No entanto, eras ambicioso na tua juventude.

— O que me fortalece a alma — disse ele sorrindo — é saber que jamais me será possível ser tão infeliz quanto o sois.

Joguei meu manto sobre os ombros, peguei o chapéu e disse:

— Estou com sede. Dá-me qualquer coisa.

Tinha sede? Havia em meu corpo uma necessidade dolorosa que não era nem de alimento, nem de bebida, nem de mulher. Peguei o copo que Bompard me oferecia e bebi de um trago; recoloquei-o no aparador com uma careta.

— Compreendo tua predileção pelo método experimental — disse-lhe. — É evidente que, se um homem me afirmasse que é imortal, eu trataria de verificá-lo pessoalmente. Mas, por favor, para de estragar meu vinho com teu arsênico.

— O fato é que já devíeis ter morrido cem vezes.

— Conforma-te. Não morrerei.

Sorri-lhe; eu sabia imitar muito bem os sorrisos deles.

— De resto, seria uma perda para ti; não tens melhor amigo do que eu.

— Nem vós — disse ele.

Dirigi-me para o palacete de Mme. de Montesson. Por que tinha vontade de rever aqueles rostos? Nada tinha a esperar deles, eu sabia. Mas não podia suportar a ideia de viverem sob aquele céu e de eu estar só no meu túmulo.

Mme. de Montesson trabalhava na sua tapeçaria, ao lado de sua lareira, seus amigos faziam círculo em redor de sua poltrona: nada mudara. Marianne de Sinclair servia o café e Richet olhava-

a com um ar apalermado de satisfação; riam, falavam; durante todas aquelas semanas ninguém percebera a minha ausência. Pensei com raiva: “Hei de obrigá-los a notar minha presença.”

Aproximei-me de Marianne de Sinclair; ela perguntou-me tranquilamente:

— Um pouco de café?

— Obrigado. Não preciso de vossas drogas.

— Como quiserdes.

Riam, falavam; estavam satisfeitos de se encontrarem reunidos, estavam persuadidos de que viviam e eram felizes; não havia nenhum meio de convencê-los do contrário. Disse-lhe:

— Pensastes na nossa última conversa?

— Não.

Sorriu, acrescentando:

— Penso o menos possível em vós.

— Vejo que vos obstinais em me detestar.

— Sou obstinada.

— Não o sou menos. Informaram-me de que vossas reuniões são muito interessantes. Discutem-se as ideias mais avançadas e os melhores espíritos do século desdenham esse velho salão para reunir-se em vossa casa...

— Desculpai-me, preciso servir o café.

— Irei então entreter-me com Mme. de Montesson — disse-lhe.

— À vontade.

Fui apoiar-me à poltrona da dona da casa; ela me acolhia sempre com prazer: minha maldade a divertia. Enquanto passávamos em revista os diz que diz da corte e da cidade, surpreendi o olhar de Mlle. de Sinclair; desviou logo os olhos, mas, por mais que fingisse indiferença, estava inquieta, eu sabia; detestava-me, mas, na verdade, não era nunca a mim que detestavam ou amavam; era um personagem de empréstimo pelo qual eu só sentia indiferença; quanto a mim, que sentimento teria podido inspirar? Beatriz dissera-me de uma feita: nem avaro, nem generoso, nem corajoso, nem covarde, nem mau,

nem bom; na realidade, eu não era ninguém. Acompanhei com o olhar Mlle. de Sinclair; ia e vinha através do salão, havia em seu porte despreocupado e nobre algo que me agradava; sob a nuvem leve que os recobria, distinguia-se a massa castanho-clara dos cabelos; olhos azuis brilhavam em seu rosto ardente; não, não lhe queria mal. Mas estava curioso por saber o que seria de sua calma dignidade na desgraça.

— Não há muita gente essa noite — disse eu.

Mme. de Montesson levantou a cabeça e deitou um olhar rápido em redor.

— É porque está fazendo mau tempo.

— Creio também que o gosto pela conversação desinteressada se perde: andam todos obcecados pela política...

— Nunca se falará de política em minha casa — disse ela com autoridade.

— Tendes razão. Um salão é um salão, e não um clube. Parece que os sábados de Mlle. de Sinclair degeneraram em reuniões públicas.

— Que sábados? De que estais falando? — disse Mme. de Montesson.

— Não estais a par?

Fixou em mim seus olhinhos penetrantes:

— Bem sabeis que não estou a par. Marianne recebe aos sábados? Desde quando?

— Há seis meses reúne-se brilhante assembleia nos aposentos dela, assembleia em que se trabalha na demolição e na reconstrução da sociedade.

— Ah! Que pequena segredista! — disse ela com um risinho. — Demolir e construir a sociedade: deve ser apaixonante!

Inclinou-se novamente sobre a tapeçaria e afastei-me da poltrona. O jovem Richet, que estava a falar animadamente com Mlle. de Sinclair, veio a meu encontro.

— Acabais de praticar uma vileza.

Sorri. Ele tinha uma grande boca, olhos globulosos, e, apesar da sinceridade de sua cólera, seu esforço para alcançar a dignidade acentuava seu ar ingênuo: era ridículo.

— Vós me dareis satisfação.

Continuei a sorrir. Ele fazia questão de me provocar. Ignorava que eu não tinha honra a defender, nem cólera a saciar. Nada me impedia tampouco de esbofeteá-lo, batê-lo, jogá-lo ao chão. Não estava escravizado a nenhuma das convenções deles. Se soubessem a que ponto eu era livre diante deles, teriam realmente medo de mim.

— Não zombeis — disse ele.

Estava desnortado; não previra que as coisas se passariam assim; a coragem e o orgulho que reunira não lhe bastavam para suportar meu sorriso. Disse-lhe:

— Tendes tanta pressa de morrer?

— Tenho pressa de livrar o mundo de vossa presença.

No ardor da paixão, não percebia ainda que essa morte que desafiava ia cair-lhe em cima; no entanto, bastava que eu dissesse uma palavra...

— Quereis que nos encontremos às cinco horas na Porta de Passy? Trazei duas testemunhas.

Acrescentei:

— Não creio que um médico seja útil; não firo: mato.

— Às cinco horas na Porta de Passy.

Atravessou o salão, disse algumas palavras a Mlle. de Sinclair e dirigiu-se para a porta; à soleira parou; olhou-a. Pensava: “É talvez a última vez que a vejo.” Um instante antes, tinha diante de si trinta ou quarenta anos de vida; e, bruscamente, nada mais do que uma noite. Desapareceu e eu me aproximei de Mlle. de Sinclair.

— Estais interessada em Richet? — perguntei.

Ela hesitou; tinha vontade de me fulminar com seu desprezo, mas tinha também vontade de saber o que eu ia dizer-lhe.

— Interesse-me por todos os meus amigos — respondeu ela.

A voz era gelada, eu sentia palpitar sua curiosidade sob a máscara indiferente.

— Ele vos disse que nos íamos bater em duelo?

— Não.

— Tive onze duelos em minha vida: sempre matei meu adversário.

O sangue afluiu-lhe às faces; podia enrijecer seu belo corpo, controlar o olhar e o movimento dos lábios, mas não podia impedir a si mesma de corar, e parecia então muito jovem e vulnerável.

— Não ides matar uma criança — disse ela. — É uma criança!

Perguntei-lhe bruscamente:

— Vós o amais?

— Que vos importa?

— Se vós o amais, cuidarei de não lhe fazer mal — disse eu.

Ela olhou-me angustiada, procurava adivinhar que palavra poderia salvar Richet e que palavra poderia perdê-lo. Disse com voz trêmula:

— Não o amo de amor, mas tenho por ele a mais terna das afeições. Poupei-o, suplico-vos.

— Se o poupar, me considerareis vosso amigo?

— Serei infinitamente grata.

— E como mo provareis?

— Tratando-vos como amigo. Minha porta vos estará aberta todos os sábados.

Pus-me a rir.

— Receio que sábado vossa porta não se abra mais para ninguém. Mme. de Montesson não parece apreciar muito vossas pequenas reuniões.

Ela corou novamente e encarou-me com uma espécie de estupor.

— Tenho pena de vós — disse ela. — Muita pena.

Havia uma tristeza tão sincera em sua voz que não tentei responder nada; fiquei pregado ao chão; existia ainda alguém por

trás de meu fantasma, alguém com um coração vivo? Parecia-me que fora a mim, a mim de verdade, que suas palavras tinham atingido; seu olhar me transpassara; sob as fantasias, as máscaras, a armadura que os séculos me tinham forjado, eu estava ali, era eu: um homem lamentável que se divertia com maldades mesquinhas; era bem de mim que ela tinha pena, tal qual ela não me conhecia; mas tal qual eu era.

— Escutai-me...

Ela se afastara; que teria podido dizer-lhe? Que palavra verdadeira poderia sair de mim e chegar até ela? Uma coisa era real: eu a fizera expulsar daquela casa e ela tinha pena de mim; mas todas as minhas desculpas, como meus desafios, nunca passariam de mentiras.

Transpus a porta. Fora, a noite era fresca e bela, iluminada pela lua; as ruas estavam desertas. As pessoas estavam calafetadas dentro de seus salões, de suas mansardas: em seus lares. Eu em nenhum lugar estava em casa; a casa em que eu morava nunca fora casa: era um acampamento; esse século não era meu século, e a vida que continuava inutilmente dentro de mim não era minha vida. Dobrei uma esquina e encontrei-me no cais do rio; percebi um pedaço de catedral com seus arcobotantes brancos, suas estátuas que desciam do teto em procissão. O rio deslizava frio e negro por entre os muros forrados de hera; no fundo das águas via-se uma lua redonda. Eu caminhava, e ela avançava comigo, presente no fundo da água, presente no fundo do céu, a lua detestada que me acompanhava há quinhentos anos, gelando todas as coisas com seu olhar gelado. Apoiei-me ao parapeito de pedra; a igreja erguia-se, rígida na luz morta, só e inumana como eu; todos os homens que nos cercavam iriam morrer e nós continuaríamos de pé. Pensei: “Um dia, ela desmoronará por sua vez, em seu lugar haverá um montão de ruínas; um dia, não restará um só vestígio dela e a lua brilhará no céu e eu ainda estarei presente.”

Segui o rio. Talvez nesse momento Richet contemplasse a lua e as estrelas, pensando: “Vejo-os pela última vez”; e lembrasse de cada sorriso de Marianne de Sinclair, pensando: “Te-la-ei visto pela última vez?” Aguardaria febrilmente a aurora com temor e esperança. Para mim também, meu coração teria batido, a noite teria sido sem igual, se eu fosse mortal; essa luz no céu teria sido a morte a acenar-me, a esperar-me talvez no fim do cais sombrio. Mas qual! Nunca me aconteceria nada; esse duelo era uma farsa. Era sempre a mesma noite sem aventura, sem alegria, sem sofrimento. Uma só noite, um só dia, a repetir-se por toda a eternidade.

O céu clareava quando cheguei à Porta de Passy. Sentei-me à beira de um talude. Ouvia dentro de mim: “Tenho pena de vós”; ela tinha razão. Era um homem miserável que estava sentado à beira do talude e que esperava o momento de cometer um absurdo assassínio. Cidades tinham-se incendiado, exércitos tinham-se matado mutuamente; um império nascera e desmoronara nas minhas mãos. E eu estava vazio, estúpido, ia matar um homem sem correr risco e sem alegria, só para distrair-me. Quem poderia merecer mais piedade do que eu?

A última estrela acabara de apagar-se quando vi Richet que avançava a meu encontro. Andava devagar, olhando os pés que o orvalho molhara. De repente, recordei-me de uma hora remota, tão remota que eu a acreditara enterrada para sempre. Tinha dezesseis anos e, certa manhã brumosa, vi-me a cavalo, uma lança na mão; as armaduras dos genoveses faiscavam na aurora e eu tinha medo. E, como tinha medo, a luz era mais terna, o orvalho mais novo do que em qualquer outra manhã. Uma voz dizia-me: “Sê corajoso.” Ninguém nunca me falara com tão fervorosa amizade. A voz clara, o frescor das auroras perderam-se. Não conhecia mais o medo nem a coragem. Levantei-me. Richet estendeu-me uma espada. Em volta dele, a aurora nascia pela última vez, pela última vez o cheiro fresco da terra subia no

ar. Ele estava disposto a morrer e apertava a vida contra o coração.

— Não — disse eu.

Ele estendia-me a espada, mas eu permanecia imóvel, minha mão não se destacava do corpo... Não, eu não me bateria. Olhei os dois homens que acompanhavam Richet.

— Recuso bater-me, testemunhai-o.

— Por quê? — disse Richet.

Parecia inquieto e decepcionado.

— Não tenho vontade de bater-me. Prefiro pedir-vos desculpas.

— Entretanto, não tendes medo de mim — disse ele com espanto.

— Repito que vos peço desculpas.

Ele continuava em face de mim, desnorreado, com toda a sua coragem inútil pesando no coração, coragem inútil como meu ódio, minha ira e minha inveja; durante um instante, ficou perdido como eu sob o céu, desligado de sua vida, lançado novamente para dentro dela, sem saber que fazer de si mesmo. Virei-lhe as costas e encaminhei-me a passos largos para a estrada. Ao longe um galo cantou.

* * *

Enfiei a ponta da bengala no formigueiro e movimentei-a da direita para a esquerda; imediatamente elas acorreram, todas pretas, todas iguais, mil formigas, mil vezes a mesma formiga; no fundo do parque que cercava minha casa de campo, tinham elas construído em vinte anos aquele grande oiteiro, tão cheio de vida que os próprios fiapos de palha pareciam animados; corriam em todos os sentidos, mais desordenadas do que as bolhas que o fogo fazia dançar nas minhas retortas; havia umas atarefadas, outras preguiçosas, apalermadas, sérias; ou trabalhavam todas com o mesmo tolo ardor? Gostaria de acompanhar com o olhar cada uma delas, mas confundiam-se num monstruoso bailado;

fora preciso cingir-lhes a cintura com fitas vermelhas, amarelas, verdes...

— Então! Esperais aprender-lhes a língua? — disse Bompard.

Ergui a cabeça; o dia de junho era lindo, o odor das tílias perfumava o ar morno. Bompard trazia uma rosa na mão. Sorriu:

— Fui eu quem a inventou — disse orgulhosamente.

— Assemelha-se a todas as rosas — disse eu.

Deu de ombros:

— Porque não tendes olhos para ver.

Afastou-se. Desde que tínhamos buscado um retiro em Crécy, ele ocupava seus lazes enxertando rosas. Novamente, olhei as formigas atarefadas, mas não mais me interessavam. Dentro do forno especial que eu mandara construir, um pedaço de diamante consumia-se no fundo de um provete de ouro: isso tampouco me interessava. Como quer que fosse, dentro de alguns anos, qualquer aluno de escola conheceria o segredo dos corpos simples e compostos; tinha muito tempo à minha frente... Deitei-me de costas e distendi-me fixando o céu. Também para mim ele era azul como nos dias bonitos de Carmona, eu também sentia o cheiro das rosas e das tílias. E, no entanto, ia deixar passar a primavera sem viver; ali uma nova rosa acabava de nascer; ao longe, os prados estavam juncados de flores de amendoeira; e eu, estrangeiro em toda parte, atravessava como um morto a estação cheia de flores.

— Senhor!

Bompard achava-se novamente a meu lado.

— Há uma senhora que deseja falar-vos; veio de Paris de carruagem e quer ver-vos pessoalmente.

— Uma senhora? — indaguei surpreso.

Levantei-me, sacudi o pó de minha roupa e dirigi-me para casa. “Isso talvez me faça passar uma hora.” Deparei com Marianne de Sinclair sentada numa poltrona de vime, à sombra de uma grande tília; vestia um vestido de algodão com riscas lilás e seus

cabelos desempoados caíam-lhe em cachos sobre os ombros. Inclinei-me diante dela.

— Que surpresa!

— Não vos perturbo?

— Certamente que não.

Eu não esquecera sua voz: “Tenho pena de vós.” Dissera essas palavras, e meu fantasma tornara-se um homem de carne e osso; esse homem mesquinho e criminoso e que ali estava diante dela; que havia em seus olhos, ódio, desprezo ou piedade? Essa vergonha angustiada que me apertava o coração testemunhava novamente que era eu, que era bem eu que seu olhar fixava. Ela virou a cabeça:

— Como esse parque é bonito — disse. — Gostaríaes do campo?

— Gosto principalmente de estar longe de Paris.

Houve um curto silêncio e ela disse, algo hesitante:

— Há muito tempo que vos desejava ver. Queria agradecer-vos por terdes poupado a vida a Richet.

Eu disse bruscamente:

— Não agradeçais. Não foi por vossa causa que o fiz.

— Pouco importa. Agistes generosamente.

— Não foi por generosidade — disse eu com impaciência.

Agastava-me que ela também se iludisse com essa personalidade estranha que se moldava em mim ao acaso de meus atos.

Ela sorriu:

— Suponho que, quando praticais uma boa ação, procurais más razões para justificá-la — disse ela.

— Pensais que vos denunciei a Mme. de Montesson por boas razões? — perguntei.

— Não estou dizendo que não sejais também capaz de baixeza — respondeu ela tranquilamente.

Olhei-a com perplexidade; parecia muito mais moça do que no salão de Mme. de Montesson. Parecia também mais bela. Que

tinha vindo buscar?

— Não me guardais rancor?

— Não. Vós me prestastes um favor — disse alegremente. — Não ia ficar a vida inteira escrava de uma velha egoísta.

— Tanto melhor. Porque tive remorsos.

— Seria um erro. Minha vida é muito mais interessante agora.

Havia algo de desafio em sua voz e perguntei secamente:

— Foi para trazer-me a absolvição que viestes?

Ela sacudiu a cabeça:

— Vim falar-vos de um projeto...

— Que projeto?

— Há muito tempo meus amigos e eu desejamos criar uma universidade livre que supriria as deficiências do ensino oficial; cremos que o desenvolvimento do espírito científico teria grande influência no progresso político e social...

Falava com timidez; interrompeu a exposição e estendeu-me um caderno que trazia à mão.

— Todas essas ideias estão expostas nessa brochura — disse-me.

Peguei a brochura, abri-a; começava por uma dissertação bastante longa acerca das vantagens do método experimental e das consequências morais e políticas que deveriam decorrer de sua difusão; vinha a seguir o programa dos trabalhos da futura universidade; como conclusão, algumas páginas em tom firme e apaixonado anunciavam o advento de um mundo melhor. Coloquei o opúsculo em cima dos joelhos.

— Vós o redigistes?

Ela sorriu um tanto perturbada.

— Sim.

— Admiro vossa fé.

— A fé não basta. Precisamos de colaboradores e de dinheiro. Muito dinheiro.

Pus-me a rir.

— Viestes pedir-me dinheiro?

— Vim. Abrimos uma lista de subscritores; espero que sereis o primeiro. E seríamos ainda mais felizes se aceitásseis uma cadeira de química.

Houve um silêncio; eu disse:

— Por que essa ideia de vos dirigirdes a mim?

— Sois muito rico — disse ela. — E sois um grande sábio: todo mundo fala de vossos trabalhos sobre o carvão.

— Mas vós me conheceis — disse eu. — Já me censurastes bastantes vezes por detestar os homens. Como pudestes supor que consentiria em auxiliar-vos?

Seu rosto animou-se, os olhos fizeram-se mais brilhantes:

— Justamente, não vos conheço — disse. — Podeis recusar; mas podeis aceitar também; corro o risco.

— E por que aceitaria? Para compensar o mal que vos fiz?

Ela se retesou:

— Já vos disse que não me causastes mal nenhum.

— Pelo prazer de vos dar prazer?

— Por interesse pela ciência e pela humanidade.

— Só me interesso pela ciência na medida em que é inumana.

— Pergunto-me como ousais detestar os homens — disse ela em tom brusco e colérico. — Sois rico, sábio, livre, fazeis tudo o que vos apetece; eles em sua maioria são miseráveis, ignorantes, escravizados a trabalhos sem alegria; e nunca tentastes ajudá-los. Cabe a eles detestar-vos.

Havia tamanha paixão em sua voz que tive vontade de me defender; mas como contar-lhe a verdade? Disse:

— Acho que no fundo eu os invejo.

— Vós?

— Eles vivem; e há anos não consigo sentir-me vivo.

— Ah! — exclamou ela, comovida. — Eu sabia que éreis muito infeliz.

Levantei-me bruscamente:

— Vamos dar uma volta pelo parque, já que o achais bonito.

— Com prazer.

Tomou-me o braço e seguimos ao longo do rio em que nadavam peixes dourados.

— Mesmo em dia tão lindo não vos sentis vivo?

— Não.

Ela tocou com a ponta dos dedos uma das rosas que Bompard inventara.

— Não apreciais nada disso?

Colhi a rosa e ofereci-lha.

— Gostaria dela em vosso seio.

Ela sorriu e pegou a flor, aspirando-a longamente.

— Ela vos fala, não é? — disse-lhe. — Que vos diz ela?

— Que é bom viver — respondeu alegremente.

— A mim não diz nada. Para mim as coisas não têm voz.

Eu olhava com toda atenção a rosa cor de açafião, mas houvera rosas demais em minha vida, muitas primaveras.

— É que não sabeis ouvi-las.

Demos alguns passos em silêncio; ela olhava as árvores, as flores; logo que seus olhos se desviavam de mim eu sentia a vida abandonar-me. Disse-lhe:

— Gostaria de saber o que pensais de mim.

— Pensei muito mal.

— Por que mudastes de opinião?

— Vossa atitude com Richet abriu-me horizontes.

Dei de ombros:

— Era simples capricho.

— Nunca vos teria acreditado capaz desse gênero de capricho.

Parecia-me que eu a enganava; tinha vergonha; mas era impossível explicar.

— Seria um erro considerar-me uma boa alma.

Ela riu:

— Não sou estúpida.

— Entretanto, esperais interessar-me pela felicidade da humanidade.

Com a ponta do pé ela fez rolar uma pedrinha na alameda e não respondeu.

— Vejamos — disse eu. — Pensais que vou dar ou recusar esse dinheiro? Que apostais? Sim ou não?

Ela olhou gravemente.

— Não sei. Sois livre.

Pela segunda vez, senti-me tocado no coração. Era verdade: eu era livre; todos os séculos que eu vivera vinham morrer à beira desse instante que jorrava sob o céu azul, tão novo, tão imprevisto como se o passado nunca tivesse existido; nesse instante, eu ia dar a Marianne uma resposta que não estava inscrita em nenhum dos momentos esquecidos de minha vida, e era eu, era bem eu que ia escolher, cabia a mim desiludir Marianne ou satisfazê-la.

— Devo resolver imediatamente?

— Como quiserdes — respondeu-me ela com alguma frieza.

Olhei-a: desiludida ou satisfeita, transporia a grade do parque e só me restaria tornar a deitar perto do formigueiro...

— Quando me dareis a resposta? — indagou ela.

Hesitei. Tinha vontade de dizer “Amanhã”, para ter a certeza de revê-la; mas não o disse; em sua presença eu é que falava, que agia; era bem eu; teria tido vergonha de explorar a situação de acordo com meus desejos.

— Imediatamente — disse-lhe. — Esperai-me um instante, por favor.

Quando voltei trazia a mão uma letra de câmbio; estendia-lha e o sangue subiu-lhe às faces:

— Mas é uma fortuna! — disse ela.

— Não é toda a minha fortuna.

— É grande parte dela...

— Não me dissestes que era preciso muito dinheiro?

Ela olhava o papel e me olhava:

— Não compreendo — disse ela.

— Não podeis compreender tudo.

Ela permanecia de pé diante de mim, fascinada. Eu disse:

— É tarde. Deveríeis partir. Não temos mais nada a dizer-nos.

— Tenho ainda um pedido a fazer-vos — disse ela lentamente.

— Sois insaciável.

— Nem meus amigos nem eu conhecemos muita coisa em matéria de negócios. Parece que sois um hábil financista. Ajudai-nos a construir nossa universidade.

— É no vosso interesse ou no meu que me pedis isso?

Pareceu desnorteadada.

— Num e noutro.

— Mais num ou mais noutro?

Hesitou; mas amava tanto a vida que sempre confiava na verdade.

— Penso que no dia em que consentirdes em sair de vós mesmo, muitas coisas mudarão para vós...

— Por que vos interessais por mim?

— Não compreendeis que alguém possa interessar-se?

Ficamos um momento face a face sem nada dizer.

— Refletirei — disse-lhe. — E irei levar-vos minha resposta.

— Rua dos Ciseaux 12 — disse ela. — É aí que moro atualmente.

Estendeu-me a mão.

— Obrigada.

— Rua dos Ciseaux 12 — disse-lhe. — Eu é que vos agradeço.

Ela subiu na carruagem e ouvi o ruído das rodas que se afastavam na avenida. Com os dois braços enlancei o tronco de uma grande tília, apoiei o rosto contra a casca grossa e pensei com desejo e angústia: “Será que vou tornar a viver?”

* * *

Bateram à porta e Marianne entrou; aproximou-se de minha secretária:

— Trabalhando ainda?

Sorri:

— Como está vendo.

— Tenho certeza de que não se mexeu o dia inteiro.

— É verdade.

— Almoçou?

Hesitei e ela disse com vivacidade:

— Naturalmente não almoçou; vai arruinar sua saúde.

Olhava-me com uma solicitude inquieta e eu tinha vergonha: não comer, não dormir, dar sua fortuna, seu tempo, tudo isso não significava a mesma coisa para ela e para mim; eu lhe mentia.

— Se eu não tivesse vindo, você teria ficado aí o resto da noite... — disse ela.

— Quando não trabalho, aborreço-me.

Ela pôs-se a rir:

— Não se desculpe.

Com um gesto decidido afastou os papéis espalhados à minha frente.

— Basta. Agora é preciso ir jantar.

Olhei com tristeza a mesa coberta de pastas, as janelas calafetadas por pesadas cortinas, as paredes opacas; o palacete que eu possuía em Paris tornara-se o centro em que se elaboravam os planos da futura universidade, e eu me sentia bem naquele escritório, tendo tarefas precisas a realizar; enquanto estava ali, não pensava em outra coisa; não havia problema...

— Onde irei jantar? — indaguei.

— Há muitos lugares.

Disse-lhe bruscamente:

— Venha jantar comigo.

Ela hesitou:

— Sophie espera-me.

— Deixe-a esperar.

Olhou-me: seus lábios esboçaram um sorriso e ela perguntou envaidecida:

— Agradar-lhe-ia realmente?

Dei de ombros; como explicar-lhe que desejava sua presença tão somente para matar o tempo, que tinha necessidade dela para viver; as palavras me trairiam, diria demais ou de menos; desejava ser sincero com ela, mas nenhuma sinceridade me era permitida. Disse rapidamente:

— Sem dúvida.

Pareceu-me um pouco desnorteada, mas conformou-se.

— Então leve-me a esse novo cabaré de que todo mundo fala; dizem que se come maravilhosamente bem.

— Dagorneau?

— Isso mesmo.

Seus olhos brilharam; ela sabia sempre aonde ir e que fazer; tinha sempre desejos ou curiosidades a satisfazer; se a pudesse acompanhar a vida inteira, não me sentiria mais embaraçado comigo mesmo. Descemos a escada e perguntei:

— Vamos a pé?

— Naturalmente. O luar está tão lindo.

— Ah! Gosta do luar! — disse eu com rancor.

— E você não gosta?

— Detesto a lua.

Ela riu:

— Seus sentimentos são sempre exagerados.

— Quando tivermos morrido todos, ela ainda estará aí, escarninha, no céu.

— Não a invejo — retrucou Marianne. — Não temo a morte.

— Realmente? Se lhe anunciassem que morreria daqui a pouco, não teria medo?

— Ah! Quero morrer quando chegar minha vez.

Caminhava com vivacidade, aspirando avidamente pelos olhos e pelos ouvidos, por todos os poros de sua pele fresca a doçura da noite.

— Como gosta da vida — disse-lhe.

— Gosto.

- Já lhe aconteceu ser infeliz?
- Às vezes. Mas era também viver.
- Gostaria de lhe fazer uma pergunta.
- Faça.
- Já amou?

Respondeu sem hesitar:

- Não.
- No entanto, tem um temperamento apaixonado.
- Justamente. As outras pessoas parecem-me sempre mornas, indiferentes; não são vivas...

Senti uma agulhada no coração.

- Eu não sou vivo — disse-lhe.
- Já me disse isso uma vez. Mas não é verdade, não é absolutamente verdade. Você é excessivo no bem como no mal; não suporta a mediocridade; isso é ser vivo.

Olhou-me:

- No fundo, sua maldade era revolta.
- Você não me conhece — respondi-lhe secamente.

Ela corou e caminhamos em silêncio até a porta do cabaré. Uma escada descia para uma grande sala abobadada com vigas sujas de fumaça; garçons de bonés de cores vivas circulavam por entre as mesas onde se acotovelavam grupos barulhentos. Sentamos a uma mesinha redonda e encomendei o jantar. Quando o garçom colocou os frios à nossa frente e trouxe um pichel de vinho rosado, Marianne perguntou:

- Por que fica tão furioso quando eu pareço pensar coisas boas de você?
- Tenho a impressão de ser um impostor.
- Não é verdade que você dá, sem contar, tempo, dinheiro e trabalho a nosso empreendimento?
- Mas isso não me custa nada.
- Justamente; isso é generosidade verdadeira; dá tudo e nada lhe parece custar nada.

Enchi nossos copos de vinho:

— Esqueceu o passado?

— Não — disse ela. — Mas você mudou.

— Não se muda nunca.

— Ah! Não creio nisso. Se os homens não devessem mudar nunca, todo o nosso trabalho seria inútil — disse ela com vivacidade.

Olhou-me:

— Tenho certeza de que agora você não poderia divertir-se com empurrar um homem ao suicídio.

— É verdade...

— Está vendo?

Levou à boca um pedaço de patê; comia com um ar sério e animal; apesar da graça discreta dos gestos, parecia uma loba transformada em mulher, seus dentes reluziam com um brilho cruel. Como explicar-lhe? Fazer o mal não me divertia mais; mas não me tornava melhor: nem bom, nem mau, nem avarento, nem generoso. Ela sorriu-me:

— Gosto desse lugar. E você?

No outro lado da sala, havia uma mulher que cantava acompanhando-se à sanfona; o público repetia em coro os estribilhos. Por via de regra, eu detestava esses grandes rumores humanos, essas gargalhadas, essas vozes. Mas Marianne sorria, e eu não podia odiar o que fazia nascer um tal sorriso em seus lábios.

— Gosto também.

— Mas você não come — disse-me em tom de censura. — Trabalhou demais; isso cortou-lhe o apetite.

— Qual nada.

Servi-me de um pedaço de patê. Em redor, eles comiam, bebiam, e tinham ao lado mulheres que lhes sorriam. Eu também comia, bebia, e uma mulher me sorria. Uma onda de calor invadiu-me. “Dir-se-ia que sou um deles.”

— Essa mulher tem uma voz bonita — comentou Marianne.

A tocadora de sanfona chegou-se à nossa mesa; cantava olhando alegremente para Marianne. Fez um sinal e todos se puseram a cantar com ela. A voz clara de Marianne misturou-se à dos outros; inclinou-se para mim:

— É preciso cantar também.

Algo que se assemelhava à vergonha apertava-me a garganta. Nunca eu cantara com eles! Olhava-os. Eles sorriam para suas mulheres, cantavam, e uma chama crepitava em seus corações; uma chama pusera-se a aquecer meu coração. E quando essa chama queimava, nem passado, nem futuro importavam mais; que se devesse morrer no dia seguinte ou dentro de cem anos, ou nunca, não havia diferença. A mesma chama. Eu pensava: “Sou um homem vivo; sou um deles.”

E pus-me a cantar com eles.

* * *

“Não é verdade”, pensava. “Não sou um deles”... Meio escondido atrás de uma coluna, olhava-os dançar. Verdier segurava a mão de Marianne, roçava-a por instantes, respirava-lhe o perfume; ela usava um vestido azul que lhe descobria os ombros e o colo até os seios; gostaria de apertar contra mim aquela carne frágil mas sentia-me paralisado: “Seu corpo é de outra espécie.” Minhas mãos e meus lábios eram de granito, não podia tocá-la, não podia rir como eles riam, com aquela tranquila cobiça; eles eram da espécie dela e eu não tinha lugar no meio deles. Dirigi-me para a porta; ia transpô-la quando ouvi a voz de Marianne.

— Para onde vai?

— Volto para Crécy.

— Sem me dizer até logo?

— Não queria incomodá-la.

Encarou-me surpresa.

— Que acontece? Por que se vai tão cedo?

— Você sabe que não sou sociável.

Ela disse:

— Gostaria de falar cinco minutos com você.

— Se quiser.

Atravessamos o vestíbulo pavimentado de lajes e ela empurrou a porta da biblioteca; a grande peça estava deserta; o som de violinos chegava-nos abafado através das paredes cobertas de livros.

— Queria dizer-lhe que ficaríamos todos desolados se se recusasse a fazer parte do comitê de beneficência.

Perguntou-me:

— Por que não quer aceitar?

— Por incapacidade.

— Mas por quê?

— Eu me enganaria. Mandaria queimar os velhos em lugar de construir asilos para eles, poria os loucos em liberdade e encerraria os filósofos em jaulas.

Ela sacudiu a cabeça:

— Não compreendo — disse-me. — Se conseguimos essa universidade, foi graças a você; seu discurso de inauguração foi magnífico. E há momentos em que você não parece absolutamente crer que nosso esforço possa ser útil.

Permaneci calado e ela disse com alguma impaciência:

— Que pensa afinal?

— Na verdade, não acredito no progresso.

— No entanto, é evidente que estamos mais perto do que outrora da verdade e até da justiça.

— Tem certeza de que a verdade e a justiça de vocês valem mais do que as dos séculos passados?

— Há de convir em que a ciência é preferível à ignorância, a tolerância ao fanatismo, a liberdade à escravidão.

Falava com um ardor ingênuo que me irritou; era a linguagem deles que ela empregava. Disse-lhe:

— Um homem afirmou-me um dia: Só existe um bem, é agir de acordo com a própria consciência. Penso que ele tinha razão e que tudo o que pretendemos fazer para os outros de nada serve.

— Oh! — disse ela, triunfante. — E se minha consciência me manda lutar pela tolerância, pela razão e pela liberdade?

Dei de ombros.

— Faça-o então. Quanto a mim, minha consciência nunca me ordena coisa alguma.

— Nesse caso, por que nos ajudou?

Encarava-me com uma ansiedade tão sincera que mais uma vez senti um desejo violento de me confiar a ela sem reservas; só então eu me tornaria novamente vivo, seria eu, poderíamos falar sem mentir. Mas eu me lembrava da fisionomia torturada de Carlier.

— Para matar o tempo — disse-lhe.

— Não é verdade!

Havia em seus olhos gratidão, ternura, fé; gostaria de ser quem ela viu. Mas toda a minha presença era uma impostura: cada palavra, cada silêncio, cada gesto, meu rosto mesmo, tudo lhe mentia. Eu não devia dizer-lhe a verdade; detestava enganá-la, só me restava partir.

— É verdade. E agora vou voltar às minhas retortas.

Ela sorriu com esforço:

— É uma partida brusca.

Pôs a mão no trinco da porta e perguntou:

— Quando nos veremos?

Houve um silêncio; ela estava encostada à porta, bem perto de mim, e seus ombros nus iluminavam a penumbra; senti o odor de seus cabelos. Seu olhar chamava-me, uma palavra apenas, um gesto. Eu pensava: “Tudo será mentira, sua felicidade, sua vida, nosso amor serão tão somente mentiras, cada beijo meu a trairia.” Disse-lhe:

— Parece-me que não tem mais necessidade de mim.

Bruscamente, a expressão dela se distendeu:

— Que foi que lhe aconteceu, Fosca? Não somos amigos?

— Você tem tantos amigos.

Ela riu francamente:

— Teria ciúmes porventura?

— Por que não?

Mentia novamente; não se tratava de um ciúme humano.

— É estúpido — disse ela.

— Não fui feito para viver em sociedade — respondi-lhe, algo irritado.

— Não foi feito para viver só!

Só! Sentia o odor do jardim em volta do oiteiro cheio de formigas e, de novo, um gosto de morte na boca; o céu estava nu, a planície deserta; minha firmeza falhou de repente. E as palavras que não queria dizer subiram-me aos lábios:

— Venha comigo.

— Ir com você? Por quanto tempo?

Estendi os braços; tudo seria mentira, mesmo o desejo que enchia meu coração era mentira, e também meus braços abraçando o seu corpo mortal; mas não tinha mais forças para lutar; apertei-a contra mim como se fosse um homem diante de uma mulher e disse-lhe:

— A vida inteira. Poderia viver uma vida inteira a meu lado?

— Viveria a eternidade — disse ela.

Quando cheguei pela manhã a Crécy, bati à porta de Bompard; estava molhando um pedaço de pão com manteiga na caneca de café com leite. Tinha maneiras de homem velho. Sentei-me diante dele.

— Bompard, vou espantar-te.

— Vejamos — disse ele com indiferença.

— Resolvi fazer alguma coisa por ti.

Ele não ergueu sequer a cabeça:

— Realmente?

— Sim. Tenho remorsos de te haver conservado tanto tempo a meu lado sem te dar uma possibilidade de êxito. Disseram-me

que o Duque de Frétigny, que vai em missão à corte da Imperatriz da Rússia, procura um secretário: um homem hábil e intrigante pode alcançar uma alta situação. Vou recomendar-te calorosamente e te darei um bom dinheiro para que possas brilhar em São Petersburgo.

— Ah! — exclamou Bompard. — Quereis afastar-me?

Seu sorriso era maldoso.

— Quero. Vou casar-me com Marianne de Sinclair. Não te desejo ao lado dela.

Bompard molhou o pão na caneca.

— Estou começando a ficar velho — disse-me. — Não tenho mais vontade de viajar.

Senti um nó na garganta e compreendi que me tornara vulnerável.

— Cuidado — disse-lhe —; se recusares o meu oferecimento, eu me decidirei a dizer a verdade a Marianne e te despedirei imediatamente. Não encontrarás outro emprego facilmente.

Ele não podia adivinhar o preço que eu teria pagado para guardar meu segredo; ademais, estava velho e cansado. Disse-me:

— Ser-me-á duro deixar-vos. Mas conto com vossa generosidade para atenuar os rigores do exílio.

— Espero que gostarás de lá e por lá ficarás o resto de teus dias.

— Ah! Não gostaria de morrer sem vos rever.

Havia como que uma ameaça em sua voz e eu pensava: “Agora, tenho algo a temer, algo a defender. Agora, amo e posso sofrer; eis-me novamente um homem.”

* * *

— Ouço teu coração bater — disse a Marianne.

Nascia o dia; minha cabeça repousava em seu seio que se erguia e abaixava num ritmo igual, e eu lhe ouvia bater

surdamente o coração; cada batida enviava um fluxo de sangue às suas artérias, e esse sangue móvel refluía ao coração; ao longe, na praia prateada, as ondas, tragadas pela lua, erguiam-se e recaíam na areia; no céu, a terra precipitava-se na direção do sol, a lua na direção da terra, numa imensa queda estática.

— Bate, sem dúvida — disse ela.

Parecia-lhe natural que o sangue corresse nas veias, que a terra mexesse sob seus pés; eu estava mal-habitado a essas estranhas novidades; escutava com atenção: ouvia as batidas de seu coração; não se poderia ouvir a trepidação da terra?

Ela empurrou-me docemente:

— Deixa-me levantar.

— Tens tempo. Estou tão bem.

Um raio de luz filtrava através do cortinado: percebia na penumbra as paredes acolchoadas, a penteadeira cheia de ornatos, os saíotes rendados jogados displicentemente na poltrona; havia flores num vaso; todas aquelas coisas eram reais, não se assemelhavam a objetos de sonho; no entanto, aquelas flores, as porcelanas, aquele perfume de íris, não pertenciam completamente à minha vida; parecia-me que num salto através da eternidade eu aterrara em um instante que fora preparado para outro.

— Já é tarde — disse Marianne.

— Tu te aborreces comigo?

— Aborrece-me não fazer nada; tenho tanto que fazer!

Deixei-a partir; tinha pressa em começar o dia; era natural. O tempo não tinha para ela o mesmo valor que para mim.

— Que tanto tens a fazer?

— Primeiramente os tapeceiros vêm instalar a sala de estar.

Puxou o cortinado.

— Não me disseste que cor preferias.

— Não sei.

— Mas deves ter uma preferência; verde-amêndoa ou verde-tília.

— Verde-amêndoa.

— Respondeste ao acaso — disse-me em tom de censura.

Empreendera arranjar de novo e inteiramente a casa, e eu me espantava de vê-la refletir longamente diante do desenho de uma tapeçaria ou do matiz de um pedaço de seda. “Valerá a pena tanta preocupação por trinta ou quarenta anos?”, pensava. Dir-se-ia que se instalava para a eternidade. Durante um momento, olhei-a a diligenciar silenciosa pelo quarto; vestia-se sempre com muito apuro, gostava dos vestidos e das joias tanto quanto das flores, dos quadros, dos livros, da música, do teatro, da política. Eu admirava que ela pudesse interessar-se por tudo com a mesma paixão. Parou bruscamente diante da janela:

— Onde colocaremos o viveiro dos pássaros? Perto do carvalho grande ou debaixo da tília?

— Ficaria mais bonito se o rio passasse por ele — disse eu.

— Tens razão. Vamos colocá-lo sobre o rio ao lado do cedro azul.

Sorriu e acrescentou:

— Estás vendo; estás tornando-te ótimo conselheiro.

— É que começo a ver com teus olhos.

Verde-amêndoa ou verde-tília? Ela tinha razão; olhando bem, havia duzentos matizes de verde, outro tanto de azul, mais de mil variedades de flores nos prados, mais de mil espécies de borboletas; quando o sol se deitava atrás das colinas, as nuvens tinham cada dia cores novas. Marianne mesmo tinha tantas fisionomias que eu não pensava acabar de conhecê-la nunca.

— Não te levantas? — disse ela.

— Estou te olhando.

— Como és preguiçoso. Tinhas dito que recomeçarias hoje tuas experiências com o diamante.

— É, tens razão.

Levantei-me, ela olhou-me inquieta:

— Pareceu-me que, se eu não insistisse, nunca porias o pé no laboratório. Não tens curiosidade em saber se o carvão é ou não

um corpo puro?

— Tenho. Mas não há pressa.

— Dizes sempre isso. É estranho, tenho a impressão de ter tão pouco tempo à minha frente.

Ela escovava seus belos cabelos castanhos; tornar-se-iam brancos e cairiam, e a pele do crânio far-se-ia em tiras. Tão pouco tempo... Nós nos amaríamos durante trinta ou quarenta anos e deitaríamos seu cadáver em uma cova semelhante àsquelas em que repousavam Catarina e Beatriz. Eu voltaria a ser uma sombra: apertei-a bruscamente contra mim.

— Tens razão — disse-lhe —, o tempo é curto demais, um amor como esse não devia acabar.

Ela contemplou-me com ternura, mas algo surpreendida com minha brusca atitude.

— Só acabará conosco.

Passou as mãos nos meus cabelos e disse com ar alegre:

— Sabes; se por acaso morreres antes de mim eu me matarei.

Apertei-a com força.

— Não — disse-lhe —, não sobreviverei a ti tampouco.

Deixei-a partir. Repentinamente, cada minuto me parecia precioso; vesti-me às pressas e às pressas desci ao laboratório. Uma agulha girava no mostrador do relógio; pela primeira vez, há séculos, teria gostado de pará-lo. Tão pouco tempo... Era antes de trinta anos, antes de um ano, antes de amanhã, que se fazia necessário responder às perguntas dela: o que ela não viesse a conhecer agora, não o conheceria nunca. Coloquei no provete o pedaço de diamante; conseguiria queimá-lo afinal? Ele cintilava, límpido e obstinado, escondendo seu duro segredo atrás de sua transparência. Conseguiria descobri-lo? Conseguiria descobrir os segredos do ar, da água, de todas as coisas familiares e misteriosas antes que fosse tarde demais? Lembrei-me do velho sótão com seu cheiro de ervas. O segredo ali estava, no fundo das plantas e dos pós, e eu pensava colérico: “Por que não o descobriremos agora?” Petrucchio passara a vida debruçado

sobre alambiques e morreria sem saber. O sangue corria em nossas veias, a terra girava e ele não soubera e não o saberia jamais. Gostaria de voltar atrás e levar-lhe por braçadas toda essa ciência com que ele tanto sonhara; mas era impossível, a porta fechara-se... Outro dia, outra porta se fecharia; também Marianne desapareceria no passado; e eu não podia dar um salto à frente para ir buscar além dos séculos o saber de que era ávida; era preciso esperar que o tempo passasse, era preciso suportar-lhe o desenrolar fastidioso minuto por minuto. Desviei o olhar do diamante cuja falsa transparência me fascinava. Não devia sonhar. Trinta anos, um ano, um dia, nada mais do que uma vida mortal. Suas horas estavam contadas. Minhas horas estavam contadas.

* * *

Sentada junto à lareira, Sophie lia *Pigmalião ou a Estátua Animada*, e os outros, no fundo da saleta forrada de seda verde-amêndoa, discutiam a melhor maneira de governar os homens; como se já tivesse havido algum meio de governá-los! Empurrei a porta-janela. Por que Marianne não voltara ainda? A noite caíra, só se distinguiam as árvores pretas fincadas na neve branca; o jardim recendia a frio; era um puro aroma mineral que me parecia respirar pela primeira vez. “Gostas da neve?” Junto dela, eu gostava da neve, ela deveria estar ali, a meu lado. Retornei ao salão e olhei, algo irritado, para Sophie que lia placidamente. Não gostava de seu rosto tranquilo, de sua alegria brusca, nem do grosseiro bom senso que ostentava; não gostava dos amigos de Marianne. Mas tinha necessidade de falar.

— Marianne deveria ter voltado há muito tempo — disse eu.

Sophie ergueu a cabeça:

— Ficou presa em Paris — disse como quem diz uma coisa evidente.

— A menos que tenha tido algum acidente.

Ela riu mostrando os grandes dentes brancos:

— Que temperamento inquieto!

Fixou novamente os olhos no livro. Eles nunca pareciam suspeitar que sua espécie era mortal; no entanto, bastava um choque, uma queda: uma roda de carruagem que se solta, um casco de cavalo, e seus ossos quebradiços partiam-se em pedaços, o coração deixava de bater, estavam mortos para sempre. Senti no coração aquele aperto que eu conhecia muito bem: isso acontecerá, um dia vê-la-ei morta. Eles podiam pensar: morrerei primeiro, morreremos juntos; e para eles a ausência teria um fim... Desci a escadaria correndo. Reconhecera o ruído da carruagem, abafado pela neve.

— Que medo me deste! Que aconteceu?

Ela sorriu-me e tomou-me o braço. A cintura não engordara muito, mas os traços estavam vincados, a tez turva.

— Por que voltas tão tarde?

— Não foi nada. Uma ligeira indisposição e esperei que passasse.

— Uma indisposição?

Olhei com cólera seus olhos pisados. Por que cedera? Ela quisera um filho e eis que ocorriam no seu ventre estranhas e perigosas alquimias. Fi-la sentar perto da lareira.

— É a última vez que vais a Paris.

— Que ideia! Estou passando otimamente.

Sophie olhava-nos com ar inquisidor e pertinente.

— Teve uma indisposição — disse-lhe.

— É normal — disse Sophie.

— Morrer também é normal — observei.

Ela sorriu com competência:

— A gravidez não é uma doença mortal.

— O médico disse que não preciso descansar antes de abril — disse Marianne.

Os dois homens tinham-se aproximado e ela observou, encarando-os alegremente:

— Que seria do Museu se eu o largasse!

— Será de qualquer jeito necessário que fiquem sem ti muito breve.

— De agora até abril Verdier estará completamente restabelecido — observou Marianne.

Verdier olhou-me e disse com vivacidade:

— Se está cansada, volto imediatamente para Paris; esses quatro dias de campo já me fizeram bem.

— Está sonhando! — disse Marianne. — Precisa de um repouso demorado.

Ele estava realmente abatido; estava lívido e tinha os olhos empapuçados.

— Descansem os dois — disse eu com impaciência.

— Então só restará fechar a universidade — disse Verdier.

Seu tom irônico agastou-me:

— Por que não? — perguntei.

Marianne olhou-me com um ar de censura e acrescentei:

— Nenhuma empresa merece que nela se comprometa a saúde.

— Ah! Se é para ser economizada, a saúde deixará de ser um bem — respondeu Verdier.

Olhei-os irritado. Juntavam-se contra mim; juntos recusavam-se a medir suas forças, a contar seus dias; cada um deles o recusava por si e pelos outros e sentiam-se confundidos nessa obstinação comum; ao passo que minha solicitude pesava a Marianne. Apesar de todo o meu amor, eu não era da sua espécie; qualquer homem mortal estava mais perto dela do que eu.

— Que notícias traz de Paris? — perguntou Sophie conciliante.

— Confirmaram-me que vão criar em toda a França cadeiras de física experimental.

A fisionomia de Prouvost animou-se:

— É o mais belo resultado que obtivemos até hoje.

— Sim, um grande passo à frente — disse Marianne. — Quem sabe! As coisas vão talvez andar mais depressa do que ousávamos esperar.

Seus olhos brilhavam e dirigi-me devagar para a porta. Não podia suportar ouvi-los falar com ardor desses dias em que até sua lembrança estaria apagada sobre a terra. Talvez fosse isso que me separasse deles irremediavelmente: viviam voltados intensamente para um futuro em que se realizariam todos os seus esforços presentes. E para mim o futuro era um tempo estranho, detestado; o tempo em que Marianne estaria morta, em que nossa vida me apareceria enterrada no fundo dos séculos, inútil, perdida; e esse tempo destinava-se a ser por sua vez enterrado, perdido e inútil.

Fora fazia um tempo frio e seco; milhares de estrelas cintilavam no céu: as mesmas estrelas. Olhei aqueles astros imóveis que forças contrárias atraíam. A Lua descambava para a Terra e a Terra para o Sol: e o Sol? Descambaria? Para que estrela desconhecida? Não podia ocorrer que sua queda compensasse a da Terra e que, na verdade, nosso planeta se achasse parado no meio do céu? Como saber? Sabê-lo-íamos um dia? E saberíamos por que as massas se atraíam? A atração; era uma palavra cômoda que servia para explicar tudo; seria mais do que uma palavra? Éramos realmente mais sábios do que os alquimistas de Carmona? Tínhamos esclarecido certos fatos que eles ignoravam, e os havíamos agrupado numa dada ordem; mas tínhamo-nos adentrado um só passo no coração misterioso das coisas? A palavra força seria mais clara do que a palavra virtude? A palavra atração mais do que a palavra alma? E quando denominávamos eletricidade a causa desses fenômenos que provocávamos esfregando âmbar num pedaço de vidro, estávamos mais bem informados do que quando chamávamos Deus a causa do mundo?

Baixei os olhos para a terra. As janelas do salão brilhavam no fundo do gramado branco; junto à lareira, atrás das janelas, eles

falavam. Falavam desse futuro em que não passariam de cinzas. Em torno deles havia o céu infinito, a eternidade sem limites, mas para eles haveria um fim; é por isso que lhes era tão fácil viver. Na sua arca bem fechada vogavam sem medo da noite para a noite: vogavam juntos. Lentamente tomei o caminho de casa; mas para mim não havia abrigo, nem futuro, nem presente. Apesar do amor de Marianne, eu estava excluído, eternamente.

* * *

“Caracol, mostra-me teus chifres.” Henriette cantarolava, aplicando contra o tronco da árvore o ventre em ventosa de um dos bichos com que enchera seu balde; Jacques girava em roda da tília tentando repetir o estribilho e Marianne acompanhava-o com o olhar, inquieta:

— Não achas que Sophie tem razão? A perna esquerda parece um pouco torcida.

— Leva-o a um médico.

— Os médicos não viram nada...

Ela examinava ansiosamente as perninhas rechonchudas; as crianças tinham excelente saúde, mas ela não se sentia nunca tranquila; seriam elas bastante bonitas, sadias, inteligentes, felizes? Censurava-me a mim mesmo por não poder partilhar suas preocupações; tinha amizade por aquelas crianças porque Marianne as trouxera em seu ventre; mas não eram meus filhos; uma vez eu tivera um filho, um filho meu: morrera com vinte anos; dele não sobrava mais um pedaço de osso sequer sob a terra...

— Queres comprar-me um caracol?

Acaricieei a face de Henriette; tinha minha fronte alta, meu nariz, um arzinho preciso e duro; não se parecia com a mãe.

— Essa é sólida — disse Marianne.

Escrutava-lhe o rostinho como para decifrar-lhe o futuro.

— Achas que ela será bonita?

— Sim, certamente.

Sem dúvida, seria jovem e bonita; depois, envelheceria, tornar-se-ia feia e desdentada, e um dia noticiar-me-iam sua morte.

— Qual dos dois preferes? — perguntou Marianne.

— Não sei. Gosto dos dois.

Sorri-lhe e nossas mãos juntaram-se. O tempo estava lindo. Os pássaros cantavam no viveiro, vespas zuniam nas glicínias; eu segurava a mão de Marianne na minha mas mentia-lhe. Amava-a mas não partilhava suas alegrias, suas dores e angústias: não gostava do que ela gostava. Ela estava só a meu lado e não o sabia.

— Escuta! Quem é que pode vir hoje?

Guizos tilintavam na avenida; uma carruagem transpôs o portão do parque e um homem desceu; era um homem idoso, bastante gordo e bem-vestido, que parecia andar com dificuldade; dirigia-se para o nosso lado, o rosto largo e risonho: era Bompard.

— Que fazes aqui? — disse eu num tom de surpresa que escondia mal minha cólera.

— Voltei da Rússia há uma semana.

Ele sorriu.

— Apresenta-me.

— É Bompard, que viste outrora em casa de Mme. de Montesson — disse eu a Marianne.

— Lembro-me — respondeu ela.

Examinou-o com curiosidade. Ele sentou-se e ela perguntou:

— Está chegando da Rússia: é um belo país?

— Frio — disse ele com rancor.

Puseram-se a falar de São Petersburgo, mas eu não ouvia. O sangue subira-me do coração à garganta e da garganta à cabeça; eu sufocava; reconhecia aquela escuridão ofuscante: era o medo.

— Que é que tens? — indagou Marianne.

— Foi o sol na cabeça.

Examinou-me com uma surpresa inquieta.

— Queres descansar?

— Não, isso passa.

Levantei-me.

— Vem — disse a Bompard —, vou mostrar-te o parque.
Desculpa-nos um instante — disse a Marianne.

Ela inclinou a cabeça. Mas seguiu-nos com um olhar perplexo; nunca tinha segredos para ela.

— Vossa mulher é encantadora — disse Bompard. — Agradar-me-ia conhecê-la melhor e falar-lhe de vós.

— Cuidado, sei vingar-me, lembras-te?

— Creio que hoje em dia teríeis muito a perder entregando-vos a violências inoportunas — disse ele.

— Queres dinheiro? Quanto?

— Sois realmente muito feliz, não é? — perguntou Bompard.

— Não te preocupes com minha felicidade. Quanto queres?

— Nunca se paga caro demais a felicidade. Quero cinquenta mil libras por ano.

— Trinta.

— Cinquenta. É sim ou não.

Meu coração batia com violência; dessa feita eu não jogava para perder e sim para ganhar, não fazia trapaças; meu amor era verdadeiro, uma verdadeira ameaça pesava sobre mim. Bompard não devia suspeitar a extensão de seu poder, senão dentro em pouco ele me arruinaria com suas exigências; eu não queria que Marianne ficasse na miséria.

— Não — disse-lhe. — Vai contar a Marianne. Não demoraria em perdoar-me e nada terás ganhado.

Ele hesitou:

— Quarenta mil.

— Trinta. É sim ou não.

— Aceito.

— Terás o dinheiro amanhã. E agora vai-te.

— Vou-me.

Olhei-o afastar-se e enxuguei minhas mãos úmidas. Parecia-me que jogara a vida.

— Que queria ele? — indagou Marianne.

— Dinheiro.

— Por que o recebeste tão mal?

— Traz-me recordações desagradáveis.

— Por isso é que parecias tão comovido ao vê-lo?

— É.

Ela me examinava com desconfiança.

— Engraçado — disse. — Dir-se-ia que ele te amedrontava.

— Estás sonhando. Por que teria medo dele?

— Há talvez entre ambos alguma coisa que não conheço.

— Eu te disse: é um homem a quem fiz muito mal. Sinto grande remorso.

— É só?

— Naturalmente.

Abracei-a.

— Por que te inquietas? Tive algum dia segredos contigo?

Ela tocou-me a fronte:

— Ah! Se eu pudesse ler teus pensamentos! Tenho ciúme de tudo o que se passa na tua cabeça sem mim e de todo o teu passado que conheço tão mal.

— Já o contei, a ti.

— Tu o contaste, mas não o conheço.

Apertou-se contra mim.

— Eu era infeliz — disse-lhe. — Eu não vivia. Deste-me a felicidade, deste-me a vida...

Hesitava. As palavras não me vinham aos lábios. Tinha um desejo apaixonado de não mais mentir, de me entregar a ela com a minha verdade; parecia-me então que, se ela me amasse imortal, eu estaria salvo com todo o meu passado e o meu futuro sem esperança.

— É verdade? — disse ela.

Seu olhos interrogavam-me. Ela sentia que eu tinha outra coisa a dizer-lhe. Eu recordava outros olhos: os de Carlier, os de Beatriz, os de Antônio. Tinha medo de ver seu olhar mudar.

— Amo-te — disse-lhe. — Não te basta isso?

Eu sorria e seu rosto inquieto desanuviou-se; sorriu-me confiante.

— Sim, basta-me.

Apoiei suavemente meus lábios nos seus lábios, meus lábios que ela acreditava perecíveis como os seus; e pensava: “Queira o céu que não descubra nunca a minha traição!”

* * *

Quinze anos haviam passado. Bompard pedira-me muitas vezes importâncias bastante elevadas que eu sempre lhe dera, mas há algum tempo não tinha mais notícias dele. Vivíamos felizes. Naquela noite, Marianne vestira um vestido de tafetá preto com listras vermelhas; em pé diante do espelho examinava-se cuidadosamente; eu a achava muito bonita ainda.

Voltou-se bruscamente:

— Como pareces moço! — disse-me.

Eu descolorira aos poucos os cabelos, usava óculos, esforçava-me por imitar as atitudes de um homem idoso, mas não podia mascarar o rosto.

— Tu também pareces moça.

Sorri.

— As pessoas a quem amamos nunca envelhecem aos nossos olhos.

— É verdade — concordou ela.

Inclinou-se sobre um ramalhete de crisântemos e pôs-se a arrancar as pétalas murchas.

— Lamento ter de acompanhar Henriette a esse baile. É uma noite perdida. Gosto tanto das nossas noites...

— Teremos outras.

— Mas esta estará perdida — disse ela com suspiro.

Abriu uma das gavetas da penteadeira e tirou uns anéis que enfiou nos dedos.

— Jacques gostava, tanto desse anel, lembras-te? — disse-me, mostrando um pesado anel de prata com uma pedra azul incrustada.

— Lembro-me.

Eu não me lembrava; não recordava nada dele.

— Ficava tão triste quando íamos a Paris; era sensível, mais do que Henriette.

Permaneceu silenciosa durante um momento, o rosto voltado para a janela. Fora, chovia; uma chuva fina de outono. O céu era de algodão por cima das árvores seminuas. Marianne adiantou-se alegremente e pôs as mãos nos meus ombros.

— Dize-me o que vais fazer, para que eu possa pensar em ti sem me enganar.

— Descerei ao laboratório e trabalharei até cair de sono. E tu?

— Passaremos em casa para comer qualquer coisa e depois me aborrecerei nesse baile até uma hora da manhã.

— Está pronta, mãe? — disse Henriette entrando no quarto.

Era esguia, fina como a mãe; herdara-lhe os belos olhos azuis, mas a fronte era um pouco alta demais e o nariz demasiado duro, o nariz dos Fosca. Trazia um vestido cor-de-rosa semeado de ramalhetes que não ia muito bem com os traços acentuados de seu rosto. Estendeu-me a fronte.

— Até logo, pai; vai aborrecer-se sem nós?

— Receio que sim.

Beijou-me rindo:

— Divertir-me-ei por dois.

— Até amanhã cedo — disse Marianne.

Passou docemente a mão pelo meu rosto, murmurando:

— Pensa em mim.

Debrucei-me à janela e vi-as subirem na carruagem que acompanhei com o olhar até a primeira curva da avenida. Sentia-

me desamparado. Por mais que fizesse, aquela casa era-me estranha, parecia-me ter-me instalado nela um dia antes e dever deixá-la no dia seguinte. Abri uma gaveta da penteadeira; havia um cofre com um cacho de cabelos de Jacques, uma miniatura de seu rosto, flores secas; noutra caixinha, Marianne guardara recordações de Henriette: um dente de leite, uma página manuscrita, um pedaço de pano bordado. Tornei a fechar a gaveta. Invejava Marianne por possuir tão preciosos tesouros.

Desci ao laboratório; estava vazio; o barulho de meus passos ressoou tristemente no ladrilho branco; em redor de mim, os frascos, os provetes, as retortas tinham um ar obstinado, hostil. Aproximei-me do microscópio. Marianne espalhara sobre a placa de vidro um pó fino de ouro; eu sabia que ela ficaria feliz se eu conseguisse dar-lhe uma descrição exata daquilo; quanto a mim, não tinha mais ilusões: nunca eu mudaria o velho cenário. Através dos microscópios e das lunetas, o que eu via eram meus próprios olhos; era somente permanecendo visíveis e tangíveis que as coisas se punham a existir, para nós, comportadamente situadas no espaço e no tempo entre as demais coisas; mesmo se subíssemos à Lua, se descêssemos ao fundo dos oceanos, permaneceríamos homens no coração de um mundo humano. Quanto às misteriosas realidades que escapavam aos nossos sentidos: as forças, os planetas, as moléculas, as ondas, não eram senão o imenso vazio cavado por nossa ignorância e que escondíamos com palavras. Nunca a natureza nos mostraria seus segredos; ela não tinha segredos; nós é que inventávamos perguntas e fabricávamos respostas a seguir: e nunca descobríamos no fundo de nossas retortas senão os nossos próprios pensamentos; estes podiam, no curso dos séculos, multiplicar-se, complicar-se, formar sistemas cada vez mais amplos e sutis, nunca me arrancariam para fora de mim mesmo. Apliquei o olho ao microscópio: aquilo sempre passaria por meus olhos, por meu pensamento; nunca nada seria *outro*, nunca eu seria outro.

Era meia-noite mais ou menos quando ouvi com surpresa um tilintar de guizos, o ruído de uma carruagem; as patas dos cavalos estalavam na terra molhada. Com uma tocha na mão, caminhei para a porta de entrada; Marianne saltou da carruagem. Estava só.

— Por que voltaste tão cedo? — perguntei.

Passou por mim sem me beijar, sem sequer me olhar; acompanhei-a à biblioteca. Ela aproximou-se da lareira e pareceu-me que tinha calafrios.

— Estás com frio? — disse-lhe.

Toquei-lhe a mão; ela recuou com vivacidade.

— Não.

— Que tens?

Ela virou o rosto para mim; estava muito pálida sob o capuz preto; olhava-me como se me visse pela primeira vez; eu já vira aquela expressão em outros olhos: era de horror.

Eu repetia: “Que tens?” Mas eu sabia.

— É verdade? — disse ela.

— De que falas?

— O que Bompard me disse é verdade?

— Viste Bompard? Onde?

— Mandou-me uma carta para casa. Fui visitá-lo. Encontrei-o numa poltrona, paralisado. Disse que queria vingar-se antes de morrer.

Falava de maneira brusca, o olhar parado; aproximou-se de mim:

— Ele tem razão — disse. — Nenhuma ruga em teu rosto.

Estendeu a mão e tocou-me os cabelos:

— Foram descoloridos, não é?

— Que foi que ele te contou?

— Tudo: Carmona, Carlos V... Isso parece-me impossível. É verdade?

— É.

— É verdade!

Recuou um passo; encarava-me com atenção, desvairada.

— Não me olhes com esses olhos, Marianne. Não sou um espectro.

— Um espectro me seria menos estranho do que tu — disse ela lentamente.

— Marianne! Nós nos amamos; nada pode arruinar um tal amor. Que importa o passado? Que importa o futuro? O que Bompard te disse não modifica nada entre nós.

— Tudo mudou, para sempre.

Deixou-se cair numa poltrona e escondeu o rosto nas mãos.

— Ah! Preferia que estivesse morto!

Ajoelhei-me diante dela; afastei-lhe as mãos do rosto.

— Olha-me. Não me reconheces? Sou eu, sou bem eu. Não sou outra pessoa.

— Ah! — disse-me com violência. — Escondeste-me a verdade.

— Ter-me-ias amado?

— Nunca!

— Por quê? Acreditas-me maldito? Um demônio habita em mim?

— Dei-me a ti inteiramente — disse ela. — Pensava que te davas também, para a vida e para a morte. E tu te emprestavas por alguns anos.

Um soluço sacudiu-a:

— Uma mulher entre milhões de outras mulheres. Um dia não te recordarás sequer de meu nome. E serás tu; serás bem tu e não outra pessoa.

Levantou-se.

— Não — disse ela. — É impossível.

— Meu amor, sabes que te pertenço. Nunca pertenci assim a ninguém e nunca mais isso será possível.

Tomei-a nos meus braços e ela abandonou-se com uma espécie de indiferença; parecia morta de cansaço.

— Escuta — disse-lhe. — Escuta.

Fez um sinal com a cabeça.

— Bem sabes que antes de te conhecer eu era um morto; foste tu que fizeste de mim um homem vivo; quando me tiveres deixado, tornarei a ser um fantasma.

— Não eras um morto — disse ela arrancando-se de mim. — Nunca serás um fantasma de verdade; e nem um só momento foste semelhante a mim. Tudo era falso.

— Um homem mortal não poderia sofrer por tua causa mais do que sofro neste momento. Nenhum te teria amado como te amo.

— Tudo era falso — repetia ela. — Não sofremos dentro do mesmo tempo e tu me amas do fundo de outro mundo. Estás perdido para mim.

— Não. Agora é que nos encontramos porque agora vamos viver dentro da verdade.

— Nada pode ser verdadeiro de ti para mim.

— Meu amor é verdadeiro.

— Que é teu amor? Quando dois seres mortais se amam, são moldados, corpo e alma, pelo seu amor, que é a própria substância desse corpo e dessa alma. Para ti... é um acidente.

Apoiou a mão na fronte e disse:

— Como estou só!

— Também estou só.

Durante um longo momento ficamos sentados em silêncio um ao lado do outro; lágrimas corriam pelas suas faces.

— Tentaste compreender que espécie de destino é o meu? — indaguei.

— Sim.

Olhou-me e algo adoçou-lhe a fisionomia:

— É horrível.

— Não queres ajudar-me?

— Ajudar-te?

Deu de ombros:

— Ajudar-te-ia durante dez ou vinte anos, que representa isso?

— Podes dar-me forças para séculos.

— E depois? Outra mulher virá socorrer-te?

Disse-me com paixão:

— Quisera não te amar mais.

— Perdoa-me. Eu não tinha o direito de te impor um tal destino.

Lágrimas vieram aos olhos. Ela jogou-se em meus braços e começou a soluçar com desespero.

— Não posso sequer desejar outro — disse-me.

* * *

Empurrei a porteira do prado e fui sentar-me à sombra da faia amarela. Vacas pastavam o capim ensolarado, fazia muito calor. Fiz estalar entre os dedos uma casca vazia; passara horas debruçado sobre um microscópio e estava contente de ver a terra com meus olhos. Marianne esperava-me embaixo da tília ou no salão fresco de persianas abaixadas, mas eu sentia-me melhor longe dela; enquanto estávamos separados, podíamos imaginar que nos íamos encontrar.

Uma vaca parara perto de uma árvore, esfregando a cabeça no tronco; eu imaginava ser essa vaca; sentia no rosto uma carícia rugosa e no ventre uma noite quente e verde; o mundo era um imenso prado que entrava em mim pela boca, pelos olhos; isso podia durar uma eternidade. Por que não era eu capaz de permanecer eternamente deitado sob essa faia sem um movimento, sem um desejo?

A vaca estava parada diante de mim; fixava-me com seus grandes olhos de cílios ruços; o estômago inchado de erva fresca, ela contemplava placidamente o mistério dessa coisa que estava lá e que não servia para nada, olhava-me e não me via, continuava encerrada dentro de seu universo ruminante. E eu olhava a vaca, o céu liso, os álamos, a erva dourada, e que via? Estava fechado no meu universo de homem, fechado nele para a eternidade.

Estendi-me de costas, fixei o céu. Nunca eu passaria para o outro lado daquele céu; prisioneiro de minha própria presença, só perceberia em torno de mim, e para sempre, os muros de um calabouço. Novamente olhei o prado. A vaca deitara e ruminava. Um cuco cantou duas vezes; o apelo calmo, que não solicitava nada, engolfou-se no silêncio. Levantei-me e encaminhei-me para casa.

— Trabalhaste bem?

— Recomecei as experiências de ontem. Deverias ter vindo ajudar-me. Estás ficando preguiçosa.

— Não temos tanta pressa assim. Tens todo o tempo.

Torceu ligeiramente a boca.

— Estou cansada.

— Não vais melhor?

— A mesma coisa, sempre.

Queixava-se de dores no ventre; emagrecera muito e sua tez amarelara. Dez anos, vinte anos... Agora eu contava os anos e às vezes surpreendia-me pensando: “Depressa! Que aconteça depressa!” Ela principiara a agonizar desde o dia em que soubera de meu segredo.

— Que vou responder a Henriette? — perguntou ela após um momento.

— Não resolveste ainda?

— Não. Penso nisso dia e noite. É tão grave.

— Ela ama esse homem?

— Se amasse não pediria conselho. Mas talvez seja mais feliz com ele do que com Luís...

— Talvez.

— Se ela tivesse outra vida, sem dúvida seria diferente, não acha?

— Certamente.

Já tínhamos tido essa conversa mais de vinte vezes e por amor a Marianne eu gostaria de interessar-me. Mas como? Que

Henriette ficasse com o marido ou seguisse o amante, seria sempre Henriette.

— Só que, se ela partir, Luís guardará a menina. Que vida terá essa criança?

Marianne olhou-me. Havia agora algo maníaco e inquieto em seu olhar.

— Tu tratarás dela?

— Nós trataremos juntos.

Ela deu de ombros:

— Bem sabes que não estarei mais aqui.

Estendeu a mão e colheu pela janela um punhado de glicínias.

— Deveria dar um sentimento de segurança pensar que tu estarás sempre presente. As outras pensavam que era uma segurança?

— Que outras?

— Catarina, Beatriz.

— Beatriz não me amava. E Catarina esperava, sem dúvida, conseguir de Deus que eu me juntasse um dia a ela no céu.

— Ela te disse?

— Não sei; mas pensava-o, sem dúvida.

— Não sabes? Não te lembras?

— Não.

— De quantas palavras dela ainda te lembras?

— Algumas.

— E da voz? Lembras-te da voz?

— Não.

Peguei-lhe a mão.

— Eu não a amava como te amo.

— Oh! Eu sei que me esquecerás. É, sem dúvida, melhor. Todas essas recordações devem pesar.

Pousara as glicínias sobre os joelhos e apertava as flores com seus dedos magros.

— Viverás em meu coração muito mais tempo do que terias vivido em um coração mortal — disse-lhe.

— Não — respondeu asperamente. — Se fosse mortal, eu viveria em ti até o fim do mundo, porque tua morte seria para mim o fim do mundo. Ao passo que vou morrer em um mundo que não acabará nunca.

Não respondi. Nada poderia responder.

— Que farás depois? — disse-me ela.

— Tentarei querer o que terias querido, agir como terias agido.

— Tenta ser um homem entre os homens. Não há outra solução para ti.

— Tentarei. Agora, os homens me são caros porque são teus semelhantes.

— Ajuda-os. Coloca tua experiência a serviço deles.

— Eu o farei.

Ela falava-me amiúde de meu triste futuro. Mas ela não podia impedir a si mesma de imaginá-lo com seu coração mortal.

— Promete?

Um pouco do antigo fervor brilhava-lhe nos olhos.

— Prometo.

Uma vespa veio pousar, zunindo, no cacho de flores violeta; ao longe uma vaca mugiu.

— Talvez seja meu último verão — disse ela.

— Não fales assim.

— Haverá um verão que será meu último verão.

Sacudiu a cabeça:

— Não te invejo. Mas não me invejes tampouco.

Durante muito tempo, ficamos sentados perto da janela, incapazes de nos socorrermos, mais separados do que se um de nós tivesse morrido, não mais podendo agir juntos nem quase nos falar. E, no entanto, amávamo-nos desesperadamente.

* * *

— Transporta-me para a janela — disse Marianne. — Gostaria de ver o sol deitar-se, uma última vez.

— Vais-te cansar.

— Por favor. Pela última vez.

Puxei as cobertas e levantei-a nos braços. Emagrecera tanto que não pesava mais que uma criança. Ela afastou a cortina da janela.

— Sim — disse —, lembro-me. Era lindo.

Largou a cortina.

— Para ti tudo continuará a existir — disse num soluço.

Estendi-a novamente na cama; seu rosto estava amarelo e enrugado; tinham-lhe cortado os cabelos porque seu peso a fatigava, e sua cabeça tornara-se tão pequena que lembrava aquelas cabeças embalsamadas que juncavam a praça de aldeia índia.

— Vão acontecer tantas coisas — disse —, grandes coisas. E eu não as verei!

— Podes resistir muito tempo ainda. O médico disse-me que teu coração está muito sólido.

— Não mintas! — disse-me com uma cólera súbita. — Mentiste-me bastante. Sei que está tudo acabado. Vou partir, vou partir sozinha. E tu ficarás sem mim, para sempre.

Pôs-se a soluçar apaixonadamente.

— Sozinha! Deixas-me partir sozinha!

Tomei-lhe a mão, apertei-a. Como quisera dizer-lhe: “Morro contigo! Não de enterrar-nos no mesmo túmulo, vivemos nossa vida, agora nada mais existe!”

— Amanhã — disse ela. — O sol deitar-se-á e eu não estarei mais em lugar nenhum. Só haverá meu corpo. E um dia, quando abrires meu caixão, só restará um pouco de cinza. Até os ossos terão virado cinza. Até os ossos... — repetiu. — E para ti tudo continuará como se eu nunca tivesse existido!

— Eu viverei contigo, através de ti...

— Tu viverás sem mim. E um dia tu me terás esquecido. Ah! — disse num soluço. — É injusto!

— Desejaria poder morrer contigo — disse-lhe.

— Mas não podes.

O suor escorria-lhe pelo rosto, sua mão estava úmida e fria.

— Se ao menos eu pensasse: Ele vai juntar-se a mim dentro de dez anos, de vinte anos, seria menos duro morrer. Mas não. Nunca. Tu me abandonas para sempre.

Disse-lhe: “Pensarei em ti sem cessar.” Mas ela não pareceu entender-me; recaíra sobre o travesseiro exausta, e murmurou:

— Eu te detesto.

— Marianne! Não sabes mais como te amo?

Ela sacudiu a cabeça:

— Sei tudo. Eu te detesto.

Fechou os olhos; ao fim de um momento, pareceu dormir, mas gemia no sono. Henriette veio sentar-se perto de mim; era uma mulher grande, de traços duros.

— A respiração diminui — disse-me.

— É. É o fim.

Os dedos de Marianne crispavam-se, os cantos da boca baixaram num ríctus de intenso sofrimento, de asco e censura; depois, suspirou e todo o seu corpo se relaxou.

— Como morreu suave — disse Henriette.

Enterramo-la dois dias depois. Seu túmulo erguia-se no meio do cemitério, pedra entre as pedras, ocupando sob o céu exatamente o lugar de um túmulo. Quando a cerimônia terminou, eles partiram, deixando atrás Marianne, seu túmulo, sua morte. Eu fiquei sentado nas lajes; sabia que a morta não estava no túmulo; tinham largado ali o cadáver de uma mulher velha, com um coração cheio de amargura; mas Marianne, com seus sorrisos, suas esperanças, seus beijos, sua ternura, permanecia de pé à beira do passado; eu a via ainda, eu podia ainda falar-lhe, sorrir-lhe, sentia em mim aquele olhar que fizera de mim um homem entre os homens; dentro de um instante a porta fechar-se-ia novamente, eu queria impedir que tornasse a fechar-se. Não se devia mexer, nada mais ver, nada mais ouvir, era preciso renegar o mundo presente; estendi-me no chão, fechei os olhos,

com todas as minhas forças retesadas eu mantinha a porta aberta, impedia o presente de nascer a fim de que o passado continuasse existindo.

Isso durou um dia, uma noite e mais algumas horas. E bruscamente estremeci; nada ocorreu, mas eu ouvia distintamente o zunir das abelhas entre as flores do cemitério; ao longe uma vaca mugiu: eu lhe ouvia o mugido. No fundo de mim mesmo, havia um choque surdo: aconteceu; a porta fechava-se; ninguém mais a transporia. Estendi as pernas adormecidas; soergui-me sobre o cotovelo: Que faria agora? Iria levantar-me e continuar a viver? Catarina estava morta, Antônio, Beatriz, Carlier, todos os que eu amara estavam mortos e eu continuava a viver; estava presente, o mesmo há séculos; meu coração podia bater, durante um momento, de piedade, de revolta, de desespero: mas eu esquecia. Enfiei os dedos na terra e disse com desespero: “Não quero.” Um homem mortal teria podido recusar-se a continuar seu caminho, poderia ter eternizado a revolta; poderia matar-se. Mas eu era escravo da vida que me puxava para a frente, para a indiferença e para o esquecimento. Era vão resistir. Levantei-me e tomei lentamente o caminho de casa.

Quando entrei no jardim, vi que metade do céu estava coberta de nuvens negras; a outra metade era de um azul tranquilo; um dos muros da casa parecia cinzento, enquanto que a fachada era de um branco gritante e duro; a erva parecia amarela. De quando em vez, um vento de borrasca dobrava as árvores e os arbustos, depois tudo se imobilizava novamente. Marianne gostava das tempestades. Não podia eu fazê-la viver através de mim? Sentei-me sob a tília, no lugar dela. Olhei as sombras violeta, os brancos crus, respirei o perfume das magnólias; mas as luzes e os perfumes não me diziam nada; o dia não era para mim; ficara em suspenso, exigia ser vivido por Marianne. Marianne não o vivia e eu não podia substituí-la. Junto com Marianne um mundo soçobrara, um mundo que nunca mais emergiria à luz. Agora,

todas as flores principiavam a assemelhar-se, os matizes do céu tinham-se confundido. E os dias teriam somente uma cor: a cor da indiferença.

Uma servente abrira a porta do albergue e jogara um balde de água sobre a calçada, olhando desconfiada para Régine e Fosca; no primeiro andar persianas tinham batido. Régine disse:

— Talvez nos deem um café!

Entraram. Uma mulher lavava o soalho da sala de jantar; Régine e Fosca sentaram-se a uma mesa coberta de oleado.

— Poderíamos beber alguma coisa? — perguntou Régine.

A mulher ergueu a cabeça, torceu o pano molhado em cima do balde cheio de água suja, e bruscamente pôs-se a sorrir.

— Posso servir uma espécie de café com leite.

— Bem quente — disse Régine.

Olhou para Fosca:

— Então — disse —, há apenas dois séculos você era ainda capaz de amar?

— É, há apenas dois séculos.

— E naturalmente você logo a esqueceu?

— Logo não — disse Fosca. — Houve um longo período em que vivi sob o olhar dela. Cuidei da filha de Henriette, vi-a crescer, casar-se, morrer; deixara um menino chamado Armand e dele cuidei igualmente. Henriette morreu quando ele chegou aos quinze anos. Era uma velha egoísta e dura e que me detestava porque conhecia meu segredo.

— Mas você pensava muitas vezes em Marianne?

— O mundo em que eu vivia era o mundo dela, os homens eram seus semelhantes; trabalhando para eles era para ela que eu trabalhava. Isso me auxiliou a viver cerca de cinquenta anos: fazia pesquisas de física e química.

— Tudo isso não a impedia de estar morta.

— Havia algum meio de impedi-lo?

— Não — respondeu Régine —, por certo não havia meio algum.

A servente colocou sobre a mesa a cafeteira, um pote de leite e duas grandes tigelas, cor-de-rosa, decoradas com borboletas azuis: “Exatamente as tigelas de minha infância”, pensou Régine. Era um pensamento maquinal, já essas palavras não queriam dizer mais nada; ela não tinha mais infância, mais futuro; para ela tampouco, não havia mais cores, nem odores, nem luz. Fosca enchera-lhe a tigela e ela levou-a aos lábios. Isso ela ainda podia sentir, o calor vivo no céu da boca, na garganta; bebeu avidamente.

— A história está quase terminada — disse Fosca.

— Acabe — disse ela —; acabemos com isso.

Quinta parte

Algures, no fundo dos corredores, um tambor pôs-se a ressoar e todos os olhares voltaram-se para a porta. Havia lágrimas nos olhos de Brennand; Spinelle cerrava os lábios e o nó da garganta subia e descia convulsivamente em seu pescoço magro; Armand enfiava a mão no bolso do casaco; sob o colar de barba negra, tinha o rosto pálido, macilento. As janelas achavam-se fechadas, mas ouviam-se os gritos que vinham da praça. Eles urravam: “Chega de Bourbons! Viva a República! Viva La Fayette!” Fazia muito calor; o suor escorria da fronte de Armand, mas eu sabia que um calafrio lhe percorria a espinha. Agora eu lia neles; sentia o frio do metal na sua mão úmida, o frio da grade de ferro da sacada na minha mão. Eles gritavam: “Viva Antônio Fosca! Viva Carmona!” Uma igreja ardia dentro da noite, a vitória brilhava chamejante no céu, e as cinzas negras da derrota recaíam em cheio no meu coração; o ar tinha um gosto de impostura. Eu apertava a balaustrada e pensava: “Não poderá nada um homem?” Ele apertava a coronha do revólver, pensava: “Posso alguma coisa.” Estava disposto a morrer para se convencer disso.

Bruscamente cessou o ruído do tambor. Houve um barulho de passos e o homem apareceu: sorria mas estava pálido, tão pálido como Armand; sob a fita tricolor que trazia no peito, o coração batia com força; tinha a boca seca. La Fayette caminhava a seu lado; a mão de Armand saiu lentamente do bolso; peguei-lhe o punho.

— Inútil — disse-lhe. — Descarreguei-o.

Na sala, uma voz imensa erguera-se: a voz do mar, do vento, dos vulcões; o homem passou diante de nós; apertei fortemente a mão de Armand e ela fez-se mole na minha; tomei-lhe o revólver. Ele olhou-me e um pouco de sangue subiu-lhe ao rosto.

— É uma traição — disse-me.

Dirigiu-se para a porta e desceu a escada correndo. Corri atrás dele. Na praça, eles agitavam bandeiras tricolores e alguns ainda gritavam: “Viva a República!” Mas a maioria emudecera; olhavam

fixamente as janelas da Prefeitura, hesitavam. Armand deu alguns passos e grudou-se a um lampião como um homem embriagado; tremiam-lhe as pernas. Chorava. Chorava porque estava vencido e porque sua vida fora salva. Ele estava deitado na cama com um buraco no ventre, era vencedor e estava morto; ele sorria. Bruscamente ouviu-se um clamor: “Viva La Fayette! Viva o Duque de Orléans!” Armand ergueu a cabeça e viu o duque e o general abraçados na sacada da Prefeitura e envolvidos numa bandeira tricolor.

— Ganharam! — disse. Não havia cólera em sua voz, mas tão somente um grande cansaço. — Não tinha o direito, era nossa única possibilidade.

— Era um suicídio inútil — disse eu secamente. — Que representa o duque? Nada. A morte dele não mudaria nada. A burguesia está resolvida a escamotear essa revolução e ela o conseguirá, porque o país não está maduro para a República.

— Escute-os! — disse Armand. — Deixaram-se manobrar como crianças. Será que ninguém lhes abrirá os olhos?

— Você também é uma criança — respondi-lhe, tocando-lhe o ombro. — Pensa que bastam três dias de motim para fazer a educação de um povo!

— Eles queriam a liberdade. Deram sangue por ela.

— Deram sangue, mas sabem eles por quê? Não conhecem eles próprios sua verdadeira vontade.

Tínhamos chegado à margem do Sena; Armand caminhava a meu lado, de cabeça baixa, arrastando os pés com lassidão.

— Ainda ontem a vitória estava em nossas mãos — disse-me.

— Não. Nunca estiveram vitoriosos porque não eram capazes de explorar os êxitos. Não estavam preparados.

Uma sobrepeliz branca balançava sobre as águas, impelida pela correnteza. Um barco, arvorando uma bandeira preta, achava-se parado junto ao cais; homens traziam padiolas e as depositavam na margem, e o cheiro subia à multidão silenciosa debruçada sobre o parapeito da ponte, o cheiro de Rivelles, das

praças romanas, dos campos de batalha, o cheiro das vitórias e das derrotas, tão insosso após o brilho vermelho do sangue. Empilhavam os cadáveres no barco e cobriam-nos com palha.

— Morreram, então, por nada — disse Armand.

Eu olhava a palha cor de sol, sob a qual fermentavam carnes humanas recheadas de larvas. Mortos pela humanidade, pela liberdade, pelo progresso, pela felicidade, mortos por Carmona, pelo Império, mortos por um futuro que não era o deles, mortos porque se acaba sempre morrendo, mortos por nada. Mas não disse as palavras que me vinham aos lábios; aprendera a falar-lhes.

— Morreram pela Revolução de amanhã — disse eu. — Durante esses três dias, o povo descobriu sua força; não sabe ainda servir-se dela mas há de sabê-lo amanhã. Sabê-lo-á se vocês trabalharem para preparar o futuro, em lugar de se entregarem inutilmente ao martírio.

— Tem razão — disse-me ele. — Não é de mártires que a República precisa.

Durante um momento, ficou encostado ao parapeito, olhos fixos no barco fúnebre, depois virou:

— Gostaria de passar no jornal.

— Irei com você.

Deixamos o cais. Numa esquina, um homem colocava um cartaz no muro. Lia-se em grandes caracteres pretos: “O Duque de Orléans não é um Bourbon, é um Valois.” Adiante, vimos numa paliçada um manifesto republicano rasgado.

— Nada podemos! — disse Armand. — Quando ontem tudo podíamos!

— Paciência, tem uma vida à sua frente.

— Sim, graças a você.

Tentou sorrir-me:

— Como adivinhou?

— Vi-o carregar o revólver. Não é difícil ler em você.

Atravessamos a rua e Armand encarou-me com perplexidade:

— Pergunto-me por que cuida de mim com tamanha solicitude.

— Já lhe disse: gostei muito de sua mãe; você tornou-se-me caro por esse motivo.

Ele não respondeu, mas, ao passarmos diante de um mostruário de vidros rachados pelas balas, disse-me:

— Já observou como nos parecemos?

Olhei as duas imagens; o rosto imutável, que era o meu há séculos, e seu jovem rosto com largos cabelos pretos, seu colar de barba, seus olhos ardentes: tínhamos o mesmo nariz, o nariz dos Fosca.

— Que é que está imaginando? — indaguei.

Hesitou.

— Eu lhe direi mais tarde.

Chegávamos diante do edifício do *Progrès*; havia um grupo de homens andrajosos na calçada batendo à porta fechada, procurando forçá-la a golpes de ombros e gritando: — Queremos fuzilar esses republicanos!

— Imbecis! — disse Armand.

— Entremos pela porta dos fundos.

Contornamos o bloco de casas e batemos; abriu-se um postigo e em seguida a porta entreabriu-se:

— Entrem depressa — disse Voiron.

Tinha a camisa aberta no peito suado e segurava um fuzil.

— Procure convencer Garnier a sair. Vão assassiná-lo.

Armand galgou a escada num salto. Garnier estava sentado à beirada de uma mesa na sala de redação, no meio de um grupo de jovens. Não tinham armas. Ouviam-se os golpes surdos que vinham do térreo, bem como os gritos de morte.

— Que é que espera? — disse Armand. — Saia pela portinhola.

— Não. Quero recebê-los.

Tinha medo. Eu podia ler-lhe o medo no canto da boca e nos dedos crispados.

— Não é de mártires que a República precisa — disse Armand.

— Não se deixe assassinar.

— Não quero que quebrem minhas prensas, que queimem meus papéis. Eu os receberei.

A voz era firme, os olhos duros. Mas eu sentia o medo dentro dele. Se não tivesse tido medo, talvez houvesse consentido em sair. Acrescentou com altivez:

— Não retenho ninguém.

— Não é verdade — disse-lhe. — Bem sabe que esses jovens não o abandonarão.

Olhou em redor e pareceu hesitar. Nesse instante, ouviu-se um estrondo e um atropelo desenfreado na escada. Gritavam: “Morte aos republicanos!” A porta envidraçada abriu-se, e eles entraram de baionetas em punho, pareciam meio bêbados.

— Que desejam? — disse Garnier com sua voz seca.

Hesitaram, e um deles gritou:

— Sua pele suja de republicano!

Tomou impulso e só tive tempo de me jogar à frente de Garnier. Recebi o golpe de baioneta em pleno peito.

— Então não passam de assassinos? — gritou Garnier.

Sua voz chegava-me de muito longe; eu sentia o sangue molhar-me a camisa e havia uma bruma em torno de mim. Pensava: “Talvez morra dessa vez; talvez seja o fim.” Depois, encontrei-me deitado numa mesa, um pano branco amarrado ao peito. Garnier continuava a falar e os homens recuavam para a porta.

— Não se mexa. Vou buscar um médico.

— É inútil — disse eu. — A arma bateu num osso. Não é nada.

Na rua continuavam a gritar sob as janelas: — Fuzilemos os republicanos! — Mas os homens tinham dado meia-volta e desciam as escadas. Levantei-me, fechei a camisa e abotoei o casaco.

— Salvou-me a vida — disse Garnier.

— Não agradeça antes de saber o que a vida lhe reserva.

Pensava: “Eis que lhe vai ser preciso viver anos com seu medo.”

— Vou para casa descansar — disse eu.

Armand desceu comigo; andamos alguns instantes em silêncio, depois ele disse:

— Você devia ter morrido...

— A arma bateu...

Ele interrompeu-me.

— Nenhum homem mortal estaria de pé depois de tal golpe.

Tomou-me o punho:

— Diga-me a verdade.

— Que verdade?

— Por que cuida de mim? Por que nos parecemos? Como não morreu, posto que a baioneta não bateu em osso algum?

Falava com voz febril e seus dedos crispavam-se no meu braço:

— Há muito eu desconfiava...

— Não sei o que quer dizer.

— Desde minha infância, sei que tenho entre meus antepassados um homem que não deve morrer; desde a infância desejo encontrá-lo.

— Sua mãe falou-me dessa lenda — disse-lhe. — Pode acreditar nisso?

— Sempre acreditei. E sempre pensei que juntos poderíamos fazer grandes coisas, desde que ele tivesse alguma amizade por mim.

Seus olhos brilhavam, fitavam-me com um ardor apaixonado; Carlos virara a cabeça, o lábio inferior pendia; sob as pálpebras caídas, os olhos pareciam mortos e eu lhe prometia: Faremos grandes coisas. Guardei silêncio e Armand disse com importância:

— É segredo? Por que tamanho mistério?

— Acredita-me imortal e pode olhar-me sem horror?

— Que há de horrível nisso?

Um sorriso iluminou-lhe o rosto; pareceu-me muito jovem repentinamente e algo moveu-se em meu coração; era insosso,

como um perfume muito antigo, um pouco amortecido; repuxos cantavam.

— É você, não é?

— Sim.

— Então, o futuro é nosso. Obrigado por me ter salvado a vida.

— Não se regozije — disse-lhe. — Viver a meu lado é perigoso para os homens mortais. Sua experiência parece repentinamente curta demais, suas empresas, vãs.

— Sei que só tenho uma vida de homem à minha frente — disse-me. — Sua presença não muda nada.

Olhava-me como se me visse pela primeira vez, e já procurava avidamente tirar proveito da possibilidade extraordinária que se lhe oferecia.

— Que coisas viu? Assistiu à grande Revolução?

— Sim.

— Contar-me-á isso.

— Não me interessei muito.

— Ah!

Examinava-me com certa decepção.

Eu disse bruscamente.

— Eis-me em casa.

— Não lhe incomodaria se eu subisse um momento?

— Nada me incomoda nunca.

Empurrei a porta da biblioteca. Marianne sorria no seu quadro oval, o vestido azul descobria-lhe os jovens ombros.

— Eis a avó de sua mãe — disse-lhe. — Foi minha mulher.

— Era bela — disse Armand cortesmente.

Seu olhar deu a volta à peça.

— Leu todos esses livros?

— Mais ou menos.

— Deve ser um grande sábio.

— Não me interessei mais pela ciência.

Eu contemplava Marianne; tinha vontade de lhe falar; desde muito estava morta; mas para Armand agora é que ela começava

a existir; ela podia ressuscitar bela, jovem, ardente, no coração dele.

— Tinha fé na ciência — disse eu. — Acreditava no progresso, na razão, na liberdade, como você. Era apaixonadamente devotada à felicidade dos homens...

— Não acredita nisso?

— Sem dúvida. Mas ela era outra coisa. Era tão viva; tudo o que tocava vivia: as flores, as ideias.

— As mulheres são frequentemente mais generosas do que nós — comentou Armand.

Puxei as cortinas sem responder e acendi uma lâmpada. Que era Marianne para ele? Uma morta entre milhões de mortos. Ela sorria seu sorriso parado dentro de um quadro oval; nunca renasceria.

— Por que não se interesse mais pela ciência? — indagou Armand.

Ele vacilava de cansaço e suas pálpebras tremiam; mas não se decidia a deixar-me antes de ter achado como tirar proveito de mim.

— Ela não permite ao homem sair de si mesmo — disse eu.

— Será necessário que saia?

— Não é, sem dúvida, necessário para você.

Acrescentei bruscamente:

— Você deveria descansar um pouco. Está com cara de esgotado.

— Tenho dormido pouco há três dias — explicou ele com um sorriso de desculpa.

— É uma dura prova morrer e ressuscitar no mesmo dia — disse eu. — Deite-se no sofá e durma.

Ele jogou-se sobre o sofá.

— Vou dormir uma hora — disse ele.

Fiquei em pé perto do sofá. Caía a noite. Ao longe, clamores de festa subiam no crepúsculo, mas no gabinete de cortinas cerradas não se ouvia outro ruído senão o da leve respiração de

Armand. Já dormia. Pela primeira vez há quatro dias, estava liberto do medo, da esperança; dormia e eu é que estava de vigília e sentia em meu coração o peso daquele dia que agonizava pesadamente por trás das vidraças. Praças desertas de Pégola, campanários dourados, inacessíveis de Florença, gosto inosso de vinho na sacada de Carmona... Mas ele conhecia também a embriaguez triunfante, o riso enorme de Malatesta, o sorriso de Antônio morrendo; Carlier olhava o rio amarelo escarnecendo: cheguei. E eu com minhas duas mãos rasgava a camisa, a vida sufocava-me. E em meu peito havia também a esperança, o sol vermelho no céu nevoento, a linha azul das colinas no fundo da planície, as velas que desapareciam no horizonte, engolidas pela curvatura invisível da terra. Debrucei-me sobre Armand, olhei o jovem rosto devorado pelo musgo preto: com que sonhava? Dormia como tinham dormido Tancredo, Antônio, Carlos, Carlier; assemelhavam-se todos; e, no entanto, para cada um a vida tinha um gosto específico, que era o único a conhecer: ela não recomeçava nunca; em cada um era nova totalmente. Ele não sonhava com as praças de Pégola nem com o grande rio amarelo; tinha seus próprios sonhos de que eu não podia arrancar uma só parcela; eu nunca conseguiria evadir-me de mim mesmo e infiltrar-me num deles; podia tentar servi-lo, mas não veria com seus olhos, não sentiria com seu coração. Arrastava comigo para sempre o sol vermelho, o tumulto do rio lodoso, a solidão odienta de Pégola: meu passado! Afastei-me de Armand; não tinha, dele como de nenhum outro, nada a esperar.

* * *

A fumaça desenhara um círculo azulado no ar amarelo, depois o círculo esticou, balançou e partiu-se. Algures, numa praia prateada, uma sombra de palmeira avançava em direção a uma pedra branca. Quisera estar deitado naquela praia; todas as

vezes que tentara falar a linguagem deles, sentia-me vazio e cansado.

“Em matéria de impressão e publicação escrita, o flagrante delito só existe quando o apelo à revolta se imprime em lugar conhecido de antemão pelos agentes da autoridade. Nem um só dos escritores detidos há um mês com mandado de prisão foi realmente surpreendido em flagrante delito.”

Na peça vizinha, Armand lia meu artigo em voz alta, os outros escutavam; por vezes, aplaudiam satisfeitos. Aplaudiam, mas, se eu tivesse empurrado a porta, seus semblantes se teriam imobilizado. Por mais que trabalhasse com eles todas as noites, por mais que escrevesse o que desejavam, para eles eu continuava um estranho.

“Digo que, quando, tendo arrancado de seu lar um homem inocente, tendo-o retido durante semanas numa cela mediante uma acusação ilegal, ousais condená-lo a pretexto de que o desespero e a cólera lhe arrancaram alguma palavra amarga contra vossos magistrados, calcais sob os pés os direitos sagrados que o povo francês pagou com seu sangue.”

Escrevera essas palavras e pensava: “Marianne estaria satisfeita comigo”; mas já não as reconhecia mais; em mim não havia senão silêncio.

— Eis um artigo que vai dar o que falar — disse Garnier.

Aproximara-se da mesa e olhava-me, torcendo nervosamente a boca. Quisera dizer-me algo amável; era o único a não ter medo de mim; mas não conseguíamos nunca conversar.

— Haverá processo — disse ele afinal. — Mas nós o ganharemos.

A porta abriu-se de repente e Spinelle entrou. Tinha o rosto corado e em seus cabelos crespos havia frio e noite. Jogou o xale numa cadeira:

— Houve arruaça em Ivry — disse ele. — Os operários quebraram os teares. Chamaram a tropa, que atacou de baioneta calada.

Falava tão depressa que gaguejava. Não se preocupava com os operários, nem com as máquinas quebradas, nem com o sangue derramado; era feliz porque trazia notícias importantes para seu jornal.

— Houve mortos? — disse Garnier.

— Três mortos e vários feridos.

— Três mortos...

A fisionomia de Garnier estava tensa. Ele também estava muito longe de Ivry, dos gritos, das lutas; imaginava um título em grandes caracteres: *A tropa ataca os operários a baioneta*. Já pensava as primeiras palavras do artigo.

— Quebram as máquinas! — disse Armand. — Deveríamos explicar-lhes que isso é idiota...

— Que importa? — disse Garnier. — O importante é que tenha havido arruaça.

Voltara-se para Spinelle.

— Desço ao mármore; venha comigo.

Saíram e Armand sentou-se numa poltrona à minha frente: ele refletia.

— Garnier engana-se — disse ele por fim. — Esses motins não adiantam nada. Tinha razão ao explicar-me que é preciso primeiramente educar o povo.

Deu de ombros:

— Imaginar que ainda estão quebrando máquinas!

Não respondi. Ele não esperava resposta. Examinava-me com perplexidade e eu não podia adivinhar que pensamentos ele buscava em meu rosto.

— O que torna as coisas difíceis é que eles desconfiam de nós. Cursos noturnos, reuniões públicas, brochuras, não é assim que os atingiremos. Nossas palavras deslizam sobre eles.

Havia um apelo em sua voz. Sorri-lhe:

— Que espera de mim?

— Para conseguir ascendência sobre eles, seria preciso viver no meio deles, trabalhar com eles, lutar ao lado deles: ser um

deles.

— Quer que me faça operário?

— Sim. Poderia realizar um imenso trabalho.

Olhava-me avidamente e eu me sentia em segurança sob o seu olhar: era unicamente uma força a explorar. Não lhe inspirava horror nem amizade, servia-se de mim, eis tudo.

— Seria um grande sacrifício a solicitar de um homem mortal. Mas, para você, dez ou quinze anos de vida não devem pesar muito.

— Com efeito — disse eu —, não pesam muito.

Sua fisionomia iluminou-se:

— Então aceita?

— Posso tentar.

— Oh! Não é difícil. Se tentar, terá êxito.

Repeti:

— Tentarei.

Estava deitado perto do formigueiro, ela viera e eu me levantara e ela me dissera: “Sê um homem entre os homens.” Ouvia-lhe ainda a voz, e eu os olhava e dizia: “São homens”; mas na oficina que a noite invadia, enquanto eu pincelava de vermelho, amarelo e azul os rolos de papel úmido, não podia sufocar a outra voz que dizia: “Que é um homem? Que podem eles por mim?” A nossos pés, o ronronar das máquinas fazia tremer o soalho; era a própria trepidação do tempo estagnado e sem repouso.

— Ainda falta muito? — perguntou o menino.

Em pé sobre o escabelo, moía tintas num pilão; eu sentia-lhe o alquebramento das costas, as pernas entorpecidas e a cabeça tão vazia, tão pesada, que o puxava para o chão.

— Está cansado?

Não me respondeu sequer.

— Descanse um instante — disse-lhe.

Sentou-se no degrau mais alto do escabelo e fechou os olhos. Desde a manhã, os pincéis embebidos de tinta líquida varriam os rolos de papel; desde a manhã, era a mesma luz turva, o cheiro

de tinta, o murmúrio igual e ritmado: sempre, sempre. Desde a manhã, desde os primeiros dias do mundo, sempre o tédio, a fadiga, a trepidação do tempo. Os teares ronronavam; sempre e sempre, através das ruas de Carmona, das ruas de Gand, os fusos iam, vinham, iam; casas queimavam, cantos subiam das fogueiras, sangue misturava-se à água violeta das sarjetas e as máquinas ronronavam obstinadamente: sempre, sempre. As mãos mergulhavam o pincel no creme vermelho, esmagavam o pincel contra o papel. A cabeça do menino inclinava-se sobre o peito, dormia. Viver, para ele, era exatamente não morrer. Não morrer durante quarenta ou cinquenta anos; e ao fim morrer. Para que lutar? De qualquer maneira, muito em breve estariam libertados; morreriam, cada um por sua vez. Ao longe, a sombra da palmeira rastejava na direção da pedra, o mar batia à praia. Eu tinha vontade de transpor aquela porta, de tentar tornar-me uma pedra entre as pedras.

O menino abriu os olhos.

— Já tocou o sino?

— Dentro de cinco minutos.

Sorriu. Avidamente encerrei aquele sorriso no meu coração. Por causa daquela luz em seu rosto, tudo mudara: o ronronar das máquinas, o cheiro de tinta. O tempo não era mais uma superfície imóvel; havia esperança, saudade, ódios e amores na terra. Para acabar, morrer; mas antes eles viviam. Nem formigas, nem pedras: homens. Através daquele sorriso, Marianne acenava-me de novo: Crê neles, fica com eles, sê um homem. Pousei a mão na cabeça do menino. Durante quanto tempo ainda seria eu capaz de ouvir aquela voz? E, quando seus sorrisos e suas lágrimas não ecoassem no meu coração, que seria de mim?

* * *

— Acabou-se — disse eu.

O homem permaneceu sentado na beirada da cadeira; fixava, com um ar apalermado, a máscara azul que descansava sobre o travesseiro. Uma mulher morrera, e outra, no sexto andar, se salvara; poderia ter sido o contrário, para mim não havia diferença. Mas, para aquele homem, era aquela mulher que morrera: a sua mulher.

Saí do quarto. Desde o início da epidemia, eu me alistara como enfermeiro e passava as noites a aplicar ventosas e sanguessugas. Queriam curar-se e eu tentava curá-los; procurava servi-los e não fazer perguntas a mim mesmo.

A rua estava deserta, mas ouvia-se à direita um forte barulho de ferros; era um furgão de artilharia que empregavam agora para transportar os caixões e que avançava às sacudidelas. Contava-se que muitas vezes os choques partiam as tábuas e os cadáveres arrebatavam-se no meio das ruas, maculando-as com suas entranhas. Pelas ruelas rosadas, homens transportavam sobre colchões e pranchas os corpos brancos manchados de preto, que jogavam uns sobre os outros nas valas comuns. Todos os que podiam fugir fugiam, a pé, a cavalo, montados em burros, transpunham as portas, em diligência, de carro, de caleça, atravessavam a galope as fortificações de Paris; os pares de França, os grandes burgueses, os funcionários, os deputados, todos os ricos tinham fugido, e os condenados à morte dançavam à noite nos palacetes abandonados, ouviam a palavra do grande monge preto que pregava pela manhã na praça; os pobres não tinham podido fugir, tinham ficado na cidade infestada, jaziam em suas camas, gelados ou queimando de febre, com uma máscara azul sobre o rosto, ou uma máscara preta, o corpo trufado de manchas escuras. Pela manhã, alinhavam-se os cadáveres às portas e o cheiro de morte subia pesadamente para o céu azul; sob o céu cinzento transportavam-se os moribundos para o hospital, as portas fechavam-se sobre sua agonia; em vão, os parentes e os amigos assediavam as grades a fim de colher o seu último suspiro.

Empurrei a porta. Armand estava sentado ao pé da cama e Garnier, em pé junto à mesa sobre a qual ardia uma vela.

— Por que vieram? — disse-lhes. — Que imprudência! Não têm confiança em mim?

— Não o deixaremos morrer sozinho — disse Armand.

Garnier não disse nada, enfiara as mãos nos bolsos e olhava fixamente a forma estendida na cama. Debrucei-me sobre Spinelle. A pele encolhida colava-se-lhe aos ossos; uma caveira já se desenhava sob o pergaminho azulado; a boca era branca e um suor gelado cobria-lhe a fronte. Tomei-lhe o pulso: estava frio e úmido, quase não batia.

— Não se pode fazer nada? — perguntou Armand.

— Tentei tudo.

— Parece um morto.

— Vinte anos — disse Garnier. — Amava tanto a vida...

Ambos olhavam com desespero o rosto encarquilhado. Para eles, essa vida que se ia extinguir era única, a vida de Spinelle, que tinha vinte anos e era amigo deles. Única como cada uma daquelas manchas loiras que dançavam na alameda de ciprestes; eu olhava Beatriz e perguntava-me a mim mesmo: “Será igual a esses insetos de uma noite?” Amava-a e ela parecia indiferente; mas não a amava mais, e sua morte não pesava mais do que a morte de uma mariposa.

— Se resistir até amanhã, pode ainda salvar-se — disse eu.

Passei a mão sob os lençóis e comecei a friccionar lentamente e com força o corpo gelado. Estendera-o sobre meu manto e minhas mãos amassavam-lhe os músculos jovens, punha-o no mundo pela segunda vez, e ele saíra do mundo com um buraco no ventre; trouxera-lhe milho e carne seca e ele dera um tiro na cabeça porque agonizava de fome. Friccionei durante um bom momento e sob os meus dedos um pouco de calor subia-lhe ao coração.

— É possível que resista — disse eu.

Fora, passaram pessoas correndo; sem dúvida iam buscar socorro no posto cuja lanterna vermelha brilhava junto à esquina. Depois houve novo silêncio.

— Deveriam ir embora — disse-lhes. — Não podem fazer nada por ele.

— É preciso que fiquemos aqui — disse Armand. — Gostaria de ter amigos perto de mim quando morresse.

Ele olhava Spinelle com ternura e eu sabia que ele não temia a morte. Voltei-me para Garnier; o homem intrigava-me, não havia ternura, mas tão somente medo em seu olhar.

— Reflitam. O risco de contágio é grande.

Torceu um pouco os lábios e uma vez mais pareceu-me que gostaria de falar-me; mas estava murado dentro de si mesmo; quase nunca o viam sorrir e ninguém sabia o que ele pensava. Bruscamente avançou para a janela e abriu-a:

— Que é que está acontecendo?

Um grande clamor subia da rua. Todas as noites acendiam uma fogueira no cruzamento das ruas com a esperança de purificar a atmosfera; à luz das chamas percebemos um grupo de homens e mulheres vestidos miseravelmente e que puxavam um carroção através da praça, gritando “Morte aos exploradores.”

— São os trapeiros — disse Garnier.

Um decreto determinava que se recolhesse o lixo durante a noite, antes que eles pudessem examiná-lo; reduzidos à miséria, gritavam com ódio: “Morte aos exploradores.” Gritavam: “Filho do Diabo”, e cuspiam.

Garnier tornou a fechar a janela.

— Se ao menos tivéssemos chefes! — disse Armand. — O povo está maduro para a revolução.

— Para uma arruaça, quando muito — respondeu Garnier.

— Deveríamos ser capazes de transformar a arruaça em revolução.

— Estamos divididos demais.

Apoiando a fronte à vidraça, sonhavam com arruaças, mortes; eu olhava sem entender. Ora parecia-me que os homens atribuíam um valor ridículo a uma vida que a morte devia fatalmente destruir: Por que tinham contemplado Spinelle com tamanho desespero? E ora eles concordavam displicentemente em destruí-la para sempre: Por que permanecer inutilmente naquele quarto infestado? Por que projetar arruaças sangrentas?

Uma voz murmurou:

— Armand!

Spinelle abriu os olhos; dir-se-ia que suas pupilas tinham fundido; estavam perdidas no fundo das órbitas cavadas; mas eram olhos vivos; viam.

— Vou morrer?

— Não — disse Armand. — Durma tranquilo. Está salvo.

As pálpebras baixaram. Armand voltou-se para mim.

— É verdade? Está salvo?

Tomei a mão de Spinelle. Não estava gelada; o pulso batia.

— É preciso que passe a noite — disse eu. — Talvez a passe.

Já a madrugada surgia. Um carroção pintado de preto passava sob as janelas, recolhendo de casa em casa os caixões que empilhavam embaixo das cortinas fúnebres. Ao longo da rua em aclave e de lajes rosadas, carretas passavam de casa em casa e os cadáveres empilhavam-se sob as cobertas de tela. Armand fechara os olhos; sentado numa cadeira, dormia; Garnier mantinha-se em pé encostado à parede, de cara fechada. No cruzamento das ruas a fogueira apagara-se, os trapeiros tinham-se dispersado. Durante um longo momento, a praça permaneceu vazia; depois um porteiro apareceu na soleira da porta, inspecionou as lajes com um ar de desconfiança; contava-se que por vezes, pela manhã, encontravam-se nos portões pedaços de carne e estranhas drágeas jogadas por mãos misteriosas; homens, diziam, envenenavam as fontes e a carne dos açougues, uma imensa conspiração ameaçava o povo; corria o

boato de que eu fizera um pacto com o diabo e eles cuspiam com asco ao passarem por mim.

Garnier murmurou.

— Passou a noite.

— Passou.

Um pouco de sangue reanimava as faces de Spinelle, a mão estava morna e o pulso batia.

— Está salvo — disse eu.

Armand abriu os olhos.

— Salvo?

— É quase certo.

Armand e Garnier entreolharam-se; desviei os olhos. Com aquele olhar, faziam dom um ao outro da alegria que acabava de explodir em seus corações; era naquelas trocas triunfantes que encontravam a força de enfrentar a morte e razões de viver. Por que devia eu desviar o olhar? Invocava em meu socorro a fisionomia de Spinelle: tinha vinte anos, gostava da vida, eu recordava seus olhos brilhantes e sua jovem voz gaguejante; eu o salvara; eu nadara no lago gelado, trouxera-o para a margem, carregara-o em meus braços, fora buscar na aldeia índia o milho e a carne que ele devorara rindo de prazer; um buraco no ventre, um buraco na fronte; como morreria aquele? Não havia uma só centelha de alegria em meu coração.

* * *

— Então? — disse Garnier.

Na sala de redação do *Progrès*, a comissão central e os chefes de seção da Sociedade dos Direitos do Homem achavam-se reunidos em torno do velho Broussaud. Olhavam-me todos com ansiedade.

— Então, não consegui estabelecer contato com a Sociedade Gaulesa, nem a comissão organizadora — disse eu. — Só

consultei os Amigos do Povo. Eles pendiam para a insurreição. Mas nada decidiram.

— Como poderão decidir sem conhecer nossas decisões? — indagou Armand. — E como decidiremos nós sem eles?

Houve um silêncio e Garnier disse:

— É preciso decidir.

— Posto que não conseguimos coordenar nossos esforços — disse lentamente o velho Broussaud —, é melhor nos abstermos; é impossível desencadear uma revolução verdadeira em tais condições.

— Quem sabe! — disse Armand.

— Mesmo que a insurreição não passe de uma arruaça, não seria inútil — observou Garnier. — Em cada uma dessas revoltas, o povo adquire mais consciência de sua força, o fosso que o separa dos dirigentes cava-se mais profundamente.

Houve um rumor na sala.

— Nós nos arriscamos a fazer correr muito sangue — disse alguém.

— Muito sangue e em vão — acrescentou outro. Durante um momento discutiam ruidosamente. Armand perguntou-me a meia voz:

— Que pensa disso?

— Não tenho opinião.

— Não carece de experiência — insistiu ele. — Deve ter uma opinião...

Sacudi a cabeça. Como poderia aconselhá-los? Sabia eu o que valiam os olhos deles a vida, a morte? Cumpria-lhes decidir. Por que viver, se viver é apenas não morrer? Mas morrer para salvar a vida não era o pior dos enganões? Não me cabia escolher por eles.

— Certamente haverá incidentes — disse Armand. — Se não quiserem provocar a insurreição, tomemos ao menos medidas para o caso em que ocorra uma.

— É justo — concordou Garnier. — Não demos a palavra de ordem, mas estejamos preparados, de atalaia, e se o povo começar, marcharemos com ele.

— Receio que comecem sem medir as possibilidades — disse Broussaud.

— De qualquer maneira, o Partido Republicano deve sustentá-los...

— Ao contrário...

Novamente, misturaram-se as vozes; falavam alto, seus olhos brilhavam, suas vozes tremiam; do outro lado daquele muro, havia no mesmo minuto milhões de homens que falavam com olhos brilhantes e vozes frementes; enquanto falavam, a insurreição, a República, a França, o futuro do mundo estavam em suas mãos; assim acreditavam, pelo menos; apertavam o destino da humanidade contra seus corações. Toda uma cidade fervia em torno do catafalco em que repousavam os restos do General Lamarque, por quem ninguém se interessava.

Nenhum de nós dormiu nessa noite. Trabalhamos no estabelecimento de comunicações entre os diferentes grupos ao longo dos bulevares. Se a insurreição tivesse êxito, deveríamos persuadir La Fayette a aceitar o poder, pois era o único capaz de conciliar a multidão pelo prestígio do seu nome. Garnier encarregou Armand de negociar com os principais chefes republicanos em caso de vitória; quanto a ele, tendo reunido homens na Ponte de Austerlitz, propunha-se tentar a sublevação do bairro de Saint-Marceau.

— Mas você é que deve negociar — disse Armand. — Sua palavra pesa mais do que a minha. E Fosca, que está mais perto dos operários do que nós, defenderá a Ponte de Austerlitz.

— Não — disse Garnier. — Já falei bastante em minha vida. Dessa vez, quero lutar.

— É genial! E se o matarem? — retrucou Spinelle. — Que será do jornal?

— Vocês darão um jeito sem mim.

— Armand tem razão — disse eu. — Conheço os operários de Saint-Marceau; deixem-me organizar a sublevação.

Garnier teve um sorriso seco:

— Salvou-me a vida uma vez; basta.

Olhei a boca nervosa, as duas rugas, toda a fisionomia atormentada com os olhos duros, um tanto fugidios. Ele fitava o horizonte atrás do qual se escondia o rio tumultuoso, tufos verdes balançavam-se na ponta dos altos juncos, e crocodilos dormiam no lodo quente: “É preciso que me sinta viver, ainda que tenha de morrer.”

Às dez horas da manhã, todos os membros dos Direitos do Homem e dos Amigos do Povo, os estudantes de medicina e de direito achavam-se reunidos na Praça Luís XV. Os alunos da Politécnica faltaram ao encontro; corria o boato de que tinham sido presos. Por cima das cabeças flutuavam estandartes, bandeiras tricolores, ramos de folhagem: cada um trazia à mão uma insígnia e alguns brandiam armas. O céu estava turvo, garoava; mas os vapores sangrentos da esperança queimavam os corações. Alguma coisa ia acontecer graças a eles: acreditavam nisso. Acreditavam que podiam alguma coisa, mãos crispadas na coronha dos revólveres, dispostos a morrer para se convencerem disso, dispostos a dar a vida para afirmarem o quanto ela valia sobre a terra.

O carro fúnebre era puxado por seis rapazes; La Fayette segurava o cordão do pano mortuário; dois batalhões de dez mil guardas municipais acompanhavam-no. O governo guarnecera de guardas o percurso inteiro; essa imensa exibição de forças, longe de acalmar os espíritos, tornava ainda mais sensível a ameaça de revolta. Uma multidão apinhava-se às calçadas, às janelas, nas árvores, nos telhados; nas sacadas flutuavam bandeiras italianas, alemães, polonesas, lembrando a existência de tiranias que o governo francês não soubera combater. O povo marchava entoando hinos revolucionários. Armand cantava, e também Spinelle, que eu salvara da cólera. Os dragões enchiam

de ódio os corações e as pessoas arrancavam, ao passar, galhos de árvores ou pedras para servirem de armas. Passamos diante da Praça Vendôme e os jovens que puxavam o carro, desviando-se do caminho previsto, foram rodear a coluna. Alguém gritou atrás de mim: “Para onde nos conduzem?” E outra voz respondeu: “À República.” Eu pensava: “Conduzem-nos à revolta, à morte.” Que era ao certo a República para eles? Nenhum deles teria sabido dizer por que fim se preparava para lutar; mas estavam convencidos de que o objetivo valia muito, porquanto iam pagá-lo com sangue. Eu dizia: “Que é Rivelles?” Mas não era Rivelles que Antônio ambicionava, era sua vitória; morreria por ela, morreria contente. Davam a vida para que a vida fosse uma vida de homem — nem formigas, nem mosquitos, nem pedras, não permitiremos que nos transformem em pedras —, e as fogueiras ardiavam e eles cantavam. E Marianne dizia: “Sê um homem entre os homens.” Mas como? Podia, sem dúvida, marchar ao lado deles; não podia arriscar minha vida com a deles.

Quando chegamos à Praça da Bastilha, vimos correrem em nossa direção os politécnicos, cabeças nuas e roupas em desordem; tinham fugido, apesar das ordens. A multidão pôs-se a gritar “Viva a Escola, viva a República!” e a banda de música que precedia o catafalco atacou a *Marselhesa*. Corria o boato de que um oficial do 12º acabara de dizer aos estudantes: “Sou republicano.” E a notícia propagava-se de boca em boca, ao longo do cortejo: “A tropa está conosco.”

Na Ponte de Austerlitz o cortejo parou. Um estrado fora erguido e La Fayette subiu nele para pronunciar seu discurso. Falou do General Lamarque que íamos enterrar. Outros falaram depois dele; mas ninguém se preocupava com os discursos, nem com o militar morto.

— Garnier está no fim da ponte — observou Armand.

Seu olhar escrutava a multidão, mas não se podia distinguir nenhum rosto.

— Agora é que vai acontecer qualquer coisa — disse Spinelle.

Todo mundo esperava, não se sabia exatamente o quê. De repente, viu-se passar um homem a cavalo, vestido de preto e carregando uma bandeira vermelha com um barrete frígio; houve um rumor; as pessoas olhavam-se hesitando e vozes gritaram: “Nada de bandeira vermelha!”

— É uma manobra, é uma traição — disse Spinelle, gaguejando de raiva. — Querem intimidar o povo.

— Acredita?

— Sim — disse Armand. — A tropa e os guardas municipais têm medo da bandeira vermelha. E a multidão sente essa reviravolta.

Esperamos ainda um momento e ele disse bruscamente:

— Nada acontecerá aqui. Procure Garnier e diga-lhe que dê ele mesmo o sinal. Você me encontrará no *National*. Vou tentar reunir os chefes republicanos.

Abri caminho na multidão. Encontrei Garnier no lugar que havíamos combinado em nossos planos durante a noite. Trazia um fuzil a tiracolo, as ruas atrás dele estavam cheias de homens de fisionomias sombrias, muitos dos quais com fuzis.

— Tudo está pronto — disse-lhe. — O povo está maduro para a revolta. Mas Armand pede-lhe que dê o sinal.

— De acordo.

Encarei-o silenciosamente. Como todas as noites, como todos os dias, tinha medo, eu sabia, medo da morte que cairia sobre ele, sem que pudesse impedir, e o reduziria a pó.

— Os dragões!

Por cima da massa escura da multidão, víamos brilharem os capacetes e as baionetas; desembocavam no Cais de Morland e dirigiam-se para a ponte. Garnier gritou: “Avançam contra nós!” Pegou o fuzil e atirou. Imediatamente outros tiros ecoaram em torno dele, e um clamor ergueu-se: “Para as barricadas! Às armas!”

Barricadas começaram a levantar-se. De todas as ruas vizinhas saíam homens armados. Seguido por uma imensa tropa, Garnier dirigiu-se para o quartel da Rua Popincourt. Assaltamo-lo e os soldados cederam sem opor resistência. Tomamos mil e duzentos fuzis, que distribuímos aos insurretos. Garnier conduziu-os, então, ao claustro de Saint-Merri e eles logo trataram de fortificá-lo.

— Previna Armand de que dominaremos o bairro. E o defenderemos o tempo que for preciso.

Por toda parte, o povo erguia barricadas, os homens serravam árvores, que eram estendidas nas ruas; outros arrastavam para fora de casa camas de ferro, mesas, cadeiras; crianças e mulheres transportavam pedras arrancadas do calçamento; todos cantavam. Em torno de fogueiras, os camponeses de Ingolstadt cantavam.

Encontrei Armand no edifício do *National*. Seus olhos faiscavam de alegria. Os insurretos dominavam metade da cidade; tinham tomado de assalto os quartéis e os depósitos de pólvora. O governo resolvera empregar a tropa, mas não tinha certeza de sua lealdade. Os chefes republicanos iam nomear um governo provisório a cuja frente colocariam La Fayette; a Guarda Nacional aderiria a seu antigo chefe.

— Amanhã será proclamada a República — disse Armand.

Carregaram-me de víveres e munições para que os transportasse para o claustro de Saint-Merri, a fim de reabastecer Garnier. As balas assoviavam nas ruas. Tentavam deter-me nas encruzilhadas, gritando-me: “Não passe por aí! Há uma barragem!” Eu passava. Uma bala atravessou-me o chapéu, outra o ombro; mas eu continuava a correr. O céu fugia por cima de minha cabeça, sob os cascos de meu cavalo a terra saltava. Eu corria, estava liberto do passado e do futuro, liberto de mim e desse gosto de tédio em minha boca. Algo existia que nunca existira ainda: aquela cidade em delírio, inchada de sangue e de esperança, e era o seu coração que batia em meu peito. Eu

pensava num átimo: “Estou vivo.” E logo após: “Talvez seja a última vez.”

Garnier estava sentado no meio de seus homens, atrás de um monte de pedras, árvores, móveis, lajes e sacos de cimento; tinham plantado galhos verdes em cima dessa muralha. Achavam-se entretidos a fabricar cartuchos; como bucha utilizavam trapos de camisas e pedaços de cartazes que arrancavam dos muros. Todos estavam de torso nu.

— Trago cartuchos — disse eu.

Precipitaram-se sobre as caixas com gritos de entusiasmo. Garnier olhou-me com surpresa.

— Como pôde passar?

— Passei.

Cerrou os lábios, invejava-me. Quisera ter-lhe dito: “Não, é uma injustiça, não me é permitido ser corajoso nem covarde.” Mas não era o momento de falar de mim nem dele. Disse-lhe:

— O governo provisório será proclamado durante a noite. Pedem-lhe que aguarde até amanhã de manhã. Se se deseja que Paris inteira se subleve, é preciso que a insurreição não recue.

— Aguentaremos.

— A coisa está dura?

— A tropa atacou duas vezes. Nós a rechaçamos.

— Muitos mortos?

— Não contei.

Durante um momento, fiquei sentado ao seu lado; ele rasgava com os dentes pedaços de pano branco que socava nos cartuchos; não tinha muita habilidade manual; não tinha vontade de fabricar cartuchos, quisera antes falar, eu sabia. Mas, quando me levantei, não tínhamos trocado uma só palavra.

— Diga-lhes que aguentaremos a noite toda.

— Eu lhes direi.

Novamente deslizei ao longo dos muros, escondi-me sob os pórticos, corri através das balas. Cheguei ao edifício do *National*

suando, a camisa ensanguentada. Pensava no sorriso de Armand; seus olhos brilhariam de alegria quando lhe dissesse que Garnier dominava solidamente o bairro.

— Vi Garnier. Eles aguentarão.

Armand não sorriu. Estava em pé diante da porta do escritório; em pé no limiar do forte, Carlier olhava no vácuo, estava sentado no barco e fixava o rio amarelo que descia de norte para sul; eu reconhecia esse olhar.

— Que acontece? — perguntei.

— Eles não querem a República.

— Quem?

— Os chefes republicanos não querem a República.

Havia tamanho desespero em seu rosto que procurei despertar em mim um eco, uma recordação, mas continuei seco e vazio:

— Por quê?

— Têm medo.

— Carrel não ousa — disse Spinelle. — Ele diz que o povo não pode fazer nada diante de um regime fiel.

Embargara-se-lhe a voz.

— E a tropa passaria para nosso lado, se Carrel se tivesse ao menos manifestado.

— Não é de um malogro que eles têm medo — disse Armand. — Têm medo da vitória, medo do povo. Dizem-se republicanos; mas a República que desejam não seria muito diferente dessa monarquia podre. Preferem ainda Luís Filipe ao regime que queremos estabelecer.

— Não haverá realmente esperança? — indaguei.

— Discutimos mais de duas horas. Tudo está perdido. Com La Fayette e a tropa, vencíamos. Mas não podemos lutar contra os exércitos que marcham contra Paris.

— Então, que vão fazer?

Houve um silêncio; Spinelle disse:

— Dominamos metade de Paris.

— Não dominamos nada — disse Armand. — Nossa causa não tem chefes, ela se renega a si mesma. Todos os que se estão matando estão-se matando por nada. Só nos resta parar com essas chacinas.

— Então vou dizer a Garnier que deponha as armas imediatamente.

— Fosca irá. Ele se sairá melhor do que você da empreitada.

Eram seis horas da tarde; anoitecia. Em todas as esquinas haviam guardas municipais e soldados. Regimentos repousados acabavam de chegar; atacavam com violência as barricadas. Cadáveres jaziam nas esquinas; viam-se homens passar carregando macas com feridos, havia poças vermelhas nas ruas. A insurreição principiava a fraquejar; há horas, não ouvia o povo uma palavra de esperança e já não mais sabia muito bem por que lutava. Muitas das ruas que os insurretos tinham dominado enchiam-se agora de uniformes vermelhos. Vi de longe que a barricada defendida por Garnier continuava de pé; corri para lá em meio às balas que de todos os lados assobiavam em meus ouvidos. Garnier estava encostado nos sacos de cimento; ataduras ensanguentadas enrolavam-se em torno de seu ombro e seu rosto estava sujo de pólvora.

— Quais são as notícias?

— Não conseguiram entender-se — disse-lhe.

— Tinha certeza disso — respondeu com indiferença.

Sua calma espantou-me, sorria quase.

— A tropa não aderirá. Não há nenhuma esperança de vitória, Armand pede-lhe que cesse de lutar.

— Cessar a luta?

Dessa vez, sorriu de verdade.

— Olhe-nos.

Olhei. Restava apenas um punhado de homens em redor de Garnier; tinham o rosto sangrento e cor de carvão; todos estavam feridos. Junto ao muro alinhavam-se os cadáveres de torso nu; tinham-lhes fechado os olhos e cruzado as mãos sobre o peito.

— Não teria um lenço limpo?

Tirei o lenço do bolso; Garnier enxugou o rosto sujo e as mãos:

— Obrigado.

Seus olhos voltaram-se para mim e ele pareceu espantado de me ver.

— Mas você está ferido.

— Arranhões.

Houve um silêncio e eu disse:

— Vai matar-se por nada.

Deu de ombros.

— Será que algum dia alguém se matou por alguma coisa? O que vale uma vida?

— Ah! Pensa assim? — indaguei.

— E você não?

Hesitei. Mas tinha o hábito de não lhe dizer o que pensava.

— Parece-me que atingiram por vezes resultados úteis.

— Acha?

Calou-se um momento e algo de repente desatou dentro dele.

— Suponhamos que as negociações tivessem êxito. Acredita que nossa vitória teria sido útil? Pensou nas tarefas que a República teria de levar a cabo: refundir a sociedade, moderar o partido, satisfazer o povo, submeter a classe opulenta; e vencer a Europa inteira, pois, de imediato, ela se ergueria contra nós. Com tudo isso, somos apenas uma minoria e carecemos de experiência política. Talvez seja uma sorte para a República não ter triunfado hoje.

Olhei-o com surpresa. Dissera-me a mim mesmo muitas vezes essas coisas, mas pensava que nenhum deles as houvesse concebido.

— Então, por que essa insurreição?

— Não nos cabe esperar que o futuro dê um sentido a nossos atos; senão, seria impossível qualquer ação. É preciso conduzir a luta como decidimos conduzi-la, eis tudo.

Eu mantinha fechadas as portas de Carmona e não esperava nada.

— Refleti muito a esse respeito — disse ele com um sorriso seco.

— É então por desespero que escolhe morrer?

— Não estou desesperado, pois nunca esperei nada.

— E pode-se viver sem esperança?

— Sim, se se possuir alguma certeza.

Disse-lhe:

— Não possuo nenhuma.

— Para mim, é uma grande coisa ser um homem — disse ele.

— Um homem no meio de homens.

— Sim. Isso basta. Isso dá valor à vida e também à morte.

— Está certo de que seus camaradas pensam como você?

— Tente então pedir-lhes que se rendam! Correu sangue demais. Agora, devemos ir até o fim de nossa luta.

— Mas eles não sabem que as negociações não tiveram êxito.

— Diga-lhes isso — observou ele em tom colérico. — Pouco se lhes dá; pouco importam essas deliberações, decisões e contradições. Juramos defender o bairro e o defenderemos, eis tudo.

— A luta não se realiza somente nessas barricadas. Você precisa viver para levá-la a cabo.

Ele levantou-se e, apoiado ao frágil baluarte, inspecionou a rua deserta.

— Talvez eu careça de paciência — disse-me.

Respondi muito depressa:

— Você carece de paciência porque tem medo da morte.

— É verdade.

Repentinamente, achava-se longe de mim. Seus olhos fixaram-se no fundo da rua de onde em breve a morte ia surgir, a morte que ele escolhera. A fogueira ardia, o vento dispersava as cinzas dos dois monges agostinianos: “Só há um bem: agir de acordo com a consciência.” Deitado em seu leito, Antônio sorria. Não

eram nem orgulhosos nem loucos, eu os compreendia agora. Eram homens que queriam realizar seu destino de homem escolhendo sua vida e sua morte, homens livres.

Garnier caiu na primeira salva. Pela manhã, a insurreição estava sufocada.

* * *

Armand estava sentado à beira de minha cama e eu sentia o peso de sua mão no meu ombro; inclinava sobre mim seu rosto emagrecido.

— Conte.

Seu lábio superior estava inchado e havia um machucado azulado na sua têmpora. Perguntei:

— É verdade que o arrastam à força perante o tribunal?

— É verdade. Eu lhe direi... Mas antes conte.

Prendi a lâmpada que oscilava no teto. O dormitório estava vazio; ouvia-se um ruído de copos entrecrocados, risos, vozes festivas. Os suíços ofereciam um banquete aos operários. Dentro em pouco, os prisioneiros voltariam para o dormitório, semiembriagados de comida, de bebida, de amizade, de risos; eles se entrincheirariam atrás de suas camas, brincariam de revolução e, à guisa de oração noturna, cantariam a *Marselhesa* de joelhos. Eu me habituara a esses rituais e sentia-me bem nesse leito, olhando a lâmpada amarela que oscilava no teto. Por que despertar o passado?

— É sempre igual — disse eu.

— Como assim?

Fechei os olhos; com esforço mergulhei na grande noite confusa que se estendia, a perder de vista, atrás de mim. Sangue, fogo, lágrimas, cantos. Tinham entrado a galope na cidade, tinham jogado tochas inflamadas nas casas, seus cavalos haviam esmagado os crânios das crianças, os seios das mulheres; tinham sangue nos cascos; um cão gania.

— Degolam as mulheres, arrebetam os crânios das crianças de encontro aos muros; as ruas tingem-se de vermelho e onde havia seres vivos há apenas cadáveres.

— Mas que aconteceu a 13 de abril na Rua Transnonain? É o que quero saber.

Rua Transnonain, 13 de abril. Por que aquela recordação de preferência a qualquer outra? No fim de três meses estaria o passado menos morto do que depois de quatrocentos anos?

— Descemos à rua — contei-lhe. — Tinham-nos dito que Thiers anunciara ele próprio da tribuna o triunfo da insurreição em Lião. Erguemos então barricadas. Todo mundo cantava.

Eles tinham-se reunido na praça, percorriam as ruas gritando: “Morte ao filho do Diabo.” Cantavam.

— Então? — perguntou Armand.

— Pela manhã a tropa atacou. Varreram as barricadas, entraram nas casas, mataram todos os que lhes caíram nas mãos.

Dei de ombros:

— Estou lhe dizendo: É sempre a mesma coisa!

Houve um silêncio e Armand disse:

— Como não compreendeu que se tratava de um ardil? Thiers sabia na tarde do dia 12 que a insurreição estava esmagada. E, quando ele provocou a arruaça, todos os chefes tinham sido presos, eu já estava preso.

— Soubemos isso depois — disse eu.

— Mas você tem experiência e deveria ter sentido o perigo e impedido a insurreição.

— Queriam ir para a rua; fui com eles.

Armand ergueu os ombros com impaciência.

— Não lhe cabia obedecer-lhes, e sim esclarecê-los.

— Mas não posso ver claramente por eles.

Ele olhava-me com ar irritado e eu disse:

— Sou capaz de fazer o que me pedem. Mas como decidir por eles? Como saber o que acham bom ou mau?

Antônio morrerá com vinte anos; ria. Garnier espreitava avidamente sua morte que dobrava a esquina; e Beatriz inclinava sobre seus manuscritos um rosto envelhecido e sem vida. Só eles eram juízes.

— Acreditava que desejavam essa chacina? — explicou Armand duramente.

— E será de fato um mal tão grande?

Os mortos estavam mortos; os vivos viviam; os prisioneiros não detestavam sua prisão; estavam livres do trabalho exaustivo, podiam enfim rir, descansar, conversar. Antes de morrer, tinham cantado...

— Receio que esses meses de prisão o tenham cansado — disse Armand.

Encarei seu rosto empalidecido:

— Você não está cansado?

— Ao contrário.

Havia tamanha paixão em sua voz que ela atravessou a bruma tranquila atrás da qual eu me abrigava. Ergui-me bruscamente e dei alguns passos.

— Todos os membros da organização foram decapitados, não é?

— Sim. É nossa culpa. Não se conspira abertamente. É uma lição que nos servirá.

— Quando? Vão condená-lo a dez ou vinte anos.

— Daqui a vinte anos terei apenas quarenta.

Olhei-o em silêncio. Disse:

— Invejo-o.

— Por quê?

— Você morrerá. Nunca será igual a mim.

— Ah! Quisera não morrer.

— É! Também falei assim.

Apertei em minhas mãos a garrafa esverdeada, pensando: “Quantas coisas poderia fazer!” Marianne ia e vinha em passos

rápidos no quarto e dizia: “Tenho tão pouco tempo à minha frente!” Eu pensava pela primeira vez: “É nosso filho.”

Disse-lhe:

— Eu o farei sair daqui.

— Como o fará?

— À noite há só dois guardas no portão; estão armados; mas, se não se teme bala, pode-se distraí-los durante um tempo suficiente para que uma pessoa ágil pule o muro.

Armand sacudiu a cabeça:

— Não quero evadir-me agora. Contamos muito com a repercussão que pode ter nosso processo.

— Mas poderemos ser separados de um dia para outro — disse eu. — Foi uma grande sorte nos encontrarmos. Apresse-se em aproveitá-la.

— Não. Devo ficar.

Dei de ombros:

— Você também!

— Eu também?

— Escolhe o martírio como Garnier?

— Garnier escolheu uma morte inútil; por isso é que o censuro. Quanto a mim, penso que não posso fazer em parte alguma trabalho melhor do que aqui.

Olhou o grande dormitório vazio; fora, em torno da mesa posta, eles riam alto; entoavam canções báquicas.

— Disseram-me que em Saint-Pélagie o regime é muito liberal.

— É verdade. E os burgueses têm até quartos particulares; o dormitório é só para os operários...

— Pois então! Percebe? Que maravilhosa oportunidade de contatos, de discussões. É preciso que a união seja realizada antes que eu saia daqui.

— Não o amedrontam dez ou vinte anos de prisão?

Um riso breve iluminou-lhe o rosto.

— É uma outra questão.

Na planície, viam-se os genoveses agitarem-se em volta das tendas vermelhas; a estrada poeirenta estava deserta. Desviei o olhar, não me cabia interrogar-me a mim mesmo. Eu mantinha fechadas as portas de Carmona... Fora esse homem e, no entanto, não o compreendia mais.

— Por que conclui você que se deve preferir a causa que se defende ao seu próprio destino?

Refletiu:

— Não distingo uma coisa da outra.

— Sei.

Eu mantinha as portas fechadas; eu dizia: “Carmona será igual a Florença!” Não tinha outro futuro.

— Lembro-me.

— De quê?

— Tive sua idade, há muito tempo.

Um brilho de curiosidade banhou-lhe os olhos tranquilos:

— E não é mais assim agora?

Sorri:

— Não inteiramente.

— No entanto, seu destino deveria confundir-se com o da humanidade, posto que durará tanto quanto ela.

— E talvez mais — disse eu, dando de ombros. — Tem razão. A prisão cansou-me. Isso passará.

— Passará seguramente — disse ele. — E verá que bom trabalho vamos fazer.

Havia duas tendências opostas no Partido Republicano; uns permaneciam presos aos privilégios da burguesia; reclamavam a liberdade, reclamavam-na para eles tão somente. Desejavam apenas reformas políticas e rechaçavam a ideia de qualquer regulamentação social, vendo nisso uma nova forma de opressão. Armand e seus amigos sustentavam, ao contrário, que a liberdade não podia ser apanágio de uma classe e que só o advento do socialismo permitiria aos operários alcançá-la. Nada comprometia mais gravemente o êxito da revolução do que essa

divisão, e não me espantava que Armand lutasse tão apaixonadamente pela unificação. Mas eu admirava sua perseverança. Em poucos dias, ele transformou a prisão em clube político; da manhã à noite e durante boa parte da noite, nos quartos e nos dormitórios, desenrolavam-se longas discussões; não levavam nunca a nada e nunca Armand desanimava. Entretanto, muitas vezes por semana guardas vinham pegá-lo com seus camaradas, arrastando-os à força através dos corredores: não raro seus crânios batiam contra as lajes ou os degraus da escada. Ele voltava do tribunal sorrindo: “Não falamos.” Certa noite, porém, ao entrar no quarto onde eu o esperava, veio com aquela mesma fisionomia com que eu o vira diante do edifício do *National*. Sentou-se em silêncio e, ao fim de um longo momento, disse:

— Os de Lião falaram.

— É tão grave assim?

— Destruíram o efeito de nosso silêncio. — Apoiou a cabeça nas mãos. Quando me olhou novamente, sua expressão tinha-se recomposto mas a voz tremia.

— Não nos devemos iludir. O processo vai arrastar-se e não terá o efeito que desejávamos...

— Lembra-se do que lhe propus?

— Sim.

Levantou-se, andou de um lado para outro nervosamente.

— Não posso ir sozinho...

— Não podem evadir-se todos...

— Por que não?

Três dias não tinham passado ainda e Armand encontrara meio de deixar Saint-Pélagie com seus camaradas. Em face da porta que dava para o pátio abria-se uma espécie de subterrâneo; operários que trabalhavam em reparos da prisão tinham comunicado a Armand que o subterrâneo dava para um jardim da vizinhança. Decidiu-se tentar escavá-lo. Havia um guarda à porta; parte dos detentos distrairia a atenção dele jogando bola

no pátio enquanto os outros trabalhariam; o ruído das obras em andamento cobriria o de nossas picaretas. Em três dias a abertura foi quase toda cavada; somente uma camada fina a separava ainda da luz. Spinelle, que escapara às prisões do dia 13, devia vir durante a noite com armas e escadas para que transpusessemos os muros do jardim. Vinte e quatro detentos preparavam-se para fugir assim da prisão e alcançar a Inglaterra. Mas era preciso que um de nós, renunciando a qualquer esperança de liberdade, se sacrificasse para reter o guarda durante a ronda.

— Eu o farei — disse eu.

— Não. Tiraremos a sorte — retorquiu Armand.

— Que significam vinte anos de prisão para mim?

— Não é essa a questão.

— Sei. Pensa que posso prestar mais serviços do que outro qualquer: engana-se.

— Você nos prestou grandes serviços.

— Mas não é certo que eu continue. Deixe-me aqui. Sinto-me bem.

Estávamos sentados no quarto em face um do outro e ele me olhava com muito mais atenção do que o fizera durante aqueles quatro anos. Agora, parecia-lhe útil compreender-me.

— Por que essa preguiça?

Pus-me a rir:

— Aconteceu pouco a pouco. Seiscentos anos... Sabe quantos dias são?

Ele não ria.

— Daqui a seiscentos anos eu continuaria a lutar. Pensa que haja menos que fazer na terra hoje do que outrora?

— Há alguma coisa que fazer?

Dessa vez, ele riu:

— Parece-me.

— No fundo — indaguei-lhe —, por que deseja tanto a liberdade?

— Gosto que o sol brilhe — disse com ardor. — Gosto dos rios e do mar. Pode admitir que se sufoquem essas forças magníficas que há no homem?

— E o que ele faria delas?

— Pouco importa. Que faça o que quiser. É preciso primeiro libertá-las.

Inclinou-se para mim:

— Os homens querem ser livres: não ouve suas vozes?

Ouvia sua voz: “Sê um homem.” Havia a mesma fé nos olhos deles. Pousei a mão no braço de Armand.

— Esta noite, eu o entendo. É por isso que lhe digo: aceite minha proposta. É talvez a última noite; cada noite pode ser a última. Esta noite, eu desejaria servi-lo, mas talvez amanhã nada tenha a oferecer-lhe.

Armand olhava-me com intensidade e sua fisionomia perturbou-se; parecia descobrir, de repente, algo que jamais suspeitara e lhe dava um pouco de medo.

— Aceito — disse-me.

* * *

Deitado de costas, deitado na lama gelada, nas ripas do soalho, na praia de areia prateada, eu fixava o teto de pedra, sentia os muros cinzentos em redor de mim, e em redor de mim o mar, a planície, os muros cinzentos do horizonte. Anos tinham passado; depois dos séculos, anos longos como séculos, curtos como horas, e eu fixava o teto, e chamava: “Marianne.” Ela dissera: “Tu me esquecerás.” Contra os séculos e as horas eu a queria conservar viva. Fixava o teto e, por instantes, a imagem prendia-se no fundo de meus olhos; sempre a mesma imagem: o vestido azul, os ombros nus, o retrato que não se parecia com ela; tentava ainda: durante um segundo, algo mexeu dentro de mim, algo que era quase um sorriso, mas a coisa esvaiu-se logo. Para quê? Embalsamada em meu coração, no fundo daquele

calabouço gelado, ela estava tão morta como no seu túmulo. Eu fechava os olhos, mas mesmo em sonhos não podia mais evadir-me; as brumas, os fantasmas, as aventuras, as metamorfoses tinham ainda o mesmo gosto estagnado: o gosto de minha saliva, o gosto de meus pensamentos.

Atrás de mim, a porta rangeu. Uma mão tocou-me o ombro e de muito longe chegaram-me suas palavras; eu pensava: “Isso tinha de acontecer.” Tocavam-me o ombro nu, diziam: “Venha conosco.” E a sombra da palmeira se apagava. Ao fim de cinquenta anos, ou de um dia, ou de uma hora, acabava sempre acontecendo isso. “A carruagem está aí, senhor.” Era preciso abrir os olhos; havia vários homens em torno de mim, dizendo que eu estava livre.

Segui-os através dos corredores e fiz tudo o que me mandaram fazer: assinei papéis, peguei um pacote que me puseram nas mãos. Depois, conduziram-me a uma porta que se fechou atrás de mim. Garoava. A maré era baixa; só se percebia areia cinzenta a perder de vista em redor da ilha. Estava livre.

Avancei um pé e depois outro. Para ir aonde? Na planície, os juncos cuspiam gotas d’água com um murmúrio rouco, e eu avançava passo a passo em direção a um horizonte que recuava a cada passo. De olhos fixos no horizonte, pousei o pé no dique; e vi-o a alguns metros de mim estendendo-me as mãos e rindo. Não era mais um rapaz. Parecia tão velho quanto eu com seus ombros largos e sua barba espessa. Disse-me:

— Vim buscá-lo.

Suas mãos duras e quentes apertavam as minhas. Do outro lado do rio, uma chama brilhava, uma chama brilhava nos olhos de Marianne. Armand pegara-me o braço e falava, e sua voz era um braseiro. Eu seguia-o; avançava um pé e depois outro, pensando: “Vai tudo recomeçar, então? Vai tudo continuar? Continuar e recomeçar dia após dia, sempre, sempre?”

Segui-o ao longo da estrada; havia sempre estradas que não conduziam a lugar algum. Depois, subimos numa diligência.

Armand continuava a falar, contava-me sua história e eu escutava: as plantas tinham ainda um sentido; sempre o mesmo sentido, as mesmas palavras. Os cavalos galopavam; fora, nevava: era inverno; quatro estações, sete cores, o ar que nos envolvia tinha um cheiro de couro velho. Mesmo os odores eu os conhecia. Pessoas desciam da carruagem, outras subiam; há muito tempo não via tantos rostos, tantos narizes, tantas bocas, tantos pares de olhos. Ele falava-me da Inglaterra, da anistia, da volta para a França, de seus esforços para obter minha liberdade, e sua alegria quando enfim lha concederam.

— Durante muito tempo, esperei que você se evadisse — disse-me. — Não lhe teria sido difícil.

— Não tentei.

— Ah!

Olhou-me e desviou os olhos. Recomeçou a falar sem me fazer perguntas. Vivia em Paris, num pequeno apartamento com Spinelle e uma mulher que conhecera na Inglaterra; esperavam que eu fosse morar com eles. Concordei e perguntei:

— É sua mulher?

— Não. Apenas uma amiga — rematou, breve.

Quando chegamos a Paris, uma noite inteira passara; era de manhã, as ruas estavam cobertas de neve; isso também era cenário velho: Marianne gostava da neve. Ela parecia repentinamente mais próxima e mais perdida do que no fundo de meu calabouço; havia um lugar para ela na manhã de inverno e o lugar estava vazio.

Subimos uma escada; as coisas não tinham mudado em dez anos, em cinco séculos; havia sempre tetos em cima das cabeças, e leitos em torno deles, e mesas, e cadeiras verde-oliva ou verde-amêndoa, papéis nas paredes e, entre essas paredes, eles viviam à espera da morte, acariciavam seus sonhos de homem. No estábulo, as vacas com seu ventre quente e verde, seus olhos grandes e bons em que se reflete infinitamente um sonho de feno e de prado verde.

— Fosca!

Spinelle apertava-me as mãos e ria; não mudara, somente os traços de sua fisionomia tinham endurecido um pouco. De resto, depois dessa noite, tornei a ver o rosto de Armand como o vira sempre. Parecia-me que o deixara na véspera.

— Eis Laure — disse Armand.

Ela olhou-me com um ar grave e estendeu-me sem sorrir uma mão pequena, nervosa e dura. Não era mais muito jovem; tinha uma cintura frágil, grandes olhos sombrios e a tez azeitonada; os cabelos caíam em cachos pretos sobre os ombros envolvidos num xale de longas franjas.

— Deve ter fome — disse ela.

Colocara sobre a mesa grandes canecas de café com leite e um prato de torradas com manteiga. Comiam, e Armand e Spinelle falavam com animação, pareciam muito felizes por me rever. Tomei apenas uns goles de café; perdera o hábito de comer na prisão. Tentava responder-lhes e sorrir. Mas parecia-me que meu coração se achava enterrado sob lavas frias.

— Daqui a alguns dias, haverá um banquete em sua honra — disse Armand.

— Um banquete?

— Os chefes das principais organizações operárias estarão presentes, você é um dos nossos heróis... A insurreição de 13 de abril, dez anos de prisão... Seu nome tem hoje uma importância que você não suspeita.

— Com efeito.

— Essa ideia do banquete deve espantá-lo — observou Spinelle. Sacudi a cabeça mas ele me disse com autoridade: — Vou explicar.

Tinha sempre a voz volúvel e gaguejante. Pôs-se a expor-me que agora a tática da insurreição estava abandonada; reservava-se a violência para o dia em que a revolução se desencadeasse de verdade. O que se tentava entretanto era agrupar todos os operários numa imensa união: os exilados em Londres tinham

aprendido a importância da associação operária. Os banquetes eram uma oportunidade de manifestar essa solidariedade, multiplicavam-nos através de toda a França. Falou durante um bom momento; de quando em quando, voltava-se para Laure como a pedir-lhe aprovação e ela aquiescia com a cabeça. Quando terminou, eu disse:

— Percebo.

Houve um silêncio; eu sentia que não fazia os gestos, não dizia as palavras que esperavam de mim, mas era incapaz de inventá-las. Laure levantou-se e disse:

— Não quer descansar? Tenho certeza de que essa viagem foi muito cansativa.

— Sim, gostaria de dormir. Lá eu dormia muito.

— Vou mostrar-lhe seu quarto.

Segui-a; ela empurrou uma porta e disse:

— Não é um quarto muito bonito, mas, se lhe agradasse, ficaríamos muito satisfeitos.

— Há de agradecer-me.

Tornou a fechar a porta e me estendi na cama. Havia roupa branca e vestimentas sobre uma cadeira, livros nas prateleiras. Vinham vozes de fora, ruídos de passos; por vezes, passava um carro. Era Paris, era o mundo; eu estava livre, livre entre a terra e o céu e os muros cinzentos do horizonte. No bairro de Saint-Antoine, as máquinas ronronavam: sempre, sempre. No hospital, crianças nasciam, velhos morriam; no fundo do céu nevoento, o sol era vermelho; algures, havia um homem que olhava o sol e alguma coisa explodia em seu coração. Apoiei minhas mãos no coração: batia, sempre, sempre; e o mar batia à praia: sempre, sempre. Tudo recomeçava, continuava, continuava a recomeçar sempre.

Já era noite há muito tempo quando bateram levemente à minha porta. Era Laure; trazia uma lâmpada na mão:

— Quer que lhe traga aqui o jantar?

— Não se incomode. Não tenho fome.

Ela pousou a lâmpada e aproximou-se da cama:

— Talvez não tivesse vontade de sair de prisão — disse-me.

Sua voz era rouca e um pouco velada. Soergui-me sobre o cotovelo. Uma mulher: um coração batendo sob a carne morna, dentes frescos, olhos que mendigam vida, odor de lágrimas; como as estações, as horas, as cores tinham permanecido iguais a elas mesmas. Disse-me:

— Pensamos agir direito.

— Mas agiram direito...

— Nunca se sabe.

Ela olhava meu rosto, minhas mãos; murmurou:

— Armand disse-me...

— Disse-lhe?

Levantei-me, deitei um olhar no espelho e apoiei minha fronte à vidraça. Os lampiões estavam acesos; dentro das casas eles se reuniam em redor das mesas. Durante séculos comer, dormir...

— Suponho que seja cansativo recomeçar a viver — comentou ela.

Voltei-me e disse palavras que já tinha dito:

— Não se preocupe comigo.

— Preocupo-me com tudo e com todos. Sou assim.

Dirigiu-se para a porta:

— Não me queira mal.

— Não lhe quero mal. Espero que ainda lhe possa ser útil.

— Mas será que ninguém lhe pode ser útil? — perguntou-me.

— Não o tente, principalmente.

* * *

— Vai ser uma manifestação sensacional — disse Spinelle.

O pé em cima de uma cadeira, escovava com energia um sapato rutilante. Laure, debruçada sobre a mesa, passava uma camisa de homem. Murmurou:

— Não sei de nada mais deprimente do que esses banquetes.

— São úteis — disse Armand.

— Quero crer que sim...

Armand compulsava papéis esparsos sobre o mármore da lareira onde um fogo magro crepitava.

— Sabe mais ou menos o que tem de dizer?

— Mais ou menos — respondi sem entusiasmo.

— Que pena eu não poder falar em seu lugar — disse Spinelle.
— Sinto-me inspirado esta noite.

Laure sorriu:

— Está sempre inspirado.

Ele voltou-se vivamente para ela:

— Não estava bom meu último discurso?

— É o que digo, seus discursos são sempre magníficos.

Uma acha de lenha ruiu na lareira; Spinelle pusera-se a escovar raivosamente o segundo sapato, Laure fazia deslizar o ferro sobre o tecido branco, Armand lia e o pêndulo do grande relógio oscilava serenamente: tique-taque, tique-taque. Eu o ouvia; sentia o cheiro do tecido quente, via as flores que Laure pusera nos vasos, flores cujos nomes Marianne me dissera um dia, outrora. Via cada móvel da peça e os riscos amarelos do papel da parede; discernia cada frêmito de seus rostos, cada inflexão de suas vozes; ouvia até as palavras que não diziam. Falavam-se alegremente, trabalhavam juntos e cada um deles teria dado a vida pela dos outros; e, no entanto, um drama desenrolava-se entre eles. Arranjavam sempre um jeito de criar dramas em suas vidas... Spinelle amava Laure, ela não o amava, amava Armand ou, pelo menos, lamentava não mais amá-lo; e Armand sonhava com uma mulher que se encontrava longe ou que não o amava. Eu voltava as costas para Eliana, olhava Beatriz, pensando: “Por que é Antônio que ela olha com esses olhos?” A mão de Laure ia e vinha por cima do pano liso. Uma mãozinha cor de marfim fosco: por que Armand não a amava? Ela estava ali, ela o amava: uma mulher, toda uma mulher; a outra também não passava de uma mulher. E por que Laure se

recusava a amar Spinnelle? Haveria tão grande diferença entre Armand e ele? Um era moreno, o outro castanho; um grave, o outro alegre; mas ambos com olhos que olham, lábios que tremem, mãos que mexem...

Todos tinham esses olhos, esses lábios, essas mãos; eram pelo menos uma centena no barracão, onde a mesa fora posta, cheia de garrafas e vitualhas; e era a mim que seus olhos fitavam; alguns me reconheciam, batiam em meu ombro, apertavam-me as mãos, riam: "Você não mudou." À cabeceira de Spinnelle tinham trocado um olhar e a alegria jorrara ardente de seus corações; eu os invejara. Hoje, era a mim que eles olhavam, mas seus olhares não me atingiam: nenhuma faísca em meu coração. Enterrado sob lavas frias, sob as cinzas, o velho vulcão estava mais morto do que as crateras lunares.

Sentei-me ao lado deles; comiam e bebiam e eu comia e bebia com eles. Marianne sorria-lhe, uma sanfonineira cantava e todos retomavam em coro o estribilho: é preciso cantar, eu cantara. Um após outro, eles se levantavam, erguiam brindes à minha saúde. Contavam histórias do passado: a morte de Garnier, a Rua Transnonain, Saint-Pélagie e os dez anos que eu vivera nos subterrâneos do Monte Saint-Michel; com suas palavras os homens criavam uma lenda iluminada que os exaltava melhor do que canções; suas vozes tremiam de emoção e havia lágrimas nos olhos das mulheres. Os mortos estavam mortos; do passado morto os vivos faziam um presente vivo, os vivos viviam.

Falavam também do futuro, do progresso da humanidade. Armand levantou-se e falou. Disse que, se os trabalhadores soubessem unir-se, soubessem querer, seriam os senhores das máquinas a que estavam escravizados; elas seriam, um dia, o instrumento de sua libertação, de sua felicidade; evocou os tempos em que trens rápidos, lançados sobre trilhos de aço, quebrariam as barreiras erguidas pelo protecionismo egoísta das nações; a terra seria então um imenso mercado em que todos os homens se abasteceriam sem constrangimento... Sua voz enchia

o barracão, eles não comiam mais, não bebiam mais; escutavam; viam com seus olhos atentos frutos de ouro, regados de mel e leite, além do barracão; além das janelas cobertas de geada, Marianne olhava, sentia no ventre o peso morno do futuro; e sorria; as mulheres punham-se de joelhos gritando, rasgavam as vestes, os homens pisoteavam-nas; nas praças, no fundo das lojas, no meio dos campos os profetas pregavam: o tempo da justiça virá, o tempo da felicidade. Laure levantara-se por sua vez; ela também falava do futuro com sua voz ardente e machucada. O sangue corria, gritos e cantos rasgavam os ares e nos verdes prados do futuro pastavam ovelhas brancas. O tempo virá... Ouvia sua respiração ofegante. E eis que o tempo chegara, era hoje o futuro deles, o futuro dos mártires calcinados, dos camponeses degolados, dos oradores de voz ardente, o futuro ambicionado por Marianne, esse futuro eram os dias ritmados pelo ronronar das máquinas, pelo lento suplício das crianças, pelas prisões, pelos cortiços, pela fadiga, pela fome, pelo tédio...

— Chegou a sua vez — disse Armand.

Levantei-me, queria ainda obedecer-lhe: “Sê um homem.”

Apoiei as mãos à mesa e disse:

— Sinto-me feliz por me encontrar novamente entre vocês...

E minha voz secou na garganta. Não estava entre eles. Esse futuro, para eles puro, liso, inacessível como o azul do céu, tornar-se-ia para mim um presente que teria de viver dia por dia, na fadiga e no tédio. 1944: leria essa data num calendário enquanto outros homens fixariam com olhos maravilhados os anos de 2044, 2144... Sê um homem. Mas ela também me dissera: “Não vivemos no mesmo mundo; tu me olhas do fundo de outro tempo...”

Quando me encontrei com Armand, duas horas depois, disse-lhe:

— Lamento.

Ele apoiou a mão em meu ombro:

— Não há de que lamentar-se. Seu silêncio produziu mais efeito do que o mais impressionante discurso.

Sacudi a cabeça.

— Lamento porque compreendi que não posso mais trabalhar com vocês.

— Por quê?

— Digamos que estou cansado.

— Isso nada significa — retorquiu ele com impaciência. — Quais as verdadeiras razões?

— Para que dizê-las?

Ele deu de ombros, um tanto agastado.

— Teme convencer-me? É escrúpulo demais.

— Oh! Bem sei que você seria capaz de enfrentar o diabo ou Deus — disse-lhe.

— Explique-se então.

Sorriu e acrescentou:

— Talvez eu consiga convencê-lo...

Olhei as flores dos vasos, os riscos amarelos da parede; o pêndulo oscilava no mesmo ritmo igual. Disse-lhe:

— Não creio no futuro.

— Haverá um futuro.

— Mas vocês falam todos desse futuro como de um paraíso. Não haverá paraíso.

— Por certo.

Examinava-me. Parecia procurar no meu rosto as palavras que lhe cabia dizer.

— O que descrevemos como paraíso é o momento em que nossos sonhos de hoje estarão realizados. Bem sabemos que a partir daí os homens terão novas exigências...

— Como pode desejar o que quer que seja, sabendo que os homens nunca estarão satisfeitos?

Teve um dos seus sorrisos duros:

— Não sabe o que seja um desejo?

— Sim. Tive desejos. Sei.

Hesitou:

— Mas não se trata simplesmente de desejo; vocês lutam uns pelos outros porque querem a felicidade...

— Lutamos juntos por nós.

Continuava a examinar-me atentamente.

— Você diz: os homens; olha-os com olhos estranhos — disse-me. — Talvez, com efeito, se eu fosse Deus, não achasse nenhuma razão para fazer isso ou aquilo por eles. Mas sou um deles; quero com eles, para eles, certas coisas contra outras; quero-as hoje...

— Quis outrora que Carmona fosse livre — disse eu. — E, porque a salvei do jugo de Florença e Gênova, ela perdeu-se com Florença e Gênova. Vocês querem a República, a liberdade; quem lhes diz que esse êxito não os encaminha para a pior das tiranias? Quando se vive suficientemente, vê-se que toda vitória se transforma um dia em derrota...

O meu tom sem dúvida o irritou, pois disse com vivacidade:

— Tenho algumas noções de história; não me ensinará nada. Tudo o que se faz acaba se desfazendo, eu sei. E, a partir da hora em que nasce, começa-se a morrer. Mas entre o nascimento e a morte há a vida.

Sua voz fez-se mais branda.

— Penso que a grande diferença existente entre nós é que um destino humano, logo efêmero, não tem a seus olhos grande importância.

— Com efeito.

— Você já está no fundo do futuro. E encara esses instantes como se já fossem passado. Todas as empresas passadas parecem irrisórias se só se lhes vê o aspecto morto, embalsamado. Que Carmona tenha sido durante duzentos anos livre e grande, é coisa que não o comove muito hoje; mas bem sabe o que era Carmona para os que a amavam. Não creio que tenha errado defendendo-a contra Gênova.

Os repuxos cantavam; um gibão branco brilhava de encontro aos teixos negros e Antônio dizia: “Minha pátria é Carmona...”

— Então, por que Garnier errou, a seu ver, defendendo o claustro de Saint-Merri? Queria defender e defendeu-o.

— Era um ato sem futuro — disse Armand.

Refletiu:

— Na minha opinião, só nos devemos preocupar com o futuro a nosso alcance; mas devemos esforçar-nos por alargar quanto possível o nosso domínio sobre ele.

— Vocês fazem o que me censuram — respondi. — Olham o ato de Garnier sem participar dele...

— Talvez. Talvez eu não tenha o direito de julgar.

Houve um silêncio. Disse-lhe:

— Você admite que só trabalha por um futuro limitado.

— Um futuro limitado; uma vida limitada; é nosso quinhão de homem, é suficiente. Se soubesse que daqui a cinquenta anos será proibido empregar crianças nas manufaturas, proibido fazer os homens trabalharem mais de dez horas, que o povo escolherá seus representantes, que a imprensa será livre, estaria satisfeito.

Novamente seu olhar fixou-me.

— Acha a condição dos operários abominável. Pense nos que conheceu, neles tão somente. Não deseja ajudá-los a mudar sua sorte?

— Um dia vi uma criança sorrir. Pareceu-me muito importante que essa criança pudesse sorrir às vezes. Sim, há momentos em que isso comove.

Olhei-o:

— Mas há momentos em que tudo se extingue.

Ele levantou-se, pousou a mão no meu ombro:

— Se tudo se extinguisse, que seria de você?

— Não sei.

As flores, o pêndulo, o papel de riscos amarelos... Se deixasse essas coisas, para onde iria? Se não lhes obedecesse mais docilmente, que faria?

— É preciso viver no presente, Fosca — disse ele com insistência. — Conosco, por nós: e também por você... É preciso que o presente seja importante para você.

— Mas as palavras secam-me na boca — disse eu. — Os desejos secam em meu coração e os gestos nas pontas dos dedos.

Tornei a encontrar nos olhos dele aquele olhar preciso, prático, que eu conhecia bem.

— Pelo menos permita que nos aproveitemos de você. Um grande prestígio prende-se a seu nome, à sua pessoa, assista aos banquetes, apareça nas reuniões, acompanhe Laure à província.

Eu calava e ele disse:

— Concorda?

— Que razão poderia ter para recusar? — respondi.

* * *

— Dois francos por mês — dizia Laure. — E todos os operários das fiações seriam protegidos contra a doença, a falta de trabalho, as misérias da velhice. Poderiam até suspender o trabalho durante muitos dias quando julgassem oportuno entrar em greve.

Eles escutavam com ar aborrecido e cansado; um punhado de homens apenas. Em todas as cidades era a mesma coisa; estavam esgotados demais pelo trabalho quotidiano para ter a força de ambicionar outro futuro que não o de jantar à noite e dormir; e as mulheres tinham medo.

— Quem irá dispor desse dinheiro? — indagou um deles.

— Vocês nomearão uma comissão que prestará contas mensalmente.

— A comissão será muito poderosa.

— Vocês controlarão as despesas.

— Quem controlará?

— Os que vierem às reuniões.

— Será muito dinheiro — repetiu o homem.

De bom grado teriam sacrificado dois francos por mês, mas temiam o poder obscuro que representava a caixa de auxílio nas mãos de um deles: temiam criar novos senhores. Laure exortava-os com sua voz ardente e alquebrada; mas as fisionomias permaneciam fechadas. Quando saímos da sala de reunião, ela disse suspirando:

— Desconfiam de nós.

— Desconfiam deles próprios.

— É. Não é de espantar; nunca conheceram senão a própria fraqueza.

Enrolou o xale nos ombros; a temperatura era amena, mas garoava. Desde que tínhamos chegado a Ruão não cessara de garoar ou chover.

— Resfriei-me.

— Venha beber um grogue antes de voltar para casa.

O xale era leve demais, os sapatos encharcavam-se. Quando se sentou no banco de couro, vi seus olhos profundamente empapuçados, suas narinas avermelhadas. Pudera ficar tranquilamente junto da lareira, dormir à vontade, ser bela, elegante, e sem dúvida amada. Corria as estradas, comendo mal, dormindo pouco, descurando a beleza do rosto, gastando os sapatos e as forças. Com que proveito?

— Você se cansa demais.

Deu de ombros.

— Deveria ocupar-se um pouco mais com você.

— Não é possível a gente se ocupar consigo mesma — disse ela.

Havia tristeza em sua voz. Armand não se ocupava muito com ela; Spinelle ocupava-se mal, irritava-a. Eu a acompanhava através das cidades da França quase sem lhe falar.

— Admiro Armand — disse ela. — Há uma tal força nele; não duvida nunca.

— Você duvida?

Pousou o copo na mesa; o álcool fumegante fizera subir-lhe às faces um pouco de sangue.

— Eles não têm vontade de ouvir o que viemos dizer-lhes... Por vezes me pergunto se não seria melhor deixá-los viver e morrer em paz.

— E que faria você?

Sorriu de leve.

— Voltaria às regiões quentes; lá é que nasci. Deitar-me-ia numa rede sob uma palmeira e esqueceria tudo.

— Por que não faz isso?

— Não posso. Na verdade, eu não poderia esquecer. Há miséria demais, sofrimento demais; nunca o suportarei.

— Mesmo se fosse feliz?

— Não seria feliz.

No espelho amarelado à nossa frente, eu via seu rosto, os cachos úmidos sob o chapéu preto, os olhos de veludo no semblante fatigado.

— Apesar de tudo, realizamos um trabalho útil, não é? — perguntou ela.

— Naturalmente.

Ela olhou-me e ergueu os ombros:

— Por que não diz nunca o que pensa?

— É porque não penso nada.

— Não é verdade.

— Asseguro-lhe que sim. Não sou capaz de pensar.

— Por quê?

— Não falemos de mim.

— Ao contrário.

— As palavras não têm o mesmo sentido para você e para mim.

— Eu sei. Você disse um dia a Armand que você não era deste mundo.

Seu olhar pousou em minhas mãos e subiu até meu rosto.

— Mas não é verdade — disse-me. — Está aí sentado perto de mim e conversamos. É um homem; um homem com um estranho destino, mas um homem desta terra.

A voz era insistente: uma carícia e um apelo; muito longe, bem no fundo, sob as cinzas frias e as lavas petrificadas, algo fremia. A casca rugosa de uma árvore contra meu rosto, um vestido lilás desaparecendo no fim da alameda. Ela disse:

— Se quisesse, poderia ser uma amiga para você.

— Você não compreende. Ninguém pode compreender quem sou eu.

— Explique-me.

Sacudi a cabeça.

— Você deveria ir dormir.

— Não tenho vontade de dormir.

Suas mãos estavam serenamente estendidas sobre a mesa, mas a ponta das unhas arranhava o mármore. Só, a meu lado, só, junto de seus camaradas, só, no mundo com todo o peso do sofrimento que carregava nos ombros.

— Você não é feliz.

— Não.

— Pois então — disse ela com brusco ardor —, bem vê que pertence ao mundo dos homens; pode-se ter pena de você, pode-se amá-lo...

Ela respirava, rindo, o perfume das rosas e da tília em flor: “Bem sabia que você era infeliz.” E eu apertava o tronco da árvore nos meus braços: “Voltarei a ser um homem vivo? Sob as lavas frias um vapor quente tremia. Há muito que ela me amava, eu sabia.”

— Um dia, você estará morta e eu a esquecerei. Isso não torna impossível qualquer amizade?

— Não — disse ela —, mesmo se você me esquecer, nossa amizade terá existido; o futuro nada poderá contra ela.

Ergueu os olhos; seu olhar inundou-lhe o rosto.

— Todo esse futuro em que me esquecerá, todo esse passado em que não existo, eu os aceito; fazem parte de você; é bem você que está aqui com esse futuro e esse passado. Pensei nisso muitas vezes e eu me dizia que o tempo não nos poderia separar se tão somente...

Com a voz embargada, terminou rapidamente:

— ...se tão somente você tivesse amizade por mim.

Estendi a mão. Pela força do amor, eis que pela primeira vez há séculos, apesar do passado, apesar do futuro, eu me encontrava inteiramente presente, inteiramente vivo. Estava ali: um homem que uma mulher amava; um homem com seu estranho destino, mas um homem desta terra. Toquei-lhe os dedos. Uma palavra apenas e essa crosta morta fender-se-ia, e novamente rolariam as lavas febris da vida; o mundo encontraria de novo uma fisionomia, uma expressão; haveria esperas, alegrias, lágrimas.

Ela disse-me muito baixo:

— Deixe-me amá-lo.

Alguns dias, alguns anos. E ei-la deitada na cama, com o rosto encarquilhado; todas as cores se misturaram, o céu extinguiu-se e os perfumes gelaram: “Tu me esquecerás.” Sua imagem petrifica-se dentro do quadro oval. Nem mesmo há mais palavras para dizer: Ela não está aqui. *Onde* não está ela? Não vejo nenhum vazio em redor de mim.

— Não — disse eu. — É inútil. Tudo é inútil.

— Não represento nada para você?

Olhei-a. Sabia que eu era imortal, medira o sentido dessa palavra e me amava; era capaz de semelhante amor. Se eu soubesse ainda servir-me das palavras humanas, teria dito: “De todas as mulheres que conheci, é a mais generosa, a mais apaixonada, a mais nobre, a mais pura.” Mas todas essas palavras nada mais significavam para mim. Laure já era uma morta. Minha mão afastou-se da sua.

— Nada. Você não pode compreender.

Ela encolheu-se no banco e o espelho fixou-lhe a imagem. Estava só, exausta; teria que envelhecer só e exausta, sem nada receber em troca do que prodigalizava e que nem sequer lhe pediam; lutando por eles, sem eles, contra eles, duvidando deles e de si mesma. Em meu coração alguma coisa fremia ainda: piedade. Eu podia arrancá-la à sua vida; de minhas antigas riquezas ainda sobrava o suficiente para levá-la para as terras quentes; estender-se-ia numa rede à sombra das palmeiras e eu lhe diria que a amava.

— Laure.

Ela sorriu timidamente; sobrava ainda um pouco de esperança em seus olhos. E Beatriz inclinava sobre o manuscrito vermelho e dourado seu rosto envelhecido. Eu dissera: “Quero fazer tua felicidade”, e eu a perdera mais seguramente do que perdera Antônio. Ela sorria; mas por que preferir seu sorriso às suas lágrimas? Não se podia dar-lhe coisa alguma. Não se podia nada querer por eles se não se queria alguma coisa para si mesmo com eles. Teria sido necessário amá-la. Eu não a amava. Não queria nada.

— Vá dormir — disse-lhe. — É tarde.

* * *

Na alameda de ciprestes, as manchas louras subiam e desciam como que puxadas por fios invisíveis, desciam, subiam, desciam; as gotas d’água jorravam, recaíam, sempre a mesma espuma e sempre diferente, e as formigas iam e vinham, mil formigas, mil vezes a mesma formiga. Eles iam e vinham nos gabinetes da Reforma, aproximavam-se da janela, afastavam-se, davam-se palmadas nos ombros, sentavam-se, levantavam, num incessante zumbir. A chuva fustigava as janelas, sete cores, quatro estações, e todos falavam ao mesmo tempo: Será a Revolução? O êxito da Revolução exige... o bem da Itália, o bem de Carmona, a segurança do Império, eles zumbiam, mão

crispada sobre o copo da espada, sobre a coronha do revólver, dispostos a morrer para se convencer disso.

— Tenho vontade de ir ver o que está acontecendo — disse Laure. — Quer acompanhar-me, Fosca?

— Sem dúvida.

A rua estava cheia de gente. Uma chuva oblíqua molhava o calçamento, os tetos, havia alguns guarda-chuvas abertos sobre as cabeças, mas a maioria caminhava despreocupada através da noite molhada. *Le jour de gloire est arrivé*. Cantavam, agitando bandeiras e tochas; todas as casas estavam iluminadas, tinham pendurado lampiões e lanternas de papel nos muros, e nas encruzilhadas grandes chamas lutavam contra o vento e a água: *Aux armes, citoyens!* Cantavam. Os gritos de alegria, os clamores de morte, os cânticos subiam das tavernas com o ruído das rixas; o dia da justiça chegara. *Aux armes*. Rolavam pelas ruas, dançavam em torno de fogueiras, agitavam tochas. Sempre a mesma espuma e sempre diferente. Gritavam: “Abaixo Guizot.” Muitos deles traziam fuzis a tiracolo. Havia um estranho sorriso nos lábios de Laure e ela olhava ao longe algo que eu não via. Sentado no barco, no meio das águas calmas, ele fixava ao longe a invisível embocadura do rio que se lançava ao mar vermelho, cor de sangue, ou será que não?

— Não passem por aí!

Uma mulher escondida no vão de uma porta fazia-nos sinal para voltar atrás. À nossa frente, a rua estava deserta; ouviu-se um tiro. Os transeuntes pararam. Laure pegou-me o braço, arrastou-me através da multidão hesitante.

— Será prudente? — indaguei.

— Quero saber o que está acontecendo.

O primeiro que vimos era um homem de blusão, tinha o rosto voltado para o chão e os braços estendidos como se tivesse querido apegar-se às lajes da rua antes de deslizar para a morte; o segundo olhava o céu com olhos inteiramente abertos; havia quem gemesse ainda; das ruas vizinhas chegavam homens

carregando macas; suas tochas iluminavam as lajes vermelhas onde jaziam cadáveres e feridos, ruas juncadas de guarda-chuvas, bengalas, chapéus, lanternas furadas, bandeiras amarrotadas. As praças de Roma estavam vermelhas, nas sarjetas os cães disputavam entre si estranhas coisas rosadas e brancas, um cão gania, e mulheres e crianças voltavam para a lua seus rostos mutilados pelos cascos dos cavalos, as moscas zumbiam em torno dos corpos estendidos na terra batida entre as choças de bambu, gemidos subiam da poeira pisada pelos soldados. Durante vinte ou sessenta anos não morrer — para acabar morrendo.

— À Bastilha!

Agora havia multidão na praça, tinham detido um furgão e nele amontoavam os cadáveres. Gritavam: “À Bastilha!” Gritavam ainda: “Vingança! Assassnam o povo!” Laure estava muito branca, seus dedos crispavam-se em meu braço; murmurou: “Agora é a Revolução!” Os sinos dobravam, o furgão pôs-se em movimento. “À Bastilha! Vingança!” Os mortos estavam ainda quentes, o sangue ainda fluido sobre as lajes; mas já mortos, mortos para sempre, e os vivos continuavam a viver como se não devessem morrer nunca; transportavam através de sua vida os cadáveres dóceis. Os sinos dobravam e de todas as ruas surgiam bandos que agitavam bandeiras e tochas; as tochas iluminavam com luz vermelha as lajes molhadas. O cortejo aumentava de minuto em minuto; o bulevar estava submerso por uma maré escura, sempre igual a si mesma, de pé, intacta, a imensa maré humana. Não faltava ali uma só gota d’água; a peste passara, a cólera, a fome, as fogueiras, os trucidamentos, as guerras, as revoluções, e ela ali estava inteira, os mortos embaixo da terra, os vivos sobre a terra, sempre a mesma espuma... Marchavam; marchavam para a Bastilha, para a Revolução, para o Futuro; a tirania ia ser vencida e dentro em breve não haveria mais miséria, classes, fronteiras, guerras, mortes; haveria justiça, fraternidade, liberdade, logo a razão

governaria o mundo, minha razão, uma vela branca desaparecia no horizonte, os homens iam conquistar os lazes, a prosperidade, e arrancariam as riquezas da terra, construiriam grandes cidades claras, eu derrubava as florestas, desbravava as matas, estradas cortavam o globo manchado de azul, amarelo e verde, que eu segurava nas mãos, o sol inundava a Nova Jerusalém onde todos os homens vestidos de branco trocavam o beijo da paz, dançavam em volta das fogueiras, sapateavam no fundo dos armazéns sombrios, sentados nos *boudoirs* perfumados, falavam, falavam do alto de suas cátedras, com voz comedida, ou em voz baixa, ou em voz alta, gritavam: “Vingança!” Ao longe, no fundo dos bulevares escuros, abria-se um paraíso vermelho e ouro onde a felicidade tinha o brilho acobreado da cólera; e para esse paraíso é que marchavam; cada passo os aproximava dele. Eu marchava na planície calma, os juncos cuspiam gotas de água à minha passagem; avançava passo a passo em direção ao horizonte, que recuava a cada passo e no qual todas as noites soçobrava o mesmo sol.

— Viva a Reforma!

Tinham parado sob as janelas do jornal. Armand apareceu na sacada; apertava a balaustrada de ferro com as mãos e gritava palavras. Ao longe, uma igreja ardia, fogos de bengala ensanguentavam as estátuas da grande praça. “Viva Antônio Fosca!” Empoleirados nos telhados e nas árvores, eles gritavam: “Viva Lutero”; e as taças se entrechocavam. Carlos Malatesta ria, a vida queimava; queimava em Carmona, em Worms, em Gand, em Münster, em Paris, exatamente aqui, neste momento, no coração dos homens vivos, dos homens mortais. E eu patinhava na planície calma, buscando com o pé a terra gelada, cego, estranho, morto como os ciprestes sem inverno e sem flores.

Punham-se em marcha novamente e chamei “Marianne!” dentro de mim. Ela teria tido olhos para ver, ouvidos para ouvir, e meu coração teria batido; para ela também o futuro teria flamejado: a liberdade, a fraternidade. Fechei os olhos; e ela apareceu-me tal

qual eu a perdera havia muito tempo; num vestido de listras cor-de-rosa e pretas, com seus cachos bem penteados e seu sorriso calmo. “Marianne.” Eu a via; e eis que ela se abraçava a mim com horror; detestava a desordem, a violência, os gritos, ter-se-ia afastado daquelas mulheres descabeladas, teria tapado os ouvidos para não ouvir os clamores selvagens; era com uma revolução sensata que ela sonhava. “Marianne.” Tentei pensar: “Hoje ela seria diferente, conheceria este povo, amá-lo-ia, ter-se-ia habituado ao cheiro da pólvora e da morte.” Olhei Laure; despenteada, cabelos molhados, apertava o xale sobre os ombros e seus olhos azuis luziam; era Laure, não era Marianne. Para ficar ali a meu lado, fora preciso que Marianne deixasse de ser ela mesma; estava imóvel no fundo do passado, em seu tempo, e eu não a podia chamar para junto de mim nem mesmo em imagem.

Ergui os olhos; vi o céu sem lua, as fachadas iluminadas, as árvores e, a meu redor, a multidão dos homens, seus semelhantes. E senti que o último laço que me prendia ao mundo acabava de se desfazer: não era mais o mundo de Marianne; não podia mais contemplá-lo com seus olhos; seu olhar acabara de extinguir-se; mesmo em meu coração as batidas de seu coração se tinham calado. “Tu me esquecerás.” Não a esquecera. Ela deslizara para fora do mundo e para fora de mim, que era para sempre deste mundo. Nenhum vestígio sob o céu, nem sobre a água, nem sobre a terra, nenhum vestígio em nenhum coração; nenhum vazio, nenhuma ausência, tudo estava cheio. A mesma espuma e sempre diferente, sem faltar uma só gota d’água.

Marchavam; aproximávamo-nos da Bastilha e o cortejo era um imenso rio revoltado; chegava gente de todas as ruas, do fundo do bulevar, do fundo do tempo; através das ruas de Carmona, de Gand, de Valhadoli, de Münster, pelas estradas da Alemanha, das Flandres, da Itália, da França, a pé, a cavalo, de saiotas, de blusões, vestidos de pano ou protegidos por cotas de malha, avançavam camponeses e operários, burgueses, vagabundos,

com esperança, ódio, alegria, olhos fixos no futuro; avançavam, deixando um rasto de suor e sangue; seus pés feriam-se nas pedras dos caminhos, avançavam passo a passo e a cada passo o horizonte recuava um passo, o horizonte em que todas as noites o mesmo sol soçobrava; amanhã, dentro de cem anos, dentro de vinte séculos, marchariam ainda, a mesma espuma e sempre diferente, e o horizonte recuaria ainda à frente deles, dia após dia, sempre, sempre calcando aos pés a planície negra, durante séculos e séculos, como a calcavam aos pés havia séculos e séculos.

À noite, entretanto, eu jogava a sacola sobre a terra gelada, acendia uma fogueira e deitava-me; deitava-me para partir novamente no dia seguinte. Assim paravam eles às vezes. Na Praça da Prefeitura, tinham parado, gritavam, descarregavam os fuzis para o ar, uma mulher em pé sobre a carreta de um canhão cantava a *Marselhesa*: “Viva a República!” O rei acabava de abdicar, eles pensavam ter a vitória nas mãos, tinham nas mãos canecas cheias de vinho, riam, Catarina sorria; Malatesta ria, os muros de Pérgola desmoronavam em meio aos clamores de alegria, os campanários de Florença cintilavam ao sol, os sinos da catedral saudavam a vitória. Carmona estava salva, era a paz. Armand aproximou-se da sacada; tinham escrito com grandes caracteres numa bandeira “Viva a República!” e desfraldavam-se diante da janela e jogavam, aos punhados, folhetos com palavras de fé e esperança. A multidão aclamava: “Viva a República!” “Viva Carmona!” E Carmona estava perdida, era a guerra, voltávamos as costas para Florença, onde não tínhamos conseguido entrar, abandonávamos Pérgola com um peso no coração, os camponeses de Ingolstadt retorciam-se de dor nas fogueiras que tinham acendido... Senti a mão de Armand no meu ombro.

— Sei o que está pensando — disse-me.

Um instante, ficamos lado a lado, imóveis, olhando a multidão delirante. Com seus tacapes, batiam no grande poste vermelho e

soltavam gritos selvagens; dançavam e arrebatavam de encontro aos muros os crânios dos recém-nascidos; fogos de bengala iluminavam a noite; jogavam tochas nos palácios, as lajes estavam vermelhas, estandartes bordados flutuavam às janelas, dependurados às sacadas, às lanternas, corpos inertes oscilavam, gritos de horror, gritos de alegria, cantos de morte, cânticos de paz, tinido de copos entrecrocados, barulho de armas, gemidos e risos subiam juntos ao céu. E depois o silêncio tornava a reinar; nas praças bem lavadas, as donas de casa buscavam a água quotidiana, embalavam recém-nascidos, os teares recomeçavam a ronronar e os fusos iam e vinham, os mortos estavam mortos, os vivos viviam. Carmona estagnava em cima de seu rochedo, imóvel como um grande cogumelo, o tédio barrava o céu e esmagava a terra até que estourasse novo fogo; uma nova voz, sempre a mesma e sempre diferente, explodia dentro da noite: “Viva a República!” Em pé em cima da carreta a mulher cantava.

— Amanhã será preciso lutar ainda — disse Armand. — Mas hoje somos vencedores. É uma vitória, aconteça o que acontecer.

— É.

Olhei-o. Olhei Spinelle e Laure. Hoje. A palavra tinha um sentido para eles. Para eles, havia um passado, um futuro: havia um presente. No meio do rio que deslizava — norte-sul ou leste-oeste? — ele sorria: gosto dessa hora! Isabel caminhava a passos lentos no jardim, o sol brincava sobre os belos móveis patinados e ele acariciava sorrindo a barba sedosa; no meio da praça, erguia-se a fogueira que uma multidão recolhida cercava, e eles avançavam cantando; apertavam contra o coração todo o seu passado. O povo gritara: “Abaixo a República!” E ele chorava; porque ele chorava, porque agora sorria, sua vitória era uma verdadeira vitória e o futuro nada podia contra ela. Ele sabia que amanhã seria preciso recomeçar a querer, a recusar, a lutar; amanhã, ele recomeçaria; hoje, ele era vencedor. Olhavam-se,

riam juntos: somos vencedores, falavam-se; e, porque se olhavam e se falavam, sabiam que não eram mosquitos, nem formigas, mas homens, e que era importante viver e ser vencedor. Tinham arriscado, dado a vida para se convencerem disso e estavam convencidos; não havia outra verdade.

Dirigi-me para a porta; eu não podia arriscar a vida, não podia sorrir-lhes, não havia lágrimas nos meus olhos, nem chama no meu coração. Um homem de nenhum lugar, sem passado, sem futuro, sem presente. Eu não queria nada; eu não era ninguém. Avançava passo a passo em direção do horizonte que recuava a cada passo; gotas d'água jorravam e recaíam, o instante destruía o instante, minhas mãos estavam para sempre vazias. Um estranho, um morto. Eles eram homens, eles viviam. Eu não era dos seus. Nada tinha a esperar. Transpus a porta.

Epílogo

Pela primeira vez desde que falava, a voz de Fosca tremera; baixou a cabeça; suas mãos espalhavam-se sobre o oleado de ambos os lados da caneca azul: ele olhava-as como se não as reconhecesse; mexeu o indicador direito, depois o esquerdo, e seus dedos tornaram a imobilizar-se. Régine desviou o olhar. Era um dia claro; os camponeses, sentados em redor das mesas, tomavam sopa e bebiam vinho branco; no mundo dos homens um novo dia começava; o céu era azul do outro lado da janela.

— E do outro lado da porta — disse Régine — havia ainda alguma coisa?

— Sim. A Praça da Prefeitura, Paris. Depois, uma estrada que conduzia ao campo, um bosque, um matagal; o sono. Dormi sessenta anos. Quando me acordaram o mundo era igual a si próprio. Disse-lhes: “Dormi sessenta anos.” Então puseram-me num hospício. Não me aborreci ali.

— Não conte tão depressa — disse Régine.

Ela fixava a porta e pensava: “Quando ele tiver terminado, será preciso transpor essa porta e por trás ainda haverá alguma coisa. Não poderei dormir e não terei coragem de morrer.”

— Não há mais que contar — disse Fosca. — Todos os dias o sol levantou-se e deitou-se. Entrei no hospício, saí do hospício. Houve guerras: depois da guerra, a paz; depois da paz, outra guerra. Todos os dias homens nascem e homens morrem.

— Cale-se — disse ela.

Apoiou as mãos na boca. A angústia descera da garganta ao seu coração, ao seu ventre. Tinha ganas de gritar. No fim de um instante, perguntou:

— Agora, que vai fazer?

Fosca olhou em redor e, repentinamente, seu semblante abateu-se:

— Não sei.

— Dormir?

— Não, não posso mais dormir.

Baixou a voz:

— Tenho pesadelos.

— Você? Pesadelos?

— Sonho que não há mais homens. Todos estão mortos. A terra é branca. Ainda há a lua no céu e ela ilumina uma terra toda branca. Estou só, com o camundongo.

Falava baixo e seu olhar era o de um homem muito velho.

— Que camundongo?

— O camundongo maldito. Não haverá mais homens, mas ele continuará a dar voltas dentro da eternidade. Fui eu quem o condenou. É meu maior crime.

— Ele não sabe — disse Régine.

— Justamente. Ele não sabe e gira sem cessar. E um dia só haverá ele e eu sobre a terra.

— E eu debaixo da terra.

Cerrou os lábios. O grito subia do ventre ao coração, do coração à garganta. Uma grande luz brilhante vibrava dentro de sua cabeça; uma luz mais ofuscante do que a noite. Não devia gritar; no entanto, parecia-lhe que, se gritasse, alguma coisa aconteceria; talvez a trepidação lancinante parasse, a luz se apagasse.

— Vou partir — disse Fosca.

— Para onde?

— Para qualquer lugar.

— Então, por que parte?

— Há em minhas pernas uma vontade de mexer. Preciso aproveitar essas vontades.

Dirigiu-se para a porta e ela o seguiu:

— E eu? — disse ela.

— Oh! Você!

Deu de ombros.

— Isso acabará.

Desceu os dois degraus diante da porta e tomou pela rua que conduzia à estrada, caminhando a passos largos. Andava muito depressa como se ao longe, no fundo do horizonte, algo o

esperasse: um mundo enterrado sob uma camada de gelo, sem homens, sem vida, branco e nu. Ela desceu os dois degraus: “Que parta!” pensou. “Que desapareça para sempre!” Olhava-o afastar-se, como se ele pudesse levar consigo o malefício que a despojara de seu ser; na curva da estrada, ele desapareceu. Ela deu um passo e parou; estarrecida; ele desaparecera, mas ela permanecia tal qual ele a fizera: uma folha de erva, um mosquito, uma formiga, um pouco de espuma. Olhou em redor; talvez houvesse uma saída; furtivo como um bater de pálpebras, algo roçou-lhe o coração; não era sequer uma esperança e já se esvaíra; estava demasiado cansada. Esmagou as mãos contra a boca, inclinou a cabeça, estava vencida; aceitava a metamorfose com horror, com terror: mosquito, espuma, formiga e até a morte. “É apenas o começo”, pensou, e permanecia imóvel como se fosse possível enganar o tempo, impedi-lo de prosseguir na sua rota. Mas as mãos se enrijeciam sobre os lábios contraídos.

Foi ao soar das horas no campanário que ela soltou o primeiro grito.

Sobre a autora

Simone de Beauvoir nasceu em Paris em 9 de janeiro de 1908, numa típica família burguesa da França. Criada de forma bastante tradicional por pais extremamente católicos, ainda na adolescência rejeitou os valores morais e religiosos de sua família. Formou-se em filosofia na Sorbonne, onde conheceu Jean-Paul Sartre, em 1928, tornando-se sua companheira e maior crítica.

Entre 1941 e 1943, Simone lecionou filosofia na mesma universidade que estudou, sendo demitida pelos nazistas. Em 1943, lançou seu primeiro livro, o romance *A convidada*, e, em 1949, os dois volumes de *O segundo sexo*. Depois da guerra, junto com Sartre e Merleau-Ponty, fundou a revista *Les Temps Modernes*, que durante 25 anos foi uma das maiores arenas do debate político e filosófico mundial.

Entre romances, ensaios e livros de memória, Simone de Beauvoir lançou mais de vinte obras. Morreu em 14 de abril de 1986, em Paris, e foi enterrada junto a Sartre.

Conheça todos os títulos da Biblioteca Áurea

A bíblia da humanidade — Michelet

A Casa Soturna — Charles Dickens

A interpretação dos sonhos — Sigmund Freud

A velhice — Simone de Beauvoir

As confissões — Jean-Jacques Rousseau

Código dos homens honestos — Honoré de Balzac

Iniciação à Estética — Ariano Suassuna

Jane Eyre — Charlotte Brontë

O homem sem qualidades — Robert Musil

O tempo, esse grande escultor — Marguerite Yourcenar

Os três mosqueteiros — Alexandre Dumas

O último dos moicanos — James Fenimore Cooper

O vermelho e o negro — Stendhal

DIREÇÃO EDITORIAL
Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL
Ana Carla Sousa

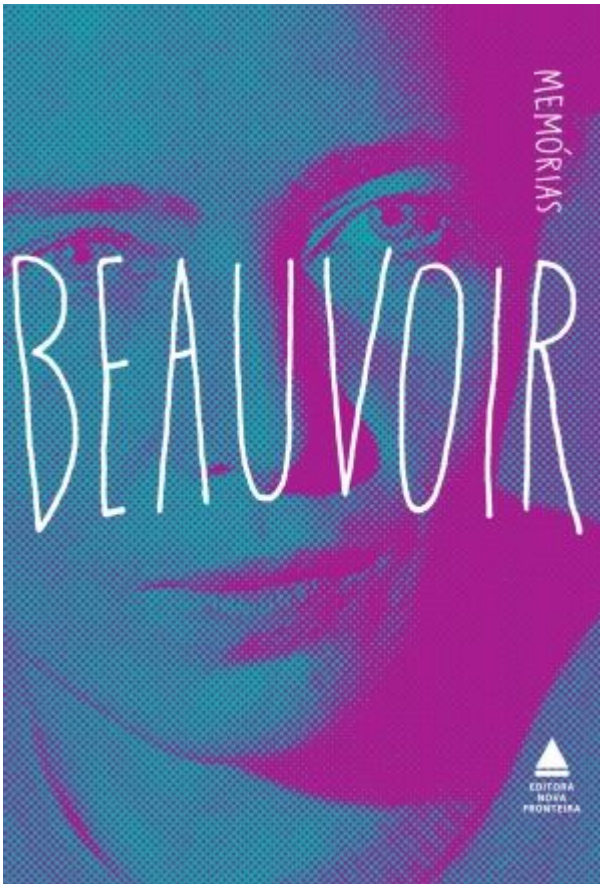
PRODUÇÃO EDITORIAL
Adriana Torres
Carolina Rodrigues

REVISÃO
Carolina Menegassi Leocadio
Vanessa Goldmacher

CAPA E ILUSTRAÇÃO
Rafael Nobre

DIAGRAMAÇÃO
Futura

PRODUÇÃO DE EBOOK
[S2 Books](#)



Box Memórias de Simone de Beauvoir

de Beauvoir, Simone

9788520942376

1416 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ícone do pensamento filosófico feminista e uma das principais representantes do movimento existencialista francês do século XX, Simone de Beauvoir completaria 110 anos em 2018. Em sua homenagem, a Nova Fronteira lança o box especial Memórias, com a trilogia autobiográfica da escritora e filósofa. No primeiro volume, Memórias de uma moça bem-comportada, Simone nos mostra sua infância religiosa numa família de classe média parisiense, a adolescência rebelde e a posterior devoção à literatura. Ela evoca vividamente suas amizades, seus interesses amorosos, seus mentores e o início da duradoura relação com o escritor e filósofo existencialista Jean-Paul Sartre. Já A força da idade compreende um período particularmente fecundo de sua trajetória, de 1929 a 1944, constituindo-se num relato dos anos decisivos na formação literária, filosófica e política da intelectual francesa. O terceiro volume, A força das coisas, inicia-se na Paris da Libertação, com a abordagem de acontecimentos políticos, relatos de viagens, pessoas e filmes que marcaram sua vida.

[Compre agora e leia](#)

Organização e edição de Aniela Jaffé

MEMÓRIAS, SONHOS, REFLEXÕES

CARL G. JUNG



Memórias, Sonhos, Reflexões

Jung, Carl G.

9788520932193

424 páginas

[Compre agora e leia](#)

Reunidas e editadas poucos anos antes da morte de Jung, por Aniela Jaffé, sua colaboradora, essas memórias se apresentam como uma autoanálise de um dos grandes pensadores da humanidade. Nelas, estão presentes fatos como a pesquisa do inconsciente como caminho do eu interior, as divergências da psiquiatria do princípio do século e as viagens à África.

[Compre agora e leia](#)



Somos o
Brasil
NELSON RODRIGUES
WE ARE BRAZIL



Somos o Brasil

Rodrigues, Nelson

9788520938218

128 páginas

[Compre agora e leia](#)

Graças à seleção, descobrimos o Brasil. Tenho um amigo que é um dos tais brasileiros rubros de vergonha. Dizia-me: — "Junto da europeia, a nossa paisagem faz vergonha." Mas ele dizia isso porque jamais olhara a nossa paisagem. O escrete, porém, derrotou o seu esnobismo hediondo. Depois da vitória sobre a Bulgária, ele viu, pela primeira vez, o Cristo do Corcovado. E veio me dizer, de olho rútilo: — "Parece que temos aí um morro que promete, um tal de Pão de Açúcar!"

Thanks to the soccer national team, we discovered Brazil. I have a friend who is one of such Brazilians who are crimson with shame. He told me: — "In comparison with the European landscape, ours is a shame." But he said that because he had never looked at our landscape. The team, however, defeated its heinous snobbishness. After the victory over Bulgaria, he saw, for the first time, the Christ of Corcovado. And he came to tell me, with bright eyes: — "It seems that we have here a promising hill, the Sugarloaf Mountain!"

EDIÇÃO BILÍNGUE /BILINGUAL EDITION

[Compre agora e leia](#)



RUBEM
FONSECA

Calibre 22

Rubem Fonseca

Calibre 22

Fonseca, Rubem

9788520941355

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste novo livro de contos, Rubem Fonseca traz de volta um personagem marcante de sua trajetória literária, o detetive Mandrake, contratado para desvendar quem está por trás de uma série de assassinatos envolvendo o editor de uma famosa revista feminina. Além dessa, a coletânea reúne outras narrativas mais curtas, em que temas caros ao autor voltam à cena, entre eles a desigualdade social e suas consequências muitas vezes trágicas; a violência motivada por racismo, misoginia, homofobia e outros preconceitos; a crítica velada ou escancarada a dogmas religiosos; as atitudes imprevisíveis de mentes psicopatas. Tiros certos de um autor do mais alto calibre.

[Compre agora e leia](#)

Nelson Rodrigues

**A PÁTRIA DE
CHUTEIRAS**



A pátria de chuteiras

Rodrigues, Nelson

9788520938188

136 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante." Nelson Rodrigues Nelson Rodrigues marcou um lugar indiscutível, revolucionário no teatro. No entanto, o Nelson cronista, o comentarista de futebol, não é menos importante. Nelson Rodrigues foi o escritor brasileiro que "leu", "releu" nosso país pelo campo, pela bola, pelos craques. Ele viu e compreendeu, antes de todos, a grandiosidade da nossa pátria. Defendeu a nação com uma paixão pura. "Anunciou", "promoveu", "profetizou" a força do Brasil.

[Compre agora e leia](#)